

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
UNESP – “Júlio Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciência

Ana Estela Ferreira

TÁTICAS DE MICHEL DE CERTEAU
EM “NÓS TRÊS” DE LYGIA BOJUNGA

MARÍLIA
2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
UNESP – “Júlio Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciência

Ana Estela Ferreira

TÁTICAS DE MICHEL DE CERTEAU
EM “NÓS TRÊS” DE LYGIA BOJUNGA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP- campus de Marília, como obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha: Teorias e Práticas Pedagógicas.

Orientadora: Raquel Lazzari Leite Barbosa

MARÍLIA
2018

Ferreira, Ana Estela.
F383t Táticas de Michel de Certeau em “Nós três” de Lygia
Bojunga / Ana Estela Ferreira. – Marília, 2018.
251 f. ; 30 cm.

Orientadora: Raquel Lazzari Leite Barbosa.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade
Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e
Ciências, 2018.

Bibliografia: f. 127-129

1. Chartier, Roger – 1945- . 2. Literatura infantojuvenil.
3. Leitura. 4. Ensino de primeiro grau. I. Título.

CDD 372.4

Ficha catalográfica elaborada por
André Sávio Craveiro Bueno
CRB 8/8211
Unesp – Faculdade de Filosofia e Ciências

Ana Estela Ferreira

***TÁTICAS DE MICHEL DE CERTEAU
EM “NÓS TRES” DE LYGIA BOJUNGA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP- campus de Marília, como obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha: Teorias e Práticas Pedagógicas.

BANCA EXAMINADORA

Presidente e orientadora: Raquel Lazzari Leite Barbosa

Membro titular: Dagoberto Buim Arena

Membro titular: Rosária de Fátima Boldarine

Suplentes:

Alonso Bezerra de Carvalho

Raimunda Abou Gebran

Dedico este trabalho a todos aqueles que amo, e especialmente àquela que sempre me deu a benção com um amor grandioso, a sua mão forte que eu segurava, e ao seu sorriso alegre. À minha avó Estelmar Pereira de Miranda (Dona Estela) *in memoriam*, minha contadora de histórias, por ter despertado em mim o gosto pela leitura, o brilho nos olhos e a vontade de ser feliz.

Agradecimentos

Agradeço ao Deus de minha vida, que é Amor, e que me fez Amor, à sua sabedoria infinita e misericordiosa. Graças à Sua Vontade, que é sempre melhor que a minha. Jesus em meio.

*Meus sinceros agradecimentos à minha orientadora, **Prof.^a Dr.^a Raquel Lazzari Leite Barbosa**, pela delicadeza da orientação, pela paciência, sabedoria e humanidade, bem como pelos ensinamentos, essenciais para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.*

*Aos professores **Dagoberto Buim Arena** e **Rosária Boldarine** pela atenção e sabedoria das contribuições durante o processo de qualificação e defesa, e também durante o curso.*

Agradeço também aos demais professores do curso, os quais tive a oportunidade de conhecer o trabalho.

Aos colegas de disciplinas e aos do Grupo de Pesquisa GEPLENP pelas discussões e trocas de experiências, durante as aulas e os encontros.

Aos colaboradores da pesquisa: os jovens leitores e os moradores da cidade de Quintana.

Agradeço minha mãe Maria, que me ajuda em tudo que preciso, colo abrigo. Ao meu pai pelo companheirismo e pelas idas à Assis. Aos meus irmãos Junior e Bia, pela paciência, amor e dedicação a mim.

À todos os amigos que caminham comigo por onde vou, convivem com minhas limitações, me amam cada um ao seu jeito, me caracterizam, me fazem ser o que sou, meus eternos agradecimentos: Miriam, Bruna, Cleidiane, Cristiano, Renan e Ana Cláudia e Fábio.

À Jéssica Maiara pela amizade que sustenta, dia a dia, companheira de lutas.

Ao Flávio de Souza Pires, amigo inseparável, agradeço a amizade sem limites e pelas orientações sobre a pesquisa.

Ao Adão, pelo amor dedicado e pela espera diária, presente de Deus. Obrigada pela ajuda em todos os processos da pesquisa, localização de livros, discussão de conceitos e suporte com as entrevistas.

Agradeço também a todos da Escola Altino Arantes, minha segunda casa, que me suportaram e ajudaram em todos os processos, me viram lutando e me ofereceram palavras amigas, lanches e orações, colegas professores, gestores e pessoal da secretaria.

A todos que contribuíram para a construção deste trabalho. Muito obrigada.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é indicar os comportamentos referentes às leituras táticas de 6 adolescentes de 13 e 14 anos, estudantes dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública do estado de São Paulo, durante a leitura e discussão da obra literária infantojuvenil “*Nós três*” (1987) de Lygia Bojunga. Para formular os princípios dessa investigação qualitativa, em que a pesquisadora é também professora e mediadora da intervenção na escola em que a pesquisa acontece, adotou-se como recurso teórico metodológico: o questionário semiestruturado (que contou inicialmente com a participação de 13 estudantes da escola em questão) com a intenção de conhecer os hábitos leitores dos sujeitos participantes, na escola e no contexto familiar, o grupo focal para leitura e discussão da obra e entrevistas sobre o contexto histórico e cultural do município. O embasamento teórico encaminha-se através dos conceitos de apropriação, práticas de leitura e representação, propostos por Roger Chartier. A análise de dados é realizada a partir do conceito de *táticas*, proposto por Michel de Certeau, com o objetivo de compreender as maneiras de ler e de fazer, os usos e subversões que permeiam as relações de leitura escolares.

Palavras-chave: Práticas de leitura. Literatura infantojuvenil. Táticas.

ABSTRACT

The aim of this research is to indicate the behaviors related to the tactical readings of six teenagers from 13 and 14 years old, students of the final years of Elementary School in a public school in the state of São Paulo, during the reading and discussion of the youth literary book “*We three*” (1987) by Lygia Bojunga. In order to formulate the principles of this qualitative research, in which the researcher is also a teacher and mediator of the intervention at school where the research takes place, a methodological theoretical resource was adopted: the semi-structured questionnaire (initially counting on the participation of 13 students from the school in question) with the intention of knowing the reading habits of the participant teenagers, at school and in the family context; the focus group for reading and discussion of the book and interviews on the historical and cultural context of the municipality. The theoretical basis is based on the concepts of appropriation, reading practices, and representation, proposed by Roger Chartier. The data analysis is carried out from the concept of *tactics*, proposed by Michel de Certeau, in order to understand the ways of reading and doing, the uses and subversions that permeate school reading relationships.

Keywords: Reading practices. Youth Literature. Tactics.

SUMÁRIO

Introdução.....	12
-----------------	----

CAPÍTULO I

1. Percurso e delimitação metodológica.....	18
1.1 Considerações sobre minha trajetória profissional e formação leitora.....	18
1.2 Pesquisa qualitativa.....	20
1.3 Contextualização para a coleta de dados.....	22
1.4 Procedimentos metodológicos.....	31

CAPÍTULO II

2. Contextualização: a cidade, a escola, o lugar da leitura.....	40
2.1 Histórico de fundação do município de Quintana.....	40
2.2 Os grupos escolares de Quintana.....	49
2.3 Escola Estadual Professor Altino Arantes.....	54

CAPÍTULO III

3. Questionário: o que dizem os participantes sobre a leitura?.....	58
3.1.1 Participante 1- “ <i>Não consigo terminar de ler</i> ”	59
3.1.2 Participante 2 - “ <i>Compreensão</i> ”	60
3.1.3 Participante 3- “ <i>eles não têm nada de difícil é porque eu não sou acostumada...</i> ”	60
3.1.4 Participante 4- “ <i>conhecer novas palavras</i> ”	61
3.1.5 Participante 5- “ <i>em um texto longo, as palavras são difíceis</i> ”.....	61
3.1.6 Participante 6- “ <i>uma maneira de treinar para ler certo</i> ”.....	61
3.2. Ambiente de leitura: em casa.....	62
3.3. Ambiente de leitura: a escola.....	68

CAPÍTULO IV

4. TÁTICAS: USOS, SABERES E APROPRIAÇÕES.....	77
4.1 Leituras táticas: entre estratégias e estratégias.....	77
4.2.1 Expectação de sentidos.....	88
4.2.2 Flutuações do olho através da página.....	95
4.2.3 Intersecções de espaços e sentidos	100
4.2.4. Praticando metamorfoses.....	108
4.2.5 Astúcias diversas.....	115

Algumas considerações.....	123
----------------------------	-----

Referências.....	127
Apêndices.....	130
Anexos.....	237

Introdução

As dificuldades apresentadas por grande parte dos estudantes ao final do ensino fundamental, no que se refere à leitura e compreensão de textos, principalmente os literários, é preocupação constante de professores e pesquisadores no contexto educacional brasileiro. Parte desta problemática é estimulada pela observação sistemática dos dados de avaliações em larga escala, que, ao se referirem à aprendizagem de leitura, sempre trazem indicadores que não demonstram avanços significativos nesta área.

O PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) busca produzir indicadores que contribuam para a discussão acerca da qualidade da educação nos países participantes. As avaliações abrangem três áreas do conhecimento – Leitura, Matemática e Ciências, com ênfase em cada uma dessas esferas de acordo com os ciclos do programa e examina em forma de amostragem, alunos regularmente matriculados a partir do 7º ano do ensino fundamental, na faixa etária dos 15 anos. Segundo os dados de 2015, a média do Brasil na área de leitura se manteve estável desde o ano 2000, pois, embora tenha havido uma elevação na pontuação de 396 pontos em 2000, para 407 pontos em 2015, esta diferença não representa uma mudança estatisticamente significativa, ou seja, em 15 anos, de acordo com essa pesquisa, as dificuldades em leitura e compreensão continuam.

Mais próximos da dinâmica escolar do Estado de São Paulo, outros resultados também apresentam índices que apontam para dificuldades de leitura e compreensão de gêneros textuais, ano após ano. O Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp) busca avaliar o desempenho dos estudantes ao final dos ciclos de ensino (5º, 9º do Ensino Fundamental e 3º série do Ensino médio). A prova é realizada anualmente nos meses finais do período letivo, e baseia-se em competências e habilidades estipuladas para serem desenvolvidas de acordo com Matriz Curricular do Estado para a Educação, durante todos os bimestres escolares.

Mas diante dessa problemática e para compreender o espaço escolar e as ações que nele ocorrem, parece necessário olhar por outro ângulo. No que concerne especificamente ao universo das práticas e usos de leitura, entende-se que tais fazeres estão ligados às representações, condicionamentos e apropriações de certos modos de ler formados ao longo do processo de aprendizagem dos estudantes. Dessa forma, apreender as práticas escolares cotidianas, entre elas a de leitura, é tarefa que não deve considerar apenas os dados estatísticos apresentados por avaliações externas, uma vez que esses resultados não permitem

visualizar os saberes utilizados pelos estudantes em seu dia a dia, suas intenções, subjetividades e aprendizagens diversas.

Em meio as orientações pensadas pelos que elaboram os materiais didáticos enviados às escolas estão imbricados os usos que deles fazem os professores e estudantes. Por outro lado, observar as práticas de leitura é difícil sem análise mais profunda uma vez que os discursos dos estudantes giram sempre em torno da rejeição: “não gosto de ler os livros didáticos”, “essa apostila é cansativa porque repete muito”, “os textos são longos e difíceis”, “ler dá sono”, “eu não consigo terminar de ler um livro” ... Da biblioteca e dos livros literários, os estudantes (sem generalizar) aproveitam sempre a “ausência” da sala de aula, vale mais o percurso que o destino, e os livros retirados (que vão e voltam) não são lidos muito além da capa chamativa que atraiu o olhar, e algumas poucas páginas.

Sobre as relações entre leitor e texto o pesquisador Roger Chartier, historiador do livro e da leitura, afirma que ler é “apropriar-se do inventar e produzir significados” (1998, p.77), no entanto, no contexto educacional brasileiro, é comum, que o “sentido” já venha previamente determinado pelos organizadores do livro didático ou materiais fornecidos para o ensino público, que antes da leitura tentam nortear o sentido que a mesma terá, tanto para o professor quanto para os estudantes. Para que ler se o sentido já está dado, poderiam perguntar crianças e adolescentes no cotidiano das salas de aula. Para que ensinar a ler e compreender, se o manual já está pronto, podem questionar alguns professores. Mas onde é que está o sentido de um texto? Ou como se constrói sentido para um texto? De acordo com Chartier (1991, p.178), a apropriação visa uma história social, dos usos e interpretações, referidas as suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Assim, voltar a atenção para as condições e os processos que muito concretamente, sustentam as operações de produção de sentido (na relação de leitura, mas em tantos outros também) é reconhecer [...]que nem as inteligências nem as ideias são desencarnadas, porque, ainda segundo o autor abordar a leitura, é, portanto, “considerar, conjuntamente, a irreduzível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la” (CHARTIER,1990, p.123), ou seja, tanto os textos e os objetos impressos, quanto o leitor e suas práticas, estão inseridos em um contexto histórico, social e cultural.

Michel de Certeau, historiador e teólogo, em seu livro *A invenção do cotidiano* publicado em 1980, fruto de uma pesquisa encomendada em 1974, pela Secretaria de Estado da Cultura da França sobre “práticas culturais” e “modos de consumo cultural”, inverte a perspectiva de análise científica diante da relação de dominação existente na sociedade, em

que a “ordem” é mantida, quando apresenta relatos que pretendem narrar as práticas comuns (CERTEAU, 1998) e propõe que se observe os *usos* que os consumidores fabricam com os produtos culturais da sociedade de massa. Certeau analisa os modos de ação ou operações realizadas pelos indivíduos no processo de interação social, tentando compreender os sentidos subjacentes e as particularidades dos modos de agir ou fazer, que permitem conceber a pluralidade existente nos fazeres banais e corriqueiros.

Para o autor, a sociedade do espetáculo expressa-se pelo arquétipo do par leitura-escritura, em que as formas escriturísticas saturam a vista como uma epopeia do olho e da pulsão de ler e tornam toda a sociedade um texto (CERTEAU, 1998). Dessa forma, a leitura é uma arte *de fazer*, entendida como uma “arte de caça ilegal” que não se caracteriza por uma passividade diante do texto. Esta subversão faz da leitura, uma prática cotidiana por ser uma ação tática, uma produção, apropriação.

Com base nestas concepções de leitura, buscou-se entender os processos e os usos que estudantes dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública estadual *fabricam* diante um texto literário infantojuvenil. Foi escolhido e proposto o livro *Nós Três* (1987)¹ de Lygia Bojunga, e a pesquisa, realizada em uma escola pública no interior do Estado de São Paulo. A investigação foi realizada com 6 estudantes, de 13 e 14 anos, matriculados no 8º e 9º ano. Nesta escola, a pesquisadora é também professora e mediadora da intervenção. As dinâmicas estabelecidas pelos estudantes para realizarem a leitura da obra durante a prática proposta, contribuem com os estudos acerca das relações entre estudantes e textos, bem como com o ensino e formação de leitores quando possibilitam também refletir sobre as tensões inerentes a estas relações, no cotidiano escolar.

É importante salientar que a escolha desse livro se deve ao fato de ser uma obra literária que trata de temas inerentes a alma humana, como a morte, a solidão, e construção dos relacionamentos, cumprindo assim o caráter humanizador da literatura. A obra *Nós Três* (1987), apresenta um conflito delineado entre as três personagens durante a narrativa, que, de maneira sutil, faz com que leitores crianças, jovens ou adultos sejam levados à experiência estética da morte por assassinato. Escrito por Lygia Bojunga em 1987, a obra apresenta em suas características o caráter de modernidade literária, no sentido de que no segmento de

¹ O livro em análise é um exemplar da 1ª edição, publicada em 1987, pela editora AGIR (Artes Gráficas Industriais Reunidas). É composto por 81 páginas, em formato 23 x 16 centímetros. O sobrenome “Nunes” que aparece na capa dessa edição, pertencia ao primeiro marido de Lygia Bojunga, e deixa de aparecer nas publicações atuais.

literatura infantil e infantojuvenil e momento histórico em que foi publicado, moderno é fugir ao pedagogismo e utilitarismo ainda muito presente nas obras direcionadas as crianças e jovens.

Ao trazer para o enredo a temática do assassinato passional, a obra apresenta ao leitor adolescente a dor e a quebra de expectativas de um final feliz, tão cristalizado no imaginário popular indicado em leituras para crianças e jovens. Além disso, em consonância com a maioria das obras produzidas anteriormente pela escritora, a criança não é apresentada em condição inferior ao adulto no processo de formação do ser humano. Ao observar as obras para crianças e jovens produzidas em momentos sociais anteriores, em que imperava a criação de personagens adultos com caráter hierárquico, *Nós três* (1987) quebra paradigmas, quando apresenta por exemplo, a personagem de Mariana pedindo o perdão da jovem amiga, após ter assassinado Davi. Por outro lado, a personagem de Rafaela também não é apresentada de maneira estereotipada, como em outras obras infantis ou infanto-juvenis, e na narrativa, tem de enfrentar uma situação de vida real, em que há sofrimento, e dor.

Considerada talvez a primeira obra da autora que começa a distanciar-se de um caráter mais infantil, *Nós Três* (1987) acompanha o amadurecimento do leitor criança da década anterior. Nas obras da autora, a qual inicia seu caminho literário na década de 70, não há a oscilação entre obras estéticas ou utilitárias, pois Lygia parece não passar pelo processo de transição que ocorre com outros escritores do mesmo período, uma vez que já começa a escrever em um momento de renovação para a literatura infantil e juvenil.

Dessa forma e embasada pela perspectiva de que a leitura feita pelos estudantes não é passividade (CERTEAU, 1998), o presente trabalho busca indicar as táticas, conceito proposto por Michel de Certeau, que estudantes dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública do estado de São Paulo, praticam diante de uma situação de leitura e discussão do sentido de um livro infantojuvenil, com o objetivo de refletir sobre as maneiras de ler e de agir dos participantes em contato com o livro, do sentido, ou da situação. A utilização desse conceito implica também na compreensão do cotidiano desses estudantes e da rotina das práticas de leitura, inclusive no que diz respeito à atividade docente.

Nos capítulos a seguir, disserta-se sobre as complexidades que permeiam as práticas de leitura na escola, em específico as que se dão entre os estudantes do ensino fundamental nos anos finais. A proposta da leitura e partilha de um texto/livro infantojuvenil, pretendeu afastar-se de uma perspectiva abstrata entre leitores e textos, que ora enfatiza o papel do leitor diante da compreensão, ora faz recair sobre o texto a responsabilidade do sentido. Dessa

forma, este trabalho busca considerar a historicidade das relações, a materialidade do suporte em que os textos são veiculados e por meio dos quais chega ao leitor, bem como os condicionamentos que atravessam os processos de leitura.

Para apresentar os princípios que orientaram este trabalho, no **primeiro capítulo**, se formulam as considerações gerais sobre a pesquisa, os procedimentos adotados durante a intervenção com os sujeitos participantes, bem como a escolha pela pesquisa qualitativa, a qual determinou os princípios-metodológicas dessa investigação. De início, se apresenta a minha trajetória como estudante, leitora e posteriormente professora de Língua Portuguesa na escola escolhida como cenário da pesquisa, do público alvo investigado e pôr fim, a descrição dos passos para a coleta e análise dos dados e os instrumentos utilizados: o questionário semiestruturado, o grupo focal e a entrevista.

No **segundo capítulo** tem-se primeiramente a contextualização da cidade de Quintana/SP, no que concerne aos aspectos históricos, sociais e culturais do município, baseada em fontes orais de moradores da cidade, arquivos pessoais, e acervo digital do Jornal “Folha da manhã”, disponibilizado pelo site ACERVO-FOLHA. E a apresentação da Escola Estadual Professor Altino Arantes como cenário e universo de análise.

O **capítulo terceiro**, traz a descrição dos dados obtidos com base no questionário semiestruturado, em que se observa alguns usos e costumes de leitura em ambiente familiar e escolar dos sujeitos de pesquisa, algumas características de cada participante conforme seu perfil e dificuldades de leitura e as respostas de acordo com as perguntas.

O **quarto** e último capítulo, apresenta as dinâmicas para ler, os usos, sentidos e as *táticas de leitura* de 6 participantes ao final do ensino fundamental de uma escola pública, diante de um texto do segmento literário infantojuvenil. Primeiramente, o texto do quarto capítulo traz uma breve revisão teórica sobre o conceito de *estratégias* para Michel de Certeau (1998), e de *Estratégias de leitura*, segundo Solé (1992), Kleiman (1992), e Giroto & Souza (2010), em contraponto a noção de *táticas* proposta por Certeau.

Ainda na sequência do capítulo **quatro**, são descritos também os trechos das transcrições das leituras e discussões realizadas durante os encontros, com estudantes de 13 e 14 anos da Escola Estadual Professor Altino Arantes no mês de novembro de 2016, para as indicações do conceito de *táticas* (CERTEAU, 1998) o qual conduz a análise dos dados dessa parte da pesquisa. Essas *táticas* são apresentadas por meio de alguns *estilos de ações e leituras*, a seguir elencados:

- Expectação de sentidos;

- Flutuações através da página;
- Intersecções de espaços e sentidos;
- Praticando metamorfoses;
- Astúcias diversas.

Essas *maneiras de olhar* partem das explanações de autor quando disserta sobre as *artes de fazer cotidianas*, entre elas a leitura:

a atividade leitora em seus rodeios, percursos através da página, metamorfoses e anamorfoses do texto pelo olho que viaja, vãos imaginários ou meditativos a partir de algumas palavras, transposições de espaços sobre as superfícies militarmente dispostas do escrito, danças efêmeras, depreende-se ao menos em um primeiro enfoque que não se poderia conservar a rígida separação da leitura e do texto legível (livro, imagem etc.). (CERTEAU, 1998, p. 265-266)

Perpassadas pelas ideias do autor ao interrogar as práticas comuns, em cada *perspectiva de análise* indicada nesta pesquisa, busca-se considerar a aproximação dos leitores com o texto, na medida em que é preciso interrogar-se sobre os caminhos próprios tomados pela leitura ali onde se casou com a escrita. (CERTEAU, 1998, p.263).

CAPÍTULO I

1. PERCURSO E DELIMITAÇÃO METODOLÓGICA

O presente capítulo apresenta a fundamentação teórico-metodológica desta pesquisa, os passos percorridos para a geração dos dados e a forma de analisá-los. Tal apresentação se faz importante por justificar a escolha dos recursos que permitiram a realização de uma experiência de leitura com estudantes dos anos finais do ensino fundamental, em uma escola pública do Estado de São Paulo.

Ler é atribuir sentido a um texto e ampliar compreensão de leitura a partir dele, processo que pode ser mediado pela escola com os estudantes em todas as faixas etárias. Uma pesquisa que trata do universo dessas práticas, necessita ter como ponto de partida uma metodologia em que tenha lugar as experiências escolares, mas deve prezar também pelo conhecimento acerca da construção das subjetividades dos indivíduos em contato com a leitura e escrita a partir de suas trajetórias de vida.

Ao tentar compreender algumas práticas de leitura nos anos finais da educação básica, seus conflitos e tensões, encontro-me envolvida neste processo como professora e pesquisadora na escola em que a investigação se delinea. Dessa forma, apresento primeiramente, algumas considerações sobre minha trajetória como leitora e profissional, em diálogo com esse universo, até o momento de realização da pesquisa aqui descrita.

1.1 Considerações sobre minha trajetória profissional e formação leitora.

Nasci e residi na cidade de Rinópolis até os sete anos de idade, lugar em que iniciei a pré-escola e a primeira série, mas mudei-me para Quintana em 1996 e nessa cidade passei parte momentos importantes de minha infância e adolescência. Estudei na Escola Estadual Professor Pedro Sommerhauzer até a 4ª série, me lembro que desde essa época eu gostava da escola e de estudar, mas lembro pouco da biblioteca e dos livros...

Sei que gosto de ler desde o ano de 2001 quando era estudante da 7ª série C do ensino fundamental, na Escola Estadual Professor Altino Arantes. É forte a lembrança de um dia ter ido à biblioteca procurar o meu irmão e encontrá-lo lá lendo um gibi (era bom ter a biblioteca disponível na hora do recreio). Neste dia, resolvi emprestar o livro *Mistério do Cinco Estrelas* (1981) de Marcos Rey, porque uns dias antes uma tia havia me oferecido *Pimpa Sozinha no*

Mundo, do mesmo autor e lembro que todos os livros desta coleção (Editora Ática) traziam o desenho de um vaga-lume que eu passei a procurar nas estantes para escolher os livros.

Foi uma fase muito boa, como um novo mundo descoberto e eu não conseguia mais parar de ler... Livros, revistas, as enciclopédias que o senhor da granja me deixou de presente...Era fã da Agatha Christie e dos clássicos de capa vermelha e dourada que ficavam no fundo da biblioteca... agora o mundo tinha jeito, porque eu lia.

Em 2005, meu último ano como estudante do ensino médio, ouvi dizer que o momento era novo, “agora só não faz faculdade quem não quer”, os professores falavam. Com a nota do Enem na mão e sem ter orientação, escolhi tentar o curso de *Letras*. Deu certo.

Três anos depois, eu tinha um diploma da graduação da FAP (Faculdades da Alta Paulista- Tupã), muita vontade de ler, mas pouca vontade de *dar aula*. Em 2009, o que tive foi medo: de sair do emprego sem registro na carteira, de ir para a escola trabalhar como professora eventual... Do primeiro contrato de trabalho na Prefeitura municipal como professora do projeto de inglês, ficou o desespero da inexperiência. É dessa época também, o incômodo de perceber que os estudantes para os quais lecionava pareciam não gostar nem um pouco de livros.

Recordo a vontade de ensinar a ler textos literários e influenciar os alunos a gostarem de ler: tentei a leitura em voz alta de contos, livros, poemas, tentei leitura partilhada, caixa de texto, mas só tinha era confusão, arrufos com a turma A ou B porque boicotaram a hora da leitura... enfim, conflitos.

Em 2013, já como professora de Língua Portuguesa titular de cargo, voltei aos estudos no curso de Especialização em Literatura e Ensino, nas Faculdades FACCAT² ao longo do ano de 2013 e 2014. Durante o curso e depois de cinco anos graduada, foi que pude ter como objeto de estudo a literatura infantil e juvenil, bem como conhecer algumas metodologias para formação de leitores que talvez pudessem contribuir para o desenvolvimento de uma consciência desse universo, dentro de sala de aula.

Como fruto desses estudos realizei uma intervenção em sala de aula com estudantes do Ensino Fundamental e Médio, da escola Aristides Rodrigues Simões, na cidade de Herculândia e utilizei a narrativa juvenil *Nós Três* de Lygia Bojunga (1987). Na ocasião, eu pensava a construção do sentido apenas como resultado da interação entre uma obra literária feita, um leitor e um processo de mediação realizado pelo professor ou bibliotecário, o que depois fui perceber ser uma relação mais complexa.

²Faculdade de Ciências Contábeis e de Administração de Empresas de Tupã (FACCAT)

Atualmente, como uma das professoras de português da Escola Estadual Professor Altino Arantes, não desconsidero o papel fundamental da mediação de leitura, principalmente a literária, para a formação de leitores na escola, mas esta pesquisa objetiva afastar-se de uma concepção de leitor e de obra literária fora das realidades que os sustentam, uma relação abstrata em que o simples contato com o livro, aberto e disposto ao movimento dos olhos já indica uma apropriação e compreensão por parte de quem lê, ou seja, que não concebe a materialidade em que os textos chegam até os estudantes ou leitores em geral. Este ponto de vista, direciona também a escolha metodológica que embasa a coleta de dados da pesquisa, a qual parte de um lugar teórico que propicia a discussão sobre o ambiente escolar e o cotidiano de suas práticas.

1.2 Pesquisa qualitativa

As raízes de uma abordagem qualitativa de pesquisa datam do final do século XIX, quando cientistas sociais defendiam uma perspectiva idealista-subjetivista de conhecimento e deram início ao debate entre o conceito de quantitativo e qualitativo, bem como suas implicações no processo de investigação científica. Ainda por esta época, pensadores como Wilhelm Dilthey e Max Weber, já se propunham a discutir a investigação e interpretação dos significados em meio as suas interrelações e contexto. Segundo André (2009)

Ao mesmo tempo em que há a defesa de uma nova visão de conhecimento, há a crítica à concepção positivista de ciência de onde nasce um debate que vai se prolongar até o final da década de 1980, entre o quantitativo e o qualitativo. Não aceitando que a realidade seja algo externo ao sujeito, a corrente idealista-subjetivista valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo. Em oposição a uma visão empiricista de ciência, busca a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação, valoriza a indução e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador. (ANDRÉ, 2009, p.14).

A metodologia de abordagem qualitativa ganhou espaço no cenário de pesquisa brasileiro nas décadas de 80 e 90 e tornou-se muito popular entre os pesquisadores da área de educação, e desde então, contribuiu para os estudos em educação, uma vez que possibilita o fazer de pesquisa inserido no dia a dia escolar. No entanto, o conceito de pesquisa qualitativa que ainda tem sido usado de forma muito ampla e até equivocada por pesquisadores no cenário brasileiro, não pode ser pensado apenas de maneira genérica, como um estudo que se

afaste de uma abordagem numérica, dado que qualidade e quantidade estão relacionadas quando se diz respeito a questões epistemológicas e metodológicas, ou seja, existem pontos mais importantes a serem debatidos em torno da abordagem qualitativa.

Sobre isto, André (2009) argumenta que hoje as discussões em torno dos termos qualitativo e quantitativo devem ser pautadas em questões mais consistentes como:

a natureza do conhecimento científico e sua função social; o processo de produção e o uso desse conhecimento; critérios para avaliação do trabalho científico; critérios para seleção e apresentação de dados qualitativos; métodos e procedimentos de análise de dados, entre outros. (ANDRÉ, 2009, p.13).

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo compreender as maneiras de ler de estudantes dos anos finais ensino fundamental e para isto busca levantar alguns dados quantificáveis como idade, lugar em que reside e ocupação dos pais, o que não significa que as leituras e interpretações desses dados deixam de considerar os valores do pesquisador, as subjetividades dos sujeitos, e, portanto, ter uma abordagem qualitativa.

Dessa forma, ao tratar a natureza do conhecimento científico, de sua função social e processo de produção da pesquisa, a investigação qualitativa possui algumas características: tem o ambiente natural como a fonte direta de dados, constituindo o investigador como o instrumento principal; é descritiva; os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos e buscam analisar os seus dados de forma indutiva e por último, atribuem importância vital ao significado, na medida em que os pesquisadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas. (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

Nos estudos em educação e de acordo com Ludke (1986, p.2), “o objetivo das pesquisas qualitativas é o de aproximar o trabalho de pesquisa da vida diária do educador, em qualquer âmbito em que ele atue, tornando-o um instrumento de enriquecimento de seu trabalho”. Para a realização de uma intervenção em ambiente escolar, utilizou-se como embasamento teórico nesta pesquisa, os estudos de Bogdan & Bikelin (1994), bem como os estudos de Marli André (1986), as quais procuram, segundo André

tratar dos problemas da pesquisa em educação, e tem a preocupação com o ensino no contexto escolar. As pesquisas que venho desenvolvendo nos últimos anos têm como foco de interesse questões da prática escolar

cotidiana, visando encontrar alternativas para o redimensionamento do saber e do fazer docentes (ANDRÉ, 1995, p.6).

Tais estudos permitem, então, apreender os fatos observados no cotidiano escolar, de acordo com os objetivos almejados, como o de refletir sobre as singularidades de leitura dos participantes a partir das tensões e práticas cotidianas neste ambiente para delas conceber o processo e o sentido. Segundo o que explica André:

Assim, o mundo do sujeito, os significados que atribui às suas experiências cotidianas, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de interações sociais constituem os núcleos centrais de preocupação dos pesquisadores. Se a visão de realidade é construída pelos sujeitos, nas interações sociais vivenciadas em seu ambiente de trabalho, de lazer, na família, torna-se fundamental uma aproximação do pesquisador a essas situações. (ANDRÉ, 2013, p.97)

Delimitada a escolha pela abordagem qualitativa da pesquisa, apresenta-se agora o contexto que antecedeu a coleta de dados: a escolha da escola como campo, alguns dados objetivos sobre seu histórico em avaliações externas, o público delimitado para a intervenção e a descrição dos passos iniciais.

1.3 Contextualização para a coleta de dados

A Escola Estadual Professor Altino Arantes no município de Quintana/SP foi escolhida para a realização desta pesquisa por atender os requisitos necessários: ser uma escola pública, atender a estudantes no ciclo II do ensino fundamental e permitir a observação de práticas e maneiras de ler no cotidiano escolar. Como é este local em que a pesquisadora é também professora de língua portuguesa, durante a realização da pesquisa buscou-se compreender as práticas cotidianas dessa escola, também a partir de sua experiência profissional.

Antes de tratar especificamente dos recursos utilizados para a realização da pesquisa, apresentam-se alguns resultados da avaliação externa SARESP (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo) dessa unidade escolar, para que se possa refletir sobre tais dados e os materiais oferecidos pela Secretária Estadual de Educação, para o ensino de língua portuguesa.

Os dados recolhidos a partir do SARESP tem a finalidade de promover um diagnóstico da situação da escolaridade básica no Estado de São Paulo e permitir que se analise o desempenho da escola para melhorar a qualidade de aprendizagem dos seus alunos e da gestão escolar. Os cálculos feitos a partir desses resultados seguem o IDESP (Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo) o qual avalia as escolas estaduais paulistas em cada ciclo escolar, a partir da prova do SARESP, realizada anualmente por estudantes em final de ciclo (9º ano do ensino fundamental, e 3ª série do Ensino Médio), em língua portuguesa e matemática, juntamente ao indicador de fluxo escolar (frequência/evasão) que é medido pela taxa média de aprovação em cada etapa da escolarização (séries iniciais e séries finais do EF e EM), coletadas pelo Censo Escolar.

Na Escola Estadual Prof. Altino Arantes, cenário desta pesquisa, os cálculos feitos a partir das metas estabelecidas anualmente por meio do IDESP (a partir dos dados do SARESP) os quais tratam da competência leitora e escritora, costumam ser sistematicamente discutidos pelo corpo docente e gestores, por considerar-se que eles “comprovam as dificuldades de aprendizagem de leitura” dos estudantes e entende-se que ações semelhantes podem ocorrer em outras escolas do estado. As avaliações externas são importantes e trazem alguns índices que devem ser considerados, no entanto, não podemos esquecer que, conforme afirma Fernandes

a utilização que delas se faz, assim como os seus propósitos e as suas relações com as avaliações internas e com o currículo, é que, em muito boa medida, poderão determinar o seu real significado e o seu real impacto, nomeadamente no que se refere à melhoria dos sistemas educativos. Ou seja, no que se refere às suas relações com a melhoria da qualidade do ensino dos professores e das aprendizagens das crianças e dos jovens. (FERNANDES, 2014, p.22)

A prova do SARESP é construída a partir de eixos que descrevem competências e habilidades, as quais os professores recebem orientação pedagógica para desenvolverem durante o ano letivo. De acordo com a Matriz de Referência do SARESP

As habilidades possibilitam inferir, pela Escala de Proficiência adotada, o nível em que os alunos dominam as competências cognitivas, avaliadas relativamente aos conteúdos das disciplinas e em cada série ou ano escolares. Os conteúdos e as competências (formas de raciocinar e tomar decisões) correspondem, assim, as diferentes habilidades a serem consideradas nas respostas às diferentes questões ou tarefas das provas. (SÃO PAULO, 2009, p.13).

O desempenho dos estudantes a partir da prova do SARESP é elaborado e analisado estatisticamente conforme os índices por disciplina, escola, diretoria de ensino e resultados estaduais, categorizados na escala de proficiência (termo utilizado nestes materiais). O quadro a seguir é um exemplo:

Quadro 1- Quadro demonstrativo da Classificação e Descrição dos Níveis de Proficiência do SARESP

CLASSIFICAÇÃO	NÍVEIS DE PROFICIÊNCIA	DESCRIÇÃO
Insuficiente	Abaixo do Básico	Os alunos neste nível demonstram domínio insuficiente dos conteúdos, competências e habilidades desejáveis para a série/ano escolar em que se encontram.
	Básico	Os alunos neste nível demonstram domínio mínimo dos conteúdos, competências e habilidades, mas possuem as estruturas necessárias para interagir com a proposta curricular na série/ano subsequente
Suficiente	Adequado	Os alunos neste nível demonstram domínio pleno dos conteúdos, competências e habilidades desejáveis para a série/ano escolar em que se encontram.
	Avançado	Os alunos neste nível demonstram conhecimentos e domínio dos conteúdos, competências e habilidades acima do requerido na série/ano escolar em que se encontram

Disponível em : <http://saresp.vunesp.com.br/escala>. Acesso em 10/07/2017.

Ao observar os dados das provas do Saresp dos últimos 5 anos da escola E.E Prof. Altino Arantes, utiliza-se como exemplo os resultados em língua portuguesa dos anos de 2012 a 2016, cuja prova foi realizada pelos estudantes de 9º ano do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio.

Tabela 1- Comparação entre os resultados em Língua Portuguesa de 2012 a 2016 - 9º ano/EF.

CLASSIFICAÇÃO/ANO	2012	2013	2014	2015	2016
Abaixo do básico	34.5	28.1	27.5	22.8	18.9
Básico	46.7	56.34	43.8	50.9	47.2
Adequado	17.7	15.4	26.3	21.1	26.4
Básico + adequado	64,4	71,7	70.0	71.9	73.6
Avançado	0.093	0.0	0.25	0.52	0.7.5

Dados disponíveis em: <http://idesp.edunet.sp.gov.br/>. Acesso: 04/01/2017.

Tabela 2- Comparação entre os resultados em Língua Portuguesa de 2012 a 2016 – 3ª série/EM.

CLASSIFICAÇÃO/ANO	2012	2013	2014	2015	2016
Abaixo do básico	36.7	31.7	34.9	21.0	43.8

Básico	39.2	44.4	42.9	43.5	34.4
Adequado	24.0	23.8	22.2	33.9	21.9
Básico + adequado	63,2	68,2	65.1	77.4	58.3
Avançado	0.0	0.0	0.0	0.16	0.0

Dados disponíveis em: <http://idesp.edunet.sp.gov.br/>. Acesso: 04/01/2017.

É possível observar que ao final dos ciclos (9º ano do ensino fundamental e 3ª série do Ensino médio), o indicador que avalia o domínio insuficiente de conteúdos, habilidades e competências (*abaixo do básico*) é sempre alto. Embora se possa destacar que para o 9º ano, os números mostram uma queda de cerca de 40% (de 34,5% para 18,9%) entre 2012 e 2016, neste indicador. O mesmo não ocorre ao final do ensino médio, quando no mesmo nível, o índice se mantém acima dos 30% (com exceção de 2015).

Tabela 3 – Comparação entre uma mesma turma ao final do ensino fundamental e médio.

	9ºANO/2013	3ªSÉRIE 2016
Abaixo do básico	28.1	43.8
Básico	56.34	34.4
Adequado	15.4	21.9
Básico + adequado	71,7	56.3
Avançado	0.0	0.0

Dados disponíveis em: <http://idesp.edunet.sp.gov.br/>. Acesso: 04/01/2017.

A tabela anterior compara os resultados da prova do SARESP de 2013 e 2016, cujos índices referem-se as mesmas turmas da escola, respectivamente 9º ano do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio. De acordo com esses dados é possível observar que os estudantes dessa escola tendem a apresentar maior dificuldade no desenvolvimento da competência leitora e escritora no ensino médio, se for levado em conta o que é exigido nesta avaliação externa. Para o 9º ano do ensino fundamental, o índice de estudantes *abaixo do básico* (que é um indicador negativo) era de 28% no ano de 2013, enquanto que em 2016, na 3ª série do ensino médio, este percentual chega a 43,8%, um aumento expressivo. Já quando se compara a somatória *básico + adequado* (indicador positivo) entre os dois anos, há uma queda: em 2013 este índice era de 71,7%, em 2016, ele cai para 56,3%. Um dado a ser acrescentado é o fato de que ao final do 9º ano, cerca de 10% dos alunos desta etapa deixam a Escola Estadual Professor Altino Arantes, para cursar o ensino médio em escolas técnicas na região (ETECs, Instituto Federal). Para o índice, estes estudantes estariam situados entre os

níveis *básico* ou *adequado*, no entanto, apenas por esses dados não há como avaliar o efeito da saída desses alunos da escola e das classes das quais faziam parte.

Observa-se que ao final do ensino fundamental e durante o ensino médio, o desenvolvimento da aprendizagem de leitura tem resultado em índices um tanto insatisfatórios na Escola Estadual Professor Altino Arantes segundo os dados do Saesp. No entanto, é necessário tentar compreender essas dificuldades em meio as práticas de leitura em que elas possivelmente são formadas, tanto no que diz respeito a materialidade dos suportes com os quais os estudantes têm contato, quanto aos usos e práticas cotidianas em que elas se inserem, de forma que os dados dessas avaliações precisam sempre ser problematizados para que de fato possam vir a contribuir com a aprendizagem dos alunos, ou seja,

As avaliações externas só poderão contribuir efetivamente para melhorar o ensino e a aprendizagem e o desempenho dos alunos se estiverem plenamente integradas nos sistemas educativos e se, através delas, forem estabelecidos padrões claros a partir dos quais professores e alunos possam trabalhar. (FERNANDES, 2014, p. 44)

Apenas para refletir um pouco ainda acerca do cotidiano das práticas de leitura nesta escola e antes de explanar o aspecto metodológico da pesquisa, indica-se como exemplo o nível de ensino aqui abordado: os anos finais do ensino fundamental (8º e 9º ano), na disciplina de Língua portuguesa e um exemplo de atividade de leitura organizada segundo os materiais propostos para o ensino público estadual.

Durante as aulas em uma escola pública estadual do Estado de São Paulo, os estudantes têm contato basicamente com o *Caderno do aluno*, lançado a partir de 2008, e baseado no Currículo Oficial do Estado para a educação, além de livros didáticos de todas as disciplinas, e, esporadicamente, folhas fotocopiadas ou outros recursos multimídias para a aprendizagem em sala de aula.

Toma-se então como observação os *Cadernos* (do estudante e do professor), que são distribuídos nas escolas e organizados por Situações de Aprendizagens segundo alguns tópicos: **conteúdos gerais** (em que se apresentam textos com as características gerais dos gêneros sugeridos para cada ano); **estudos linguísticos; e leitura, escrita e oralidade**. No 8º ano, o Currículo orienta que os estudantes devem ter como conteúdos gerais os estudos de gêneros prescritivos (receitas médicas, culinárias, regras de jogo, normas e estatutos) e injuntivos (anúncios publicitários e propagandas). Para o 9º ano, os conteúdos em língua

portuguesa direcionam-se para a esfera argumentativa e expositiva, com o estudo de gêneros como o artigo de opinião e a carta ao leitor.

No quadro organizativo, que consta ao final do caderno do professor, há descrição de alguns conteúdos que integram o interior dos cadernos e serão apresentados como atividades. Como pode ser lido a seguir:

Quadro 2- Descrição dos conteúdos relativos a leitura, escrita e Oralidade

<p>Leitura, escrita e oralidade Leitura, escrita e escuta intertextual e interdiscursiva de gêneros argumentativos e expositivos articulados por projeto político</p> <ul style="list-style-type: none">• Interpretação de textos literários e não literários• Inferência• Fruição• Situacionalidade• Leitura dramática• Leitura em voz alta• Coerência• Coesão• Informatividade• Leitura oral: ritmo, entonação, respiração, qualidade da voz, elocução e pausa• Etapas de elaboração e revisão da escrita• Paragrafação

(SÃO PAULO, 2014-2017a, p.118).

Estes conteúdos variam pouco entre as etapas escolares. O exemplo anterior foi retirado da apostila do professor para o trabalho com o 9º ano. Pode-se observar que parece haver ênfase na oralidade com os itens: *leitura dramática, leitura em voz alta e leitura oral: ritmo, entonação, respiração, qualidade da voz, elocução e pausa*). Por outro lado, a prática de leitura silenciosa não aparece explicitamente e fica subjacente no item: *Leitura, escrita e escuta intertextual e interdiscursiva de gêneros argumentativos e expositivos articulados por projeto político*, de forma que a leitura autônoma, exigida no momento da realização das provas externas, não tem espaço significativo nem mesmo no material que serve de base para sua avaliação.

Um excerto retirado da apostila do 9º ano, no 2º semestre, propõe o tema para a Situação de aprendizagem Sete: *Qual é o melhor roteiro para nossa semana de profissões?*

As orientações no caderno do professor definem que o objetivo desta atividade é permitir aos estudantes criarem um roteiro de apresentações, orientados por critérios variados. Então, encaminha-se que o professor discuta com os estudantes um texto de Charles Mady (2008), diretor da Unidade de Miocardiopatias do InCor-HC-FMUSP, cujo início é apresentado a seguir (o texto integral encontra-se nos apêndices):

1. Leia o texto a seguir com os alunos.

Reforma universitária – importância social

(1) Muito tem se discutido e pouco tem sido realizado no tema referente à reforma da universidade para melhor adaptá-la às nossas necessidades sociais e ao quanto a atual estrutura inibe – e até impede – que ela sirva de maneira mais adequada à nossa população. Para quem vive dentro dela, e também para ela, fica uma desagradável impressão de que a universidade está isolada de nossa realidade, isolada da maioria que necessita urgentemente de uma atuação eficaz, saindo de baixo da redoma de vidro sob a qual ela vive. [...] (MADY, 2008 *apud* SÃO PAULO, 2014, p 67)

O texto conta com sete parágrafos e a orientação é a de que o professor leia o texto com os estudantes, para se trabalhar o gênero **Resumo**: “Vamos sugerir o estudo do gênero “resumo” como estratégia de abordagem do texto, bem como algumas perguntas com sugestão de respostas. [...] um primeiro tópico destaca o resumo como forma de **entendimento de outro texto.**” (SÃO PAULO, 2014, p 68). Como atividade, a apostila propõe respostas para perguntas sobre o texto ou a elaboração de um quadro síntese, com os questionamentos:

Qual é o tema tratado?
Qual é o ponto de vista do autor?
Quais argumentos são apresentados pelo autor?
Cite um exemplo dado pelo autor que sustente um dos argumentos dele (o chamado argumento complementar).
Qual é a conclusão do autor? (SÃO PAULO, 2014, p 70).

Este exemplo de situação de aprendizagem demonstra que nestes materiais o foco do ensino de leitura se volta para as marcas estruturais dos gêneros estudados, no caso anterior, a estrutura do artigo de opinião (tema, argumentos, exemplos, conclusão). Dessa forma, não há a perspectiva da leitura silenciosa e autônoma, nem um ensino que tenha por intenção a apropriação dos sentidos dos textos.

O ordenamento de situações didáticas para conduzir a leitura supõe uma aprendizagem institucionalizada, fruto das representações dos idealizadores destas propostas curriculares, sobre os professores, estudantes e das práticas de leitura na escola, como disserta Chartier

todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura. Que seja explicitamente afirmada pelo escritor ou produzida mecanicamente pela maquinaria do texto, inscrita na letra da obra como também nos dispositivos de sua impressão, o protocolo da leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que se esboça seu leitor ideal. Destes últimos, autores e editores tem sempre uma clara representação: são as competências que supõem nele que guiam seu trabalho de escrita e de edição, são os pensamentos e as condutas que desejam nele, que fundam seus esforços e efeitos de persuasão. (CHARTIER, 2011, p.20)

No entanto, as balizas que orientam o ensino de leitura na sala de aula, neste exemplo na proposta curricular, não indicam exatamente os usos e as histórias das leituras que de fato podem se dar a partir delas, uma vez que “cada leitor a partir de suas referências, individuais e sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria.” (CHARTIER, 2011, p.20)

Após contextualizada a escolha da escola, e do público alvo da pesquisa, descrevem-se agora os passos para a coleta de dados. Inicialmente dialoguei com a direção e coordenação da escola e expliquei-lhes a proposta, os objetivos e o movimento que precisaria percorrer para alcançá-los. Com a concordância dos educadores, iniciei o processo para a coleta de dados apesar de não ter me afastado das aulas como professora durante o período em que realizei a apresentação do questionário, bem como as atividades do grupo de leitura (grupo focal).

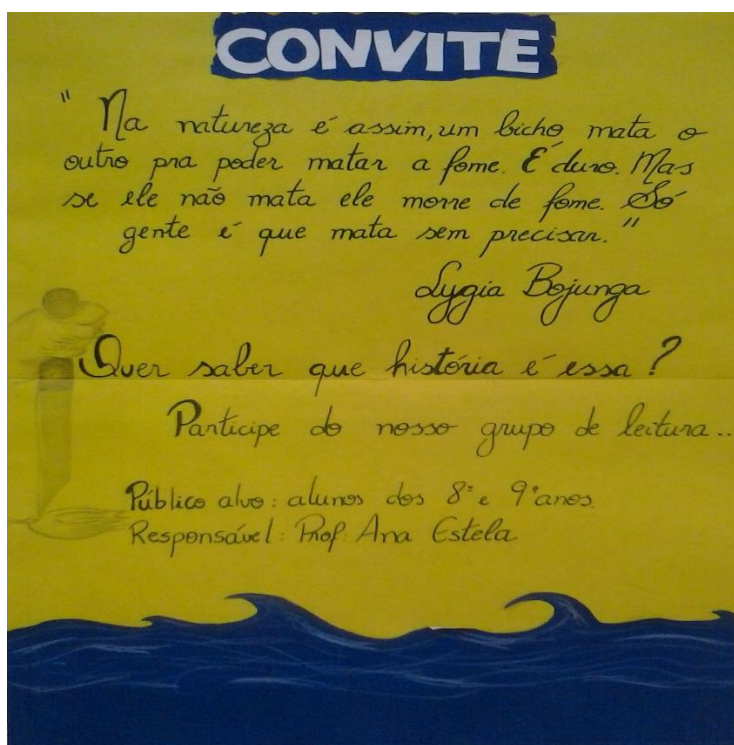
No ano de 2016, eu lecionava para 3 salas de ensino médio no período da manhã e noturno, e 3 salas de ensino fundamental no período da tarde: 8ºB, 8ºC, e 7ºC. Para a participação da pesquisa, foram escolhidos adolescentes de 13 e 14 anos (8º e 9º anos), para os quais se propôs a formação de um grupo para a leitura da obra infantojuvenil *Nós Três* (1987) de Lygia Bojunga. A escolha deste livro, deve-se ao fato de ser uma narrativa infantojuvenil, e, portanto, ser mais próxima do público dessa faixa etária.

De maneira geral, os estudantes das turmas de 8º e 9º ano da Escola Altino Arantes não possuem o hábito da leitura literária, apresentam falta de estímulo diante de leituras de materiais didáticos além de frequentarem pouco a biblioteca da escola, apesar de a professora responsável pela sala de leitura realizar alguns trabalhos e projetos de incentivo no ano de

2016. Neste ponto, ressalta-se que o trabalho com a formação leitora é essencial desde o início da vida escolar e que é necessário sempre tentar aproximar leitores e livros, ainda que resistências existam e seja um processo conturbado.

Para iniciar a intervenção, um cartaz foi afixado no pátio da escola com o convite para a leitura, no qual os alunos interessados tinham um espaço em branco destinado para escrever o nome, se o quisessem. A foto adiante mostra o cartaz:

Figura 1



Convite à participação no projeto de leitura exposto no pátio da escola estadual professor Altino Arantes (Fonte: Arquivo Pessoal)

O cartaz atraiu a atenção principalmente dos estudantes menores (6º anos) mas ninguém se inscreveu para participar das leituras. Uns dias depois, 6 alunos do 8ºano C demonstraram interesse pela participação. Já no 8ºB o convite foi reforçado e 4 estudantes se dispuseram a participar. Outras duas alunas manifestaram interesse, mas os pais não permitiram porque as reuniões seriam fora do horário das aulas. Entre as outras salas de 8º e

9º anos, apenas 3 alunos se interessaram pelo projeto e muitos estudantes justificaram dizendo ter muitas atividades para fazer durante a semana.

O projeto então contava com 12 sujeitos e a compra dos livros foi organizada. Não foi possível obter os exemplares no site da editora da autora “**Casa da Lygia Bojunga**”, pois não houve resposta pela consulta via e-mail e telefone. Em outras editoras, era necessário aguardar o pedido e isto demandava tempo. Assim, optou-se pela compra de livros usados em sebo *on line*, o que também se configurou uma tarefa árdua, pois a maioria dos exemplares era da edição de 1987, bastante escassos já que era preciso que todos os livros fossem da mesma edição por causa das mudanças de formato e projeto gráfico. Sobre isso, pode-se refletir também sobre o acesso à compra de livros o qual pode tornar-se bastante difícil, principalmente para o leitor de condições econômicas menos favorecidas.

Os encontros foram realizados no final de novembro de 2016 assim que os livros chegaram. Embora uma atividade difícil, a intervenção foi também algo marcante para a escola pelo fato de ser uma ação em que se propôs a leitura e compreensão de um livro completo e que por isso contribuiu para valorizar e influenciar esta prática no cotidiano escolar.

1.4 Procedimentos metodológicos

São apresentados agora, em detalhes, os recursos utilizados para coleta dos dados: o questionário semiestruturado, o grupo focal e a entrevista, bem como o proceder da transcrição e análise dos dados.

O **questionário semiestruturado** foi composto por 24 questões que estão transcritas em detalhes no capítulo II desta pesquisa. A escolha por um questionário dessa natureza, deve-se ao fato de serem poucos os sujeitos participantes para que se pudesse utilizar perguntas com respostas fixas, representações numéricas e gráficas.

A primeira parte do questionário compõe-se das perguntas 1 a 14, com o objetivo de traçar as informações gerais sobre os sujeitos, os seus possíveis hábitos leitores e os de seus familiares, bem como as representações em torno da leitura e do livro, em casa. As questões seguintes, 15 a 24 buscam observar nos discursos dos sujeitos, questões que envolvem as práticas de leitura na escola, ou seja, os suportes, circulação de livros e modos de ler institucionalizados ou subversivos.

O **grupo focal** como forma de trabalho, utilizado para geração de dados voltado à leitura e discussão da narrativa juvenil, possibilitou suscitar interações e discussões, que permitam observar as maneiras de ler, os processos e táticas de leitura, pelos quais os participantes se apropriam do que estão lendo, ou ouvindo, a partir de suas concepções, experiências e expectativas.

Essa abordagem dos dados é bastante utilizada em pesquisas qualitativas por promover a interação entre os participantes e o pesquisador durante as discussões propostas, além de possibilitar diferentes percepções sobre uma determinada realidade ou situação, uma vez que opera como “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal” (POWELL E SINGLE *apud* GATTI 2005, p.7).

Dessa maneira, o grupo focal foi fundamental para atender ao objetivo da investigação. Possibilitou a interação dos participantes no momento da leitura, o mais próximo possível das práticas, usos e *táticas* para compreensão por eles praticadas, já que esse método de levantamento de dados busca “captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos.” (GATTI, 2005, p. 9).

Para organizar e desenvolver um trabalho com grupos focais, Gatti (2005) enfatiza que alguns cuidados são necessários, tais como: a necessidade da elaboração de um roteiro para nortear os encontros; a seleção de um número não muito grande de participantes, preferencialmente entre seis e doze sujeitos; a necessidade de um local favorável à interação e, por fim, o registro dos dados por meio da gravação em áudio e anotações escritas. Por este ponto de vista, apresento as etapas a seguir, descrevendo os detalhes da pesquisa relativos a organização das turmas e dos encontros.

Após a etapa de observação e intervenção com o questionário sobre hábitos e práticas de leitura em casa e na escola, os sujeitos foram divididos em duas turmas, chamadas de A e B. Os nomes aqui descritos são fictícios, para preservar a integridade dos participantes. A turma A, era composta pelos estudantes: Manoel, Mário, Clarice, Sophia, Cecília, Luiza. E ao grupo B pertenciam os estudantes: Jane, Alice, Maria Flor, Raquel, Helena e Carlos. A organização dos grupos deu-se por afinidade entre os sujeitos. O participante Ricardo, participou da realização do questionário semiestruturado, mas por questões de adequação de horário desistiu da participação no projeto.

Os encontros para a leitura e discussão aconteciam de manhã, período inverso ao que os participantes estudavam. Observa-se que ter de voltar para a escola era um aspecto dificultador para a coleta de dados, e por isso, alguns encontros foram organizados também durante o período de aula. Foram realizados 4 encontros com cerca 40 a 50 minutos de duração em cada turma, pois os participantes se mostravam cansados ao final desse tempo e ainda tinham que se preparar para estudar no período da tarde.

O local escolhido para a realização das leituras foi o mesmo utilizado para as entrevistas, com mesa e cadeiras organizadas em círculo. O quadro a seguir apresenta uma descrição do uso desse método nesta investigação, contendo os trechos do livro discutidos em cada encontro, bem como a data, o tempo de duração das sessões e os sujeitos participantes.

Quadro 2- Turma A- Caracterização dos encontros com o grupo focal.

Situação de Leitura	Data do encontro	Tempo de duração	Sujeitos da pesquisa
Apresentação do livro/ Exploração da capa/ Capítulo I- a flor azul Leitura e discussão até a página 13.	14/11/2016	45 minutos	Manoel, Clarice, Cecília, Sophia, Mário, Luiza.
Leitura e discussão: página 14 a 23.	15/11/2016	52 minutos	Manoel, Clarice, Cecília, Sophia, Mário.
Leitura e discussão: Capítulo II- página 25 a 43.	18/11/2016	45 minutos	Manoel, Clarice, Cecília, Sophia, Mário.
Leitura e discussão: Capítulo II- página 45 a 59.	21/11/2016	48 minutos	Manoel, Clarice, Cecília, Sophia.
Discussão: 59 a 81.	25/11/2016	45 minutos	Manoel, Clarice, Jane (turma B).

Quadro 3- Turma B- Caracterização dos encontros com o grupo focal.

Situação de Leitura	Data do encontro	Tempo de duração	Sujeitos da pesquisa
Apresentação do livro/ Exploração da capa/ Capítulo I- a flor azul Leitura e discussão até a página 13	14/11/2016	45 minutos	Jane, Alice, Maria Flor, Raquel, Carlos, Helena.
Leitura e discussão: página 14 a 23.	15/11/2016	52 minutos	Jane, Alice, Maria Flor, Raquel, Carlos, Helena.
Leitura e discussão: Capítulo II- página 25 a 43.	18/11/2016	45 minutos	Jane, Alice, Maria Flor, Raquel, Carlos, Helena.

Leitura e discussão: Capítulo II- página 45 a 59.	21/11/2016	48 minutos	Jane, Alice, Maria Flor, Raquel, Carlos, Helena.
---	------------	------------	--

Na turma A os participantes Manoel, Sophia, Clarice e Cecília, mostraram-se mais engajados com as leituras e discussões e eram assíduos nos encontros. O participante Mário, faltou duas vezes, e sempre chegava atrasado, porém, não desistiu da participação. Ao contrário de Luiza, que compareceu apenas no primeiro e ao último encontro. Na turma B, todos os participantes frequentaram os encontros.

Para o último encontro, que seria encerrado com as discussões finais do livro, foi pedido aos sujeitos que levassem os livros para terminar de ler em casa, e cada um levou um exemplar. No dia do último encontro, apenas 3 participantes compareceram: Manoel, Clarice e Jane (embora fosse da turma B), o encontro foi realizado com estes três sujeitos e não houve consenso para que outro encontro fosse remarcado com os demais. Também nessa etapa da intervenção, os participantes: Carlos, Maria Flor, Raquel, e Luiza desistiram da participação, e não terminaram de ler o livro.

Este breve relato sobre as participações nos encontros por parte dos sujeitos, denota a resistência em ler quando a responsabilidade pela leitura passa a ser deles, bem como a ausência de incentivo por parte dos familiares, já que alguns estudantes deixaram de participar, ou não chegavam no momento adequado.

Durante os encontros, para organizar as dinâmicas de leitura e promover as discussões, buscou-se anteriormente elaborar um roteiro com questões a serem discutidas sobre cada trecho da narrativa em particular, para direcionar as interações, que fazem emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado “permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de manifestar” (GATTI, 2005, p.9). Como exemplo, algumas questões abaixo relacionadas:

Quadro 4 - Exemplos de questões norteadoras dirigidas aos participantes durante os encontros do grupo focal.

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> *Alguém já leu os livros da Lygia Bojunga? *Vocês tomariam este livro emprestado na biblioteca? *Vocês querem ler as abas do livro? |
|---|

- *Como vocês preferem ler o livro?
- *O que vocês estão entendendo?
- *O que está acontecendo nesta parte da história?
- *E essa da história do pescador? Qual a relação?
- *É isso que aconteceu na história?
- *Quando ele tinha 15 anos, ele resolveu parar de andar. Mas o que acontece neste parágrafo?
- *Quantos anos a Rafa tem?
- *Mas e o caso do blusão? Ele realmente não tem um braço?
- *Essa parte aqui que ele pede um abraço, o que representa?
- *Mas ela viu a cena?
- *Será que ele morreu?

Outras questões se apresentavam em cada encontro, de acordo com o diálogo entre os participantes, suas dúvidas, e interações. Os grupos focais possibilitaram observar algumas relações suscitadas durante as discussões tais como: o riso e as brincadeiras em meio as leituras, as associações com suas experiências de vida, a vontade de externar a compreensão, e de assegurar um espaço em meio ao grupo. Algumas dessas relações, funcionam como hipóteses acerca das táticas e saberes para ler e compreender, de acordo com o que disserta Gatti

As comparações, os confrontos, as complementações, que os participantes produzem entre si, a partir de suas experiências, são uma fonte sólida para a construção de compreensões sobre a complexidade de formas de pensar, de se comportar, das motivações, das intenções e expectativas, em face de determinados aspectos de uma situação, de um problema, de uma ocorrência, de um serviço. (GATTI, 2005, p. 69-70).

A experiência com o grupo focal complementou as informações obtidas por meio do questionário, por proporcionar respostas menos padronizadas nas interações entre os participantes dos grupos. Por outro lado, possibilitou gerar dados significativos para a construção das hipóteses de análise, que serão discutidas no capítulo IV desta pesquisa.

A **entrevista** é uma fonte de coleta de dados muito utilizada por abordagens de pesquisa qualitativa, pois permite a aproximação do pesquisador com seu campo de pesquisa. Neste trabalho, as entrevistas foram utilizadas para captar dados relativos a elaboração do capítulo III, acerca da contextualização histórica da cidade de Quintana e da Escola Estadual Professor Altino Arantes como universo de análise. Estes dados foram assim recolhidos,

devido à ausência de material para a leitura, pesquisa e análise, nas instituições locais (Prefeitura, Secretaria da Educação, Câmara municipal), de forma que foi necessário recorrer a história oral para resgatar a memória da cidade, relativa à sua própria formação.

Algumas concepções de Pierre Bourdieu sobre o uso das entrevistas dão suporte a esta etapa de coleta de dados, na medida em que “a relação de pesquisa também se constitui como uma *relação social* que exerce efeitos (variáveis segundo os diferentes parâmetros que a podem afetar) sobre os resultados obtidos.” (BOURDIEU, 2008, p.694). Este embasamento teórico, permite refletir sobre quais os passos e pontos mais importantes a serem seguidos, destacar os elementos imprescindíveis que o entrevistador deve desenvolver frente a esta situação, para poder delimitar e saber conduzir as entrevistas bem como ter os cuidados relativos ao entendimento que o entrevistado possa fazer dela. Sobre isso Bourdieu explica que

Tentar saber o que se faz quando se inicia uma relação de entrevista é em primeiro lugar tentar conhecer os efeitos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de intrusão sempre um pouco arbitrária que está no princípio de troca (especialmente pela maneira de se apresentar a pesquisa, pelos estímulos dados ou recusados, etc.) é tentar esclarecer o sentido que o pesquisado se faz da situação, da pesquisa em geral, da relação particular na qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar as razões que o levam a aceitar de participar da troca. É efetivamente sob a condição de medir a amplitude e a natureza da distância entre a finalidade da pesquisa tal como é percebida e interpretada pelo pesquisado, e a finalidade que o pesquisador tem em mente, que este pode tentar reduzir as distorções que dela resultam, ou, pelo menos, de compreender o que pode ser dito e o que não pode, as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam a acentuar (BOURDIEU, 2008, p.695)

Foram realizadas entrevistas individuais com moradores da cidade, de Quintana, São Paulo, hoje com 74 anos de emancipação político administrativa, com o objetivo conhecer relatos, lembranças e vivências que poderiam colaborar com o resgate dos fatos históricos, culturais e sociais desta localidade. Uma entrevista bem-feita pode permitir ao pesquisador “o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais.” (LUDKE, 1986, p. 23). Nesta pesquisa, destaca-se então, que ao evocar experiências vividas, as entrevistas fazem emergir aspectos próprios da singularidade e subjetividade de cada um dos sujeitos.

As entrevistas foram realizadas nos meses de novembro e dezembro de 2017, com 6 cidadãos, que aceitaram o convite. Os encontros, aconteceram nas residências de cada um

dos participantes em dias e horários de acordo que eles dispunham. Foram também registradas em áudio, com o consentimento dos entrevistados e depois transcritas.

As perguntas utilizadas durante estas entrevistas, seguiram um norteamento semiestruturado, tendo em vista as necessidades de levantar dados sobre a formação da cidade. A seguir, alguns exemplos de questões que serviram como roteiro, embora outras questões surgiram durante as entrevistas:

Nome/ lugar de nascimento/ idade
Como era a cidade?
Quem foi o fundador da cidade?
Como construíram os prédios principais?
Como era a cultura da época?
E as escolas? Como foram construídas?

Com a intenção de investigar fatos históricos sobre a formação e desenvolvimento da cidade e as relações destes fatos com as práticas atuais (sejam elas culturais, escolares, ou de leitura), procurou-se obter a confiança e a disposição dos moradores entrevistados e explicá-lhes que a situação de entrevista era necessária para garantir o conhecimento do passado às novas gerações de habitantes, pois infelizmente no curso dos últimos 30 anos, o patrimônio da comunidade se perdeu por falta de zelo ou negligência dos gestores locais. Em função da subjetividade dos relatos e experiências dos entrevistados durante a entrevista, o pesquisador necessita então, posicionar-se de acordo com o que Bourdieu explica:

Postura de aparência contraditória que não é fácil de se colocar em prática. Efetivamente, ela associa a disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular, que pode conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vistas, em seus sentimentos, em seus pensamentos, com a construção metódica, forte, do conhecimento das condições objetivas, comuns a toda uma categoria. (BOURDIEU, 2008, p.695)

Durante as entrevistas, procurou-se também utilizar um tom mais informal e menos burocrático, de forma a manter a naturalidade no diálogo e diminuir a distância entre pesquisador e pesquisado, para tentar situar-se em pensamento no lugar que “o pesquisado ocupa no espaço social para o *necessitar* a partir desse ponto e para *decidir-se* de alguma maneira por ele.” (BOURDIEU, 2008, p.699), ou seja, decidir por ouvi-lo ou por instigá-lo

quando preciso e fazer da entrevista também uma experiência que tenha sentido, seja marcante para o pesquisado, e possibilite observar através delas suas condições de existência.

Explicitar as regras e pressupostos teórico/metodológicos que nortearam a escolha e plano de ação por meio das entrevistas durante esta pesquisa, contribui para a discussão sobre uso deste recurso metodológico nas pesquisas qualitativas, ao entrar na singularidade da história de uma vida e tentar compreender ao mesmo tempo na sua unicidade e generalidade os dramas de uma existência. (BOURDIEU, 2008), uma vez que quando bem realizadas, elas permitem ao pesquisador analisar em profundidade, captando indícios dos modos como os participantes percebem e constroem significado para sua realidade.

As transcrições dos dados recolhidos nas leituras e discussões do grupo focal, e nas entrevistas, foram realizadas segundo a lógica bourdieana de que “transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever”. (BOURDIEU, 2008, p.710), com a disposição de reproduzir as falas dos participantes, suas concepções e suas maneiras de dizer, mas ciente de que mesmo uma transcrição literal não seria suficiente para restituir tudo o que a mudança do oral para o escrito acarreta.

Desta maneira, o trabalho apresenta as transcrições em fragmentos, tendo em vista os possíveis destinatários e suas expectativas, e “retira delas tudo aquilo que pudesse torná-la confusa e ilegível para quem não ouviu o discurso original. [...], mas nunca se substituiu uma palavra por outra, nem se transformou a ordem das perguntas, ou o desenrolar da entrevista e todos os cortes foram assinalados.” (BOURDIEU, 2008, p.710).

A partir de todos os dados recolhidos, tanto nas interações do grupo focal, quanto nas entrevistas, tentou-se orientar para o que os participantes tinham a dizer sobre sua experiência e delas captar a lógica existente no cotidiano de interações sociais, ou seja,

ir muito além e tentar reconstruir as ações e interações dos atores sociais segundo seus pontos de vista, suas categorias de pensamento, sua lógica. Na busca das significações do outro, o investigador deve, pois, ultrapassar seus métodos e valores, admitindo outras lógicas de entender, conceber e recriar o mundo (ANDRÉ, p. 44, 1995).

O capítulo que trata da contextualização da história da cidade traz a descrição e cruzamento de informações sobre os fatos relatados pelos moradores da localidade. Os relatos transcritos são compreendidos como objetos culturais que envolvem as representações pelos quais os indivíduos significam o mundo, “as atitudes perante a vida e a morte, os rituais e as

crenças, as estruturas de parentesco, as formas de sociabilidade, os modos de funcionamento escolares” (CHARTIER, 1991, p.174) e de suas práticas culturais desviantes. Por outro lado, o uso de fontes orais como uma metodologia que contribui para análise das memórias, deve partir de uma visão crítica, conforme destaca Garrido

Um dos aspectos mais interessantes do uso de fontes orais é que não apenas se chega a um conhecimento dos fatos mas também à forma como o grupo os vivenciou e percebeu. É de importância capital resgatar a subjetividade, mas é um grave erro passar a confundi-la com fatos objetivos. Esta aproximação crítica ao testemunho oral consegue-se mediante dois procedimentos de caráter interativo: um, com a documentação escrita existente, e outro, com o resto do corpus de documentos orais. Daí a importância de se estabelecer uma relação dialética entre os diversos tipos de fontes (GARRIDO, 1992, p.17).

As análises dos dados do grupo focal, apresentadas no capítulo IV, são analisadas segundo o conceito já citado e proposto por Michel de Certeau, o qual se denomina *táticas*, a partir do qual o autor compreende as práticas cotidianas e “busca interrogar as operações dos usuários supostamente entregues à passividade e disciplina”. (CERTEAU, 1998, p.37).

As relações entre leitor e texto, balizadas por condicionamento, representações e leis impostas também escondem essa produção muda de significados, fazeres e reações, sendo subversivas às estratégias organizadas para ensinar a ler. Analisar os dados recolhidos à luz do conceito de *táticas*, possibilita a compreensão acerca de alguns modos de ler e de atribuir sentido a uma obra, no caso infantojuvenil, utilizados pela comunidade muitas vezes silenciosa, ou silenciada, que aproveitam as ocasiões para “[...]estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas” (CERTEAU, 1998, p.100), ou seja, para habitar também, ou adentrar o território da leitura e torná-la sua: associações, ligações, falas, silêncios, anotações, perguntas... tudo o que muitas vezes não tem lugar, diante das estratégias impostas.

A leitura é um processo complexo em que o leitor estabelece sentidos diversos dentro da situação na qual se encontra. Analisar dados das transcrições dos grupos focais demonstrou-se então uma tarefa complexa no momento da interpretação e no estabelecimento das perspectivas de análise. As leituras e discussões do grupo focal buscaram interpretar nas falas dos sujeitos, o “*como*”, ou seja, as maneiras de compreender o texto lido ou ouvido e os usos do livro pelos leitores, invenções e criatividade nas formas de utilizá-lo. E por meio deste ponto de vista, é que se pretendeu chegar a algumas considerações finais.

CAPÍTULO II

2.Contextualização: a cidade, a escola, o lugar da leitura.

*“A história de Quintana tem que ser escrita, pois vai se perder no tempo...
muitos que sabiam já se foram, vamos ser um município sem memória.”*

Uma quintanense.

Este capítulo tem como objetivos apresentar a contextualização da cidade de Quintana/SP, no que concerne a alguns de seus aspectos históricos, socioculturais, e situar a Escola Estadual Professor Altino Arantes como instituição que está inserida nesta comunidade.

Como não havia acervo ou literatura específica referente a formação e desenvolvimento deste município disponibilizada na cidade, buscou-se reunir dados através de outros recursos: a) fontes orais, para o qual foram realizadas entrevistas com moradores da cidade; b) participação em um grupo “Quintanenses” criado na rede social *Facebook*, em que a maioria dos participantes são ex-moradores de Quintana e utilizam esta página para compartilhar fotos e lembranças de suas vivências; c) pesquisa e leitura de exemplares do jornal *A Folha da Manhã*, disponíveis pelo Acervo digitalizado do site UOL, entre os anos de 1921 até 1970, busca que encontrou notícias de época da cidade e região.

Contextualizar historicamente a cidade e a escola em que a pesquisa foi realizada é concernente a escolha metodológica e o tratamento dos dados, ou seja, a pesquisa qualitativa. A descrição do cenário e universo de análise também permite observar o ambiente natural como fonte de dados, ou seja, as condições sociais, culturais e econômicas dos sujeitos participantes e a maneira como estes fatores contribuem para a relação entre leitores e leitura, uma vez que é impossível compreender uma cultura desvinculada de seu contexto. (CHARTIER, 1990).

2.1. Histórico de fundação do município de Quintana.

A cidade está localizada a Oeste do Estado de São Paulo, com extensão territorial de 319,759 Km², e possui 6.530 habitantes, população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE em 2017. Quintana situa-se entre as cidades de Pompéia e Herculândia, pelo acesso da Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros e integra a região

conhecida como Alta Paulista, território que envolve a faixa de terras situada entre o Rio Aguapeí e o Rio do Peixe.

Atualmente, a economia da cidade movimenta-se primeiramente em torno da agricultura e pecuária, com destaque nos últimos anos para o cultivo do amendoim, que emprega trabalhadores nos setores rurais e em várias empresas de beneficiamento do produto, bem como movimenta também alguns eventos anuais na cidade, como a Festa do Peão, tradicional há mais de 20 anos e mais recentemente a Festa do Amendoim. No setor industrial, a cidade possui grande quantidade de trabalhadores empregados nas fábricas da região, principalmente nas Máquinas Agrícolas Jacto (em Pompéia), a qual tem uma extensão nas dependências de Quintana. O centro comercial da cidade é pequeno, porém, dividido em dois polos: Avenida João Villadangos no bairro Centro, e Avenida Marília, em Vila Campante, no entanto, seus moradores costumam-se deslocar-se para realizar compras também nas cidades vizinhas.

A região onde se situa hoje a cidade de Quintana foi ocupada pelos primeiros povoadores na primeira metade do século XX. Em 1916, a **Companhia Paulista de Estradas de Ferro** elaborou um projeto para prolongamento de seus trilhos, (implantados cinco anos depois) a partir de Piratininga, em direção ao rio Paraná. No ano de 1918, devido às facilidades proporcionadas pela promoção da linha ferroviária, algumas famílias de fazendeiros de diversas regiões do Estado adquiriram terras na região hoje pertencente ao município de Quintana/SP.

Entre os primeiros povoadores deste território, destacam-se as famílias de João Villadangos, Paulo de Resende Barbosa, Fortunato da Cruz Campante, Francisco Moreira Sobrinho, Sebastião Leme Soares, José Duarte Moreira, Daniel Ragazzi, entre muitos outros que chegaram a região, principalmente após a migração nordestina em busca de trabalho e melhores condições de vida.

João Villadangos, nascido no dia 22 de junho de 1874, em Quintana del Marco, província de León, na Espanha, faleceu em 27 de setembro de 1962 aos 88 anos de idade. Veio para o Brasil com 26 anos, e aqui se casou com Elena Olmedo Gonzales Villadangos, também espanhola, nascida em dia 18 de agosto de 1879 na Aldeia D' Avilla, província de Salamanca, na Espanha. Villadangos desembarcou no Rio de Janeiro em novembro de 1900, e sua esposa em 25 de março de 1896. Eles se casaram em Cotia, São Paulo, aos 31 de julho de 1902. Desta união, tiveram 8 filhos: Conceição, Antônio, Manoel, Consuelo, Emiliano, Santos, Maria do Carmo (Carmem) e João Francisco. Fixaram residência em São Paulo e

Villadangos tornou-se comerciante de sacarias na rua Paula Souza. Fornecia seus produtos às empresas Matarazzo e recebe em 1918, as terras referentes a uma parte do território de Quintana, como forma de pagamento.

Somente em 1928, João Villadangos, veio conhecer as terras recebidas e fundou sua propriedade: a Fazenda Santa Helena, em homenagem a sua esposa. Em outubro do mesmo ano, ordenou derrubada das matas para plantio de 86.000 pés de café e formação de pastos. Para ajudar no loteamento, alguns moradores destacam o nome de seu amigo e administrador Pedro Casado, além de seus filhos Manoel, Emiliano e Santos. Ainda em 1928, prevendo o prolongamento da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, Villadangos escolheu o local para futura estação e a área que é hoje a sede do município de Quintana, iniciando o loteamento que recebeu o nome de “Patrimônio Villadangos”. De acordo com Delicato

Enquanto nas frentes de expansão da “Noroeste” os trilhos e as estações ferroviárias praticamente determinavam o surgimento e desenvolvimento dos núcleos urbanos que se formavam, na “Alta Paulista” os pioneiros abriam as fazendas, e os agrupamentos iniciais surgiam, em geral, onde havia a expectativa da passagem de uma ferrovia. (DELICATO, 2011, p.26)

Nos anos seguintes, deu-se a concretização dessa expectativa e segundo a exigência da Companhia Paulista de nomear as cidades por onde se passasse o trem por ordem alfabética, seguindo a lista: Marília, Nóbrega, Oriente, Pompeia, o nome Quintana foi então escolhido como uma homenagem a terra natal do fundador João Villadangos: “Quintana Del Marco”, na Espanha. Como fosse a última parada, a chegada da estrada de ferro muito contribuiu para o crescimento do povoado. Nos anos subsequentes, essas áreas já se encontravam direcionadas à diferentes culturas, com predominância do café, e, mais tarde, à engorda de gado. O estabelecimento de um pequeno arraial impulsionado pelo fluxo migratório, especialmente de pessoas da região do nordeste do país, fez com que o povoado crescesse rapidamente.

Nascia a vila em projeto. Uma pequena biografia elaborada pelos familiares de João Villadangos e impressa em folheto (2011) relata que na década de 1930 foram vendidos os primeiros lotes a Benedito Lemes e Sebastião Lemes, construído o primeiro prédio para instalação da 1ª Escola Estadual da Vila, além de doações feitas pelo fundador para o estabelecimento do cemitério, do matadouro e a cadeia local em 1934.

Também nas terras pertencentes à família Villadangos, foi construída por essa época a primeira igreja na Vila, nomeada Capela São João Batista, no ano de 1936 na Fazenda Santa

Helena. Alguns moradores relembram as primeiras movimentações para a urbanização do povoado:

Sim, casei-me aqui. Na igreja pequena. Foi a primeira. Porque aqui era assim, onde que era o hotel, que a gente falava, a pensão, era ali que era para ser a igreja, era um espaço aberto..., mas acho que se fizesse ali, bom, valia mais o terreno aqui, do que em outro lugar, não é? Ali que tinha os batizados, era campal, a gente ia lá... então fizeram a igreja. A matriz foi feita mais tarde, lá por volta de 1945...com terreno da Santa Amélia, porque aqui tem dois terrenos, dois donos, a Santa Amélia e os Villadangos.
(D.B.A- moradora da cidade-96 anos)

Ainda em 15 de janeiro de 1936, o povoado foi elevado a condição de distrito do município de Glicério pela Lei Estadual nº 2642, com o nome de Quintana e logo depois passou a pertencer a Marília (Lei nº 2891, de 04 de junho de 1937). A valorização de fatores como a necessidade de progresso e expansão econômica modificou em poucos anos o ambiente em prol do chamado “desenvolvimento”, este simbolizando a vitória do homem moderno sobre o sertão. Uma reportagem de José A Barbosa para o *Jornal Folha da Manhã* de 15 de agosto de 1937, tem como manchete “**No fim dos trilhos da paulista**” e descreve

Quintana é uma vila de bastante progresso. Grandes serrarias, comércio forte, alguns hotéis e pensões. Até um circo de cavalo se erguia perto da povoação. Ali almoçamos. É interessante ver-se o espírito de brasilidade que orienta a formação dessas novas cidades, onde as ruas recebem os nomes dos brasileiros ilustres, principalmente paulistas. Predominam a construção moderna de ruas, avenidas largas, com arborização, postes fincados no meio das ruas para a futura instalação elétrica. Quintana consta com mais de duzentas casas, cujos telhados vermelhos ao sol daquela tarde queima, apesar de, em nossa zona, estarmos em pleno inverno. Ficará ali outra estação da Paulista. Já existe um serviço regular e rápido de transporte de mercadorias, efetuado pela Cia. Paulista de Transportes, que emprega doze caminhões nesse tráfego. (*Folha da Manhã*, p. 10, 15 ago.1937)

Segundo estudos sobre o jornal *O Estado de S. Paulo*, englobando períodos que vão de 1927 a 1945 e de 1955 a 1958, a grande imprensa incorporou e retratou o projeto aceito como detentor da matriz do desenvolvimento para o Brasil (PRADO & CAPELATO, 1980, p.11-3 *apud* BARBOSA, 2011). Este jornal de alcance estadual, aliado a outros de difusão regional como, por exemplo, o *Diário Paulista*, publicado em Marília, alimentava nesta localidade os ideais de: aumento demográfico, migrações e crescimento urbano, força de trabalho, lutas políticas e vida cultural desde os seus primeiros anos de formação, e assim formavam as representações sobre sua identidade humana e social.

Em 1º de abril de 1940, foi inaugurado oficialmente o trecho de estrada de ferro compreendido entre Pompeia e Quintana. Um folheto, distribuído recentemente para algumas pessoas da comunidade, e elaborado pelos netos do fundador João Villadangos (já citado na página nos parágrafos anteriores) relatam este momento:

Esse dia foi comemorado com muitas festas e a família Villadangos ofereceu um grande almoço no Cine Teatro Quintana, em construção nos anos 30, situado na Avenida São João. Nesse prédio foi servido almoço às autoridades e funcionários da Companhia Paulista de Estrada de Ferro. (M. H.V – neta de João Villadangos em panfleto organizado em 2011).

O trem de cargas chamado Lastro, já chegava até a localidade alguns anos antes e muitas pessoas vinham para Quintana para trabalhar na construção da ferrovia e das casas da Companhia. Camargo (2004), ao tratar da formação do Estado de São Paulo, seus habitantes e os usos da terra, explica que

A característica predominantemente rural de organização dos núcleos populacionais do Estado de São Paulo modificou-se após a chegada da ferrovia; sua construção e manutenção exigiam profissionais, oficinas de manutenção, armazéns e escritórios. [...] A presença dos trilhos e das estações marcou a paisagem construída dos núcleos urbanos, virando pontos de referências, nomes de avenidas e parâmetro de crescimento de bairros, atraindo casas comerciais e indústrias. (CAMARGO, 2004, p.145).

Quintana foi a última parada da linha férrea durante um ano e meio, depois foi construído o trecho até Tupã. O convite a seguir foi publicado nos jornais em novembro de 1941:

Figura 2



Fonte: Jornal *Folha da Manhã*, de 15/11/1941. Disponível em <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/q/quintana.html>> Acesso em 05/01/2018.

O trem da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, popularmente conhecido como Maria Fumaça, era por essa época a única ligação com centros mais desenvolvidos. As estações tinham grande circulação de pessoas e era comum que recém-chegados ficassem nestes locais a espera de pessoas que oferecessem serviços. Também era pelo trem, que migrantes vindos das regiões nordeste do país chegavam ao interior, muitos deles encaminhados pela Casa do Imigrante, em São Paulo capital. Um antigo morador desta região relata:

O finado Clemente estava junto comigo, e nós achamos que o dinheiro dava para ir, mas quando eu cheguei em Montes Claros... comprei as passagens, só deu para vir até São Paulo, e o dinheiro acabou. Quando chegamos em São Paulo, ficamos na estação, o povo tinha falado para a gente ficar quieto que o guarda procurava, quando ele chegou, perguntou para onde eu estava indo, eu disse que ia para o interior e que o povo era por minha conta, então nos levaram para a Imigração. Fui mesmo!!!! [...] meio dia nos levaram pra estação, ficamos até sete horas da noite, eu quase fiquei doido, porque eu já havia viajado de trem, mas eles não, todo trem que chegava eles queriam ir embora, e eu explicava... quando foi sete horas da noite, o trem chegou, o guarda encostou e disse que enquanto tivesse uma mulher, nenhum homem podia entrar. As mulheres sentavam primeiro. Então todo mundo entrou, fecharam as janelas, e o guarda ainda disse que se aparecesse um vidro quebrado, eu ia responder na estrada. Todo mundo tinha que trazer uma sacola de pão, até as crianças pequenas. Saímos de lá sete horas, quando foi o dia amanhecendo a gente estava aqui...e chuva, chuva... descemos aqui, eu fui na rua chovendo, arrumei um caminhãozinho, coloquei o povo e desci lá pra baixo. **(A.P.S. trabalhador rural- 80 anos)**

A Cia. Paulista de Estradas de Ferro operou em Quintana durante os anos de 1940-1971, quando passou à responsabilidade da FEPASA (1971-1998). E foi desativada no início dos anos 1990, embora houvesse ainda um grande movimento de passageiros naquela época e a estação tivesse sido recuperada.

Ainda por época de fundação do município de Quintana, outras duas famílias colaboraram com a formação da área urbana. O lado esquerdo da linha férrea era pertencente à família Rezende Barbosa, donos de uma grande extensão de terra destinada a plantação de café. A Sociedade Agrícola Rezende LTDA impulsionava a urbanização da cidade no início dos anos de 1940. Publicado no jornal *A Folha da Manhã*, há um anúncio para venda dos lotes da “Vila Santa Amélia” que descreve:

Vila de traçado moderno, iluminada e eletricidade, com larga avenida já arborizada, jardim público, coreto, grande igreja matriz em construção, campo de aviação- o maior e o melhor da Alta Paulista.[...] A Vila, que já possui uma agência do Banco Mercantil do Estado de São Paulo, duas máquinas de beneficiar algodão[...] Quintana e Campante contam com 920 prédios, 100 casas comerciais, 2 grupos escolares, agência oficial do correio, cinema, 4 postos de gasolina, 8 máquinas de beneficiar arroz, 2 de algodão, 3 de café e moinho de fubá. (*Folha da Manhã*, p.10, 25. mar.1943)

A cidade foi elevada à categoria de município com a denominação de Quintana, por Decreto-lei Estadual nº 14334, de 30 de novembro de 1944, desmembrada de Pompéia, com Sede na Vila do mesmo nome. Por esta época, foi criada a prefeitura, e o primeiro prefeito nomeado: Antônio de Pádua Soares Bicudo.

O local hoje conhecido como Vila Campante, nasceu da decisão do corretor de imóveis Fortunato da Cruz Campante, até então responsável por vender os terrenos para os loteamentos das famílias Villadangos e Rezende

Esse Fortunato da Cruz Campante, era o corretor das duas alas, dos Villadangos e dos Rezende. Ele começou a vender lotes, mas depois tiveram um desentendimento, e ele então disse que iria comprar uma área de terra, e fundar uma vila ali. Por isso ficou o nome de Vila Campante, até então nem estrada de ferro tinha, ele comprou uma gleba de terra lá, foi ele e dois japoneses: os Cotó [...]. Abriram Campante e começaram a vender lotes, perto da Jacto e foram vendendo. (J.J.A. Ex-prefeito de Quintana -81 anos)

Em uma pequena notícia no Jornal *Folha da Manhã* de 25 de março de 1938, há uma referência a então chamada Vila Campante e ao esforço de se constituir uma identidade própria enquanto comunidade, para o qual se destaca também, a já circulação deste jornal como meio de comunicação na localidade:

Em comemoração ao 2º aniversário de fundação de Vila Campante

[...]para que seja comemorada essa data, o senhor Fortunato Campante, fundador da mesma, resolveu organizar juntamente com uma comissão, um programa que contará com festas religiosas e uma quermesse na qual tomarão parte elementos de destaque da sociedade campantense, coadjuvados pelo povo, que não nega seu apoio ao progresso dessa florescente vila.

[...]

Aviso-

Os senhores assinantes da “Folha da Manhã” que tenham prontas suas coleções de “cupons” poderão entregar no escritório do sr. Fortunato Campante, onde serão recebidas e encaminhadas à empresa “Folha da manhã” Ltda. (*Folha da Manhã*, p. 21, 25 mar 1938)

Segundo pessoas da comunidade desta época, o surgimento de dois pequenos povoados causava a impressão de serem duas cidades, dois patrimônios. Sendo que no povoado de Campante, deve-se destacar também a existência de outro pequeno vilarejo, de nome Vila Nippon, composta de chácaras de imigrantes japoneses, que representavam um grupo expressivo na cidade e região e que contribuíram para a formação e desenvolvimento desta localidade. Por esta época, o governo brasileiro tinha por intenção a fixação da mão de obra na lavoura cafeeira de São Paulo, por isso, “a condição para a vinda de japoneses era a de um contrato de trabalho de no mínimo dois anos nos cafezais do oeste paulista. [...] e previa a vinda de famílias com no mínimo três pessoas em condições de trabalhar nos cafezais, estipulando cotas de pés de café a serem tratadas por cada uma delas.” (SAKURAI, 1995, p.35)

No final da década de 1940, houve um plebiscito na cidade vizinha de Pompeia e uma parte da área relativa à Vila de Campante foi fixada pela Lei Estadual nº 233, de 24-XII-1948 para 1949-1953, como sendo um distrito distinto da cidade de Quintana. Esta área, passa então a ser chamada de Pontana, pela Lei Estadual nº 2456, de 30-XII-1953 que fixou o quadro territorial para 1954-1958, comarca de Pompéia. Com essa determinação, um cartório foi criado no começo do território de Pontana, o qual hoje ainda funciona no mesmo lugar. A seguir, uma fotografia digitalizada deste prédio:

Figura 3



Cartório de Pontana na década 1940

Fonte: Arquivo pessoal

Essa divisão permaneceu por cerca de dez anos, até que durante o mandato de Olímpio Muzzatti Buim novo plebiscito foi proposto, e após isto, fixada nova lei Estadual nº 5285, de 18 de fevereiro de 1959, que declarava extinto o Distrito de Pontana, sendo seu território incorporado ao Distrito de Quintana. Um morador recorda o efeito dessa divisão de identidade durante os primeiros vinte anos de formação

teve uma época que se um moço de Quintana namorasse com uma moça de Campante, os outros davam uma surra nele, se contar as pessoas não acreditam... Esses dias me lembraram do cemitério, que teve em Vila Campante. Na época, tinha o prefeito de Quintana, e o de Pompéia, e lá fizeram um plebiscito, e Pompéia entrou em Campante, veio até para cá do Correio, aquele pedaço ficou sendo Pontana. Quando fizeram isso, inventaram que tinha de ter cemitério, ali para lá do seu Dedé, ali acho que sepultaram só duas pessoas. Mas aí, acho que foi o Buim, que era o prefeito, fez o plebiscito pedindo de volta, e ganhou, hoje a divisa do município de Quintana é ali perto da Tavejo, é tanta coisa de história que a gente tem para contar... (J.J.A. Ex-prefeito de Quintana -81 anos)

Tendo se tornado município no ano de 1944, Quintana passa a figurar entre a lista de cidades do Recenseamento Demográfico do Estado de São Paulo a partir de 1950 (série regional). Segundo estes dados, Quintana contava neste momento com 9.715 habitantes (5.171 homens e 4.544 mulheres), a maioria considerados brasileiros natos e com cerca de 78% residindo na zona rural: 7.581 pessoas. Já nesta época, mais de 50% da população com mais de cinco anos declararam não saber ler e escrever, o que traz o número de 4.364. Nos Censos seguintes, há um processo de esvaziamento populacional, conforme é mostrado na tabela a seguir:

Tabela 4

	População
Censo de 1950	9.715
Censo de 1960	11.590
Censo de 1970	6.488
Censo de 1980	4.909

Índice Populacional entre as décadas de 1950 e 1960

Entre os moradores é comum a menção ao número populacional em torno de 17 a 25 mil habitantes, embora as pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística não apresentem índices próximos aos da memória popular. Esse processo de esvaziamento da cidade, talvez se deva primeiramente ao deslocamento da população da zona rural em direção às cidades, consequência, entre outros fatores, da implantação de novas relações de trabalho na produção agropecuária, com intensa mecanização das atividades rurais que “expulsa” os pequenos produtores do campo e passa a substituir a mão de obra humana. Em um segundo momento, a migração também caracterizada pelo abandono das cidades pequenas em busca de melhores condições de vida nas cidades grandes como a região metropolitana de São Paulo, que nas últimas décadas do século XX já era a muito considerada como polo industrial.

2.2 Os grupos escolares de Quintana

Os chamados *Grupos Escolares* tiveram início durante o período republicano, visando à universalização do ensino, imagem de uma nação moderna. Os prédios criados reuniam as turmas de vários professores, mas agora com a presença de um diretor que representava a ordem e educação. A partir do prédio estabelecido, no centro da cidade, “**a escola estava ali.** [...] pela presença suntuosa do edifício onde funcionava a aula que atestava também a presença do Estado e marcava na memória das pessoas, o lugar físico organizado – destinado à escolarização.” (STAMATTO, 2005, p.75).

Se no início da década de 1930 eram dois os povoados nascentes, as primeiras escolas em Quintana também nascem em meio à chegada da ferrovia, do comércio e dos novos habitantes. Na década de 1940, o primeiro Grupo Escolar de Quintana já atendia às classes de 1ª a 4ª séries. O prédio grande de madeira instalado na rua Professor Oscar Franco de Toledo, contava com várias salas e atendia cerca de 50 crianças. De acordo com Barbosa,

O impulso de desenvolvimento em direção ao progresso estava associado a um processo de acelerada urbanização. Esta, por sua vez, reforçava, nas cidades, o anseio de desenvolvimento nas mais diferentes áreas. Por exemplo, na valorização da escolaridade que englobava certezas sobre a necessidade do ler e do escrever. As práticas de leitura e de escrita pareciam conter faculdades mágicas para o progresso, o alcance da ascensão social. (BARBOSA, 2011, p. 39)

Por esta época nessas escolas do interior, o ultimo nível de ensino era a 4ª série do ensino primário de forma que quem concluísse esta etapa passava a ser bem considerado na comunidade, o que era celebrado com festa. Para estudar no Grupo Escolar de Quintana, os pais dos estudantes pagavam a merenda, ou, as crianças levavam comida de casa. Um estudante desta escola na época lembra-se do momento em que veio morar com o irmão na cidade e passou a estudar no Grupo Escolar,

Com sete anos eu já ajudava meu irmão, ia na escola cedinho, morávamos perto, e de tarde ajudava ele. O armazém dele era ali na São João, tirava o uniforme, comia... [...] mas eu fiquei só com o primário. Com sete anos eu já pesava sete quilos na balança no armazém, passei de ano, em 1948, fazia-se festa naquela época, parecia que a gente ia virar doutor mesmo, a comadre Judite foi minha madrinha de diploma, fui de terno branco, gravata, pra diplomação. (J.J.A- ex-prefeito de Quintana-81 anos)

Por volta de 1950, foi construído o novo prédio para este grupo escolar, na Avenida Santa Amélia, nº647. Nesta época o prédio antigo deixa de funcionar e os estudantes são transferidos. O Decreto nº 24.514, de 29 de abril de 1955- dá a denominação de Grupo Escolar "Professor Pedro Sommerhauzer" ao Grupo Escolar de Quintana, após o diretor Pedro, ter falecido precocemente.

Figura 4



Grupo Escolar de Quintana- Ano de inauguração do prédio novo.

Fonte: Arquivo pessoal

Em Vila Campante, o Grupo Escolar de Pontana foi criado originalmente no ano de 1945. O prédio também foi reconstruído durante a década de 1950 e passou a ser chamada de “Grupo Escolar Professor Altino Arantes”, no mês de fevereiro de 1967, pertencente à

Quintana distrito da Paz e a Delegacia de ensino elementar de Marília. Por essa época ainda estava localizada na Paes Leme- nº 190, conforme decreto do ato de criação. Posteriormente recebeu anexação de outros grupos escolares ativos nos bairros rurais do município, como a “1ª Escola Mista do Córrego Branco” e a “Escola Masculina do Sítio Boa Vista”.

Figura 5



Grupo Escolar de Pontana- Diretor Edgar Costa

Fonte: Arquivo pessoal

Em 1971, a escola recebeu o nome de Colégio Estadual Professor Altino Arantes, conforme decreto nº52.645 de 04/02/71, quando no mandato de Roberto Costa de Abreu Sodré, governador do estado de São Paulo, decretou-se a transformação de colégios secundários em ginásios estaduais. Por essa época também, a escola passou a localizar-se no endereço atual, tendo sido a obra ainda concluída no ano de 1971.

Até o ano de 1995, a Escola Estadual Professor Altino Arantes atendia em três períodos e todos os níveis de ensino, ou seja, desde a 1ª a 4ª, 5ª a 8ª série, e 1º a 3º colegial. Ainda neste ano, houve nova reorganização estadual de ensino e o ciclo I do ensino fundamental passou a ser oferecido exclusivamente pela escola Professor Pedro Sommerhauzer, que até este momento funcionava como Escola Padrão. Atualmente a escola continua operando nos três períodos, mas agora somente com os anos finais do ensino fundamental e ensino médio.

No início da formação da cidade, com cerca de 80% da população residindo nas zonas rurais, o município contava também com mais de vinte *Escolas de Emergência* nos bairros

fora da zona urbana. Professores de Quintana e da região se deslocavam diariamente para esses locais, para atender as crianças dos trabalhadores. De acordo com Fávero

Tratava-se de regularizar o ingresso das crianças na escola, solucionando os problemas que impediam o fluxo normal dos alunos, e promover a criação de “classes ou escolas de emergência” que possibilitassem a alfabetização e a iniciação profissional dos adolescentes e adultos analfabetos (FÁVERO, 2013, p.52).

Muitos dos moradores da cidade com mais de 50 anos, estudaram nestas unidades, que em geral compunham-se de apenas um professor, que lecionava para grupos multisseriados.

A seguir, uma lista com os nomes dessas escolas: *Escola de emergência do Goio-Gutch; Escola de emergência do Bairro Serrinha; 1ª Escola mista do Córrego Branco; Escola de emergência da Fazenda Resina; 1ª Escola de emergência da Fazenda Bom Retiro; Escola de emergência do Sítio Canta Galo; Escola de emergência da Fazenda Santa Melânia; Escola de emergência do Sítio Dois Irmãos; Escola de emergência da Fazenda São Pedro; Escola de emergência do Sítio Santo Antônio; Escola masculina do Sítio Boa Vista; Escola de emergência da Fazenda Santo Ubaldo; Escola Mista da Fazenda Cabrini; Escola de emergência do Sítio Barreirão (1ª e 2ª); Escola de emergência da Fazenda Brasília; Escola de emergência da Fazenda São José; Escola de emergência do Bairro Mirante; Escola mista da Fazenda Mercês; Escola de emergência da Fazenda Cascata.* As fotocópias digitalizadas dessas escolas encontram-se anexadas.

Muitas escolas eram pagas e para estudar, algumas crianças ainda tinham de se deslocar por vários quilômetros de suas casas todos os dias e levar comida, pois demoravam a retornar. Outro relato:

E de lá eu ia numa escolinha lá na Primavera pertinho de Paulópolis, eu os filhos do João Silvério, pai do Nilton, íamos a pé, dava oito quilômetros, uma pobreza... Trabalhávamos pra poder comer... iam uns dez moleques, passava o Córrego do Veado, perto do Mizoguti, e mamãe fazia almoço para o povo, tirava um caldeirãozinho de comida, e eu levava... Passávamos o córrego, tinha lambaris de monte, e a gente não tinha dinheiro para comprar uma vara pra pescar. Na escola, a gente entrava as oito e saía as onze, voltava meio dia e saía as três, eram dois turnos, chamava dona Amélia minha professora, uma moça branca...

- Sim, pra todas as séries, era uma professora só, e na época, papai pagava cinco mil reis, não tinha escola gratuita, saíamos da escola com pressa, passava no córrego, e improvisava uma varinha pra pegar lambari, trazia meio caldeirão..., e nossos pais, os chefes da família ficavam tudo trabalhando, tocando roça. (J.J.A- ex-prefeito de Quintana- 81 anos).

As escolas existentes nos bairros rurais e os primeiros grupos escolares possivelmente não tinham lugares destinados à leitura de livros literários. Na zona urbana, os relatos de pessoas que estudaram entre as décadas de 1950 e 1960, fazem algumas referências à leitura: muitos citam bancas de revistas, o cinema como meio de comunicação e a existência de uma biblioteca, cuja localização se fragmenta nessas narrações. Uma professora aposentada relembra:

A banca de revista do meu pai pra mim foi boa, porque eu lia muito gibi, Pato Donald, Mindinho nossa... Revista Contigo, Capricho, meu irmão Vanderlei lia que se matava, ria parecia bobo, era nosso divertimento.

Sobre o cinema

[...] Era tudo legendado, os nacionais eram pouco, e a gente com isso aprendia a ler rápido, mas o pessoal gostava mais do nacional porque tinha muito analfabeto aqui... Era o CINEPARATODOS o nome dele... Agora no bazar, tinha os fregueses, mas não era todo mundo não... Era só quem tinha um pouco mais de condição. (R.L- professora aposentada- 74 anos).

As bancas recebiam materiais como revistas e jornais, que chegavam todos os dias pelo trem e só depois eram vendidos no comércio, ou na própria estação. Alguns moradores contam lembranças sobre isso:

Nas décadas de 50 e 60 comprávamos as revistas no jornaleiro do trem quando íamos estudar em Pompeia (J.N- ex-morador da cidade- 75 anos)

Peguei um livro na biblioteca com a Dona Nice. Sei que tinha um prazo para entrega, mas fiquei um tempão com este livro. E aquela agonia: não queria entregar porque a multa era grande... E a cada dia que ficava com o livro mais a multa aumentava! Até que um dia resolvi entregar o livro, morrendo de medo da multa! Qual o quê, nossa querida "mãezinha" Nice não cobrou nada! (C.P. ex-morador da cidade - 64 anos)

A biblioteca pública **Nice Nery Machado da Costa**, assim chamada como homenagem a Dona Nice, está localizada atualmente no centro da cidade, no andar superior do prédio da rodoviária “Antônio Bombini Mesquita” e abriga também a unidade do Acesso São Paulo. Segundo os depoimentos, a “biblioteca” esteve instalada em vários lugares nos últimos 60 anos. Na década de 1980 era instalada nas dependências da Escola Estadual Professor Pedro Sommerhauzer, depois passou a dividir um prédio em Vila Campante junto com o Sindicato e FunRural, tendo ocupado mais dois prédios na cidade, até receber um local próprio, onde se encontra hoje.

Nos anos 2000, a biblioteca era bastante utilizada pelos estudantes em pesquisas escolares com base em livros, mas nos últimos 10 anos com avanço dos meios tecnológicos, a biblioteca tem recebido crianças e jovens apenas em atividades como confecções de cartazes e maquetes, apesar de ter sido recentemente reformada, e ter um bom acervo.

Hoje com 72 anos de emancipação política, a cidade de Quintana possuiu três escolas, cada uma responsável por um nível e ciclo escolares. São elas:

*Escola Municipal de Educação Infantil Neide Aparecida Sobreiro Lisboa, criada no ano de 1997, que atende crianças de 3 a 5 anos.

*Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Pedro Sommerhauzer, que atende também um polo do Centro Paula Souza (Etec Prof. Massuyuki Kawano- Tupã) no período noturno e oferece o curso de Recursos Humanos. Esta escola passou por processo de municipalização a partir de 2009 e foi reorganizada.

*Escola Estadual Professor Altino Arantes, que atende o ensino fundamental II e ensino médio.

2.3 Escola Estadual Professor Altino Arantes

A Escola Estadual Professor Altino Arantes, está localizada próxima à antiga linha férrea da cidade, quase na divisão entre os bairros de Quintana (1º centro) e de Campante (2º centro). Atende na Avenida Santos - nº 100, em frente ao Ginásio de Esportes da cidade, próxima da rodoviária e Prefeitura Municipal.

Figura 6



Escola Estadual Professor Altino Arantes atualmente

Fonte: Arquivo pessoal.

Atualmente a escola atende a alunos do 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental e 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. Recebe ao todo, 561 alunos, assim divididos: 300 do Ensino Fundamental regular, e 15 no ensino fundamental RC (recuperação intensiva), 209 do Ensino Médio, e 45 estudantes no EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O quadro de funcionários é composto por: 5 agentes de organização, 3 secretários, 2 cozinheiras, 2 gestores (diretor e vice), 1 coordenador, 1 professor no programa “**Escola da Família**”, e 42 professores. Trata-se de um espaço dividido entre: 10 salas de aula, 1 laboratório de informática (pelo projeto *Acessa São Paulo*), 1 biblioteca, 1 cozinha, 1 quadra coberta, 1 sala de professores, uma sala multiuso para atividades diversas, secretaria, banheiros (masculino, feminino e adaptado para portadores de necessidades especiais) e um quiosque para leitura e atividades diversas construído recentemente com recursos recebidos em participação do projeto PROEMI do governo federal.

Os estudantes utilizam com frequência a sala do *Acessa Escola*, mas atualmente este espaço fica disponível apenas sob supervisão dos professores em horário escolar, ou de um estudante universitário nos finais de semana, uma vez que não há mais um responsável (alunos monitores) pela organização e orientação de uso dos computadores como acontecia há cerca de três anos.

O programa “**Escola da Família**” continua a desenvolver projetos e atividades que promovem a interação entre estudantes, jovens, crianças e adultos moradores na cidade, em ações como: cinema na escola, esporte, artesanato, entre outras, todas direcionadas pelos universitários nos finais de semana.

Para disponibilizar o acervo da biblioteca (Sala de Leitura) aos estudantes, a Secretaria Estadual do Estado de São Paulo, disponibiliza por meio de “Projeto de pasta” (termo utilizado pela SSE), um docente portador de diploma de licenciatura plena com vínculo em qualquer dos campos de atuação. A atribuição ocorre por meio de resolução (SE 76, de 28-12-2017) e do processo podem participar os docentes inscritos seguindo a ordem de prioridade: I - docente readaptado; II - docente titular de cargo, na situação de adido, cumprindo horas de permanência na composição da jornada de trabalho; III - docente ocupante de função-atividade (categoria F) que esteja cumprindo horas de permanência correspondente à carga horária mínima de 12 horas semanais. Mas a designação para esta

função só poderá ocorrer se comprovada a inexistência de classe ou de aulas de sua habilitação/qualificação que lhe possam ser atribuídas, em nível de unidade escolar e de Diretoria de Ensino, de maneira que torna quase inviável o processo de atribuição e acarreta em dificuldades para as práticas de leitura nas escolas.

No ano de 2016 (momento em que a coleta de dados foi realizada), a biblioteca funcionava com uma professora responsável licenciada em Ciências e Matemática. O cargo de 32h aulas, era dividido e organizado entre os três turnos de atividade (diurno, vespertino e noturno) para atender aos estudantes e cumprir as atividades do programa “**Sala de Leitura**” estabelecidas pelo governo estadual. Esta organização também gerava alguns conflitos, pois os horários disponíveis não eram suficientes para receber todos os estudantes da escola.

Já no ano de 2017 a contratação de um professor responsável pela biblioteca da Escola Estadual Professor Altino Arantes foi inviabilizada porque os docentes da categoria F (termo usado pela SSE) da diretoria de Tupã, habilitados a participar da atribuição para esta função, encontravam-se todos com aulas obrigatoriamente atribuídas, de forma que a biblioteca permaneceu “parada”, durante todo o ano, sem os estudantes poderem ter acesso direto a ela.

A biblioteca da Escola Estadual Professor Altino Arantes conta com um acervo pequeno, mas diversificado. Contém então, livros literários e didáticos. Como a visita e retirada de livros literários está impossibilitada, alguns grupos de estudantes entram na biblioteca apenas para buscar livros didáticos e levá-los às salas de aula. Neste processo todo, pode-se destacar também que a biblioteca escolar, bem como a sala que reúne o acervo de livro dos professores, opera às vezes como um espaço de depósito (temporário) de outros materiais, devido à falta de espaço físico na escola, o que pode contribuir ainda mais para descaracterizar esse ambiente como espaço de leitura, tanto para estudantes, quanto para professores.

O acesso e a circulação de livros entre os professores e estudantes na escola, foram fomentados nos últimos anos também pelo programa “**Apoio ao Saber**”, do governo estadual, que entrega anualmente um Kit contendo três livros de literatura para cada aluno levar para a sua casa. A última edição deste projeto aconteceu em 2013. Esta pesquisa não tem esse objetivo, mas seria interessante conhecer o percurso e os usos que tais livros tiveram no cotidiano das escolas e entre os estudantes.

Esta breve contextualização da cidade e das escolas, entre elas, a Escola Estadual Professor Altino Arantes como campo de pesquisa, foi baseada em grande parte pelo uso de fontes orais, coletadas por meio de entrevista oral gravada, em diferentes modalidades, bem

como por materiais fragmentados. Por meio dela, é possível refletir sobre certa singularidade no percurso de formação da cidade, a qual envolveu projetos políticos e econômicos governamentais, as lutas de interesses dos grupos que deram início aos primeiros povoados, e ao cruzamento de vivências e fazeres dos fluxos de pessoas que ali chegavam em busca de melhores condições de vida.

Com relação às práticas de leitura nas primeiras décadas de formação do município, alguns moradores mais antigos relatam a existência de bancas de revista e a presença do cinema e da valorização do estudo na comunidade, no entanto, pelos relatos também se percebem contínuas mudanças de localização para o espaço destinado a biblioteca, o que perdura até os anos 2000. A construção da identidade cultural e social desta comunidade, no início um pouco dividida, e posteriormente, a evasão de algumas centenas de pessoas para outras localidades parece ter contribuído para a atribuição de um caráter provisório para o espaço da biblioteca (por exemplo), alguma espécie de **não lugar**, um espaço não habitado, tendo em vista os relatos de constantes mudanças de endereço e pessoas responsáveis. Dessa forma, percebe-se sempre um movimento de descontinuidade, tanto com relação aos espaços e a maneira como são organizados, quanto às políticas públicas em todas as dimensões, cujas mudanças e ideologias sempre resultam intermitências nas redes de ensino e por consequência em algumas práticas sociais com elas envolvidas.

Capítulo III

3. Questionário: o que dizem os participantes sobre a leitura?

Este capítulo descreve os dados da primeira etapa da pesquisa, que foi a aplicação do questionário semiestruturado. O objetivo desta intervenção consistiu em ter um maior conhecimento acerca das relações de leitura que os participantes vivenciam em casa e na escola. As respostas suscitam reflexões sobre as práticas culturais, dentre elas a de leitura, nestes dois ambientes e possibilitam delinear alguns traços das histórias de leitura de alguns participantes, cujas interações serão tratadas no capítulo seguinte.

A intervenção iniciou-se com 13 sujeitos (4 meninos e 9 meninas) que se dispuseram a participar da leitura e discussão da obra literária “Nós Três” de Lygia Bojunga, no mês de novembro de 2016. A aplicação de um questionário, composto por 24 questões semiestruturadas, tinha por intenção se aproximar das experiências de leitura dos participantes. Com base em suas respostas, pode-se observar como se dão algumas relações entre os jovens participantes e os textos, bem como os procedimentos de leitura, os suportes e a circulação destes objetos no ambiente familiar e na escola.

Os sujeitos, todos de 13 e 14 anos, vinham de vários bairros da cidade, alguns até um pouco distantes da escola, o que demonstra que havia uma motivação inicial a participar dos grupos de leitura, além de indicar a escola como lugar de encontro para os jovens e a necessidade de se promover oportunidades para que estudantes dessa fase escolar possam se integrar e ter acesso materiais de leitura literária.

O questionário foi respondido em um horário combinado, após a aula. Divididos em grupo, os participantes do grupo A: Manoel, Mário, Cecília, Clarice, Luiza e Sophia mostraram maior interação entre si, o que viabilizou a gravação em áudio (com consentimento) desse momento em que eles preenchiam o questionário no papel e discutiam as questões lidas. O grupo B, composto pelos participantes: Jane, Alice, Raquel, Maria Flor, Carlos e Helena, apresentou um pouco mais de resistência em colaborar com as informações, talvez porque não estavam tão acostumados a este tipo de interação. O estudante Ricardo, respondeu ao questionário, porém, depois não conseguiu continuar participando devido à organização dos horários.

A escolha de apenas alguns participantes para apresentação dos dados de maneira mais específica, contribui com o embasamento metodológico e propósito teórico de investigar maneiras de ler de estudantes dos anos finais do ensino fundamental a partir de algumas perspectivas de análise. Dessa forma, apresentam-se primeiramente algumas características sobre a história de leitura de seis participantes que pertenciam ao grupo focal A, conforme as respostas do questionário, com o objetivo de delimitar-lhes as concepções e práticas de leitura dos participantes, de seus familiares e professores, o que servirá como base para as análises acerca das *táticas* descritas no capítulo seguinte.

A descrição das informações advindas do questionário e da transcrição das interações (turma A), foram organizadas de maneira tornar a leitura e entendimento mais fluidos, por isso evitei expor respostas repetidas, o que não significa que elas não estejam também sendo analisadas e discutidas de maneira implícita nas interpretações para cada pergunta. As transcrições das respostas do grupo B, integram as descrições acerca das práticas de leitura em casa e na escola, mas não serão apresentadas como perfil e análises individuais (neste capítulo e no próximo) escolha que buscou melhor desenvolver a pesquisa.

3.1.1 Participante 1- “*Não consigo terminar de ler*”.

O estudante Manoel tem 14 anos de idade, e estuda no período da tarde no 9º ano B. É um aluno dedicado aos estudos, participa do projeto “Jovens Protagonistas” sob a coordenação da professora responsável pela biblioteca, bem como de apresentações escolares, grupos de teatro, toca violão, produz vídeos de paródias junto aos colegas entre outras atividades. Reside cerca de um quilômetro do centro da cidade e do prédio da Escola Altino Arantes. É filho de pais divorciados e vive com a avó paterna e a irmã. A avó tem 65 anos de idade, é aposentada e estudou até a quarta série. A irmã tem 21 anos, cursa faculdade de Administração e é estagiária.

O participante parece sempre ter sido incentivado ao estudo e a aprendizagem pela família da forma como é possível, visto que a avó não estudou muito e a irmã é apenas alguns anos mais velha. No 9º ano, Manoel é um aluno responsável com as atividades, “gosta sempre de tentar ser melhor e mais inteligente”, mas argumenta sempre que não gosta de ler, apesar de participar do projeto da biblioteca. Ele costuma criar expectativas em relação aos livros, para logo os deixar, justificando que estes não lhe prendem a atenção. Por outro lado, tem o hábito de ler pelo computador, que é uma leitura sempre mais ágil e fragmentada.

3.1.2 Participante 2 - “Compreensão”

A participante Sophia tem 13 anos e cursa o 8º ano- turma B, no turno vespertino. Matriculou-se na Escola Estadual Professor Altino Arantes no 2º semestre de 2016, pois antes estudava em uma escola particular na cidade vizinha. Reside no centro da cidade, na propriedade da família. Em sua casa moram duas pessoas, ela e a mãe, mas nas outras casas do terreno pertencente à família, moram ao todo 13 pessoas, entre avós, tios e primos. Embora os avós não morem na mesma casa que ela, a participante fica a sob a responsabilidade deles. A mãe da participante tem 36 anos e é professora.

A participante afirma não gostar muito de estudar, mas, matriculou-se na Escola Estadual Professor Altino Arantes porque tinha dificuldades na dinâmica da antiga escola, porém, vem se dedicando durante as aulas e tem se adaptado bem à rotina do novo ambiente.

Ela cita a avó como aquela que a incentivava a ler na infância e diz possuir muitos livros em casa, sendo que também recebe e compra livros pela internet, no entanto, afirma que tem dificuldades para *compreender* além de sempre querer saber logo o final dos livros.

3.1.3 Participante 3- “eles não têm nada de difícil é porque eu não sou acostumada...”

Luiza tem 13 anos, mora com os pais e a irmã menor e é aluna do 8º ano B, no período da tarde. Durante as aulas, costuma ser dedicada e ter bom comportamento, não apresenta problemas quanto à aprendizagem e sua matéria escolar preferida é matemática.

Nas respostas do questionário, Luiza deixa perceber um relacionamento não muito próximo à leitura: os livros que tem em casa são infantis, e neste ambiente, ela lê apenas a tarefa da escola com a ajuda da mãe, por outro lado, na escola ela diz não emprestar livros há muito tempo. Ela afirma: *os livros não têm nada de difícil é porque eu não sou acostumada então me dá sono ou preguiça*, dessa forma gosta de ler apenas os textos via celular e redes sociais.

3.1.4 Participante 4- “conhecer novas palavras”

Mário tem 14 anos e mora apenas com os pais que trabalham o dia todo e estudaram até 8ª série. Ele afirma que as pessoas em sua casa não têm o hábito de ler, a não serem rótulos e mensagens via celular. Em ambiente escolar, Mário é um aluno que atribui importância ao estudo e por isso sempre busca realizar atividades e aprender.

A leitura de livros para Mário parece estar ligada a aprendizagem, ao “conhecer novas palavras”, domínio da linguagem, ou seja, uma concepção de leitura instrumental. Quando criança, a mãe lia para ele, atualmente, ele parece tentar enfrentar a leitura de um livro, emprestando-os na biblioteca ou pelo *Tablet*, mas ainda assim, tem dificuldades porque a leitura mostra-se cansativa.

3.1.5 Participante 5- “em um texto longo, as palavras são difíceis”

Clarice tem 14 anos e mora com familiares (a mãe e irmãos). Naturais da região Nordeste do país, a família de Clarice passou por algumas cidades da região até chegarem a residir em Quintana. A participante tem um irmão que não terminou a escola e que segundo ela foi retido várias vezes e uma irmã de 12 anos que “adora ler principalmente livro de *Harry Potter*”, a qual ela parece admirar como estudante.

Na escola, Clarice não apresenta dificuldades de aprendizagem, se esforça para realizar atividades em classe e melhorar seu comportamento. A participante relata não ter livros em casa e não emprestar nenhum livro da biblioteca. Deduz-se então, que os gêneros textuais com os quais ela tem contato são revistas, os textos presentes em redes sociais, mensagens de celular e os livros didáticos. Como resultado disso, a participante afirma “*Um texto longo... as palavras são difíceis. Texto longo... odeio texto longo...*”.

3.1.6 Participante 6- “uma maneira de treinar para ler certo”

Cecília tem 13 anos e estudo no 8º ano B. Mora com os pais e irmãos, mas convive com os avós e tios, como vizinhos no mesmo terreno da família. Como referência de leitura

em casa a participante cita seu tio de 41 anos que é professor (pedagogo) e uma tia que é a funcionária responsável pela biblioteca na Prefeitura Municipal.

Na escola, a participante não tem dificuldades de aprendizagem e aplica-se durante as aulas. A leitura para ela é: concentração. Por isso, sente dificuldade ao ler “*devido às palavras que não conhece e o tanto de linhas*”, e também cita o fato de gostar de ler em voz alta, como ela argumenta: “*uma maneira de treinar para ler certo*”. Assim como Mário, a participante Cecília traz a voz marcante da influência do processo de alfabetização para a formação leitora.

3.2 Ambiente de leitura: em casa.

As primeiras perguntas direcionam-se para informações gerais sobre os participantes, como: nome, idade, ano escolar, período em que estudam e bairro em que moram. Na sequência, com a intenção de conhecer um pouco mais das práticas e usos de livros e objetos impressos no contexto familiar, foi proposto que os participantes as seguintes questões:

- 1-Quantas pessoas moram em sua casa?
- 2-Elas trabalham, estudam? Onde?
- 3-As pessoas que moram com você têm o hábito de ler?
- 4-O que eles leem? (Livros, revistas, folhetos, bíblia etc.).
- 5-Eles leem em voz alta? Ou em silêncio?
- 6-Alguém da sua casa lê para você?
- 7-O que ele/ela lê para você? Lembra-se de algum momento assim?
- 8-Quando você era criança, alguém lia livros, ou contava histórias para você?
- 9-E você, na sua casa, lê sozinho/a? Como é isso?
- 10-Você tem livros em casa? Quantos livros você tem?
- 11-Você tem algum cantinho da sua casa em que você costuma ficar enquanto faz a leitura?
- 12-Como você lê em sua casa?
- 13-Você tem livros em casa? Quantos livros você tem?
- 14-Sua família compra material de leitura (livros, revistas, gibis, etc.) para você?

O ambiente familiar da maioria dos sujeitos é composto por famílias não muito numerosas. Entre os 13 participantes que responderam ao questionário, 11 tem famílias com até cinco pessoas. Como exceção, dois sujeitos relataram ter famílias grandes, (irmãos, avós, tios, primos) morando todos no terreno da família.

Quanto à profissão, a maioria dos pais e familiares dos estudantes trabalham no ramo de prestação de serviços, como o comércio, prefeitura, e empresas da região, no setor industrial e agricultura. Três participantes citam profissões que exigem maior nível de escolaridade como: pedagogia, enfermagem e estagiário do setor administrativo. Alguns sujeitos também citam os avós, que são aposentados e ajudam os pais a cuidarem deles. No que diz respeito ao nível de escolaridade, os estudantes citam apenas os irmãos, alguns que ainda estudam, e muitas vezes já trabalham em paralelo com o ensino médio, ou abandonaram a escola. As respostas indicam também que os participantes não conhecem ou não gostam de falar do nível de escolaridade dos pais ou responsáveis.

A primeira pergunta do questionário era sobre os hábitos de leitura dos familiares dos participantes. Sobre isto, nove sujeitos relatam práticas de leitura, e quatro argumentam que não há esse costume em casa, conforme algumas respostas a seguir:

P4- As pessoas que moram com você têm o hábito de ler?

Só minha cunhada, ela lê folhetos e revistas. (Raquel-turma B)

Minha avó não é muito de ler, porém, minha irmã (estudante universitária) “lê de vez em quando livros, mas lê com frequência pelo celular: mensagens e textos. (Manoel- turma A).

As pessoas da minha família não têm o hábito de ler. (Mário- turma A).

Não, só tem o meu tio, porque ele é professor. (Cecília- turma A).

As respostas demonstram que os participantes observam poucos hábitos de leitura entre os familiares, sendo que os exemplos citados estão relacionados às rotinas de cada um. Como por exemplo, a irmã de Manoel, é estudante universitária (conforme a resposta para a pergunta dois), e os livros e textos os quais ela lê podem ser entendidos como os materiais de estudo. Já a resposta de Cecília parece atribuir o hábito de leitura do tio ao seu ofício de professor. Ainda nesta pergunta, destaca-se a resposta de Raquel, como a única que cita gêneros comuns à circulação doméstica como folhetos e revistas.

Nas respostas para a pergunta seguinte, que complementam a pergunta anterior, os participantes citam outros gêneros textuais que estão presentes no cotidiano da casa, como as mensagens de celular, os rótulos e os livros. Alguns participantes responderam:

P5- O que eles leem? (Livros, revistas, folhetos, bíblia etc.), e como eles leem? Em voz alta ou em silêncio?

Celular e alguns livros. (Manoel- turma A).

Livros e revistas. (Alice- turma B).

Bíblia, rótulos, SMS. (Sophia- turma A).

Livros não, mas meu pai diariamente lê rótulos de veneno para amendoim, e minha mãe mensagens pelo celular. (Mário- turma A).

Minha irmã adora ler, principalmente o livro de Harry Potter, ela gosta de pegar livro na escola. Minha mãe gosta de ler horóscopo, meu irmão geralmente não gosta de ler nada, só mensagens de celular mesmo. (Clarice turma A).

Pelas respostas, pode-se inferir a circulação de gêneros textuais em diversos suportes e funções sociais. A mobilidade proporcionada pelo uso do aparelho celular fez com que ele tenha se integrado a vida das pessoas e se tornado um hábito. No contexto da pesquisa, como os familiares trabalham o dia todo (conforme visto na pergunta um) de forma que a leitura através do uso de aparelhos celulares, via redes sociais e mensagens, torna mais dinâmica a organização da casa e dos filhos por esses pais e mães que necessitam se ausentar. Por outro lado, revela também a leitura nestes suportes direcionada para o entretenimento, ainda que este seja diverso do que é vivenciado diante da TV. Essas respostas permitem observar também certa necessidade de ler para se orientar durante as ações do dia a dia.

Nas respostas para as perguntas seguintes, os participantes abordam a leitura cada um à sua maneira:

P7. Alguém da sua casa lê para você?

P8. O que ele/ela lê para você? Lembra-se de algum momento assim?

Hoje em dia meus pais não leem para mim (Mário- turma A).

Não, porque eu não gosto.... Não tenho paciência. Kkkkkkk (marca de escrita das redes sociais- grifo meu). (Clarice- turma A).

Minha irmã lê alguns textos para mim raramente. Mas não me lembro de nada assim recentemente. (Manoel- turma A).

Às vezes minha mãe, lê a tarefa da escola (Luzia- turma A).

Sim, minha mãe e avó. A bíblia e um livrinho que se chama: "Pão diário".

(Ricardo- turma A).

Eles não leem nada não. (Helena-turma B).

Não, eles não leem para mim porque eu não peço. Não lembro o que minha prima lia para mim. (Raquel-turma B).

Não, nunca leram pra mim. (Carlos- turma B).

Nas respostas anteriores, alguns sujeitos se colocam como independentes da leitura dos adultos com ressalva da fala de Luiza, ao comentar que a mãe às vezes lê para ela as tarefas da escola. Para isso duas reflexões são feitas: que lugar ocupa em casa, as leituras relativas ao estudo escolar e o que leva a participante, que na escola mostra-se uma aluna responsável, a esperar a leitura da mãe em casa. Destaca-se também a fala de Ricardo que faz referência a leitura religiosa (catequética), muito comum em algumas práticas domésticas.

As representações em torno da leitura de histórias infantis para crianças costumam habitar o imaginário popular: fábulas, contos de fadas, histórias que “ensinam” o prazer de ler, aprendizado de novas culturas... Neste sentido, na pergunta seguinte, os sujeitos são questionados sobre as lembranças de leitura na infância. Nas respostas agora apresentadas, apenas dois participantes trazem uma resposta negativa, mas variados podem ser os sentidos para as respostas positivas:

P9-Quando você era criança, alguém lia livros, ou contava histórias para você?

Sim, minha avó. Histórias antigas e contos de fadas, contava histórias para eu dormir. (Sophia- turma A).

Quando eu era criança, minha mãe lia para mim para ensinar-me a ler.

(Mário- turma A).

Pelo que eu me lembro não. (Clarice- turma A).

Minha irmã lia livros pequenos para mim, e minha avó contava algumas também. (Manoel- turma A).

Sim, na escola a professora uma vez por semana fazia uma roda de leitura com toda a classe. (Alice- turma B).

Sim, minha mãe contava histórias para mim. (Raquel-turma B).

Não, só na escola. (Carlos- turma B).

Segundo Barbosa (2001, p.56-57) “práticas de leitura fundam-se em práticas anteriores, em transmissão cultural. [...] pela leitura, valores sociais são difundidos.”. As respostas anteriores sugerem lembranças de práticas que envolvem relações afetivas: a leitura imaginativa dos contos de fadas para a criança dormir, a leitura como alfabetização e aprendizagem, ou para desenvolver a formação leitora na escola e demonstram os diferentes valores atribuídos a leitura ao longo da experiência de cada um.

O que fazem os participantes da pesquisa em casa, em suas horas vagas e com o livro da biblioteca da escola na mochila? Ou seja, que práticas de leitura estes jovens estudantes do final do ensino fundamental realizam em casa?

P10-E você, na sua casa, lê sozinho/a? Como é isso? P11-Você tem algum cantinho da sua casa em que você costuma ficar enquanto faz a leitura? P12- Como você lê em sua casa?

Eu leio para mim mesma, olhando para o espelho, para as minhas bonecas, e ursos de pelúcia, no meu quarto, em voz alta. (Sophia- turma A).

Sim, pois consigo entender melhor a história, costumo fazer a minha leitura na sala de casa, em silêncio e deitado. Ah minha mãe me manda calar a boca... Eu quero ler para ela de vez em quando, ela me manda calar a boca...

Eu tenho um livro no tablet. (Mário- turma A).

Apenas pelo computador. Eu sempre me deito na minha cama...com o computador em cima da minha perna...raramente eu leio livros mesmo. Eu não consigo ler em voz alta, se eu falar eles brigam comigo... (Manoel- turma A).

Não, pois eu leio em voz alta para todo mundo. Leio em voz alta andando pela casa. Eles não gostam. Ah eu leio em voz alta, quem não quiser ouvir que fecha os ouvidos... Eu fico imaginando... eu leio em voz alta e fico imaginando... (Cecília- turma A).

Sim, apenas as tarefas, e como fico em redes sociais, alguns textos. Leio em silêncio e deitada. (Luiza- turma A).

Sim, as vezes pego livro na escola para ler em casa. Eu gosto de ficar lendo no meu quarto, meio deitada e em silêncio. (Helena- turma B).

Assim, é tranquilo, sem ninguém para te perturbar, porém, eu leio com um pouco de sono às vezes. Leio na sala ou no quarto, e em silêncio. (Ricardo- turma A).

Eu gosto de ler assim, na mente... (Clarice- turma A).

As falas indicam tipos de leituras diversos: a encenação da leitura para as bonecas, ou em busca de concentração e esforço, a leitura pelos meios digitais ou de livros, a leitura silenciosa e íntima ou do corpo que anda enquanto lê. Os participantes costumam atribuir a sensação de cansaço ou sono à leitura e não à posição corporal. Esses indícios demonstram também a relação do leitor com o espaço e os objetos que o compõem, como afirma Chartier (1991, p.181) “o fato de que a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência: é pôr em jogo o corpo, é inscrição num espaço, relação consigo ou com o outro.”

Embora alguns participantes citem alguns suportes (computador, celular, livro), não fica claro nestas respostas que gêneros são lidos nesses momentos em que se encontram sozinhos, em silêncio e deitados. Manoel, Mário e Luiza referem-se diretamente a leitura por aparelhos eletrônicos, enquanto Helena cita explicitamente o Livro como objeto de leitura. Como não lhes foi perguntado diretamente, os sujeitos enfatizam a maneira de ler e deixam implícito o que leem.

Possuir livros em casa não indica que os participantes de fato leem, entretanto, as perguntas abaixo ajudam a delinear a circulação de livros no cotidiano dessas pessoas comuns, que se misturam a tantas outras, nos espaços e ofícios diários. Dessa forma, os participantes responderam às perguntas:

P13-Você tem livros em casa? Quantos livros você tem? P14-Sua família compra material de leitura (livros, revistas, gibis, etc.) para você?

Sim 15, sim meu pai compra livros para mim (Alice-turma B).

Sim vários. Sim de vez em quando nós compramos gibis, livros não. (Maria Flor-turma B).

Eu tenho 5 livros em casa. Eu não gosto de pedir, mas às vezes minha mãe compra para mim revistas e gibis. (Raquel-turma B)

Vários, mais de 10 provavelmente. Às vezes meu pai compra um almanaque de livros de poesias. (Ricardo-turma A).

Uns 5, tudo de criança. Comprava Gibis. (Luiza-turma A).

Sim, tenho vários armários em minha casa. Comprava livros do Itaú. (Sophia-turma A).

Em média 32 livros. Aqueles da quarta série...Eu comprava gibi na padaria... (Mário-turma A).

Sim, mais ou menos 3. Aqueles livros “estão crianças...” [...]eu coleciono para dar para minha sobrinha. [...] Mas eu pego emprestado de um tio. O resto eu vou lá no Sommerhauzer³ e pego. (Cecília-turma A).

Não tenho livros em casa, mas eles compram revistas. Esses horóscopos... Tenho, história, geografia... (Clarice-turma A).

Sim tem uns três livros. Não compram. (Helena-turma B).

Sim, uns 13. Não compram. (Jane-turma B).

Tenho 15. Mas comprar não. (Manoel-turma A).

Não tenho livros em casa, e também não compram livros. (Carlos-turma B).

Entre os participantes, oito deles relatam ter de 3 a 15 livros em casa, fora dessa regra, Mário e Sophia possuem uma boa quantidade de livros ao contrário de Clarice e Carlos, que afirmam não possuir nenhum, apenas didáticos. A quantidade de livros nada indica sobre os hábitos de leitura, mas caracteriza o acesso a eles como dependente dos empréstimos na biblioteca da escola, ou municipal. Comprar livros em uma cidade interiorana como Quintana, supõe o tempo de se deslocar até cidades próximas, que possuem livrarias ou sebos. De outra maneira, os livros podem ser comprados pela internet, mas ainda é algo desconhecido da maioria dos pais e dos estudantes, uma vez que exige domínio dos meios tecnológicos para pesquisa e localização de obras em sites.

Os suportes textuais como revistas e gibis foram muito citados nas respostas para várias perguntas, talvez por terem acesso mais simples, e serem encontrados em bancas de revista, em terminais rodoviários, estabelecimentos comerciais como mercados ou padarias, ou ainda em catálogos de produtos cosméticos, em Quintana há alguns locais assim. Neste contexto, podem ser inseridos também os livros de caráter religioso (Bíblia e outros) e os livros de estudo, que podem ser facilmente encontrados. Destacam-se também, algumas referências a livros infantis, como a *coleção Itaú*, os *livros da quarta série* ou do *Sommerhauzer*, o que indica talvez uma descontinuidade no processo de apropriação de outros materiais de leitura mais complexos.

Que tipos de escrita aparecem no espaço doméstico? Em que sua presença modifica organização do espaço, do tempo e das relações? (CHARTIER,1998). Como síntese dessa parte dos dados, pode-se considerar que as situações que envolvem leitura em ambiente familiar, tem um caráter utilitário, próxima a gêneros textuais que fazem parte do cotidiano dos participantes e seus familiares, como: mensagens de texto, rótulos, panfletos, livros religiosos, e outros que são acesso e apropriação pelos leitores: revistas, gibis e livros infantis.

³ Referência a Escola Municipal Professor Pedro Sommerhauzer, de ciclo fundamental I, já citada no capítulo II.

A leitura de gêneros literários mais complexos é pouco citada, e embora os sujeitos possam de alguma forma ter acesso a eles, esses parecem não integrar o ambiente doméstico na maioria dos casos, talvez por carregarem valores institucionalizados pela escola e pela sociedade, o que faz refletir sobre o processo de transmissão cultural que se estabelece em torno da leitura literária na escola, e a situa como um produto que pertence e diz respeito a grupos sociais mais favorecidos econômica e culturalmente.

3.3 Ambiente de leitura: a escola

Para tentar delinear algumas práticas de leitura na escola em questão e ciente de que “as mensurações quantitativas, tanto quanto as tematizações ou categorizações qualitativas (com base em observações cursivas, entrevistas, questionários abertos, depoimentos etc.) são aproximações do fenômeno a ser estudado e o problema levantado, não são o próprio fenômeno” (GATTI, 2012, p.31), foram elaboradas perguntas que se referem a gostos e modos de ler, bem como memórias de leitura. Na visão dos participantes, existem dificuldades de leitura em ambiente escolar, bem como a falta de incentivo para esta prática por parte dos profissionais da instituição. As perguntas propostas foram:

- 15-Você gosta da escola? E de estudar? Quais matérias você mais gosta?
- 16-Os seus professores gostam de ler? Eles leem livros de histórias para vocês?
- 17-Alguém indica livros para vocês lerem?
- 18-Você gosta de ler? Por quê?
- 19-Na sala de aula você gosta de ler silenciosamente ou em voz alta?
- 20-O que você costuma ler na escola? Livros didáticos, gibis, mensagens na internet?
- 21-Você gosta de ler no computador ou no papel?
- 22-O que é mais difícil quando você lê um livro ou texto longo?
- 23-Você empresta livros para ler em sua casa, seja da biblioteca, da igreja, dos seus amigos ou professores?
- 24-Que livro você já emprestou? Consegue lembrar o nome dele? Você já leu algum livro que gostou muito? Qual era o nome dele?

Entre as respostas para a pergunta 15, encontram-se 12 participantes que afirmam gostar da escola, mas são relutantes em afirmar seu gosto pelo estudo:

- P15- Você gosta da escola? E de estudar? Quais matérias você mais gosta?*
Sim, não muito, gosto de português, geografia e matemática (Alice-turma B)
Sim, lógico. Português, geografia, educação física e matemática. (Maria Flor - turma B).
Sim, mais ou menos. Ciências, geografia e história. (Helena- turma B)
Eu gosto da escola só que não gosto de estudar não. Gosto de educação física, português e inglês (Raquel- turma B)

Sim, não muito. Português e Matemática (Jane- turma B)
Sim, gosto de ciências, educação física, português, matemática e história. O que eu mais gosto é de ciências (Ricardo- turma A).
Sim, eu gosto da escola e de estudar também. A minha matéria favorita é matemática (Luzia- turma A).
Sim. De estudar não muito. Ciências (Sophia-turma A).
Gosto da escola e de estudar, principalmente a ciência. (Mário- turma A).
Eu gosto sim, gosto de português, história geografia, ciências. (Clarice- turma A).
Um pouco, gosto de tentar ser sempre melhor, ou seja, mais inteligente.
Gosto de matemática e educação física. (Manoel-turma A).
Sim. Ciências, matemática, Arte e português. (Cecília-turma A).
Não. (Carlos-turma B)

Entre as matérias citadas como preferidas pelos participantes estão a disciplina de português, matemática e ciências, apesar de argumentarem não gostar tanto de estudar. As respostas apontam este espaço como ambiente de interação entre os jovens, e suscita a reflexão de quais práticas se dão diante da ausência da motivação para o estudo nas atividades escolares.

A pergunta seguinte direcionava-se para o estímulo à cultura leitora em ambiente escolar, sob o ponto de vista dos participantes de acordo com o que eles percebem na prática de seus professores, como aqueles que detém o saber leitor. Os excertos abaixo, apresentam algumas reflexões:

PI6-Os seus professores gostam de ler livros? Eles leem livros de histórias para vocês? Alguém indica livros para vocês lerem?

Não, com frequência não. (Alice-turma B).
Acredito que todos os meus professores gostam, mas ler, só professora de leitura. (Helena-turma A).
Sim eles leem para nós. Algumas vezes eles leem livros de história. Sim, tem professor que indica livros para eu ler. (Raquel-turma B).
Apenas dois professores que indicam: o de português e o substituto. (Luzia- turma A)
Sim, eu penso que eles gostam de escrever, mas ninguém recomendo nós a ler (Sophia-turma A).
Alguns professores não gostam de ler. E leem textos das matérias. O professor Antônio fala assim que se ele ler um texto para a gente ele vai morrer...Se a gente não lê ele pula... (Mário- turma A).
Eu acho que sim, mas não leem. Só professora Ana Estela. (Clarice- turma A).
Pelo que percebo ler muito não, mas alguns indicam. (Manoel-turma A).

Como as perguntas tocassem a figura do professor, alguns participantes tentaram suavizar as respostas, mas em geral, percebe-se que os sujeitos não observam essas práticas entre os professores, e por outro lado, têm o desejo de serem incentivados a ler, pois alguns citam como aqueles que estimulam a leitura apenas uma das professoras de português, a professora da sala de leitura e um professor substituto.

O que pensam os estudantes sobre práticas de leitura pode ajudar a compreender suas expectativas em relação ao livro e o percurso na qual elas foram criadas. Para a pergunta **“Você gosta de ler livros? Por quê?”**, entre as respostas: 6 estudantes apontam que gostam de ler, e justificam dizendo que isto é um ato de distração, de relaxamento, uma maneira de se tornar mais inteligente, ou concentração. Por outro lado, 3 estudantes apontam não gostar de ler, pelo fato de isto ser algo cansativo, ou por não terem paciência. E 2 explicam que isto varia conforme o assunto do livro.

P17-Você gosta de ler livros? Por quê?

Sim, me sinto mais relaxada lendo e gosto de conhecer histórias novas

(Alice- turma B)

Não muito porque eu canso. (Maria Flor -turma B)

Sim, porque me distrai um pouco. (Helena- turma B)

Não gosto muito de ler não, porque eu não tenho muita paciência de ficar lendo.

(Raquel- turma B).

Sim, acho que é uma boa distração. (Jane-turma B)

Sim, porque um dia quero ser a pessoa mais inteligente do mundo aí poderia descobrir curas e criar coisas. (Ricardo-turma A).

Não muito os livros, agora as mensagens eu gosto. (Luiza- turma A).

Depende do assunto eu gosto mais do livro. (Sophia-turma A).

Sim, porque gosto de conhecer novas palavras/ Dá um sono... (Mário- turma A)

Mais ou menos porque depende do livro. (Clarice-turma A)

Depende da história. Não conheço histórias suficientemente legais para me entreter... Eu começo a ler a história, não me prende... é bem raro algum livro... (Manoel-turma A)

Sim porque o livro pode fazer com que tenham mais atenção. (Cecília- turma A)

De acordo com Barbosa (2001, p.57) “os condicionamentos existem e a sua dinamização não pode ser desvinculada do contexto social específico, de sua historicidade.” Dessa maneira é que nas respostas dos participantes, percebem-se representações para o ato de ler muitas vezes difundidas na escola: como ler para relaxar, se distrair ou para se tornar inteligente. Entre aqueles que atribuem ao livro fato de gostarem ou não, observa-se indícios de expectativas em torno das leituras, que também podem ser “fabricados” na escola e contribuir para afastar leitores e livros, como por exemplo: “ler é bom”, “ler causa prazer”, ou seja, discursos que

estão impregnados de uma visão do poder da escola, de um poder funcional que tem o objetivo de ensinar a ler. Escapa-lhes, a ação humana. A escola passa a ser criadora do ato de ler que, dessa forma, se configura como algo dado, algo impessoal e não como uma produção humana. Assim, acontece a desumanização do leitor, o roubo da leitura. (BARBOSA, 1998, p.24)

Desenvolver o trabalho com a leitura em sala de aula envolve os saberes e concepções acerca do ensino do ato de ler, próprias de cada professor. Nos exemplos a seguir, cinco participantes afirmam ter preferência pela leitura em voz alta, demonstrando ser recorrente esse hábito em sala de aula.

P18-Na sala de aula você gosta de ler silenciosamente ou em voz alta?

Gosto de ler em voz alta. (Raquel-turma B)

Voz alta. (Jane-turma B)

Em silêncio, pois tem gente que reclama. (Ricardo-Turma A)

Em voz alta porque em silêncio me dá sono. (Luiza-turma A).

Eu gosto de ler silenciosamente (Sophia- turma A)

Eu gosto de ler em voz alta para quebrar o clima chato da aula (Mário- turma A).

Gosto de ler silenciosamente, mas aí vem o abestado do professor em voz alta (Clarice-turma A).

Silenciosamente. Tem sempre a pessoa que faz isso, eu sou a pessoa que não gosta de ler, nem baixo nem alto... (Manoel-turma A).

Em voz alta, porque assim eu treino minha leitura para ler certo. (Cecília-turma A)

A leitura em sala de aula sempre ocorre em meio a tensões e conflitos. Naquele contexto, ler em voz alta, supõe organização e disciplina, uma vez que todo o grupo de alunos precisa se colocar na posição de escuta e acompanhamento do texto lido no papel. Já a leitura silenciosa, possibilita a individualidade e subjetividade de cada estudante leitor, porém duas questões se colocam: primeiro o fato de os estudantes acreditarem que necessitam da leitura do professor, ou em conjunto com a classe, pois sozinhos não entendem, segundo a crença de que na leitura silenciosa o professor passa a não ter mais controle sobre esse ato, por não conseguir ter certeza se os alunos estão a ler, ou não. Neste ponto, talvez se deva discutir também o papel do professor como formador de leitores, inserido em práticas de leituras “em instituições escolares que adquirem frequentemente, um caráter de obrigatoriedade.” (BARBOSA, 2009, p.37) bem como dos valores que são difundidos a partir desses comandos de ensino de leitura, ou seja,

A leitura aparece, então, primeiramente, como uma forma de controle do professor sobre o aluno. A imagem visualizada por este, por meio do professor, é a de que existem técnicas específicas, necessárias para o ato de ler, que ele (aluno) não conhece por serem atributos do professor e conhecidas apenas por este. Essa pressuposição leva-o à certeza de que aquilo que devia ser apreendido, via leitura, pode não corresponder ao que é esperado pelo professor, e aí estaria gerada a tensão. (BARBOSA, 1998, p.37)

Deve-se destacar também a resposta da participante Cecília, que ao afirmar que “a leitura em voz alta é um treino para ler certo”, deixa transparecer certa ausência de preocupação com o sentido dos textos que são lidos, conduta que pode se estender também a prática da leitura silenciosa, sempre que não houver imersão nos significados que se está lendo.

Se em casa, os gêneros mais comuns para a leitura são aqueles de fácil acesso como revistas e gibis, os participantes também foram questionados quanto aos gêneros textuais que mais aparecem na escola de acordo com o que eles observam:

P19-O que você costuma ler na escola? Livros didáticos, gibis, mensagens na internet?

Livros didáticos e coisas da internet. (Alice-turma B).

Livros, mensagem na internet. (Maria Flor- turma B)

Livros didáticos. (Helena- turma B) -(Jane- turma B)-(Clarice-turma A)

Livros didáticos e mensagens no celular. (Raquel- turma B)

Livros. (Nicolas-turma A)

Livros, textos e apostilas. (Luiza-turma A)

Mensagens na internet. (Cauã-turma A).

Didático. (Sophia-turma A)

Costumo ler mensagens nas horas vagas, em casa leio contos. (Mário-turma A)

Histórias da internet. (Manoel-turma A)

Livros didáticos e legendas. (Cecília-turma A)

Os livros didáticos, e mensagens de celular são as coisas mais citadas pelos participantes, representando também a tensão entre os materiais de leitura utilizados durante as aulas e o uso do aparelho celular, que por decreto legal é permitido em sala de aula apenas para fins pedagógicos. Em outro aspecto, segundo as respostas, não há a prática da leitura de textos literários neste ambiente, ou eles aparecem apenas inseridos nos materiais didáticos.

Os sujeitos foram questionados também sobre suas preferências entre ler no papel ou no computador. Os participantes em geral apontam o gosto pelo computador, ainda que não excluam a leitura no impresso:

P20- Você gosta de ler no computador ou no papel?

Os dois. (Alice- turma B).

Nos dois. (Maria Flor- turma B)

No papel. (Helena- turma B)

Gosto de ler no computador e no papel sim, para mim tanto faz ler no computador e no papel. (Raquel- turma B)

Computador e papel. (Jane- turma B)

No computador e celular. (Luiza- turma A)

Eu gosto de ler mais no computador. (Sophia- turma A)

Prefiro ler no computador. (Mário-turma A)

Geralmente no computador. (Clarice-turma A)

Eu sempre gosto mais do computador. Tem muito livro lá que eu li no Google “lê livros”. Eu não uso ler livros...É, eu vou lá no celular e pesquiso, aí aparece e eu vou vendo... eu coloco a luz no noturno. (Cecília- turma A)

Sobre esta relação, Chartier (1998) explica que a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. No entanto, a esta relação complexa das mudanças nas maneiras de ler devido ao suporte, expressa na dicotomia entre papel/computador, deve-se acrescentar a leitura na tela pelo celular, que é portátil e acompanha o leitor em todas as horas do dia, e qualquer situação.

Sobre as **dificuldades em ler um livro ou texto longo**, fonte de reclamações por estudantes de todos os níveis escolares, as respostas dos participantes são singulares e cheias de subjetividade:

P21- O que é mais difícil quando você lê um livro ou texto longo?

Muitas vezes quando estou lendo em silêncio, começo a pensar em outras coisas aí não entendo o que eu tinha lido. (Alice- turma B)

Quando tem umas palavras que não sei ler e porque são muito complexos. (Maria Flor- turma B)

Nos textos longos é ruim porque eu fico ansiosa para ver o final. (Helena- turma B)

O mais difícil para mim é compreender o que está querendo dizer, isso é mais difícil para mim, porque eu tenho dificuldade em entender o que está querendo dizer.

(Raquel- turma B)

O nervosismo. (Jane- turma B)

Interpretar, tenho bastante dificuldade. (Ricardo-turma A)

Não tem nada de difícil é porque eu não sou acostumada. Então me dá sono ou preguiça. (Luiza-turma A)

Compreender. (Sophia-turma A)

Um texto longo... as palavras difíceis. Texto longo...odeio texto longo... (Clarice-turma A).

Livros, pois eu gosto de ver tudo de uma vez e não consigo terminar os livros. (Manoel-turma A)

A complexidade das histórias... É igual o professor fala, se você lê um bom livro tem que ter um dicionário do lado... (Mário- turma A).

As palavras que eu não conheço e o tanto de linha. (Cecília-turma A).

Alguns participantes apontaram como dificuldade o fato de não conseguirem compreender, porque o texto tem palavras desconhecidas, ou difíceis. Essas afirmações parecem conduzir para a ausência de um saber ler, por parte dos sujeitos, mesmo estes sendo estudantes já ao final do ensino fundamental. Outras respostas trouxeram aspectos como a distração durante a leitura, e a ansiedade por terminar logo um livro, o que as vezes faz com que se abandone a leitura. Por outro lado, a visão dos participantes sobre o que seriam as suas

dificuldades de leitura revela certa distorção nas concepções construídas por eles durante o processo de formação escolar em relação a essa prática, uma vez que os aspectos por eles apresentados são normais para todo o que lê, e, portanto, não deveriam impedir que se continuasse a ler, o que faz refletir sobre a projeção que o leitor faz acerca de suas dificuldades de leitura, “tomando-as como “verdades” estabelecidas institucionalmente [...] o que se constitui uma brecha para que se legitime a discriminação social entre indivíduos ou grupos na sociedade.” (BARBOSA, 1998, p.14-30).

Conceber a leitura como algo que exige muito, porque é difícil, talvez possa afastar leitores e livros. Sobre a busca por livros, metade dos sujeitos disseram que não emprestam. Os demais, disseram emprestar na biblioteca,

P22-Você empresta livros para ler em sua casa, seja da biblioteca, da igreja, dos seus amigos ou professores?

Sim, da biblioteca e dos meus amigos. (Alice- turma B)

Sim, na biblioteca da escola. (Helena- turma B)

Sim, em pego da escola só que muitas vezes que eu pego eu não leio o livro.

(Raquel- turma B)

Sim, da biblioteca. (Ricardo-turma A)

Sim, quase todos os lugares. / Você pede para o professor de português para ver se ele deixa você sair... (Manoel-turma A).

Nunca emprestei livros. Faz muito tempo que não leio, eu não lembro.

(Luiza-turma A).

Não, as professoras não deixam... Eu nunca li um livro inteiro. (Clarice- turma A).

É se a gente não pede para o professor para deixar a gente ir, eles nem tocam no assunto, parece que nem existe biblioteca...Eu não empresto livro nunca mais pra ninguém, uma vez eu emprestei um livro que tinha acabado de comprar, eu terminei de ler ele, eu emprestei ele para o pessoal fazer um projeto, até hoje eles não devolveram. (Sophia- turma A).

A gente pede, mas “eu não sou professor de português”, tem que pedir pra ela... (Cecília- turma A).

Chama atenção o fato de 6 sujeitos afirmarem não emprestar livros na escola, mais um indício de que não há este hábito entre uma grande parte dos alunos. Nesta escola, esta situação envolve questões de organização da biblioteca, tanto entre o corpo docente e as regras internas, como pode ser observado nas respostas dos participantes Manoel, Clarice, Sophia e Cecília, quanto a disponibilização de um profissional para este trabalho como já foi citado no capítulo anterior.

Nas respostas seguintes, alguns sujeitos se contradizem, quando lhes é pedido que citem alguns livros que já leram ou estão lendo, o que perceber a presença de títulos que circulam nos veículos midiáticos, em propagandas e filmes, como os livros de séries:

P23-Que livro você já emprestou? Consegue lembrar o nome dele? P24Você já leu algum livro que gostou muito? Qual era o nome dele?

Estou lendo um estou adorando ele: “O querido John”. (Alice-turma B).

Já peguei vários livros só que não consigo lembrar os nomes deles não, já li sim e nesse livro eu me identifiquei muito, só que não lembro o nome dele. (Raquel-turma B)

Aquele lá, “O menino do pijama listrado, listrado. / Eu gosto daqueles livros lá da Mônica... (Clarice-turma A).

“A culpa é das estrelas” e vários outros que não me recordo. (Sophia-turma A)

Já emprestei o “Ágape”. Lembro que gostei do livro “Em busca da Serra do Mar”. Livro para mim tem que ter pelo menos uma, uma ilustração. (Mário-turma B).

Nunca entre emprestei livro, não tenho um que goste tanto, mas o melhor foi o “Pequeno Príncipe”. Livros de aventura, com herói, normalmente eu gosto que termine de um jeito diferente, inesperado... (Manoel-turma A).

Nenhum pois tenho medo de não devolver. Sim, “Cinquenta tons mais escuros”. Tem o livro que minha mãe ia comprar, mas ainda não chegou o catálogo. (Cecília-turma A).

Possuir o livro em casa não significa hábito de leitura, da mesma maneira que emprestar um livro para ler, não indica o uso que se faz dele, nem como objeto material, nem como objeto simbólico, ou muito menos o sentido. Na escola, as práticas de leitura se fabricam em meio a tensões e subversões, as quais incluem os suportes e seus usos (livro, celular, livro didático) e as relações pretendidas entre estudantes, professores e outros funcionários.

Após conhecer um pouco o perfil de leitura desses adolescentes, pode-se refletir sobre alguns pontos que indicam a maneira como práticas de leitura, livros e outros suportes aparecem em ambiente familiar e no contexto escolar.

Os hábitos de leitura, ou manuseio dos objetos para a leitura, agora também bastante ligados a tela do computador e do celular, citados várias vezes pelos participantes, novamente conduzem para a reflexão de que é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que “não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor.” (CHARTIER, 1991, p.182).

Outro ponto importante, é o fato de que talvez o incentivo à leitura é mais fácil de ser enfrentado com relação ao livro infantil do que em relação aos livros “para adultos ou jovens” e que a família passa por esse conflito, ou seja, como incentivar a ler ao filho ou filha adolescente, se também os pais não conseguem vencer suas barreiras para com a leitura? Ainda mais complexo se torna esse processo, diante das atividades diárias de cada um, bem

como do avanço dos meios tecnológicos, marcante para as novas gerações e da mediação que nesta relação exercem as redes sociais.

No contexto escolar, os participantes deixam entrever que não percebem a leitura de livros entre os professores, os quais segundo os sujeitos, leem apenas os materiais didáticos e não os incentivam a ler. Esta realidade, reflete a problemática que envolve as políticas de formação de leitores, além da ideia de que as vezes nem mesmo os professores de literatura e da área da língua portuguesa são leitores frequentes, os quais por algum motivo, interrompem sua relação com a leitura devido as inúmeras questões complexas que circundam o trabalho como professor, tais quais: a falta de tempo, ausência de oportunidades, ou uma má formação como leitor. A esta situação, se acrescenta a precariedade na dinâmica das bibliotecas escolares em relação ao estímulo a leitura, e o quanto elas são importantes para o aprendizado do leitor.

Em sua maioria, os estudantes dos anos finais do ensino fundamental da Escola Estadual Professor Altino Arantes não possuem intimidade com o universo da leitura literária, tendo acesso aos livros apenas pela biblioteca escolar, a qual também não é muito frequentada. Os estudantes não são incentivados a ler em casa pelos familiares, mas também não tem grande estímulo neste sentido na escola, e ficam assim, sozinhos na aventura de se tornar leitor, o que representa que, ainda que os professores detenham o saber necessário, seus hábitos de leitura são próximos aos dos familiares dos participantes.

Em geral, pode-se inferir que não há hábito de leitura relacionado aos livros, mas cabe destacar que 4 participantes de um grupo de 13, citam um título que leram e gostaram, ou seja, cerca de 30 % dos sujeitos, o que costuma diferir dos jovens desta faixa etária. Por outro lado, não se pode dizer que a leitura não desempenha papel importante na formação destes estudantes, uma vez que 11 sujeitos se mostram envolvidos com as atividades escolares, e com a busca pelo conhecimento em processo de desenvolvimento escolar.

CAPÍTULO IV

4. TÁTICAS: USOS E SABERES E APROPRIAÇÕES.

“Corre, corre furão, mil maneiras de fazer com.”

Certeau

Este capítulo busca indicar nas maneiras de ler dos participantes os usos, saberes e apropriações da obra e da situação de leitura, a partir do conceito de *táticas* proposto por Michel de Certeau (1998). Apresentam-se então, as transcrições das leituras realizadas durante o grupo focal (turma A), composto por seis leitores de 13 e 14 anos da Escola Estadual Professor Altino Arantes.

Para contemplar o eixo de análise, primeiramente se põe em questão as especificidades acerca dos estudos sobre *Estratégias* segundo Certeau (1998) e *Estratégias de Leitura* conforme Solé (1992), Kleiman (1992), e Souza; Giroto (2010), em contraponto ao conceito de *táticas*, também segundo Certeau, de maneira que fique bem situado o ponto de vista pelo qual se propõe e se analisa os dados levantados durante a pesquisa, nas próximas páginas.

4.1 Leituras táticas: entre estratégias e estratégias.

Em *A invenção do cotidiano*, Michel de Certeau, formula o conceito de *táticas versus estratégias*, os quais permitem pensar a relação entre os usos e consumos no interior das vivências de toda e qualquer situação comum. As práticas cotidianas do *homem anônimo*, tornam-se então, um jogo entre a sobrevivência do fraco e os mecanismos para se manter no poder daqueles que exercem dominação.

Por *estratégias*, entende-se “[...] o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente. [...]” (CERTEAU, 1998, p. 46), elas dizem respeito ao que é posto, ou imposto, explícita, ou implicitamente pelos que ocupam a posição de dominantes, as regras pelas quais a ordem é mantida, e a realidade social preservada. Por esse prisma, a “sociedade de massas”, capitalista e tecnocrata, atua então como certa forma de padronização dos gostos e desejos dos seres humanos, ao estimular incessantemente o consumo. A mídia e a propaganda, principais

elementos de massificação dos sujeitos, geram uma “grande marginalidade de massa que não é mais a de pequenos grupos [...], mas se tornou maioria silenciosa.” (CERTEAU, 1998, pág. 44).

As *táticas*, por outro lado, são a arte da subversão, dos golpes mudos, palavras, ações nas quais o dominado ancora sua sobrevivência. A sua única força reside na inventividade, que constitui o conjunto de operações realizadas para [...] tirar partido de forças que lhe são estranhas. [...] . Oportunidade de reverter a situação [...] a tática não tem por lugar senão o do outro, e por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. [...]” em que consumo se torna então, uma apropriação. (CERTEAU, 1998).

O conceito de *táticas* foi pensado por Michel de Certeau, com o objetivo de explicitar a combinatória de operações que compõem uma “cultura”, bem como os modos de ação com que os usuários (consumidores) inventam o cotidiano (CERTEAU, 1998).

À ideologia inerente ao sistema de produção-consumo, o autor compara as representações criadas em torno do par escritura-leitura, em que as relações de poder que ancoram as práticas escriturísticas da sociedade, a colocam em uma posição hierárquica onde saber escrever é mais importante que saber ler, fazendo parecer que uma depende da outra. No entanto, a leitura é apresentada pelo teórico por outro ponto de vista. Certeau discute a pretensão dos "produtores" de informar uma população, isto é, "dar forma" às práticas sociais, o que faz com que a leitura fique obliterada por uma relação de forças (entre mestres e alunos, produtores e consumidores) das quais ela se torna o instrumento de exclusão. A utilização de um livro por pessoas privilegiadas[...] levanta entre o texto e seus leitores uma fronteira. (CERTEAU, 1998). Uma concepção de leitura que acredite que os consumidores (nesse caso os leitores) são passivos diante do que lhes é oferecido, é refutada pelo autor.

Segundo a pesquisadora Anne Marie Chartier (1998), em Certeau,

Essa subversão da oposição entre produção e consumo faz do ato de leitura o paradigma da atividade tática. O leitor caça em terras alheias, demarca com os olhos, com o dedo, com o franzir das sobrancelhas, com o sorriso, seus caminhos em busca do sentido. Sob a contingência, sem dúvida, e no espaço próprio do texto, ele elabora - como quer ou como pode - sua leitura do texto: um novo texto. Existem assim estilos de leitura, como existem estilos de lazer e de conversação. (CHARTIER, 1998, p.33).

Se a leitura é para o autor o modelo da atividade tática, ela se opõe às *estratégias*, ou seja, a toda e qualquer forma de conquistar para si um lugar próprio e autônomo, exercer uma prática panóptica, poder que vem antes de um saber, que capitaliza vantagens, planeja e

controla ações. Para Certeau a leitura é, portanto, uma **atividade criadora**, em que as maneiras de ler e extrair sentido das formas gráficas a frente torna o livro uma construção também do leitor, “os quais inventam, combinam e criam. Leituras plurais, feitas de ausências, avanços e recuos, pelas táticas e jogos com o texto” (CERTEAU, 1998, p.271), mas que se inserem numa constante tensão:

A leitura ficaria então situada na conjunção de uma estratificação **social** (das relações de classe) e de operações **poéticas** (construção do texto por seu praticante): uma hierarquização social atua para conformar o leitor à "informação" distribuída por uma elite (ou semi-elite): as operações de leitura trapaceiam com a primeira insinuando sua inventividade nas brechas de uma ortodoxia cultural. Destas duas histórias, uma esconde aquilo que não é conforme aos "mestres" e lhe torna invisível; a outra o dissemina nas redes do privado. Ambas pois colaboram para fazer da leitura uma incógnita de onde emerge de um lado, teatralizada e dominante, a única experiência **letrada** e, do outro, raros e parcelados, à maneira de bolhas que sobem do fundo d'água, os índices de uma poética **comum**. (CERTEAU, 1998, p.268)

O autor não nega o fato de que a leitura se insere em um sistema que é imposto. No caso desta pesquisa, um grupo de jovens foi formado para leitura partilhada de uma narrativa de literatura juvenil e nesta situação entende-se que estratégias e táticas se cruzam na interação entre os participantes (estudantes ao final do ensino fundamental, adolescentes não acostumados a ler livros), e a mediadora da atividade, uma professora de língua portuguesa, também sob o papel de pesquisadora, que representa ainda que não queria, todas as imposições com que as práticas de leitura são instituídas na escola. Nesta relação em que tensões se formam, as subversões dos leitores, operam, no entanto, não só em direção às perguntas e intervenções feitas pela professora, mas também sob a imposição do próprio texto, visto que o leitor o coloca no lugar de um estrategista, ou seja,

Para o leitor, o texto é um lugar em que a escrita está depositada, está aí. Para ele o escritor será sempre um estrategista que dispõe no lugar próprio (a página) um exército armado de signos, ordenado segundo efeitos desejados e que deverá "cativar" os que colocam os olhos sobre ele. O autor é, então, necessariamente autoritário, investido da inelutável autoridade do texto que fala indefinidamente por ele, na sua ausência, pelo simples fato de que o que foi feito por escrito perdura e se capitaliza (CHARTIER, 1998, p. 32).

Realizadas estas considerações acerca das estratégias e das leituras táticas para Certeau importa observar que algumas das práticas presentes nas análises deste capítulo,

parecem remeter ao universo das *Estratégias de Leitura*. Para problematizar essas possíveis associações ou dissonâncias, busca-se refletir sobre os estudos desta área, a partir de alguns pesquisadores, os quais tem destaque no cenário brasileiro.

Nos últimos 30 anos, muitos estudos vêm sendo realizados por meio da abordagem das Estratégias de Leitura, como maneira de se criar ou possibilitar um contexto favorável para o ensino do ato de ler, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Esse ponto de vista metodológico concebe o ato de ler como ações metacognitivas, que levam os estudantes a compreensão e apropriação dos textos lidos. Essa breve discussão se refere aos estudos de Solé (1992), Kleiman (1992), e Souza; Girotto (2010), mas entende que há inúmeros outros pesquisadores, principalmente no cenário norte-americano.

Isabel Solé, professora do Departamento de Psicologia Evolutiva e da Educação na Universidade de Barcelona, na Espanha, orientadora de pesquisas sobre o ensino e a aprendizagem da leitura, publicou em 1992 o livro *Estratégias de leitura* com o objetivo de colocar ao alcance dos professores de educação básica uma metodologia para o ensino de leitura que promova o planejamento de estratégias específicas para levar os alunos a lidarem com esta competência cognitiva no contexto escolar.

Para a pesquisadora, “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto em busca de um propósito ou finalidade” (SOLÉ, 1992, p.22) e a compreensão acontece quando ele utiliza seus conhecimentos de mundo e os conhecimentos do texto. De forma que “Controlar a própria leitura e regulá-la, implica ter um objetivo para ela, assim como poder gerar hipóteses sobre o conteúdo que se lê. [...]. Por isso a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam a construção de uma interpretação.” (SOLÉ, 1998, p.27).

Com base nessa concepção de leitura, a autora argumenta que é preciso ensinar as estratégias de leitura aos estudantes como procedimentos, objetivos claros e ações planejadas. De acordo com o livro:

Um componente essencial das estratégias é o fato de que envolvem auto direção - a existência e um objetivo e a consciência de que este objetivo exige autocontrole, isto é, a supervisão e avaliação do próprio comportamento em função dos objetivos que o guiam e da possibilidade de modificá-lo em caso de necessidade. Compartilho com Valls (1990) a ideia de que as estratégias se situam no pólo extremo de um contínuo, cujo pólo oposto conteria os procedimentos mais específicos, aqueles cuja realização é automática e não exige o controle nem o planejamento prévio que caracteriza as primeiras. Outros autores (Nisbet e Shucksmith, 1987) se exprimem de forma similar, quando se referem às microestratégias (para nós, habilidades, técnicas, destrezas^{1,...}) como processo executivos, ligados a tarefas muito concretas, e concedem às macroestratégias (nossas estratégias) o caráter de

capacidades cognitivas de ordem mais elevadas, intimamente relacionadas à metacognição- capacidade de conhecer o próprio conhecimento, de pensar sobre nossa atuação, de planejá-la- e que permitem controlar e regular a atuação inteligente.(SOLÉ, 1998, p.69)

Assim sendo, para ter como ponto de partida a motivação de leitura em crianças, a autora acredita que é necessário organizar atividades significativas e motivadoras. Solé (1998) organiza o ensino de estratégias de compreensão leitora em uma dinâmica de passos a serem seguidos que se norteiam pela ordem: **antes da leitura** (estabelecimento de previsões sobre o texto, formulação de perguntas sobre ele, promover as perguntas dos alunos sobre o texto), **durante a leitura**, em que se realiza uma leitura compartilhada

O professor e os alunos devem ler um texto, ou um trecho de um texto, em silêncio (embora também se possa haver leitura em voz alta). Depois da leitura, o professor conduz os alunos através das quatro estratégias básicas. Primeiro se encarrega de fazer um resumo do que foi lido para o grupo e solicita sua concordância. Depois pode pedir explicações ou esclarecimentos sobre determinadas dúvidas do texto. Mais tarde formula uma ou algumas perguntas às crianças cuja resposta torna a leitura necessária. Depois dessa atividade, estabelece suas previsões sobre o que ainda não foi lido, reiniciando-se deste modo o ciclo (ler, resumir, solicitar esclarecimentos, prever) (SOLÉ, 1998, p. 119)

Por fim, a autora disserta sobre os procedimentos para o ensino de estratégias **depois da leitura** (identificação da ideia principal, elaboração de resumo e formulação de perguntas e respostas). Todas estas ações, na visão de Solé, ajudam os estudantes a utilizarem os conhecimentos prévios, a realizarem inferências e compreenderem o texto.

No contexto brasileiro, alguns pesquisadores da área de leitura e letramento, também propõem o ensino baseado em estratégias de leitura como maneira de pensar alternativas para o desinteresse do aluno pelo ato de ler e suas consequências no contexto escolar.

Ângela Kleiman, professora titular da Universidade de Campinas, com experiências em trabalhos em linguística, letramento e formação dos professores, argumenta no livro *Oficina de Leitura* que “muitas das práticas do professor no período após a alfabetização sedimentam as imagens negativas em torno do livro e da leitura desse aluno, que logo passa a ser mais um não-leitor em formação.” (KLEIMAN, 2002, p.16). A compreende a leitura como um ato individual para o qual uma proposta metodológica, que privilegie a leitura tradicional e autoritária do professor ou do livro didático, só pode deixar de ser incoerente por um ensino baseado em estratégias de leitura sempre aliadas ao desenvolvimento de habilidades linguísticas. As estratégias são assim definidas por ela:

Quando falamos de ESTRATÉGIAS DE LEITURA, estamos falando de operações regulares para abordar o texto. Essas estratégias podem ser inferidas a partir da compreensão do texto, que por sua vez é inferida a partir do comportamento verbal e não verbal do leitor, isto é, do tipo de respostas que ele dá a perguntas sobre o texto, dos resumos que ele faz, de suas paráfrases, como também da maneira com que ele manipula o objeto: se sublinha, se apenas folheia sem se deter em parte alguma, se passa os olhos rapidamente e espera a próxima atividade começar, se relê. (KLEIMAN, 2002, p.49).

A autora organiza ainda as estratégias em: metacognitivas (operações que partem de um objetivo e controle consciente), e cognitivas (operações inconscientes do leitor, espécie de conhecimento implícito, quase impossível de ser verbalizado pelo leitor). Os processamentos em nível cognitivo, são considerados operações de nível inferior, [...]que se apoiam, basicamente, no conhecimento das regras gramaticais (regras sintáticas e semânticas de nossa gramática interna, ou implícita. que não têm nada a ver com a gramática escolar) e no conhecimento de vocabulário (que subjazeria de alguma forma ao reconhecimento instantâneo das palavras do texto) (KLEIMAN, 2002).

O desenvolvimento da capacidade leitora, a partir do proposto por Kleiman, consiste no trabalho com modelagens que se utilizam das estratégias metacognitivas, ou seja, que propiciam condições ao leitor de tornar-se proficiente para realizar uma leitura flexível e independente. Segundo a pesquisadora, o professor pode criar condições para o estudante fazer previsões e estabelecer hipóteses a partir de seu conhecimento de mundo:

A característica mais saliente do leitor proficiente é sua flexibilidade na leitura. O leitor experiente tem duas características básicas que tomam a sua leitura uma atividade consciente, reflexiva e intencional: primeiro, ele lê porque tem algum objetivo em mente, isto é, sua leitura é realizada sabendo para que está lendo, e, segundo ele compreende o que lê, o que seus olhos percebem seletivamente é interpretado, recorrendo a diversos procedimentos para tornar o texto inteligível quando não consegue compreender. Consideramos que a segunda estratégia, chamada de automonitoração da compreensão, será desenvolvida naturalmente, uma vez que o leitor tenha objetivos para sua leitura. (KLEIMAN, 2002, p. 51)

Por outro lado, o trabalho supõe o desenvolvimento de habilidades linguísticas cujo ensino envolve atividades com textos que visem “desenvolver a capacidade do aluno para usar seu conhecimento gramatical implícito (morfo-sintático e semântico) e a sua capacidade de identificar palavras mediante reconhecimento visual instantâneo.” (KLEIMAN, 2002, p. 66). Entre as habilidades linguísticas por ela elencadas, pode-se destacar: a capacidade para

perceber a estrutura do texto, inferir a intenção, a atitude do autor, a capacidade de fazer paráfrases do texto, entre outras.

Em diálogo com os trabalhos de Kleiman, mais recentemente, outros pesquisadores têm proposto a aplicação das estratégias de compreensão leitora como alternativa metodológica para a educação literária. Souza e Girotto (2010) apresentam a leitura por meio de estratégias de leitura “como ações que possibilitam ao pequeno leitor a apropriação da capacidade leitora, tendo por concepção, a metacognição como conhecimento do processo de pensar” (PRESSLEY, 2002, *apud* SOUZA; GIROTTTO, 2010, p.46). A compreensão se torna possível a partir de “uma leitura decodificadora (quando o leitor lê frase por frase, palavra por palavra) e de outra maneira, quando se apreende as estratégias que o fizeram entender o que leu.” (SOUZA; GIROTTTO, 2010, p.46).

Segundo essas pesquisadoras, para instrumentalizar as ações de pensamento do aluno, é necessário que ele tenha consciência de suas ações de leitura, e para isso, é função do professor promover a possibilidade do diálogo, para que o leitor fale sobre seus pensamentos, e possa então, debater ideias, fazer previsões, e ampliar significados. As autoras, propõem como conjunto de estratégias de leitura: conexões, inferências, visualização, questionamento, síntese e sumarização, ações cujo objetivo é orientar os pequenos leitores em suas maneiras de proceder **antes, durante e depois da leitura**.

As estratégias de *conexões* buscam fazer com que os leitores realizem ligações entre um conhecimento novo e um conhecimento já apropriado, assim, são estipuladas em: texto-leitor (exercício de conexão feitas entre o texto e a experiência pessoal); texto-texto (às ligações feitas entre o texto que a pessoa está lendo e outro já lido anteriormente); texto-mundo (conexão com uma experiência vivida por outras pessoas e de que o leitor tenha conhecimento)

Já a estratégia de *inferência*, baseia-se na metacognição, processo de conscientização acerca das ferramentas utilizadas para compreender o que se lê. Trata-se de estimular o leitor a recuperar informações e retomar conhecimentos prévios, a partir de pistas do texto, ou seja, significados de palavras ou evidências estruturais. Para que o aluno pratique essa estratégia, o professor precisa servir como modelo, e tornar explícito o movimento que fez para chegar à conclusão de algo.

A *visualização* como estratégia de leitura, também é apresentada como uma forma de inferir significados, uma vez que quando os leitores visualizam, estão elaborando significados ao criar imagens mentais, isso porque criam cenários e figuras em suas mentes enquanto leem,

fazendo com que eleve o nível de interesse, e assim a atenção seja mantida. (SOUZA & GIROTTTO, 2010, p.85). Como sugestões de atividades, as autoras propõem também: visualizar a partir de livros de imagens, livros e filmes; processo que ocorre em todas as etapas da leitura, e alia conhecimento prévio e detalhes do texto.

Souza; Girotto (2010, p 93) sugerem ainda as estratégias de *sumarização* e *síntese*. A primeira “como uma atividade que permite determinar a importância e buscar a essência do texto”, com o objetivo de fazer com que os leitores tomem melhores decisões conscientes sobre o que é mais importante lembrar (destacar informações e palavras). E a última, a *síntese*, a qual exige que os leitores movimentem as demais estratégias, indício de autonomia:

Sintetizar é mais do que resumir. Enquanto os leitores percorrem com os olhos as linhas do texto, o pensamento evolui. Eles adicionam novas informações para o que já sabem e constroem significados, reconfigurando o próprio texto. [...] a sintetização acontece quando os leitores relacionam a informação com o próprio pensar e modelam com seus conhecimentos. (SOUZA; GIROTTTO, 2010, p.103).

Acerca das especificidades das estratégias de leitura em relação as táticas, ainda acrescento a visão de Anne Marie Chartier (1996) no livro *Ler e escrever entrando no mundo da escrita*, também ao discutir a lógica e a compreensão das narrativas, argumenta que

Quanto mais o esquema seja conhecido, quanto mais a estrutura familiar, mais fácil será acompanhar a história. [...] No conjunto do que é dito e descrito, o leitor (a audiência, o espectador) não para de “selecionar” o que pode esquecer e o que deve, pelo contrário, guardar na memória até o final, se quiser “compreender” a sequência. Tal atitude, quer seja tomada conscientemente ou não, salienta bem uma espécie de visão “estratégica” da recepção (isto é, totalizante) e não simplesmente “tática” (ou seja, local), já que a triagem é feita de forma quase sistemática. (CHARTIER, 1996, p.139)

Pesquisadora também da obra de Michel de Certeau, a autora assim se posiciona em relação a necessidade de um ensino de leitura sistematizado, e argumenta que “quando um leitor “compreende”, ele relaciona alguns elementos do texto [...] graças à memorização dos esquemas e das estratégias de leitura.” (CHARTIER, 1996, p.138). Então, de acordo com ela, é necessário que se abra espaço para que os estudantes possam dialogar e verbalizar suas projeções, preparando-os em três direções:

Pesquisar indícios (para situar aquilo que vai ser abordado, mobilizar conhecimentos sobre o assunto, etc); evocar ou imaginar (para dotar-se

explicitamente de representações mentais de realidades ausentes, para aprender a utilizar essas representações, para saber comunicá-las, etc); enfim, tratar as marcas linguísticas de superfície como indicadores de sentido (para reconhecer num plural, num pronome feminino, no futuro de um verbo, não simples desinências gramaticais, mas também pistas semânticas). (CHARTIER, 1996, p.143).

Com base nessa breve revisão acerca das estratégias de leitura, compreende-se que para estes estudiosos a leitura é uma prática cultural, e por isso precisa ser ensinada, e através da intervenção do professor e da participação consciente do aluno no processo de aprendizagem de leitura, mas como práticas que também são institucionalizadas não se pode deixar de pensar nas tensões geradas a partir desse lugar social. Não é objetivo deste trabalho aprofundar essa perspectiva, uma vez que não trata de metodologias de ensino, mas é necessário que outras disposições sejam observadas, uma vez que para Certeau (1998, p.267-268) “A criatividade do leitor vai crescendo à medida que vai decrescendo a instituição que a controlava”.

Para a maioria dos estudiosos, as estratégias de leitura envolvem o desenvolvimento de um processo metacognitivo, ou seja, um controle consciente por parte do leitor de seu próprio pensamento e dos percursos e decisões que toma no momento de compreender um texto, no entanto, para Certeau, as ações do leitor tático, não são conscientes, segundo disserta:

Trata-se, como se costuma dizer, de um conhecimento que não se conhece. Este "fazer cognitivo" não viria acompanhado de uma autoconsciência que lhe desse um domínio por meio de uma reduplicação ou "reflexão" interna. [...] Trata-se de um saber não sabido. Há, nas práticas, um estatuto análogo àquele que se atribui às fábulas ou aos mitos, como os dizeres de conhecimentos que não se conhecem a si mesmos. Tanto num caso como no outro, trata-se de um saber sobre os quais os sujeitos não refletem. Dele dão testemunho sem poderem apropriar-se dele. São afinal os locatários e não os proprietários do seu próprio saber-fazer [...] há saber, mas inconsciente; reciprocamente, é o inconsciente que sabe. (CERTEAU, 1998, p 143-144-145)

De acordo com Certeau (1998, p.104) é como se esses saberes, “se encontrassem nas regiões remotas do ser vivo, como se vencessem não apenas as divisões estratégicas das instituições históricas, mas também o corte instaurado pela própria instituição da consciência”. Importa dizer que as maneiras de fazer as quais os sujeitos desta pesquisa praticam para permanecer neste jogo de tensão, aqui denominada táticas, antes de serem

ensinadas pelos professores como uma metodologia, de certa forma já se encontram lá, como uma atividade diversa da decifração das letras, vindas de uma memória cultural,

a criança escolarizada aprende a ler paralelamente à sua aprendizagem da decifração e não graças a ela: ler o sentido e decifrar as letras correspondem a duas atividades diversas, mesmo que se cruzem. Noutras palavras, somente uma memória cultural adquirida de ouvido, por tradição oral, permite e enriquece aos poucos as estratégias de interrogação semântica cujas expectativas a decifração de um escrito afina, precisa ou corrige. [...] O escrito apenas corta e cava na antecipação. (CERTEAU, 1998, p. 263-264)

Dessa forma, depreende-se que as estratégias de leitura como uma metodologia de ensino do professor, as quais se acredita que sejam importantes no contexto escolar, parecem caminhar no sentido de possibilitar aos estudantes a competência leitora, e o exercício de uma prática de leitura autorizada. As táticas de leitura, por outra perspectiva, referem-se aos *usos* que os participantes fazem, do livro e do texto a compreender, ou seja, a fabricação destes objetos pelos sujeitos (consumidores).

Nas situações de leitura e discussão analisadas na pesquisa aqui apresentada, o aporte teórico sobre estratégias de leitura pode estar correlacionado as maneiras de proceder da mediadora do grupo focal, a partir de sua formação e experiência como professora e pesquisadora, mas é importante ressaltar que o que está em análise são as maneiras de ler dos participantes, a forma como se colocam e os fazeres subversivos por eles praticados, quando rompem constantemente com o controle, tanto das intervenções da professora, quando do livro, do ambiente e das imposições que eles carregam a partir de vivências pessoais, uma vez que nas tensões das práticas de leitura escolares, a arte do fraco, nada pacífica e disciplinada, se inventa com mil maneiras de táticas não autorizadas (CERTEAU, 1998).

As táticas encontram-se então nas maneiras de ler e nas atitudes dos participantes durante as interações do grupo focal (turma A) e serão apresentadas aqui como *estilos de ações e leituras*, pensadas a partir das leituras de *A invenção do cotidiano*, obra que dá suporte a esta análise:

- Expectação de sentidos;
- Flutuações através da página;
- Intersecções de espaços e sentidos;
- Praticando metamorfoses;

- Astúcias diversas.

Essas maneiras de fazer e ler indicam alguns “pontos de vista” sobre as práticas e usos dos participantes para ler e compreender, visto que dificuldades em realizar a leitura são geralmente tidas como um obstáculo pelos estudantes no contexto escolar, e por isso, as situações de leitura na escola, de uma forma ou outra, afetam os sujeitos, estudantes na sala de aula ou leitores nesta pesquisa e fazem com que eles tenham que criar formas de “sobrevivência” de acordo com suas subjetividades e experiência de vida.

Antes de indicar essas táticas, descreve-se uma breve contextualização do início dos encontros de leitura com os participantes da turma A. Por questões de melhor direcionamento da pesquisa, como já foi dito, as participações do grupo B, não serão apresentadas.

Os encontros de leitura com grupo focal A (Manoel, Mário, Luiza, Cecília, Sophia e Clarice) aconteceram na segunda quinzena do mês de novembro, já quase no final do ano letivo e todo o corpo escolar, se preparava para finalizar as avaliações. Após a aplicação do questionário, teve início a leitura do livro *Nós três*, pela edição de 1987.

No início do primeiro encontro, foram deixadas espalhadas folhas em branco e lápis de escrever preto sobre a mesa da leitura, para que os participantes pudessem fazer anotações se o quisessem. Para traçar o conhecimento dos leitores sobre a obra escolhida, os participantes foram questionados quanto a já terem lido algum livro da escritora Lygia Bojunga, o que foi seguido pela explicação sobre o porquê da escolha do livro e uma breve apresentação sobre a biografia da escritora. Ainda neste encontro, os sujeitos puderam explorar os recursos gráficos do texto, a capa e contracapa.

Após este momento de apresentação inicial da obra, teve início a leitura do livro. Era um objetivo da pesquisa, realizar a leitura silenciosa, antes de se discutir o sentido por eles atribuído, ciente de que há sim uma distinção entre oralidade e leitura, no entanto, a partir da fala dos próprios sujeitos optou-se por organizar as leituras em uma dinâmica mais próxima as salas de aula e das representações dos participantes. Devido as dificuldades que os estudantes apresentam ao ler, foi possível perceber neste grupo ainda uma relação muito particular entre a leitura e oralidade, de forma que se compreende que propor aos participantes a realização de leitura prévia em silêncio, diante do grupo, e antes da discussão, operaria mais como um aspecto dificultador do projeto, por colocar-se “no nível da institucionalização social que determina a relação entre leitor e texto”. (CERTEAU, 1998, p.266-267) e fugiria aos objetivos da pesquisa.

Por outro lado, o que os sujeitos chamam de leitura compartilhada, ou coletiva, reflete certo modo ou hábito de ler, presente no ensino escolar atualmente, ao que resta acrescentar, segundo Chartier (1991, p.178), que a “ operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escuta) como um processo historicamente determinado cujos modos e modelos variam de acordo com o tempo, os lugares, as comunidades” , ou seja, pode haver sentido na escuta, ainda que de forma limitada por parte de quem lê, devido a uma não leitura prévia, ou não apropriação das marcas de escrita.

Neste contexto em que afloram representações de leitura, os questionamentos sobre a obra, buscavam suscitar enunciados que fossem indícios das táticas utilizadas pelos estudantes para construir sentido as partes do texto lidas, ou escutadas. As questões norteavam-se sempre por sentidos implícitos, uma vez que é uma característica do texto literário da escritora Lygia Bojunga e por isso, alimentam as expectativas de leitura dos sujeitos, já que “não basta que os textos sejam bons ou bem escritos, é necessário que consigam produzir no leitor um efeito de admiração ou de estranhamento” (CAMPOS, 2001 p. 137).

Os encontros eram permeados pelo riso e pelas brincadeiras dos participantes, mesmo diante do gravador no ato da pesquisa, e ou pela câmera do sistema de vigilância da escola. Esse comportamento, diminuía a tensão durante as leituras, “como opera o “fraco” em meios de informação[...] e em “seguranças” de todo tipo, e exige um acréscimo de astúcia, de sonho ou de senso de humor.” (CERTEAU, 1998, p.44).

Com base no que foi explanado até este ponto, apresenta-se agora algumas descrições que demonstram a maneira como os sujeitos participantes vão “praticando” diante do novo que lhes foi apresentado. A leitura em conjunto, um livro estranho, a sala multiuso...Em cada categoria ou perspectiva de análise, se enfatiza as fabricações de participante, e demonstra criativas operações dos usuários, “supostamente entregues à passividade e à disciplina” (CERTEAU, 1998, p.37). Para destacar as táticas observadas, optou-se por apresentá-las em *itálico*, como um recurso a mais para as explanações.

4.2.1 Expectação de sentidos

O que possui o fraco, nas redes do forte, senão usar de os estratagemas possíveis, para se movimentar? Diante do texto e situação de leitura, as relações entre expectativa e atenção, assim se caracterizam. Outro modo de ler é uma arte de fazer no cotidiano das salas de aula.

Alguns métodos de ensino de leitura buscam promover a aprendizagem por meio de procedimentos, ou do desenvolvimento de competências e habilidade, que possibilitem aos estudantes uma melhor compreensão do objeto lido. No entanto, as táticas que aqui sugerem expectativa de sentidos e significados, são entendidas por meio de outra perspectiva. Trata-se de observar as ações, os usos quase imperceptíveis com que alguns leitores tentam manter-se diante de uma situação de leitura, e a ela atribuir sentidos. A cada passo, tentar *antecipar e estabelecer hipóteses, prever fatos, se ater a indícios ou sinais do texto*, eis a lógica de astúcias antigas, a prática da inteligência tal qual a “Métis” dos gregos, descrita por Jean-Pierre Vernant, em uma série de relatos, apresentadas por Certeau

Consagra-se a uma forma de inteligência sempre "mergulhada numa prática" onde se combinam "o faro, a sagacidade, a previsão, a flexibilidade de espírito, a finta, a esperteza. a atenção vigilante, o senso de oportunidade, habilidades diversas, uma experiência longamente adquirida (CERTEAU, 1998, p.156).

Como exemplo, apresenta-se a participante Sophia, que estuda na Escola Altino Arantes, há cerca de três meses. No final do 2º bimestre, esteve uma semana na escola em um período de experiência e retornou após o recesso, como aluna regular. Quando estudava na cidade vizinha, em uma escola privada, Sophia desenvolveu Síndrome do Pânico, e ficou afastada dos estudos, durante quase meio ano. Em uma conversa à parte das situações de leitura, ela relata que tinha medo de ser maltratada, ou forçada a realizar alguma atividade que não sabia, por não entender, e ninguém explicar, o que lhe causava desespero. Depois de vários meses em tratamento, a opção por estudar em Quintana surgiu como uma alternativa, já que o trajeto para a cidade vizinha, não podia ser mais realizado em parceria com o avô, devido a uma doença. Agora, bem adaptada à nova escola, Sophia vem estudar de bicicleta, e aceita participar do grupo de leitura, ação que se compreende como um ato de resistência talvez à doença, e as regras que lhe marcaram a vida, inscrições da lei no próprio corpo. (CERTEAU, 1998).

No início da primeira situação de leitura, Sophia, mostra-se atenta a todos os detalhes para compreender a dinâmica da atividade, ação *tática*, ela inicia:

Sophia– Professora, você tem meu número aí? [...]

Pesquisadora– Vocês querem ler individualmente, a gente para e partilha, ou ir lendo um pedaço cada um? [...]

Sophia– Ler em voz alta. [...]

Sophia– Precisa colocar o nome na folha? [...]

Sophia- Professora, tem um tanto de parágrafos que pode ler?
(Grupo focal- Primeiro encontro)

Ter a certeza que não perderá o contato com a professora, realizar as atividades propostas por ela demonstra que Sophia prende-se aos pormenores do lugar, e aos inesperados que compõem as horas. Bastante observadora, percebe a expressão facial da colega Clarice, quando esta chega com uma roupa não permitida na escola, e é advertida pela agente escolar. Sophia também “denúncia” as falhas de organização dos encontros:

Sophia- Alguém se incomodou? (**Perguntando para Clarice sobre a roupa que vestia- grifo meu**).

Clarice- A Talita. (**Agente de organização escolar-grifo meu**).

Sophia- Ué, vocês não estão vindo no horário de aula.

[...]

Sophia- Professora liga o ventilador.

[...]

Sophia– Eu acho que a câmera parou porque...

(Grupo focal- Segundo encontro)

Logo que toma o exemplar para iniciar a leitura, Sophia demonstra também já ter “avaliado” o formato e quantidade de páginas, possivelmente a condição para seguir sua participação no projeto.

Sophia– Eu gostei desse livro.

Pesquisadora– Por quê?

Sophia– Porque não é grande.

Pesquisadora– Por que não é grande? Esse é o critério?

Sophia– Professora, livro muito grande é difícil de ler. (Grupo focal- Primeiro encontro)

A mesma *postura vigilante* que a participante demonstra sobre a dinâmica da atividade e organização do lugar, aplica-se a maneira de tentar compreender os sentidos do texto. A qualquer indício de não compreensão, a participante intervém para que nada passe despercebido. Sobre o trecho do livro: “*No coqueiral do lado folha nenhuma se mexe, desde manhã cedo não deu nem um pouco de vento. No chão tem uma folhagem que se espalhou pela areia, é verde escura e lustrosa, e deu uma flor azul*”. (NUNES, 1987, p.9), a participante, percebendo algo estranho (o fato de plantas não nascerem na areia), questiona:

Sophia- Professora, está falando aqui, que no chão, no meio da areia, tem uma flor azul? (Grupo focal- Primeiro encontro).

Em outro momento ainda no primeiro encontro, ela *recapitula* um trecho da narrativa, para certificar-se do insólito descrito, personificação da morte. Da mesma forma, que *pergunta* sobre todas as palavras desconhecidas, como se elas escondessem sentidos escondidos.

Sophia– Professora, eu não entendi aqui “*contou que a morte andava a cavalo e que ela gostava de galopar, aonde ela passava, um vento grande levantava*” assim, a personagem está contando, que a morte passava com o cavalo?

[...]

Pesquisadora – Vocês perceberam que ele veio do ônibus? Que saltou do ônibus?

Sophia– Professora, o que é caiado?

Clarice– Era o sonho dele.

Pesquisadora– Agora ele explica, caiado é pintado com cal, branco.

[...]

Sophia- O que é moringa?

Pesquisadora- Moringa é uma, tipo um jarro só que de barro e conserva água. (Grupo focal- Primeiro encontro).

Durante o segundo encontro, Sophia externa a não compreensão pela aparente falta de ligação entre o título e narrado no capítulo, indicação de suas *táticas* em andamento:

Pesquisadora- Por que o pescador se guiava pelo instinto? Que ele andava assim meio tateando?

Sophia- Ah professora até agora eu não entendi, porque geralmente, o nome do capítulo tem a ver com o que vai contar, não é?

Pesquisadora- Mas a flor não apareceu?

Sophia- Apareceu um pouquinho...

[...]

Pesquisadora- O Nós Três?

Cecília- Não, eu já acho que é a Rafaela, o Davi e o mar. Ou é a Rafaela o Davi e a flor.

Sophia- Não sei, porque essa história aqui...

Clarice- Calma, você está no começo ainda.

Sophia- Até agora...porque o capítulo está acabando...

Pesquisadora- O nome do livro ou o nome do capítulo?

Sophia- O nome do capítulo porque só falta isso daqui pra acabar (**apontando para as folhas**). E até agora não falou nada quase da flor. Falou o quê? Nas três primeiras páginas? (Grupo focal- Segundo encontro)

No trecho acima elencando, o questionamento de Sophia, mais que representar uma técnica utilizada por ela de buscar a relação entre título e capítulo da narrativa revela uma *suspeita* da participante, acerca da “Flor azul”, a qual persegue como uma pista, uma intuição.

A perspicácia em observar a situação e prestar atenção aos detalhes do texto, exige a reformulação constante do leitor ao ler, visto que as *previsões* que se vão criando a partir dos indícios, são sempre quebradas na sequência da narrativa. Mas o que pode prever o fraco em um “lugar” que não lhe pertence? O trecho a seguir, apresenta um exemplo. Durante o primeiro encontro, os participantes discutem a idade e origem de Davi, e sem nenhum motivo aparente, Sophia diz:

Sophia- Professora, ele vai morrer no final.

Pesquisadora – Hã?

Sophia- Ah, sei lá, não sei professora, estou sentindo isso.

Pesquisadora– Mas por que você está sentindo isso?

Luiza- Porque ela quer que ele morre.

Sophia- Não, eu não quero que ele morre, quero que ele fique com ela. Mas eu sinto que ele vai morrer. (Grupo focal- Primeiro encontro).

A participante Sophia afirma logo no primeiro encontro, o que acontecerá no fim da narrativa, como um presságio da morte que virá, e, de fato, a narrativa desencadeia isto, mas apesar disso, abandona logo essa ideia, para se surpreender bastante com a cena que narra a tragédia (morte de Davi por assassinato), no quarto encontro:

Sophia– Professora ela jogou a faca?

Cecília– Ela deve estar assim com a faca, mirou e tchaaaaaa.

Manoel– Eu não tô acreditando nisso. (Meio rindo).

Sophia– Professora ela jogou a faca?

[...]

Pesquisadora– Vou ler de novo então.

Manoel– Não, ela se impulsionou assim, com a faca pra cá. Ai na hora que ela bateu assim, enfiou a faca.

Sophia– Nossa professora, ela vai matar ele.

Manoel– Ela é muito doida.

Sophia–Estamos chocados. (Grupo focal- quarto encontro)

Capacidade de *projeção* ou apenas mais uma representação sobre a narrativa, a expectativa de um romance com final triste, esta tática não pode dar a si mesma um projeto global, ela pode apenas “operar golpe por golpe pois não há base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva.” (CERTEAU,1991, p.100).

Sophia tenta estabelecer uma “ordem” para o texto, inventa *hipóteses*, cria sentidos que se encaixem em suas *deduções* e *expectativas*, *metáforiza*. As discussões a seguir,

acontecem durante o terceiro encontro de leitura, após a leitura das páginas 31-32. No trecho descrito, os participantes debatem sobre o namoro entre Davi e Mariana, e a possibilidade de eles terem se conhecido antes:

Sophia - Eu estou achando professora, que a primeira pessoa que menciona que ele foi apaixonado, que era um artista, eu estou achando que era ela. Só que sei lá. É, o marido deixou ela, e no começo da história a gente discutiu sobre isso, porque o casamento, não sei de qual deles, não deu certo, porque o marido deixou ela no altar, então, ou seja, estão se ligando, pode ser que ela seja essa noiva perdida dele, que ele deixou no altar.

Cecília- Que ele deixou e foi com um barco.

Sophia - Só que ele não era tão assim apaixonado por ela, porque ele nem lembra do rosto dela direito, se ele lembrasse ele ia saber que a Mariana, era a pessoa que ele quase casou, não é?

Pesquisadora - Você acha possível isso?

Sophia - Acho que sim.

(Grupo focal- Terceiro encontro).

A participante Sophia, tenta achar um sentido para o fato de os personagens não se conhecerem e logo de início já começarem a namorar, para isto, afirma que Mariana era noiva que Davi deixou no altar, mesmo sentindo que isto é um tanto ilógico, sentido que ela mesma dúvida, e para o qual tem de levantar alternativas.

No quarto encontro, após terem lido o capítulo II- **O tempo passando e ele conversando**, no trecho, “Mas agora já é a manhã que vai alta” (p.39 a 43). Sophia não só capta a metáfora criada pela escritora, como a explica em detalhes.

Pesquisadora– Gente, e essa parte que fala do “passarinho na teia”? O que vocês entenderam dessa parte?

Sophia– Que era meio que... A Mariana segurando ele.

Pesquisadora– Você entendeu isso?

Sophia– Deu a entender isso. Porque ele que estava preso, o passarinho também estava preso, entendeu?

Cecília– Humm perai.

Sophia– Aconteceu assim que a Mariana era a aranha, o banco que ele ficava sentado era a teia, e o passarinho era ele. (Grupo focal- quarto encontro)

A *analogia* realizada pela participante aproxima dois universos dentro da narrativa: um envolvendo a relação de Mariana e Davi, materializada na escultura de pedra, e outro tornado metáfora, pela história do passarinho preso à teia. Sophia se aproveita da ocasião, ou seja, da oportunidade oferecida pelo questionamento feito, e pratica uma maneira de dizer, que é uma maneira de fazer.

Ainda no quarto encontro, quase no momento de se encerrar a leitura, Sophia tenta se agarrar a possibilidade de a narrativa ser apenas um sonho. Quando Cecília afirma que a personagem Rafaela está sonhando, Sophia, por um instante, parece querer acreditar que Davi está vivo, e que tudo foi uma grande brincadeira, o que não procede:

Cecília- Ela está sonhando.

Sophia- Ah?????

Clarice- Ah???

Cecília- Sonhando.

Sophia- Ela está sonhando professora?

[...]

Sophia- Aí professora da Mafalda!!! (Vendo o livro da Mafalda na estante).

Manoel- Ela sabe, mas não quer aceitar.

Sophia- Mas eu acho que ela está sonhando, ou ela está imaginando que o Davi estava ligando? Porque dá a entender que ele estava ligando...

Pesquisadora- Mas é sonho.

Sophia- É sonho?

Pesquisadora- É sonho da Rafaela, é o inconsciente dela, no sonho ela conversa... (Grupo focal- quarto encontro)

Há frustração das expectativas da participante, que de início lia na narrativa “Nós Três”, uma história de amor, e que posteriormente tem de se deparar com a tragédia: o assassinato “real”, e depois o segundo assassinato no fundo do mar, quando Rafaela tenta salvar Davi e não consegue pois este é morto novamente pela mão de Mariana. Devido a este desenrolar da história, a participante Sophia não retorna para encerrar a leitura no último encontro, talvez devido ao fato do livro ter um final aberto, e não feliz, já que a morte segue marcando a vida das personagens Rafaela e Mariana para sempre, e não há indício de esperança. Posteriormente, Sophia explicou que “ficou com raiva”, por Mariana ter matado Davi duas vezes, indicando que sua participação na atividade, é mesmo um ato de subversão, uma vez que “a liberdade de leitura, qualquer que seja o preço a pagar, é também a liberdade de não ler”. (BARTHES, 1988, p.46)

O universo destas táticas, essa maneira de ler, demonstram nesses momentos de leitura, escuta, e discussão, uma atitude de resistência diante das mudanças do enredo na narrativa, ou dos espaços vazios do texto. Por outro lado, deixam vislumbrar em alguns momentos, as particularidades e o subjetivo da participante diante do texto literário, ou seja, os sonhos, frustrações, medos ou sensações.

Segundo Perroti (1986), o discurso estético, em obras de literatura infantil e juvenil, aponta para participação do leitor na construção do sentido do texto, no entanto, a ausência de

espaço para o caráter estético dos textos literários, para partilha e discussão, no caso desta pesquisa as práticas de leitura em sala de aula, não permite vislumbrar o uso destas *táticas*, especialmente diante de “obras literárias abertas” onde “a ambiguidade é a marca definitiva e fundamental, que revela uma poética preocupada não mais com a transmissão de certezas, de alinhamentos rígidos do mundo, mas com seu questionamento, caso o leitor deseje, pois tal decisão também cabe a ele.” (PERROTI, 1986, p.15).

Dessa maneira, analisar a construção do sentido por meio das *táticas* de expectativa, possibilita a observação sobre a sucessão de passos (calculados ou não), que os leitores vão trilhando, nas artes de fazer cotidianas.

4.2.2 Flutuações do olho através da página

O correr do olho por uma página de livro, entre as linhas de um texto, leva consigo as experiências do leitor em contato com objetos gráficos a sua frente. Atividade silenciosa? As flutuações do olho sobre a página, escondem usos e astúcias próprias daqueles que sabem subverter uma regra imposta. No entanto, essa atividade carrega por vezes, a tensão entre a leitura silenciosa (experiência moderna) e a leitura em voz alta (ruído e movimento do corpo). Para o primeiro caso, ler indica um afastamento do corpo do material escrito; para o segundo, o leitor encontra-se preso aos detalhes, orientado pela configuração textual. Sobre esta relação Certeau argumenta, acerca da leitura em silêncio:

Como o corpo se retira do texto para se comprometer com ele apenas pela mobilidade dos olhos, a configuração geográfica do texto organiza cada vez menos a atividade do leitor. A leitura se liberta do solo que a determinava. Afasta-se dele. A autonomia do olho suspende as cumplicidades do corpo com texto; ela o desvincula do lugar escrito; faz do escrito um objeto e aumenta as possibilidades que o sujeito tem de circular. Um sintoma: os métodos de leitura dinâmica. [...] Emancipado dos lugares, o corpo que lê se acha mais livre em seus movimentos. Exerce em gestos a capacidade que cada sujeito tem para converter o texto pela leitura e "queimá-lo", assim como se queimam as etapas.” (CERTEAU, 1991, p.272).

Essa autonomia entre leitor e objeto textual, concretizada na leitura silenciosa, insere-se no contexto escolar, nas relações de poder que circundam o ensino de leitura e compreensão, de maneira que na ponte entre um modo de ler e outro, o leitor em silêncio, “isolado” em sua prática, ainda é muito preso a leitura em voz alta e as obrigações do estudo,

e por isso, “esforça-se por correr os olhos pelo texto, seguir a orientação geográfica minuciosamente mapeada”. (CERTEAU, 1991, p. 194), no entanto, quem pode afirmar que nas redes dessa ordem, reina um silêncio inerte?

Como *táticas* que se utilizam do movimento dos olhos pelo texto, foram observadas, na singularidade desta pesquisa: a **recapitulação** (resumo, esforço de rememoração, síntese) e a **localização** de informações no corpo do texto, que se inserem na relação anteriormente explicitada. Nestas *táticas*, se tenta captar “as paisagens desconhecidas e as estranhas fábulas de nossas histórias interiores.” CERTEAU, 1991, p.194-195).

A participante Cecília, cujo perfil de análise *tática* descreve-se agora, é uma estudante do 9º ano, período da tarde. É uma aluna regular em relação ao interesse pela aprendizagem, mas interage bastante com as atividades extras propostas na escola, como a prática de esportes, por exemplo. Em classe, é uma adolescente bem-falante, sempre termina as atividades com rapidez e por isso apresenta problemas com a caligrafia.

No primeiro encontro, ainda se inteirando da dinâmica, Cecília, cita o livro que conheceu de “ouvido” pela leitura da professora, suas maneiras de escolher uma obra, muito ligadas as marcas externas, e desencadeia a discussão em torno do tipo de leitura a ser realizada no grupo:

Cecília– Professora, todo mundo vai ler ou só você?

Pesquisadora– O que vocês querem fazer?

Cecília– Dar para cada um ler uma página.

Pesquisadora– Vocês querem ler individualmente, a gente para e partilha, ou ir lendo um pedaço cada um?

Cecília– Um pedaço cada um.

Luiza– Compartilhamento.

Pesquisadora– O que vocês gostam?

Cecília– Um pedaço cada um.

(Grupo focal- Primeiro encontro).

A leitura sugerida, em que cada leitor fica responsável por ler em voz alta um trecho do livro, é próxima a uma espécie de jogral, ou *brincadeira*. Por outro lado, a fala “Professora, todo mundo vai ler ou só você?”, demonstra que a participante não cogita a leitura individual em silêncio. Estabelecido que a leitura seria feita conforme os estudantes escolheram, iniciou-se a leitura do início do livro. Na página 10, Manoel lê o trecho:

Contou que a Morte andava a cavalo e que ela gostava de galopar. Aonde ela passava um vento grande levantava, e se tinha flor no caminho a pata do cavalo amassava.

Contou que no coqueiral tinha uma folhagem rasteira que dava uma flor azul. A flor era grande e bonita: guardava lá dentro dela o Amor. Contou que a Morte adorava essa flor, e quando via ela de longe já gritava pro cavalo, não pisa naquela flor que ela é minha! E o cavalo não pisava. (NUNES, 1987, p.10).

Após essa leitura, os participantes começam a discutir, e Cecília, tenta *recapitular* os principais elementos deste trecho da narrativa, e achar um sentido, de acordo com o transcrito a seguir:

Cecília– Professora, que assim, a... Diz que a morte no cavalo.... Essa pessoa deve ser... Assim a flor e dentro dela, ela está guardando o amor dessa pessoa e por ela não ter esse amor é que ela está assim meio revoltada, e todo mundo acha que ela é a morte.

Pesquisadora– A pessoa?

Cecília– O amor dela está centralizado na flor. **(Grupo focal- Primeiro encontro).**

Os elementos por ela trazidos: morte, cavalo, flor, amor, permitem observar certo movimento feito pelos olhos, ao retornar a página, para inserir-se na discussão. Por outro lado, há outras relações sugeridas: a morte como uma pessoa, a flor que guarda um sentimento bom, e a revolta pela não correspondência desse amor.

A recapitulação é utilizada por Cecília em outros trechos das discussões. Ainda no primeiro encontro, ela percebe um “vazio” no texto, que gera uma dúvida. Para elaborar o *questionamento*, ela, no entanto, faz um *resumo* da cena descrita:

Cecília– Professora, mas espera aí, essa parte aqui ficou pra deixar uma coisinha no ar. Ela foi pra colher, mas ela ficou olhando e o homem estava encostado, ai de repente, ela estava lá pra pegar a flor, e deu aquele vento, e de repente o homem correu, pra ir perto dela, ou esperou passar a ventania e depois ele foi?

Pesquisadora– Ele esperou passar a ventania.

Cecília– Ele foi e pediu para colher com cuidado. Porque como ele mesmo falou, a morte, era a dona daquela flor. **(Grupo focal- Primeiro encontro).**

A partir desse modo de ler, Cecília vai trilhando por entre as páginas, e vai “lendo” na narrativa, as marcas de outras histórias, já ouvidas, ou lidas. No trecho a seguir, ele “lê” duas pessoas na praia, conversando, como um possível romance.

Cecília– Mas é isso que está falando aqui, que ele vai andando junto com ela, depois eles param, ele deita, depois ele só fala um negócio e ela já volta,

vai perto dele, isso parece mesmo que vai ser um romance. (Grupo focal-Primeiro encontro).

Neste momento da leitura, já é possível saber que uma das personagens Davi, é um homem adulto, por outro lado, as descrições das ações e pensamentos de Rafaela, trazem certa maneira infantil de olhar o mundo, resta saber se um leitor não experiente, consegue perceber isto. No segundo encontro, Cecília usa o mesmo procedimento, quando Manoel quer formular uma possível ligação entre Mariana, e a primeira namorada de Davi

Manoel- E como a Mariana e a mãe da Rafaela estudaram juntas em algum lugar, a primeira namorada dele também poderia ter estudado no mesmo lugar, e a Mariana poderia ser tipo uma grande amiga dela, e por isso eles se conheciam de olhar mais ou menos, isto poder ser...

Pesquisadora- Hipóteses.

Manoel- Teorias.

Cecília- Tem que encaixar, porque foi uma coisa... é meio estranha porque no começo, era uma mulher que andava no cavalo pisando a flor, ia se apaixonar pela flor azul, aí já mudou, a Rafaela veio morar com a Mariana, ninguém entendeu que a Rafaela era uma criança e a Mariana era uma pessoa.

Manoel- Era uma pessoa??

[...]

Cecília- Depois ela pegou, a Rafaela estava andando, passou aquela ventania do nada, e daí começou a virar amigo, aí depois, do nada também, a Rafaela abriu a história dela, com aquele cara, já contou tudo pro Davi, depois falou que tinha a amiga Mariana, mas não sabia que a Mariana era uma mulher, achava que ela era uma criança. Daí agora que a gente ficou sabendo o nome do Davi, que ele não tem um braço, porque ele perdeu. Que Mariana é uma mulher e que os dois vão ficar juntos. (Grupo focal- Segundo encontro).

Cecília faz uma *síntese* de vários elementos do enredo até o momento, novamente o cavalo, a flor, Rafaela, Mariana, Davi, a confusão sobre elas serem crianças ou adultas, e adere a “teoria” de Manoel, mas suas falas, não trazem nada de concreto quanto a isto, apenas um emaranhado de trechos lembrados, como quem flutua por sobre as linhas uma vez que não pode apreendê-la como um todo.

Se os olhos permitem ver o escrito a frente, as linhas e as páginas possibilitam realizar a travessia da narrativa. Por eles (olhos que correm sobre as linhas) alguns leitores se movimentam, sendo observador e transgressor ao mesmo tempo, em um lugar que não é seu:

São dois modos complementares de separação. Um modo cria a distância do espectador: não tocarás. Quanto mais vês, menos agarras - despojamento da mão para ampliar o percurso da vista. O outro traça, indefinidamente, a junção de passar: como na ordem escrita, de uma só linha, mas sem fim:

vai, segue em frente, este não é teu país, nem aquele tampouco - imperativo do desapego que obriga a pagar o preço de um abstrato domínio ocular do espaço deixando todo lugar próprio, perdendo o pé. (CERTEAU, 1991, p.194-195).

As táticas que supõem *flutuações* do olho sobre as páginas, indicam a movimentação do leitor por entre o escrito e deixam transparecer uma prática de leitura que se coloca sob o poder do texto escrito, materializado em seu suporte ainda que ligadas as atividades leitoras do universo oral. Estas maneiras de fazer são aqui chamadas de *localizações* e para contextualizá-las, retorna-se ao primeiro encontro, quando os leitores ainda discutem o encontro entre o homem (Davi), e a menina (Rafaela). Além de *recapitular* os episódios da narrativa, Cecília se prende a trechos do texto, para *formular suas hipóteses*.

Cecília– Eu acho que neste momento a morte está passando.

Pesquisadora– A morte está passando?

Cecília– É porque estava falando que estava passando no mar, e aqui pra cima estava falando que o peixe grande que queria levar ela pro fundo do mar. [...]

Cecília– Porque aqui também estava falando, que a morte andava a cavalo e gostava de galopar, e onde passava um vento grande levantava. (Grupo focal- Primeiro encontro).

O movimento de *localização*, pode ser observado em sua fala: “aqui pra cima” e “Porque aqui também estava falando”, ou seja, ela aponta os trechos do livro, antes de retomar os elementos anteriores: o peixe grande que vinha buscar a menina, e a morte que passava e o vento levantava.

Outro exemplo do uso dessa tática acontece também no segundo encontro, após Clarice ter lido a página 16, o trecho em discussão, é a seguir transcrito:

A minha mãe sempre diz que namora o meu pai. A minha vó é viúva, e outro dia a minha mãe disse, ih que ótimo! a mamãe ta namorando outra vez. A minha bisavó ta velha pra caramba mas ela fala em namorado que só você vendo; diz que o porteiro do prédio namora ela; eu perguntei de que jeito, e ela disse, ele é uma flor: me ajuda a entrar e sair do elevador. Lá na minha escola eu tenho uma colega, ela se chama Ana Lúcia, sabe, e ela namora um garoto da 4ªsérie A (NUNES, 1987, p.10)

A participante Cecília, se utiliza da mesma *tática* para localizar as rimas no texto, e entende por um instante, a narrativa como um poema, conforme o descrito a seguir:

Cecília- Tem um poema. Tem uma rminha aqui.

Pesquisadora- Tem rima aí?

Cecília- Tem. É aqui oh. (Apontando para o trecho)

Pesquisadora- Mas será que é porque é um poema?

Cecília- Não, é o jeito. É aqui “ele é uma flor, me ajuda a entrar e sair do elevador”.

Pesquisadora- Ah, rimou... você quer dizer que rimou, não é? (Grupo focal- Segundo encontro).

No trecho citado, Cecília percebe os sons na leitura, identifica o “lugar” no texto, comprova com a citação relida, e então, associa-o com o gênero poesia, segundo as marcas desse gênero.

Com base nas ações da participante Cecília, é possível refletir que as *táticas* para *flutuar sobre o texto* contemplam o retorno à leitura de trechos que não ficaram claros, e funciona às vezes como uma maneira de subverter o jogo de forças, “fazendo de sua fraqueza diante da leitura, aquela que se apraz em deter-se em certas palavras”. (CERTEAU *apud* BARTHES, 1990, p. 272), uma maneira de disfarce, para tentar compreender o todo do sentido utilizando-se do próprio texto, da força que este oferece como uma maneira de resistir.

4.2.3 Intersecções de espaços e sentidos

As maneiras de fazer relativas a essa categoria, relacionam-se as experiências de vida, aos relacionamentos, os lugares em que habitam, as histórias ouvidas, e tentam demonstrar as intersecções, os pontos de cruzamento de espaços (lugares, maneiras de se comportar) e sentidos, realizados pelo leitor como maneira de compreender o texto, ou colocar-se diante dele. De acordo com o que Certeau afirma acerca do lugar do leitor,

não é aqui ou lá, um ou outro, mas nem um nem outro, simultaneamente dentro e fora, perdendo tanto um como o outro misturando-os, associando textos adormecidos mas que ele desperta e habita, não sendo nunca o seu proprietário. Assim, escapa também à lei de cada texto em particular, como à do meio social. (CERTEAU, 1998, p.270).

Entre as *táticas* encontradas estão: *associações com a vida, comparações* entre fatos e situações, *relatos e memórias*, as quais caracterizam uma inteligência prática, que não pode ser explicada, mas realizada.

Como exemplo, apresenta-se ações da participante Clarice, estudante da escola há alguns meses. Natural da cidade de Pedra Branca, no estado do Ceará, se mudou com sua família para o estado de São Paulo, há poucos anos. Moraram na capital de São Paulo, e outras cidades da região, e há cerca de dois anos, vieram residir em Quintana. Clarice tem personalidade forte, é uma adolescente carinhosa, mas um pouco irascível em alguns momentos. Nas situações de leitura, comparece a todos os encontros e é sempre participativa. Suas primeiras intervenções demonstram que a participante está familiarizada com as marcas gráficas do suporte dos livros, embora, tenha argumentado anteriormente (no questionário de leitura), que não lê e não tem muito contato com a leitura.

Como é possível ler no excerto a seguir, Clarice responde que nunca leu nada da escritora Lygia Bojunga, mas logo adiante, explicita o processo que faz para escolher e ler um livro, demonstrando um *saber fazer*: olhar a capa, as explicações sobre o escritor, abrir, ler a primeira folha, “sentir a escrita” e então, se gostar, levar o livro para ler:

Pesquisadora– Alguém já leu os livros da Lygia Bojunga?

Clarice– Eu nunca li. [...]

Clarice– Não, eu faço assim, eu não ligo, eu olho assim a capa, olho o que fala da autora, começo a ler a primeira parte, aí se eu gostar da primeira página, pego o livro e leio tudo. [...]

Clarice– Professora, eu gostei dessa frase. (A frase na contracapa do livro).
(Grupo focal- Primeiro encontro)

Esse saber descrito pela participante (que é também um relato), é logo confirmado na sequência, quando ela expressa que gostou da frase na contracapa: “Na natureza é assim, um bicho mata o outro pra tentar matar a fome. É duro. Mas se ele não mata ele morre de fome. Só gente é que mata sem precisar matar” (NUNES, 1987), ou seja, pode-se perceber que Clarice já observou todas as marcas gráfico-editoriais do livro, sem que se tivesse dado essa orientação.

No primeiro encontro, durante a leitura das páginas 13 e 14, os participantes exploram o diálogo entre os personagens Davi e Rafaela na praia. Davi conta para a menina que era filho de artistas mambembe e que certa vez sentiu vontade de parar de viver andando pelo mundo:

– O meu pai e a minha mãe faziam teatro mambembe, um teatro ruinzinho que vivia por esse Brasil[...] só mais tarde, quando eu já ia fazer 15 anos é que eu arrumei um emprego num restaurante e comecei a estudar. Foi no Rio. Eu disse: nunca mais vou mambembear[...] – Mas aí aconteceu uma coisa superesquisita. Depois duns tempos eu comecei a sentir formigueiro no pé [...] (NUNES, 1987, p.14).

Neste ponto, os participantes, discutem este fato da vida da personagem Davi, e Clarice estabelece uma *comparação* com sua vida, esse *fazer* que aqui é entendido como uma *tática*. No fragmento adiante, Clarice utiliza-se da comparação em três momentos: relaciona o fato dos pais de Davi serem atores mambembe e parecerem andarilhos; compara o “antes e depois”, ou seja, quando Davi é criança e viaja com os pais, com o momento aos 15 anos, quando arruma um emprego e quer parar; e por fim, tentar lançar uma comparação entre os fatos narrados e a vida, mas fica incompleta pois Luiza e Cecília tomam a voz, conforme pode ser lido na sequência:

Pesquisadora– Quando ele tinha 15 anos, ele resolveu parar de andar. Mas o que acontece neste parágrafo?

Clarice– Parece andarilho.

Sophia– Ele é nômade. [...]

Clarice– Só que aí começou o formigueiro no pé... [...]

Clarice– Isso é vontade de voltar para a estrada de novo. Deve ser.

Pesquisadora– Porque ele fala “depois de uns tempos parado, eu comecei a sentir formigueiro no pé”.

Clarice– Porque quando ele estava andando com os pais dele, ele não sentia esse formigueiro.

Cecília– Porque...

Pesquisadora– Quando ele estava com os pais ele tinha vontade de parar.

Clarice– É como na nossa vida, a gente tem vontade de fazer umas coisas, quando começa...

Luiza- É igual eu, eu estava com o cabelo meio grande, aí eu cortei e agora eu quero o cabelo grande de novo.

Cecilia- É como ele... se arrependeu de ter largado. (Grupo Focal- Primeiro encontro)

Durante o diálogo acerca da vida nômade de Davi, a participante Clarice, se utiliza da *associação* com a vida e inscreve na discussão a história de outrem, um alguém desconhecido pelos participantes, mas que com eles se relaciona, na medida em que assim, como Santópolis do Aguapeí, Quintana é uma cidade pequena do interior do estado de São Paulo que recebe sempre artistas circenses cujos filhos “passam” pela escola durante alguns dias.

Pesquisadora- É que eles nunca ficavam parados em um lugar só.

Clarice- Quando eu morava lá em Santópolis de vez em quando vinha um circo, como as pessoas que eu conhecia, tinha uma menina que era do circo, ela começou a estudar, e todo mundo falou que ela era do circo, que vivia pra lá e pra cá, pra lá e pra cá, ela passou uma duas semanas lá estudando, depois voltou pro circo, depois voltou pra lá de novo, e saiu do circo, e ele continuou... é como isso aqui oh (*apontando para o livro*). (**Grupo Focal-Primeiro encontro**).

Nesta fala de Clarice, é possível perceber o uso da expressão “*pra lá, e pra cá, pra lá e pra cá*” como maneira de demonstrar o sentido da vida nômade que o personagem tinha. Estas falas, evocam um trecho do livro que acabava de ser lido, especificamente: “De um lugar pra outro, de um lugar pra outro, de um lugar pra outro” (NUNES, 1987, p.14). No mesmo dizer, a participante também sugere a relação entre o fato das crianças circenses não irem à escola, com a vida itinerante da personagem Davi, conforme pode ser lido neste fragmento do livro:

- Mas por que que você não podia ficar morando na mesma casa?
- O meu pai e a minha mãe faziam teatro mambembe, um teatro ruinzinho que vivia por esse Brasil afora, de cidade em cidade, de vilarejo em vilarejo. Eu ia junto. Toda a minha infância assim. De um lugar pra outro, de um lugar pra outro, de um lugar pra outro.
- É como é que você fazia pra ter amigo? pra ir pra escola? (NUNES, 1987, p.13-14).

O narrado no livro, pelos fatos apresentados e construções textuais, desperta a lembrança da participante, que, para realizar a sua própria narração, se apropria da “maneira de dizer” da personagem (característica de escrita de Lygia Bojunga), e aproxima narrativa literária e relato de experiência.

Ainda como exemplos de *comparações e associações* com a vida, Clarice faz *pillheria* com os colegas durante as leituras em vários momentos, quando sugere um possível romance entre os participantes, mistura literatura e o cotidiano dos jovens leitores. A seguir alguns exemplos:

Pesquisadora- E o Mário? Está lendo o final?

Clarice- Ele está aqui pensando no final feliz dele e da Sophia.

Sophia- Aí professora, nada a ver, a Clarice que está inventando coisa só porque eu vim mais pra cá...

(**risos**) (Grupo focal- Primeiro encontro)

Sophia – É aqui embaixo fala assim “*Um sábado depois do almoço debruçado na janela.*” Mas era de onde? Acho que era da casa da Mariana.

Cecília – Ele está morando lá, então.

Sophia – Sim, um doido qualquer chega lá na casa, um amor à primeira vista e já começa a morar lá.

Clarice – Você e o Mário. (Insinuando que um namoro entre Mário e Sophia).

Risos. (Grupo focal- Terceiro encontro).

Entre as *táticas* de associar ou estabelecer comparação com a vida, encontra-se no discurso da participante também, a arte da narrativa, o *relato*. Concebido como uma maneira de fazer, o relato representa mais que uma narrativa das práticas, ele é uma prática

Existe com certeza um conteúdo do relato, mas pertence, ele também, à arte de fazer um golpe: ele é desvio por um passado ("no outro dia", "outrora") ou por uma citação (uma "sentença", um "dito", um provérbio), para aproveitar uma ocasião e modificar um equilíbrio por uma surpresa. O discurso aí se caracteriza não tanto por uma maneira de se exercer mas antes pela coisa que mostra. Ora, é preciso entender outra coisa do que a que se diz. O discurso produz então efeitos, não objetos. É narração, não descrição. É uma arte do dizer. O público ali não se engana. [...]. Algo na narração escapa à ordem daquilo que é suficiente ou necessário saber e, por seus traços, está subordinado ao estilo das táticas. (CERTEAU, 1998, p.154).

No terceiro encontro, ao discutirem sobre a relação entre as personagens Davi e Mariana, que na trama vivem um relacionamento amoroso, após as leituras da página 32, e 33, a participante Clarice novamente conta uma experiência, agora vivenciada por uma história ouvida pela rádio Band FM, conforme a transcrição a seguir:

Pesquisadora – E então gente? O que está acontecendo nesta parte? Que relação a Mariana tem com o Davi?

Sophia – Eles estão se apaixonando, se viram, de repente se apaixonaram, e agora ele está morando lá.

Cecília – Professora, mas eu acho que o Davi já conhecia a Mariana, porque assim, ele viu ela à primeira vista e já começou a morar com eles?

Clarice – Eles são irmãos gente!!!!

Sophia – Né.

Clarice - Já imaginou? Que nem a história, que passa na Band, você escuta professora?

Pesquisadora – Não.

Clarice - Band Fm. (cantarola baixinho a musiquinha da rádio Band).

Clarice - É uma história assim, a mulher conheceu o homem lá na praia, é mais ou menos assim, não é? Primeiro conheceu a irmãzinha pequena dela, aí foi conhecendo ela, ela tinha vinte anos, e começaram a conversar, só que teve o dia que a mãe dela falou assim pra ela, que caso ela tivesse ficando com alguém, ou começasse namorar, era pra trazer primeiro na casa dela pra ver quem que era, antes de beijar, então ela levou, só que quando chegou lá, ela descobriu que ele era irmão dela, foi muito triste. (**Grupo Focal-Primeiro encontro**)

Ao fazer o relato da história ouvida na Rádio, Clarice parte de alguns elementos em comum com a narrativa “*Nós Três*”, como: a praia, a mulher que conheceu o homem na praia, e a irmãzinha menor. Mas algo vai além e em sua fala, destaca-se que a participante parece começar a captar os indícios de uma tragédia que se aproxima, além de sugerir o elemento surpresa: o incesto, um dos grandes temas da literatura universal, no caso da narrativa “*Nós Três*”, isto fica em aberto.

No terceiro encontro, os participantes discutem o fato de Davi e Mariana estarem apaixonados. Para comprovar a sua opinião de que isto não será bom para a personagem, Clarice *relata* a história de um namoro do irmão, a partir da cena narrada no capítulo “**Uma pausa**”. No excerto adiante:

Clarice – Ela é doida, vai se apaixonar e vai se *ferrar*.

Mário– Professora, o amor deixa qualquer um fraco. Imagina aqui... [...]

Pesquisadora – Não seria “o verdadeiro amor deixa forte?”

Sophia – Mas...

Clarice – É que tem gente que fica lesada sabe...no caso do meu irmão é assim, começa a namorar, como esses tempos atrás, chegou aqui namorando com a menina lá do Ceará... Aí passou um mês...

Clarice – Nunca mais o namoro dele durou um mês. Aí esse namoro aqui durou um mês e pouco, era “amor” todo dia, dia e noite, pra lá e pra cá e eu e minha mãe só olhando, ele não trabalha, só ficava no celular, eu olhava assim pra cara dele, “não vai durar nem um mês”... Durou só um mês e três, quatro dias, uma coisa assim, eles terminaram e parecia que eles nunca tinham namorado, “ah, desculpa aí, liguei errado”.

Manoel – Nossa.

Clarice–Aí ele dizia, “eu não quero mais você”.

Pesquisadora– Mas será que era amor, ou paixão?

Clarice–Não era nenhum dos dois, era frescura...isso sim.

Risos

(Grupo focal- Terceiro encontro)

A participante crítica a postura do irmão e apresenta inclusive falas da situação real (discurso direto), para acrescentar maior credibilidade a seu relato, no entanto, esta ação parece apontar para suas próprias frustrações emocionais, como em outros trechos ela insere comentários acerca de suas próprias experiências, o que pode ser observado no exemplos a seguir:

Clarice – Aí gente, namorar é para os fracos, nós que somos solteiros, ser solteiro é muito top, não é pessoal? (Grupo focal- segundo encontro).

Pesquisadora – Você acha então que a Mariana está fraca?

Clarice – Ela é doida, vai se apaixonar e vai se *ferrar*.

(Grupo focal- terceiro encontro).

Outros indícios de *intersecções*, podem ser apontados nas ações da participante, que faz cruzamentos entre as situações de leitura e as atividades escolares, como no momento descrito a seguir, em que Clarice “cobra” pela sua participação no projeto de leitura, tentando tirar uma vantagem disso, justificando-se pelo fato de ter ido mal na prova de matemática:

Clarice- Professora na primeira aula eu posso estudar matemática na sua aula?

Pesquisadora- Pode. Hoje pode.

Clarice- Eu estou de recuperação. (Grupo focal- quinto encontro).

Destaca-se também a reação da participante à narração do assassinato de Davi no livro. Clarice parece se encontrar em cena, fazendo convergir o seu comportamento com os elementos ficcionais do livro, como pode ser lido adiante:

Clarice- Que retardada, isso é sem vergonhice. Se jogasse uma pedra, vai matar do mesmo jeito ele. Se ela aparecer aqui essa hora professora...

Pesquisadora- Você matava ela?? Se ela aparecesse aqui? Você fazia a mesma coisa que ela fez?

Clarice- É.

[...]

Clarice- Pessoal vocês viram meu copo que legal?

Pesquisadora- Todos olhem para o copo da Clarice.

Risos

Manoel- *Ex* copo.

Pesquisadora- Um *ex* copo. Aqui jaz um copo.

Manoel- Ele morreu.

Clarice- Assim se destrói copo de plástico.

Barulho do copo sendo desmanchado/ rasgado. (Grupo focal- quarto encontro).

Pesquisadora- E depois o Davi acaba sendo assassinado.

Clarice- Nossa professora, nossa nem toca no assunto.

Pesquisadora- Mas por quê? O que você sente?

Clarice- Vontade de matar essa Mariana.

Pesquisadora- Mas se você matar a Mariana, vai ser igual a ela.

Clarice- É mas eu tenho um motivo, porque ela matou o Davi, ela não teve nenhum motivo para matar. Ah teve..., mas só porque ele ia embora...

(Grupo focal- quinto encontro).

Nas transcrições descritas anteriormente, Clarice reage de maneira passional diante do texto, assim como a personagem Mariana e na impossibilidade de outra ação, destrói um copo de plástico diante dos colegas, o que indica o quanto foi impactada pela leitura.

Entre as táticas praticadas pela participante, podem ser observados os relatos, associações com a vida e experiências pessoais. As narrações e relatos de histórias reais ou fictícias, mescla de dados reais e imaginários, dependem muito do narrador, da voz que conta a história. Assim é que segundo Certeau,

a história narrada cria um espaço de ficção. Ela se afasta do "real" - ou melhor, ela aparenta subtrair-se à conjuntura: "era uma vez ..." Deste modo, precisamente, mais que descrever um "golpe", ela o faz[...] uma maneira de saber, manipular, arranjar e "colocar" um dito deslocando um conjunto, em suma "uma questão de tato". (CERTEAU, 1998, p.153).

Saber *narrar* é uma *tática* que subverte uma circunstância de não poder, funciona como um *golpe* e que costuma se fazer presente também em situações de leitura no cotidiano das salas de aula, principalmente nos primeiros anos do ensino fundamental, quando o professor geralmente interpreta as associações e relatos de vida, como um gesto de indisciplina ou tumulto. Nesta situação de pesquisa, essas táticas funcionam como uma maneira de atribuir sentido a um trecho do texto e dele tentar se apropriar, pois quando relaciona, compara, ou tece um relato, a participante pode seguir em frente, ainda que ao proceder desta forma, de acordo com o que disserta Certeau (1998, p.156-157) “*use* o texto para fins particulares, ou para desfiar as suas singularidades.”

Ao trazer para a discussão a lembrança de outro tempo e outro lugar, a participante *tira partido* da ocasião para nela inscrever as suas próprias histórias, mas também para introduzir práticas comuns, que habitam conversas cotidianas, as quais se podem citar as antigas reuniões de família em que se ouvia os mais velhos conversarem sobre o tempo e a vida, ou as *chats modernas*, via redes sociais. A participante Clarice a todo momento faz referência a um fazer passado, ou uma lembrança e assim “lê” o novo a sua frente, a partir daquilo que já tem e se utiliza do que lhe fornece “a memória, feita de clarões e fragmentos particulares. Um detalhe, muitos detalhes, eis o que são as lembranças.” (CERTEAU, 1998, p.164).

4.2.4. Praticando metamorfoses

A **Metamorfose**, é definida pelo dicionário como uma transformação, ou no sentido figurado, é compreendida como uma alteração de personalidade, modo de pensar, aparência, caráter. Como estilo de ação e leitura, entende-se **metamorfose** como certas atitudes, condutas ou comportamentos adotados pelo leitor diante de relações de dominação e de poder, e que fazem das práticas de leitura espaços destes jogos de representações, em prol de possibilidades de ganho.

Contra as inscrições das leis (do lugar, da leitura) que se “apoderam” dos corpos para fazê-los seu texto[...] e os transformam em tábuas da lei, em quadros vivos das regras e dos costumes, em atores do teatro organizado por uma ordem social. (CERTEAU, 1998, p.231), existem pequenas resistências imprevisíveis que corroem a ordem estabelecida pelo "forte. Neste ponto, são consideradas *táticas* alguns fazeres em que se percebem **encenações representações, desvios, vícios de linguagem, risos, críticas, zombarias e flertes**, movimentos efêmeros entre as redes do privado.

Para exemplificar este ponto de vista, apresento as ações do participante Manoel, estudante do 9º ano B, período da tarde, o qual compareceu a todos os encontros de leitura, e apresentou sempre boa disponibilidade para realizar as atividades propostas. Estudante já conhecido na escola por sua participação em atividades diversas, como teatros e apresentações musicais, Manoel afirma em alguns momentos, durante a realização do questionário, ou em conversas fora dos encontros que não gosta de ler e escrever:

Manoel- É... alguns livros... raramente eu leio livros mesmo [...]. Não conheço histórias suficientemente legais para me entreter... (**Transcrição do áudio do questionário**).

...

Pesquisadora- Você comentou no seu no questionário que você nunca leu um livro que você gostou?

Manoel- Não teve nenhum livro que consegui realmente... me... prender, que eu realmente gostei muito, mas claro teve alguns livros que eu gostei como: *Como treinar seu dragão* é bem divertido, eu gostava de ler bastante *Mangá*, que é um tipo de gibi, só que japonês, gostava de ler bastante esse tipo de livros... (**Conversa a parte da situação de leitura**)

Apesar dessa dificuldade de ler dita pelo participante, durante os encontros, ele tenta diferenciar-se dos colegas em vários momentos, como uma *encenação*, Manoel “torna-se o bom aluno”, que segue as regras escolares e muitas vezes chega a sentir-se apto a questionar

os outros em suas pequenas “falhas”. Manoel tenta demonstrar domínio da situação, o que parece servir também, à sua intenção de estabelecer uma paquera com uma colega do grupo.

Como aquele que se coloca do “lado certo” da situação, Manoel “respeita o lugar” e as ordens estabelecidas. Em dado momento, duas participantes discutem por causa das regras para o uso de roupas curtas na escola, depois de serem advertidas pela agente de organização escolar, e Manoel argumenta

Manoel- Mas a partir do momento que entra dentro da escola é regra, as pessoas têm que seguir. É simples.

Clarice- Aqui é um convento?

Manoel- Convento?

Grupo focal- segundo encontro – turma A)

Em outro momento, durante o terceiro encontro, após a leitura realizada pelo próprio Manoel, todas os participantes inebriados com a narrativa, ficam olhando para professora-pesquisadora à espera do reinício da discussão, quando se segue o diálogo:

Pesquisadora – Por que todos me olham? (Rindo).

Risos.

Manoel – Porque você é a professora, você que dá as ordens.

Risos. (Grupo focal- terceiro encontro – turma A).

Verbalizar que a escola tem regras, indica que o participante as segue, como quem necessita constatar uma permanente repressão? Manoel segue no “jogo” e demonstra ser esforçado para participar dos encontros de leitura. O local em que reside, fica a cerca de 2 quilômetros da escola, trajeto feito por ele duas vezes durante a manhã dos encontros. Ao final do primeiro encontro, ele “reclama” deste fato, mas não aceita que organizemos de outra forma:

Nesse momento, termina a hora estipulada para o encontro de leitura, são feitos os combinados para outro dia, os participantes se organizam e saem.

Manoel- Cansado. Três dias seguidos já vindo para a escola duas vezes.

Pesquisadora- Ah é?

Pesquisadora- E se eu trouxesse um lanche para você?

Manoel- Não, eu vou descer em casa mesmo...

Grupo focal- primeiro encontro – turma A).

A análise de sua participação desde o primeiro encontro, revela logo nas primeiras interações, a necessidade de *contabilizar maior experiência* que os demais. Em outro momento, Manoel, lê o trecho do livro: “A Rafaela então indo pra colher a Flor Azul/ o homem está quieto, que nem a paisagem em volta. Quietos e olhando pro mar” (NUNES,

1987, p.10). Em seguida, a participante Cecília tenta identificar o foco narrativo do texto e é interrompida por ele que lhe percebe “a falha”. Como pode ser observado no seguinte diálogo entre os participantes:

Cecília– Aqui já dá para perceber que é a Rafaela que está contando a história.

Pesquisadora– O que vocês acham? Podem falar.

Cecília– Porque professora, aqui fala... (É interrompida por Manoel).

Manoel–Não é a Rafaela, porque se não, não falaria “a Rafaela ficou olhando pra flor azul”.

Pesquisadora– Essa é a marca do quê?

Manoel–De que ela não é a narradora. A pessoa que está contando a história.

Luiza– A Rafaela não está contando a história? (Grupo focal- Primeiro encontro- turma A).

Ao demonstrar que sabe identificar quem é o narrador e que possui certo conhecimento sobre estrutura do gênero conto, Manoel repete o discurso aprendido na sala de aula, sempre baseado em promover uma compreensão com base em marcas estruturais dos textos e avança no “jogo”, *representando* saber interpretar o livro.

Ainda no primeiro encontro, os participantes discutem sobre as duas primeiras páginas do livro, em que se narra o encontro de Rafaela com a flor azul e com o homem desconhecido (Davi), na praia. Este encontro é antecedido pela história da Morte vinda a cavalo, narrada pelo pescador cego. Instigado a falar, Manoel busca fazer um apanhado geral sobre o lido até o momento:

Pesquisadora– Manoel, fala.

Manoel– O lugar exato praticamente que eles estão passando é uma praia. E no caso, no meio da praia provavelmente tem uma flor azul, e diz que tem o pescador que contou.... Está contando esta história para essas duas garotas, é simplesmente isso que está acontecendo.

(Grupo focal- primeiro encontro – turma A).

Nesta fala do participante, é possível observar na estrutura das orações construídas, o uso de advérbios de modo: *praticamente*, *provavelmente*, *simplesmente*, e da expressão, *no caso*. Entre os jovens, essas palavras conferem um tom elaborado ao seu modo de dizer, marcam o discurso do participante, dando-lhe uma aparência culta, embora estejam um pouco deslocadas no plano do sentido, o que é possível observar neste outro exemplo:

Pesquisadora– E o Manoel? Alguma parte te chamou atenção? Você conseguiu estabelecer essa relação entre o passarinho e a aranha, com ele e a Mariana, ou você acha que isto não tem nada a ver?

Manoel– Acho, provavelmente tem a ver, no caso ele diz, aquilo sobre o jeito natural dele ser, aquilo tem que acontecer, mesmo que seja dolorido para as pessoas, no caso, mesmo ele tendo que ir embora, mesmo sendo dolorido para elas. (Grupo focal- quarto encontro – turma A).

Esta maneira de dizer *prolixa* mostra alguns *vícios de linguagem* e indica mais uma forma de metamorfose, táticas de *encenação*, através das quais Manoel parece querer se auto afirmar, “seguindo as regras”. Conforme o que ele mesmo diz no trecho a seguir, extraído de outra conversa fora dos encontros:

Manoel- Mas é um livro muito bom.

Pesquisadora- Em que sentido?

Manoel- Pelo seu contexto e pela moral que traz...

Pesquisadora- Ele tem uma moral?

Manoel- Não se deixa levar pelo seu impulso...

Pesquisadora- Essa é a moral do livro? Da história?

Manoel- É, tentar se controlar mais, pensar bastante antes de fazer as coisas... você pensa algo assim e na sua mente, parece estar certo, mas se você pensar de novo você vai perceber que está errado, normalmente não eu faço isso, porque eu faço errado pensando, “estou certo, eu estou certo”, mas depois eu deito, fico raciocinando, pensando, e... nossa, fiz errado de novo...é estranho. (**Conversa fora dos encontros, na escola**)

Este relato sobre si, demonstra a força dos laços que os instrumentos estabelecem entre nossas "naturezas" infantis e as discursividades sociais. (CERTEAU, 1998). A internalização do discurso sobre as regras escolares, mas também de tantas outras, torna-se então, o meio de identificação, que esconde o desejo de ser reconhecido e aceito, de se metamorfosear em escritura, no seio da lei e da instituição. Resta então, saber o que pode opor-se a esta pulsão e a ela deslocar, *tática dos desvios*

Aqui ainda, a esta paixão de ser um sinal somente se opõe ao grito, o desvio ou êxtase, revolta ou fuga daquilo que do corpo escapa à lei do nomeado. Talvez toda experiência, que não é grito de prazer ou de dor, seja coligida pela instituição. Toda experiência que não é deslocada ou desfeita por esse êxtase é captada pelo "amor do censor", coligida e utilizada pelo discurso da lei. Ela é canalizada e instrumentada. É escrita pelo sistema social. Por isso, seria necessário procurar, do lado dos gritos, aquilo que não é "refeito" pela ordem da instrumentalidade escriturística. (CERTEAU, 1998, p.242)

É necessário então, voltar ao universo da pesquisa, para “procurar” essas ações sinuosas. O livro proposto para leitura, é a edição publicada pela editora **Agir** em 1987. A contracapa do livro, traz a foto de uma mulher de meia idade, a própria Lygia Bojunga, sentada em uma cadeira em posição de descanso. Conforme a digitalização a seguir:

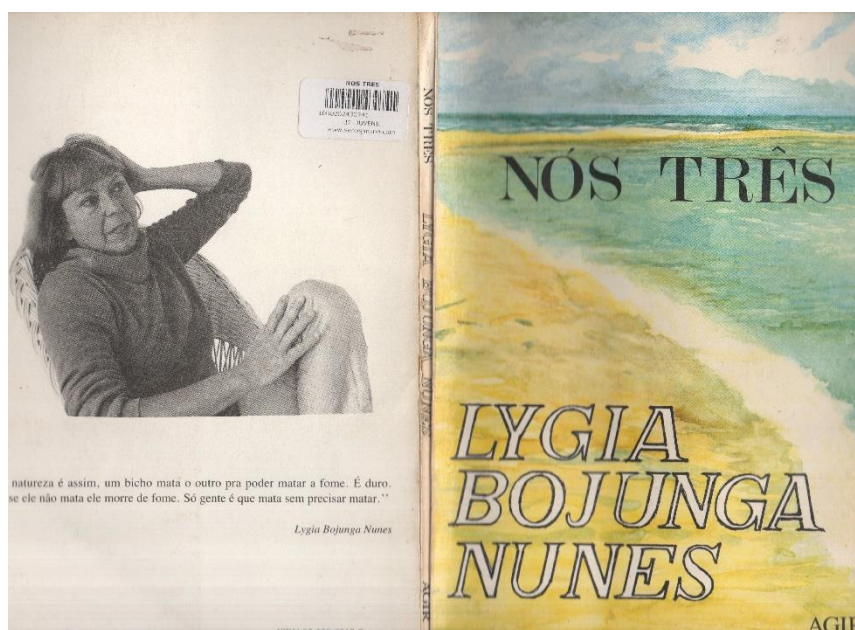


Figura 7

Capa e contracapa do Livro “Nós Três”, publicado pela Editora Agir em 1987. (Fonte- Arquivo pessoal)

A pouca qualidade estética dos recursos gráficos editoriais dessa edição, qual seja, a foto em preto e branco, em estilo da época e a falta de conexão entre a imagem e o fragmento da narrativa transcrito abaixo é logo percebida, e Manoel faz disso um meio para suscitar o *riso* e a *crítica* ao que é oferecido. Na transcrição a seguir, dois excertos:

Pesquisadora– Este livro aqui é a proposta, é o “*Nós Três*” da Lygia Bojunga. E aí? Vocês tomariam este livro emprestado na biblioteca? [...]

Manoel–Eu pegaria o livro assim, e olharia atrás, mas iria assustar e colocar de novo.... (Grupo focal- primeiro encontro).

Sophia- Não dá para colocar uma mulher mais bonitinha aqui na capa não?

Pesquisadora- Mas é a Lygia.

Sophia- Ah é ela?

Cecília- Ela é acabada.

Pesquisadora- Não é que ela é acabada.

Manoel- Coitada.

Risos

Pesquisadora- Pessoal, a foto está antiga.

Manoel- Ela fuma.

Pesquisadora- Nossa que visão.

Manoel- Parece que levou paulada na cara. [...]

Pesquisadora- Então ele não vive mais no mar?

Clarice- Oi?

Sophia- Não, não tem como.

Manoel- Não pode nem fazer nó de marinheiro. Coitadinho (com um tom meio de deboche).

(Grupo focal- Segundo encontro).

Nos excertos anteriores Manoel responde e faz intervenções na conversa em tom de *zombaria*; junta-se aos outros colegas para fazer *pilheria* da fotografia (por ser antiga) não se incomoda em *debochar* do livro e dos personagens.

Esse outro ponto de vista sobre as atitudes e falas de Manoel, perceber como o participante vai se metamorfoseando diante da situação, pois coloca-se em uma posição de “bom aluno”, mas, subjacente a esta postura, age a partir de outros interesses. Em uma conversa fora dos encontros de leitura, Manoel partilha seu empenho em se aproximar da participante Sophia, com a qual *flerta*:

Pesquisadora- Então vocês não se conheciam?

Manoel-Foi acho que há dois meses que ela entrou na escola, aí eu só tinha visto ela, me disseram que ela tinha vindo de outra escola, particular.... Acontece...eu nunca tinha imaginado que eu tinha conversado com ela.... [...] Eu sou o cara que primeiro eu pego informação e tudo o mais, porque eu não quero que aconteça nada de errado, porque se acontece errado não tem como voltar. Se eu cometer um erro, eu não consigo parar de cometer erro.

Este interesse, suscita também outros tipos de *desvios* nas situações de leitura e discussão. Como o exemplo adiante, durante o segundo encontro, em que Manoel “coloca em cena” algo exterior a narrativa. Em um movimento rápido, faz do espaço de leitura, um espaço de paquera.

Pesquisadora- E essa parte aqui oh? –*Bom... a gente ficava pensando um no outro e ... é legal ter alguém pra pensar. – Pensou. – É: eu não achava ruim esse jeito de namorar. – Pensou mais um pouco. –Mas tem outros jeitos que eu acho melhor.*

Cecília- Então ele não gostava daquele jeito. Ele gostava, mas preferia os outros.

Pesquisadora- Fala Manoel.

Manoel- Sei lá.

Clarice- Ele está com uma cara de professora eu não sei o que falar.

Pesquisadora-E então gente? A Rafa, está, na quarta série?

Manoel- Nesse caso dele só ficar pensando na pessoa, pode ser que é porque ele tem vergonha. De chegar nas pessoas assim, ele só ficava

pensando, imaginando o jeito que poderia acontecer, mas não ia lá e fazia...
(Grupo focal- segundo encontro-).

Em sua última fala, o participante deixa implícito sua timidez e insegurança em declarar seu interesse pela colega, ou seja, não fala apenas do texto, mas desvia o sentido deste, para um interesse particular.

Em dado momento dos encontros de leitura, Manoel de repente enxerga a possibilidade de vir a estender a leitura para uma encenação teatral. Ao pedir para “representar” a história como teatro, visualiza qualquer coisa no texto que o faz se imaginar em cena. Como pode ser observado na transcrição a seguir:

Luiza – Essa Rafaela que está pegando a flor, aí ela vira pro lado, e vê o homem, e pula pra trás.

Manoel–Parece um teatro.

Pesquisadora– Parece um teatro?

Manoel–Seria legal fazer um teatro disso.

[...]

Manoel– Não ficaria nem um pouco difícil fazer teatro.

(Grupo focal- primeiro encontro)

Ao propor se metamorfosear em ator, Manoel vê a possibilidade de viver um processo de transformação externo, que ancora sua subjetividade, seus movimentos internos e faz-se momentaneamente forte. Pode esconder sua possível timidez e insegurança diante das relações pessoais. Em alguns momentos durante os encontros, Manoel de fato se coloca em cena. No quarto encontro, a sequência em que se narra o ato do crime, é assim descrita:

O cabo da faca na mão. A mão está nervosa, sobe e desce, sobe e desce no cabo da faca. A Mariana não quer acreditar:

--Nunca mais a tua voz no meu ouvido? [...]

Então ele diz, é isso aí, Mariana.

Ela fica parada. Mas a mão não: num movimento depressa, louco, abaixa o cabo da faca e corre. A lâmina se atira pro Davi, entra nele, entra fundo. A Mariana dá um grito. (NUNES, 1987, p. 50).

Diante do estranhamento causado pelo efeito estético da tragédia, que é inesperado pelos participantes e como uma forma de resistência, no trecho da transcrição a seguir, Manoel pratica a representação da cena. A discussão agora transcrita, refere-se especificamente a passagem lida nas páginas 49 e 50:

Pesquisadora– Vou ler de novo então.

Manoel– Não, ela se impulsionou assim, com a faca pra cá. Ai na hora que ela bateu assim, enfiou a faca. [...]

Manoel– Se não vai ser de mim não vai ser de mais ninguém. [..]

Pesquisadora– Como é que é?

Manoel– Se não vai ser de mim não vai ser de mais ninguém. E matou ele. (Grupo focal- Quarto encontro).

Na fala do participante Manoel em que ele diz: “*Se não vai ser de mim não vai ser de mais ninguém*”, nota-se que ele se coloca na primeira pessoa, como se estivesse na posição da personagem Mariana, o que também remete ao universo dramático, de novelas, ou filmes que encenam crimes passionais.

A tentativa de encenação, é um *desvio*, na medida em que o participante, como que “autorizado pela narrativa, pela “diegese”, instaura uma caminhada (“guia”) e passa através (“transgride”).” (CERTEAU,1998, p.215), ou seja, o participante guia-se pela cena descrita, *subverte* os limites do texto, se coloca em cena para “olhar no olho” da situação e se assim se metamorfoseia em ator.

Nas falas e atitudes descritas nesta categoria, é possível observar um movimento do participante durante as situações de leitura e partilha que não indicam em nenhum momento passividade, até mesmo quando ele parece se mostrar como alguém que segue as regras do lugar, e da atividade proposta. Na escola, essa postura é sempre bem vista, porque é um lugar institucionalizado, por outro lado os desvios (as piadas sarcásticas por exemplo) são vistos como indisciplina ou ausência de aprendizagem.

As táticas aqui descritas referem-se mais as atitudes do participante do que à sua maneira de compreender o texto, exatamente porque os interesses que impulsionam seus movimentos vão muito além da leitura, de maneira que ele metamorfoseia: os encontros de leitura em situação favorável a uma paquera, o livro em maneira de demonstrar inteligência, ou possibilidade de fazer disso a “sua arte” como um ator de teatro, atividade de superação, *metáfora* de si mesmo.

4.2.5 Astúcias diversas

Nas situações observadas nesta pesquisa, a *invenção do cotidiano* encontra-se ainda, em leitores que não se envolvem com o livro e com a história, não lhe conferem atenção, ou não acreditam que vale a pena ler, liberdades não autorizadas, como o homem comum diante dos textos da economia escriturária:

Só lhe resta a "liberdade" de crer ou não crer "confiando" (sem ter tido os textos à mão) em textos que ele não pode nem poderá ler nunca, porque aprender a ler - mesmo que astuciosamente - todos esses textos técnicos exigiria muitas vidas e ele já tem a vaga impressão de que não vale a pena, que esses textos mortos ou inacessíveis não guardam nenhum segredo, talvez nenhuma mensagem." (CHARTIER, 1998, p. 41)

Os *estilos* observados agora indicam alguns comportamentos e táticas utilizadas pelos participantes Luiza e Mário, em que se busca observar a maneira como eles se relacionaram com a narrativa "Nós Três" e com a formação do grupo para leitura. As maneiras como estes participantes se colocam diante do livro e das discussões, sugerem *táticas* diversas: *façanhas, astúcias, bricolagem, uso de frases feitas, economia de forças, improvisos, pequenas associações e digressões*. Ressalta-se, porém, que como os sujeitos não estiveram presentes em todos os momentos de leitura, suas falas e atitudes são fragmentadas.

A participante Luiza, estudante do 8º ano, aceitou participar do projeto de leitura, quando foi convidada em classe, no entanto, compareceu apenas ao primeiro e ao último encontro, mesmo sem ter lido o livro por completo. Ainda por época do projeto, a mãe da participante explicou a ausência da filha nos encontros, justificando que era necessário ser mais bem organizado, com um horário fixo, semanalmente, mas em uma conversa posterior, quando questionada do porquê destas ausências, a própria Luiza ela explica:

Eu quis participar para me aproximar da leitura, pois nunca fui de ler livros, e com esse projeto achei que me interessaria, a história foi bem legal sim, só que eu não ia porque tinha preguiça, agora eu paro pra pensar e nem acredito (risos), não era tanta vontade de ir. Não era tão cedo, antes eu era muito preguiçosa. (Transcrição de depoimento-Participante Luiza).

Desde o início, Luiza faz questão de deixar claro sua distância em relação aos livros e logo no primeiro encontro relata:

Pesquisadora– Alguém já leu os livros da Lygia Bojunga? [...]

Luiza– Eu nunca li um livro.

Pesquisadora– Nunca leu um livro?

Luiza– Não, só daqueles.... Sabe aqueles que você ganha? O *Patinho Feio*...

Pesquisadora– Ah tá, aqueles pequeninhos...

Cecília– Como esses assim oh!!! (Apontando para as folhas).

Risos

Luiza– É preguiça. (Grupo focal- Primeiro encontro).

Como uma *façanha*, Luiza narra nunca ter lido um livro, uma maneira de angariar vantagens. Já sua maneira de dizer indica neste ponto, uma *economia verbal*, percebida pelas omissões de termos nas orações: no excerto anterior ela diz: “Não, só daqueles... Sabe aqueles que você ganha? O *Patinho Feio*...” e omite a palavra **livros**. O discurso da preguiça, e do “não gostar de ler” persiste:

Cecília– A professora Roseli que leu para a gente. (**sobre o livro a Bolsa Amarela, também de Lygia Bojunga**).

Luiza– Não lembro. Eu lembro só daquela menininha que pegava os coelhinhos.

Risos

Clarice– O único que você leu também.

Luiza– Foi ela que leu ainda.

(Grupo focal- Primeiro encontro).

Nestas poucas intervenções, Luiza faz referência a dois livros com o qual teve contato, ambos infantis. Com esse fazer (com essas falas), ela deixa transparecer o momento em que “parou” de ler nos primeiros anos escolares. Com tão poucas experiências de leitura, o que teria motivado a estudante a inserir-se no grupo? Uma oportunidade de “aprender a ler”, ou apenas outra forma de ter acesso: as histórias, ao conhecimento, com pouco esforço?

Durante a conversa inicial, antes do começo das leituras, Luiza argumenta que gostaria de ler em conjunto aos colegas, porque tem dificuldades para entender. Conforme pode ser observado a seguir:

Pesquisadora– Vocês querem ler individualmente, a gente para e partilha, ou ir lendo um pedaço cada um? [...]

Luiza– Compartilhamento. [...]

Luiza– Eu prefiro ler com os outros, por causa que se eu leio para mim, eu não consigo entender muito, eu acho que lendo para os outros, dá para entender. [...]

Luiza– Isso aqui é um parágrafo, ou conta toda essa parte aqui? (Grupo focal- Primeiro encontro).

Com *astúcia*, Luiza prontamente adere a ideia de ler de maneira compartilhada, justificando sua dificuldade de compreensão e em seguida se propõe a ler (segue a regra de que o começo é sempre mais fácil?). A sua pergunta sobre a estrutura do parágrafo, pode demonstrar uma ausência de conhecimento acerca da estrutura textual, mas também uma não disposição para a leitura, desde o início.

Começamos a leitura do livro *Nós Três* (1987). Na primeira página, tem-se a descrição de uma praia deserta no fim da tarde. A leitura foi então realizada até o início da página 10.

Nas discussões sobre esse trecho, apresentado a seguir, Luiza é a primeira a responder, mas sua fala é feita sem muita reflexão:

Pesquisadora– E aí?

Luiza– E aí é para a gente terminar de ler?

Pesquisadora– Não.

Cecília– Não, é para a gente discutir.

Luiza– Ah, tá.

Pesquisadora– Eu quero que vocês falem o que vocês entenderam.

Luiza– Eu entendi que tem uma flor azul. É onde...? Eu acho que é no mar.
(Grupo focal- primeiro encontro).

Não há meios para se discutir o texto de maneira profunda diante da leitura de apenas uma página da história. Mas é como uma pequena *bricolagem*, que a participante Luiza junta “a flor azul e o mar” e tenta apresentar uma “compreensão” do que havia ouvido, sem mesmo ter entendido a dinâmica da atividade, ou se apropriado das informações principais desse trecho da narrativa, como o fato de já ter sido lido que a Flor Azul aparece em meio ao coqueiral.

No trecho a seguir, Luiza *desvia* a discussão do grupo utilizando os versos de uma música:

Luiza– De repente as coisas mudam.

Pesquisadora– Em que sentido?

Luiza– No sentido de que estava tudo parado, e depois...

Pesquisadora– Na vida é assim também?

Clarice– É.

Mário– Tudo pode acontecer, uma hora você pode estar bem, outra hora você pode estar mal.

Luiza– Está tudo bom assim...

Clarice– Está mal, está péssimo.

Luiza– É como uma roda gigante.

Clarice– Gira, gira, gira.

Cecília– Um dia você está lá em cima, outro dia você está lá embaixo.

Clarice– Verdade. Subindo e descendo. Tem dias que é assim... Tipo uma escada.

Mário– A hora que você estiver lá no topo, alguém pode estar lá pra te derrubar. (Grupo focal- Primeiro encontro)

Como um impulso interior, que se assemelha ao uso das gírias ou expressões pertencentes a determinados grupos coletivos, a *frase feita* inserida por Luiza “– De repente as coisas mudam” (um pouco vazia de sentido), acrescenta-se outra “É como uma roda gigante.”, que é uma letra bastante conhecida, escrita pelo Mc Andrezinho Shock, e regravaada em outros ritmos. Adiante, alguns versos da música:

Na escola da vida aprendi como eu chorei e sofri/No sonho eu persistir não desistir de lutar/Vi muita gente subi, mas vi o mesmo cair/Por humilhar e ferir quem quer só te ajudar [...] Só quer glamour e área vip se tem flash tá no meio/Mas só que ela esquece que tudo que sobe desce/Ela finge entender que o que nasce vai morrer/Eu to na pista um tempão não cai de queda/Quanto maior é altura, mais dolorosa é a queda/A vida é tipo roda gigante então pra que esculacho/Se hoje está em cima amanhã tá embaixo /Eu tenho fé que na terra minha missão vai ser cumprida/Porque a humildade é a essência da vida. **(Trecho da música: A vida é feito roda gigante- Mc Andrezinho Shock)**

Os sujeitos partem da discussão acerca da história do pescador, mas desta vez, tentam atribuir (ou desviar) sentido ao texto, inserindo alguns versos desta música muito difundida nos meios de comunicação. Esta *tática* desloca a discussão sobre a narrativa e “adia” a imersão no texto.

Dessa forma a participante Luiza, tenta, portanto, inserir-se nas discussões de leitura durante o primeiro encontro, mas não comparece aos três encontros posteriores e retorna apenas na última reunião do grupo focal. Ciente de não ter lido o livro junto com os colegas, apresenta agora uma postura menos “infantil” diante da leitura. Porém, a *tática* da *economia de forças* persiste:

Luiza- O Davi era uma pessoa boa?
Clarice-Filha, o Davi era aquele homem...
Luiza- Eu só vim no primeiro dia. (Grupo focal- quinto encontro).
[..]
Luiza- Quantos anos a Mariana tem?
Pesquisadora- É uma mulher...quantos anos vocês imaginam que a Mariana tem?
Clarice-25.
Jane-Eu acho que ela tem uns 34.
Manoel- Por volta de 27.
Luiza- E a Rafaela é uma criança pequena.?
Manoel- Não tão pequena. Uns 12 anos.
Luiza- Ela deve ter uns 12, 13 anos. [...]
Luiza- O Davi era parente da Rafaela? [...]
Clarice- Não, a Rafaela conheceu ele no coqueiral. [...]
Luiza- Ela ficou com remorso, não é?
Pesquisadora- Profundamente... (Grupo focal- quinto encontro).

Nos exemplos adiante, pode-se observar que ao invés de querer ler, a participante pergunta aos colegas os fatos narrados desde o início da história, para poder compreender em que patamar se encontra as discussões e *improvisa* uma maneira de ler sem ter lido.

Com *táticas* semelhantes, as transcrições das falas e participação de Mário durante as situações de leitura, indicam que embora ele seja um aluno que parece gostar de estudar, o participante em geral não se envolve muito com a leitura literária.

Durante os encontros Mário assume uma postura mais hesitante que Luiza em relação ao seu estilo de leitura, uma vez que não “assume” com tanta veemência uma postura de desinteresse pela leitura. No entanto, no começo das interações, ele também tenta se *desviar* da atividade,

Pesquisadora– Por que não é grande? Esse é o critério?

Sophia– Professora, livro muito grande é difícil de ler.

Mário– Cara, falar a real, livro dá muito sono. (Grupo focal- Primeiro encontro).

No primeiro encontro, primeiramente o participante certifica-se de que a professora conhece toda a história e com isso, percebe o “seu lugar” na situação, as forças com as quais terá que lidar, a professora e o livro, portadores de um saber que não lhe pertence:

Pesquisadora- Na verdade, eu vou interrompendo, porque eu já sei algumas partes específicas do livro...

Mário- Professora, você já leu o livro inteiro?

Pesquisadora– Já li...

Clarice- Ela postou a frase... [...]

Pesquisadora– O que está acontecendo aí?

Mário– Ah, fala bastante dessa flor azul aí.

[...]

Mário– Não tem muita personagem, conforme a gente lê, a gente vai descobrindo mais coisa. (Grupo focal- Primeiro encontro).

Mário começa a inserir-se na situação utilizando os “recursos” que tem, ou seja, *observa* os elementos mais citados no texto como a constante referência à “Flor azul”, *repara* que até o momento não há muitos personagens, e coloca-se em posição de espera, como se o livro guardasse um segredo, o qual deve ser descoberto durante a leitura.

De acordo com os fragmentos das transcrições a seguir, o participante traz para discussão elemento estrutural do gênero poesia: a rima. Como quem *faz um achado*, se agarra a essa característica do texto, para ancorar suas *expectativas* de que o livro irá narrar uma história de amor:

Mário– E essa história tem um pouquinho de poesia.

Pesquisadora– Por quê?

Mário– Porque olha, “*aonde ela passava o vento grande levantava, e se tinha flor no caminho a pata do cavalo amassava*”.

Pesquisadora– A rima?

Mário– É. [...]

Mário– Acho que vai ser o grande amor da vida dela. [...]

Pesquisadora– Você achou isto estranho?

Cecília– É, porque ele é um desconhecido, e já chega perguntando da vida dela.

Mário– Mas eu continuo achando que mais pra frente eles vão ficar juntos
(Grupo focal- Primeiro encontro)

Mário *associa* o texto a uma poesia, e daí a um romance, por outro lado, neste ponto da discussão, os sujeitos leram apenas duas páginas da história, então essas expectativas que o participante cria se formam a partir de uma visão local o que revela também certas representações em torno das leituras e dos livros, projeções cristalizadas, que acabam por não gerar estímulo à atividade.

No segundo encontro, Mário chega atrasado. A seguir:

Pesquisadora– Que ele não usa muito apertada. “*E você usava? Mas não muito apertada*”. O que isso quer dizer? [..]

Mário– Acabei de chegar então nem pergunta pra mim.
(Grupo focal- segundo encontro)

Pesquisadora- E o Mário?

Mário- Eu sabia que ela ia perguntar para mim.

Cecília- O Mário está dormindo ainda. [...]

Clarice- Esse “Nós Três” aí eu acho que é a Mariana, a menina e o Davi...

Mário- A única coisa que eu entendi foi que desde a hora que eu cheguei, eu entendi que fala, que a flor só serviu para fazer o buquê.

Clarice- Que buquê? (Grupo focal- segundo encontro)

O participante parece querer se esquivar das discussões, o que pode ser observado nas falas “Acabei de chegar então nem pergunta pra mim.” ou “Eu sabia que ela ia perguntar para mim.”. E quando o participante é questionado, responde de uma maneira exagerada (*hipérbole*), para dizer que não está compreendendo o texto, o que revela já neste ponto, certo desinteresse pela leitura. Mário não se envolve muito com o enredo da história e por vezes se perde: No excerto a seguir isto pode ser visto e Mário chega a ser criticado pela colega Cecília:

Clarice – Ela namorava mais as rochas do que o marido.

Cecília – Ela estava mais preocupada com o trabalho do que com o amor dela.

Mário– É bem confuso isso, uma hora fala uma coisa, outra hora fala outra.

Clarice – Lógico você perdeu a metade da história todinha aquele dia. E quer saber de alguma coisa. (Grupo focal- Terceiro encontro)

São poucos os momentos em que o participante realmente se propõe a discutir a história. Algumas de suas interações, no entanto, se desviam para outros assuntos, talvez para

ele mais interessantes, como comentários da escola ou palavras do texto que criam possibilidade para *digressões*.

Mário– Tem gente que namora, só pra dizer “estou namorando”.

Clarice – Pra mudar o status do whatsapp, do facebook... [..]

Mário– A Maria do período da manhã fez isso com o João. Ela falou. (Nomes fictícios).

Clarice – Quem?

Pesquisadora – Ela falou isso pra você?

Mário– Falou. Que ela estava namorando só pra falar que estava namorando. [...]

Pesquisadora– *Numa segunda feira na praia (debaixo de uma amendoeira, esperando uma tromba d’água passar)*

Mário– Professora, já viu uma tromba d’água?

Pesquisadora– Eu não.

Sophia– Viu o quê?

Mário– É um negócio de água, que sobe.

Manoel – Ah na casa da minha...

Mário– Não, é lá perto das Amazonas que tem isso. (Grupo focal- Terceiro encontro)

Mário não compareceu ao quarto e quinto encontro. Voltou para terminar de ler o livro uns dias depois, quando as aulas já estavam em período de encerramento do ano letivo e tentou ler as poucas páginas que faltavam na escola mesmo, mas esta ação indicou mais uma obrigação, ação para cumprir a “responsabilidade” com a professora, do que por um interesse particular. Esta maneira de se comportar do participante, faz com que no percurso das leituras do livro, ele não consiga mais acompanhá-las, de forma que sua perspectiva inicial de que ler é cansativo e entediante, não se modifica.

Nas interações dos participantes Luiza e Mário durante os encontros é possível observar práticas as quais podem impedir que os sujeitos avancem em suas relações com a leitura. Os dois estudantes demonstram não ter grandes problemas quanto ao estudo em sala de aula, porém, diante do desafio de ler um livro inteiro e sobre ele buscar sentido, o que sobressaem são “certas *táticas* desviacionistas que não obedecem à lei do lugar. Não se definem por este.” (CERTEAU, 1998, p.92), mas que ainda assim revelam participações criativas e práticas singulares.

Algumas considerações

Ao final dessa dissertação, busca-se rever os propósitos que a motivaram. Inicialmente, esta pesquisa tinha como objetivo observar práticas de leitura nos anos finais do ensino fundamental, à procura das particularidades significativas que permeiam as relações entre leitores e textos. Ressalta-se então, que foram exatamente essas singularidades nortearam a pesquisa em direção dos estudos de Michel de Certeau, aliados aos de Roger Chartier e pela perspectiva deles observar as maneiras de ler, os usos, comportamentos e leituras *táticas* de alguns adolescentes de uma escola pública, diante de um texto literário infantojuvenil.

Observar e descrever táticas de leitura segundo a concepção e os conceitos propostos por Certeau, mostrou-se ao longo desta pesquisa e da escrita desta dissertação, um desafio, principalmente porque conforme o próprio teórico explica, ele não propõe uma metodologia de análise para estas práticas cotidianas

Meu trabalho não visa diretamente à constituição de uma semiótica. Consiste em sugerir algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores, supondo, no ponto de partida, que são do tipo tático. Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas tática. (CERTEAU, 1998, p.103-104)

Por outro lado, ao tentar compreender esses *fazeres*, seus conflitos e tensões, a pesquisadora se encontrava envolvida como professora e pesquisadora na escola em que a investigação se delineou e durante toda a escrita, papel que gera em alguns momentos uma posição de desconforto, pois ao “escutar os mortos com os olhos. Várias (outras) sombras passaram nas minhas palavras” (CHARTIER, 2010, p.29), no entanto, configura-se como um exercício que possibilita um processo de autorreflexão sempre tão necessário aos profissionais da educação.

A escolha metodológica que embasou a coleta de dados da pesquisa, centrada na pesquisa qualitativa, mostrou-se uma opção coerente. Poder assumir o papel de pesquisadora, na escola em que a pesquisa aconteceu, discutir sobre esse ambiente e o cotidiano de suas práticas, faz com que se redimensione a perspectiva sobre os valores nele imbricados e amplie a compreensão acerca das subjetividades dos participantes. Os recursos metodológicos utilizados: o questionário semiestruturado e o grupo focal foram fundamentais para atender

aos objetivos da investigação, e possibilitaram a interação dos participantes o mais próximo possível das práticas, usos, e *táticas* por eles praticadas, o que contribuiu muito no momento de análise dessas práticas.

O trabalho aqui dissertado buscou considerar o leitor e a obra literária dentro das realidades e das relações concretas em que eles habitam e que apropriações de leitura podem de fato ser possíveis. Deste modo, ao longo do texto, algumas situações foram problematizadas, como por exemplo, a compreensão das práticas e do desenvolvimento de competências leitoras no cotidiano escolar, a partir dos dados e resultados de avaliações externas, também estes frutos “de *estratégias* que produzem, mapeiam e impõem.” (CERTEAU, 1998, p.92), que servem a propósitos como: a) controlar, tendo em vista garantir que os conteúdos previstos no currículo são ensinados e supostamente aprendidos por todos os alunos; b) monitorizar, relacionado com a responsabilização e a chamada prestação de contas através dos resultados obtidos pelos alunos; c) certificar; e d) selecionar (FERNANDES, 2014) e que assim dispostas não permitem observar as subversões cotidianas com que se cria no seio dessas práticas, cerne desse trabalho.

O universo das ações cotidianas dos participantes e o cenário da pesquisa, quais sejam, a escola, a cidade, as práticas de leitura locais, tiveram então de ser redescobertos para que de fato os dados das interações entre os sujeitos tivessem sentido. Neste percurso de compreensão, observa-se que também estão imbricadas as tensões sociais suscitadas por políticas públicas governamentais, que tentam balizar a circulação de textos, objetos impressos e sua veiculação de diversas formas.

Durante as interações entre os sujeitos, motivadas pela leitura e contato com o livro “Nós Três”, publicado pela editora Agir em 1987, foi possível perceber a forma como a materialidade do suporte da obra atraiu a atenção dos leitores, suscitou questionamento, e até críticas, por ser uma edição antiga e não ter muita qualidade gráfica, ou seja, “aquilo que é contemporâneo do leitor, do seu horizonte de expectativas, não é o texto, mais ou menos antigo, mas a forma impressa no qual é dado a ler” (CHARTIER, 1990, p.178)

Por outro lado, a observação das maneiras utilizadas pelos estudantes para compreender ou se colocar diante da leitura do livro e estabelecer sentido permitem refletir sobre os condicionamentos e representações que perpassam a construção dos saberes, entre eles o de leitura, no cotidiano escolar, bem como os usos que fazem deles os grupos ou os indivíduos (CERTEAU, 1998), tanto dos espaços e lugares por eles habitados (a escola, a

casa, a cidade) quanto do objeto gráfico a sua frente em meio ao jogo que perpassa essas relações.

As análises das descrições do grupo focal foram feitas com base no conceito de táticas proposto por Michel de Certeau (1998). E dessas interações se pode observar que todos os participantes são singulares, tanto por suas vivências e subjetividades, quanto pelas maneiras como se colocam diante da leitura. Nas explanações do capítulo IV, isto fica visível, seis adolescentes encontram-se em um espaço comum: a escola, porém a forma de habitá-lo já os torna tão plurais que se torna dificultoso apreender suas trajetórias, “erosão que desenha ordinário em um corpo de técnicas de análise”. (CERTEAU, 1998, p.64).

As táticas “aparecem” nas atitudes e nos dizeres dos participantes, e algumas táticas foram mais fáceis de observar. Mas não se pode dizer que de alguma forma Sophia, Clarice, Mário, Luiza, Cecília e Manoel, mais próximos ou mais distantes, não tenham estabelecido relações com a obra literária e com a leitura, de maneira que se estas práticas forem trabalhadas, de alguma maneira poderão promover diferentes apropriações do que é proposto nas avaliações externas ou em outras práticas institucionalizadas.

Sobre essas relações, pode-se refletir também sobre os efeitos das imposições sociais que envolvem as práticas de leitura na escola, frutos das tensões entre estratégias e táticas, que fazem do cotidiano escolar um nó de circunstâncias (CERTEAU, 1998) e resultam em estudantes que não sabem ler, embora alfabetizados, se recusam relutantemente em aprender ou empregam táticas de subversão, como as que puderam ser vistas no corpo deste trabalho.

As maneiras de fazer para ler e compreender, praticadas pelos participantes, aparecem também nas salas de aula: a escolha pela leitura em voz alta e compartilhada, imersa em risos e brincadeiras; desvios de regras e de sentidos, encenações, estabelecimento de hipóteses e expectativas, bem como sínteses e relatos e assim pode-se refletir também sobre o ponto a forma como essas ações são concebidas na escola, geralmente como disciplinas diversas.

Observa-se também que nem todos os sujeitos aceitaram participar do grupo focal pelo simples interesse na leitura, para muitos deles, ler um livro, parece servir a outros propósitos e interesses. Entre os participantes, aqueles que se envolveram mais com a leitura demonstraram maior criatividade, ao passo que os sujeitos ao quais não conseguiam acompanhar as táticas dos colegas por dificuldades de leitura, ou por ausência de um querer, tentaram desistir da atividade.

Importa ainda considerar que várias foram as leituras entre os participantes e por isso, é preciso discutir a representação de que há uma passividade entre os jovens, fruto de

“dificuldades de leitura” de todos os tipos. Os sujeitos participantes desta pesquisa, demonstraram fabricações diversas, tanto entre os que explicita ou implicitamente se recusam a ler, quanto entre os que praticam leituras táticas que subvertem as regras e normas do ambiente e dos textos. Sutilezas táticas que estão ainda por descobrir.

Referências

- ANDRÉ, M. *O que é um estudo de caso qualitativo em educação?* Revista da FAEBBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, 2013.
- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. 16. ed. Campinas: Papyrus, 2009.
- BARTHES, Roland. *O rumor da Língua*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.
- BARBOSA, R. L. L. *Dificuldades de leitura. A busca da chave do segredo*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998
- BARBOSA, R. L. L. *Práticas de Leitura e conceitos sócio- ambientais: livros didáticos. 1997-2003/* São Paulo: Arte & Ciência, 2009.
- BARBOSA, R. L. L. *A construção do “herói”. Leitura na escola: Assis – SP -1920/1950-* São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *A investigação qualitativa em educação: uma introdução às teorias e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, P. *A Miséria do mundo I* sob direção de I Pierre Bourdieu; com contribuições de A. Accardo ... I et. ai. 17. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____ *A Economia das Trocas Simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CAMARGO, Maria Daniela B. de. São Paulo moderno: açúcar e café, escravos e imigrantes. In: SETÚBAL, Maria Alice (coord.). *Terra Paulista: história, arte e costumes*. Volume 1: A formação do Estado de São Paulo, seus habitantes e os usos da terra. São Paulo, CENPEC/Imprensa Oficial, 2004.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CHARTIER, A.M. HEBRARD, J. *A INVENÇÃO DO COTIDIANO: UMA LEITURA, USOS:* Trad. Mariza Romero Reviséio Técnica: Yara Aun Khoury (Pro). História, São Paulo, (17), nov. 1998. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11107/8151> Acesso em: 26/07/2017.
- CHARTIER, Anne- Marie. *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita/* Anne-Marie Chartier, Cristiane Clesse, Jean Hébrard: trad. Carla Valduga. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CHARTIER, R. *Escutar os Mortos com os Olhos*, Revista Estudos Avançados/ USP, n 69, (2010)
- CHARTIER, R. *O mundo como representação*. **Estudos avançados**. n. ° 05, p. 173-91, abr. 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier*; tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DELICATO, Cláudio Travassos. *Sobre lugares e trilhos: relações de sociabilidade durante a formação de uma cidade do novo oeste paulista* /Cláudio Travassos Delicato. – Marília, 2011. 311

FERNANDES, D. (2014). *Avaliações Externas e Melhoria das Aprendizagens dos Alunos: Questões Críticas de uma Relação (Im) Possível*. Relatório Estado da Educação 2014 do Conselho Nacional de Educação (CNE).

GARRIDO, Loan del Alcazar. *As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set192-ago/93, p. 33.

GATTI, B. *A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios*. **RBP**AE - v. 28, n. 1, p. 13-34, jan/abr. 2012.

_____. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, XXVIII Volume. Rio de Janeiro: IBGE, 1980.

_____. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, VIII RECENSEAMENTO GERAL. Volume I Rio de Janeiro: IBGE, 1970.

_____. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, VII RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL Volume I. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

_____. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Censo Demográfico de São Paulo. Volume XXV. Rio de Janeiro: IBGE, 1954.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de Leitura: Teoria e Prática*. 9ª edição, Campinas, SP: Pontes. 2002

LUDKE, Menga. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*/ Menga Ludke, Marli E.D.A. André. – São Paulo: EPU,1986.

NUNES, Lygia Bojunga. *Nós Três*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

PERROTI, E. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, *INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira*. Disponível em:<<http://portal.inep.gov.br/web/guest/pisa>>. Acesso em: 16/03/2018.

PROGRAMA DE QUALIDADE DA ESCOLA. *Boletim da Escola*. Disponível em: <<http://idesp.edunet.sp.gov.br>>. Acesso em 05/01/2018.

SAKURAI, Célia. Primeiros polos da imigração japonesa no Brasil. *Revista USP*. São Paulo, 1995. Disponível em <https://www.revistas.usp.br>. Acesso em 25/01/2018.

SÃO PAULO. (Estado) Secretaria da Educação. *Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira*. – 2. Ed. – São Paulo: SE, 2012. 260 p

SÃO PAULO. (Estado) Secretaria da Educação. v. 1 *Matrizes de referência para a avaliação Saesp: documento básico/Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini*. – São Paulo: SEE, 2009.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

SOUZA, R. J. de (org.). *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

.

Jornais

Folha da Manhã- 15 de agosto de 1935, p. 10.

Folha da Manhã, 25 de março.1943, p.10.

Folha da Manhã, 25 de março 1938, p. 21.

APÊNDICES

Entrevistas realizadas com moradores da cidade de Quintana, as quais foram usadas como fontes de pesquisa para a escrita do capítulo II acerca da história da cidade.

ENTREVISTA COM DURVALINA BUIIM ARENA

Pesquisadora- Como é o nome da senhora?

Dona Lina- Durvalina Buim Arena.

Pesquisadora- A senhora nasceu aqui em Quintana?

Dona Lina- Não, nasci em Santa Ernestina. Perto de Araraquara. Taquaritinga, Matão. Araraquarense, eles falam.

Pesquisadora- No ano de 1921? (há um jornal posto em um quadro na parede). Aquele jornal ali é do ano que a senhora nasceu?

Dona Lina- Aquele jornal foi meu filho que procurou não sei onde.

Pesquisadora- Dia 19 de fevereiro de 1921, esse é o dia do aniversário da senhora?

Dona Lina- No registro a gente pôs fevereiro. Era dois, mas aquele tempo não registrava, quando registrou já pôs vinte.

Pesquisadora- Então a senhora nasceu lá e veio para cá com a família?

Dona Lina- Vim para Marília.

Pesquisadora- Lembra o ano?

Dona Lina- Ah, 1930, 1932 eu já estava aqui em Marília. Em Marília eu fiz 12 anos, talvez tenha sido no começo de 1930, 31...

Pesquisadora- E como a senhora chegou aqui em Quintana?

Dona Lina- Aqui em Quintana? (risos), em um caminhão de mudança. O patrão onde a gente morava lá com meu pai, era administrador, então como na época de 30 deu aquela crise, que não exportava e o café ficou todo parado, era 1 milhão de pés de café, então precisou vim gente... quando abriu a exportação precisou mandar gente rápido pra cá, então nós viemos, um outro não quis vim... meu pai veio, como nós éramos em bastante filhos, nós viemos pra cá, para beneficiar tudo o café para exportar.

Pesquisadora- Mas esse café estava sendo produzido aqui em Quintana ou na região?

Dona Lina- Não, lá em Marília, naquela época quase não tinha trem, tinha um caminhãozinho... mas vinha caminhão até de fora porque se colocava no jornal anunciando, depois de lá, viemos aqui pra Quintana, mudamos 3 vezes, em Oriente, e depois para cá, lá onde é o Cunha.

Pesquisadora- Na fazenda?

Dona Lina- Na fazenda Bom Retiro, falava bom retiro porque tinha o gado...

Pesquisadora- Isso já era em 1935?

Dona Lina- Aqui eu fiz 13 anos.

Pesquisadora- Ah entendo, isto era 1932 por aí? Então vocês vieram...

Dona Lina- Aqui em Quintana eu vim em 1937. (se referindo a cidade propriamente de Quintana, porque antes moravam na fazenda acima citada).

Pesquisadora- Quando a senhora chegou aqui estava abrindo a cidade?

Dona Lina- Já estava, quando nós passamos de mudança não tinha quase nada, era uma casinha aqui outra lá, de pau a pique, tinha uma pensão que era dos Lemes, aqui ainda acho que tem o Lemes, a Marlene. Tinha uma pensão, o caminhãozinho que trouxe a nossa mudança era dos Lemes também, e ficamos lá, depois nós quando viemos para cá já estava melhorando, ficamos lá até 1937, aqui ainda era picada, não era estrada.

Pesquisadora- O que é picada?

Dona Lina- Vai batendo, cortando o mato. Abrindo o caminho.

Pesquisadora- O trem já tinha?

Dona Lina- O trem? Eu não me lembro... o trem acho que foi em... o lastro, o trem que falava lastro, porque servia carregar as coisas veio antes, mas a inauguração da linha férrea, acho que foi em 1939, não tenho certeza.

Pesquisadora- Então quando chega o trem que começa a...

Dona Lina- É que começa... o meu marido veio para cá pra Quintana trabalhar na construção das casas da Fepasa, que a gente falava, acho que no começo de 1939, para começar a fazer as casinhas.

Pesquisadora- A senhora já era casada nessa época?

Dona Lina- Não, casei em 1940.

Pesquisadora- Então a senhora casou aqui?

Dona Lina- Sim, casei aqui. Na igreja lá, na igreja pequena.

Pesquisadora- Quem era o padre que casou a senhora?

Dona Lina- Bernardo.

Pesquisadora- Aquela igreja foi a primeira que fez aqui?

Dona Lina- Sim, foi a primeira. Porque aqui era assim, onde que era o hotel, que a gente falava, a pensão, era ali que era para ser a igreja, era um espaço aberto... ficou para fazer a igreja, mas acho que se fizesse ali, bom, valia mais o terreno aqui, do que em outro lugar, não é? Então fizeram lá, e deixaram ali.

Pesquisadora- Ali é onde, a que lugar a senhora se refere?

Dona Lina- Em frente da Matilde.

Pesquisadora- Hoje é o Luciano Imóveis.

Dona Lina- Ali que tinha os batizados, era campal, a gente ia lá... então fizeram a igreja. A matriz foi feita mais tarde, lá por volta de 1945...com terreno da Santa Amélia, porque aqui tem dois terrenos, dois donos, a Santa Amélia e os Viladangos, uma parte, da Matilde para lá é (era) da Santa Amélia, e o resto é dos Viladangos.

Pesquisadora- João Viladangos que foi o fundador da cidade?

Dona Lina- É, desta parte aqui, agora lá de Campante...foi o Fortunato da Cruz Ferreira Campante. Na época falava assim que ele era corretor, o Fortunato, então eles fizeram negócio em troca de ele ficar com terra, ele vendia... e lá pertencia a ele.

Pesquisadora- Então ele vendia e o pagamento era terra, uma parte ficou pertencendo a ele? E a outra parte era do Viladangos?

Dona Lina- É, essa parte aqui, da baixa., que era deles mesmo, dos Viladangos. Por exemplo, para tirar as escrituras aqui tem de procurar os Viladangos. E lá em Campante era o Fortunato.

Pesquisadora- E ele era o “Campante”? O Fortunato?

Dona Lina- Era.

Pesquisadora- Na internet diz assim: “entre os primeiros povoadores, destaca-se a grande rivalidade existente, entre as famílias Viladangos e Patrício Campante, as quais viviam separadas, e tinham como marco de separação a linha do trem que cruza a cidade.” Eles brigavam mesmo?

Dona Lina- Então mais o Patrício era casado com uma irmã do Fortunato, ele morava em Pompéia e passou a morar aqui, depois pela máquina de benefício de arroz, o Patrício tem a nora aqui ainda...

Pesquisadora- Que é a dona Ana?

Dona Lina- Você já foi lá? Patrício pegou um pedaço da terra, comprou do cunhado, um pedaço onde tem a máquina, um terreno ali...

Pesquisadora- Então a dona Ana...

Dona Lina- A Ana era casada com o filho do Patrício, cunhado do Fortunato.

Pesquisadora- E teve isso mesmo essas brigas?

Dona Lina, dá risada.

Dona Lina- Houve muitas brigas aqui, teve muita coisa aqui em Quintana naquela época...teve uma captura falsa, uns bandidos que mandavam avisar na casa que ia e iam mesmo, até que um dia, marcaram com uma família aí embaixo, de ir lá, e eles armaram e mataram o chef, uns falavam que era bandidos, outros falam que roubavam...

Pesquisadora- Mas essas brigas eram de verdade? Ou era armação?

Dona Lina- Eram aproveitadores, alguns envolvidos, um que chamava “delegado de calça curta”, estava envolvido também, ele negou...

Pesquisadora- Eu li em um texto, que eles fizeram essas brigas, para afastar o pessoal daqui.

Dona Lina- É, houve aqui a divisão entre Campante, porque Pompeia tomou Campante, e passou a chamar Pontana, mas depois o meu irmão, era prefeito nessa época, e entrou na justiça para devolver, teve plebiscito, e Quintana ganhou. O Viladangos não queria também que passasse essa estrada que vai pôr Campante para o pesqueiro, a estrada era mais adiante, quase no começo de Campante onde tinha um buracão, e tinha também uma ponte, e uma vez um caminhão com japoneses, tombou na ponte e matou seis japoneses, meu irmão teve que entrar na justiça também, deu uma briguinta, depois venceram...

Pesquisadora- Como era o nome do irmão da senhora que foi prefeito?

Dona Lina- Olímpio Bussati Buim.

Pesquisadora- Ele foi o primeiro prefeito?

Dona Lina- Não, foi outros, não lembro direito, acho que foi Antônio Bicudo, depois foi Paulo Resende também, que é o dono da Santa Amélia. E assim foi indo, a gente esquece muito, meu irmão foi duas vezes...

Pesquisadora- A primeira vez em 40...

Dona Lina- A segunda foi numa época já que estava a ditadura...

Pesquisadora- Havia isso por aqui também? Essas questões...

Dona Lina- Tinha o que?

Pesquisadora- Questões políticas com relação a ditadura a senhora lembra?

Dona Lina ri...

Dona Lina- A gente tem que lutar por uma coisa melhor, não é? É duro, mas se voltar a ditadura agora, tenho tanto medo, eles são injustos, fazem coisas... nessa época aqui tinha a união dos estudantes, era forte.

Pesquisadora- Vamos falar sobre as escolas então, e a senhora conta essa parte da união dos estudantes.

Dona Lina- A primeira escola foi nessa rua aqui, ao lado do Centro Espírita, foi lá a primeira escola, a gente tinha escolinha também, pra dar aula pra meninos, uma professora pra dar aula pra pequeninhos, ficava aqui na esquina, que vai pra igrejinha, até hoje está vazio ali...e tem a escola lá, que o diretor era o Oscar, tem o nome da rua, lá meus meninos começaram estudar, o mais velho começou estudar lá. Hoje ele tem 76...

Pesquisadora- Quantos filhos a senhora tem?

Dona Lina- Tenho 5 meus, e uma adotada, só que morreu um...

Pesquisadora- Então eles começaram a estudar lá?

Dona Lina- Sim, começaram a estudar lá, depois que passaram para a escola Pedro Sommerhauzer, veio de Pompeia... (o professor Pedro Sommerhauzer?).

Pesquisadora- E a escola Altino Arantes?

Dona Lina- O *Altino* fizeram... aqui só tinha até o quarto ano, naquela época, antes ia pra Pompeia, depois fizeram aqui, os meus filhos... acho que só o mais novo que estudou aqui, os outros foi tudo em Pompeia.

Pesquisadora- O ginásio eles faziam lá?

Dona Lina- É o ginásio era feito lá em Pompeia, o normal também.

Pesquisadora- E no Sommerhauzer também era até a quarta série?

Dona Lina- Para falar a verdade, Quintana deu bons meninos daquele tempo, quase todos se formaram, todos...

Pesquisadora- E o que aconteceu depois?

Dona Lina- Não sei, eu para mim, eu penso que foi a desilusão da ditadura, porque parece que não, mas se perde um pouco, aquele entusiasmo pelo que você quer, a juventude... uns foram embora também, foram estudando fora, eu tenho um filho que foi com 16 anos para São Paulo, queria fazer a USP, foi e lutou...

Pesquisadora- Então aqui tinha a União Democrática dos Estudantes?

Dona Lina- Até o presidente, meu filho que morreu disputou a presidência com o Nilson Nunes que mora em Pompeia, mas o outro era de família... como diz, meu marido era pedreiro, o pai dele já era mais comerciante, então você sabe como o povo é, isto toda vida foi e vai ser difícil de mudar...

Pesquisadora- E esses jovens lutavam para o uma causa?

Dona Lina- Eles foram estudando, se eu não me engano, aqui em Quintana, deve ter uns quatorze ou mais médicos, engenheiros, farmacêuticos, todos que foram estudar fora.

Pesquisadora- Isto foi em 1950, 60...

Dona Lina- Na década de 60, depois da revolução de 64, meu filho por exemplo, em 64 tinha 18 anos, tinha muitos...

Pesquisadora- E o partido comunista? Tinha aqui?

Dona Lina ri...

Dona Lina- Meu marido foi preso três dias, eu só fui chamada...

Pesquisadora- A senhora foi aqui mesmo na delegacia?

Dona Lina- Ele ficou preso numa cadeia, que era ali onde hoje é a cozinha piloto, ficou três dias... não vale a pena... vale, porque a gente tem que lutar mas... tinha o Gregório, pai daquele que tem caminhão, ele falava, ele era também,... ele falava, “Lina, desde que eu tenho 18 anos, eu estou lutando pra isso, mas até agora...” eu dizia que daria certo... ele dizia “ não se iluda, Lina... a vida não é assim...” olha pra você ver, eu era mais velha do que ele...

Pesquisadora- Não é uma boa lembrança para a senhora?

Dona Lina- Dói não é, a gente quer lutar por uma vida melhor, nós víamos a vida dos outros, era difícil... eu não tenho mais esperança... mas depois quem sabe, eu acho que eles vão lutar ainda... mas a juventude parece que está inerte, não tem consciência de nada, não sabe, tem pessoas que só sabe que existe, porque está aqui, mas não olha em volta, ainda bem que a televisão pode ter um lado ruim, mas traz um pouco de atividade para as pessoas, ver outros lugares, que não é só aqui, existem outros lugares melhores de ideias, melhores de seitas religiosas, porque cada um fala, a minha, a minha, mas não sabe o ramo que saiu os brotos, então ajuda um pouco... A época muda, se deve caminhar, ir buscando... se não fosse a luta, não teria o que se tem hoje, as pessoas não querem crescer... temos que lutar pelos outros.

Pesquisadora- E o pontilhão? Como construíram?

Dona Lina- Foi na época da FEPASA, as estradas eram diferentes, a gente passava por cima da linha, então houve muita coisa, tombar caminhão, então fizeram o pontilhão, agora não sei se a prefeitura colaborou ou só foi a FEPASA que fez, ou a Companhia Paulista.

Pesquisadora- Então havia Quintana e Campante, os prédios da casa da lavoura, da escola, foram sendo construídos para ligar os dois povoados?

Dona Lina- Tem gente que não gosta de Campante, diz que é bairrista, mas Campante também é bonzinho, aquela parte de cima tinha muito japonês que morava lá, era vila Nipônica.

Pesquisadora- Onde era isso?

Dona Lina- Lá para cima, lá onde fizeram aquelas casas, do Campante, do Fortunato Campante...

Pesquisadora- E os japoneses aqui na cidade?

Dona Lina- Ah japonês dava dó, veio bastante japonês, mas não sei se era devido a comunicação, teve muito japonês com Tifo, vieram de fora... talvez tenha sido até falta de cuidado, eles vieram para trabalhar.

Pesquisadora- Mas nessa época já tinha posto de saúde aqui?

Dona Lina- Tinha, mas não me lembro em que época... até o primeiro médico, foi Pedro Maru. Depois ele foi pra Marília.

Dona Lina- O correio era aqui, neste terreno, depois naquela briga de Quintana com Campante, fizeram lá, onde ele está hoje, e acabou ficando lá, mas não é mais Pontana, ficou longe até, para as pessoas...

Pesquisadora- É verdade que aqui chegou a ter 25 mil habitantes?

Dona Lina- Teve. Hoje são seis e pouco, não é? Incluindo os rurais também que pertenciam a Quintana, então dava 25. Mas era no sítio mesmo, por exemplo a Santa Amélia tinha umas cinco ou seis colônias que tinha café, a fazenda Brasília também, a Mercedes, as outras, aqui a Viladangos, lá pro lado do Barreirão, que vai pro pesqueiro por ali tudo pertencia a esta parte aqui, e tinha muito sitiante também, hoje não tem, vieram todos pra cidade, encheu a cidade, se ficasse lá no sítio, um perto do outro, depois foi esvaziando, foram indo tudo embora, agora tem gente voltando...

Pesquisadora- Porque a senhora acha que essas pessoas foram embora?

Dona Lina- Por falta de trabalho, aqui não tinha indústria, a Jacto foi que começou a impulsionar, deu uma grande mão aqui sobre trabalho, tem um menino meu que trabalhou desde os dezessete anos, aposentou agora, quarenta e poucos anos...

Pesquisadora- E sobre a cultura da cidade? Tinha cinema por aqui?

Dona Lina- Tinha cinema.

Pesquisadora- Depois fechou?

Dona Lina- Era primeiro lá onde o Issao mora, depois passou onde que é o restaurante, e acabou. Passou para outros donos, era o Licório não é, depois acabou...

Pesquisadora- E biblioteca?

Dona Lina- Biblioteca que eu me lembro... acho que não tinha, não tenho lembrança que tinha não... agora tem, mas ninguém aprende ler... eu tenho ali no Centro Espírita, porque eu sou espírita, e lá tem bastante livros, tem uma biblioteca, se alguém quer procurar alguma coisa...que religião você é?

Pesquisadora- Sou católica?

Dona Lina- Também já fui católica...

Pesquisadora- Quando a senhora chegou aqui era católica?

Dona Lina- Eu era católica, eu era até filha de Maria, minha mãe chamava Antônia... depois comecei namorar meu marido e ele era espírita... ele falou que era cada um na sua religião, mas um dia ele trouxe um livro chamado Mídia Alma, é um romance de reencarnações, eu li e entendi tudo, e pensei “ a coisa aqui é diferente”, então comecei a ir com ele um dia, ou outro, até que... já fui secretária, já fui tesoureira, presidente do Centro.

Pesquisadora- Faz tempo que o Centro existe aqui... qual a linha?

Dona Lina- O nosso é o kardecista. Tem outro Centro ali em Campante, é o redentor, é o da Maria do Carmo, não sei quantas pessoas tem lá..., mas eu leio tudo, Testemunha de Jeová traz o folheto, eu leio tudo, porque a gente aprendeu com Paulo, ler tudo e ficar com aquilo que for melhor...

Pesquisadora- A senhora concluiu a escola?

Dona Lina- Eu fiz três anos e dois meses do quarto ano, eu podia ter concluído, mas aquele tempo eu já estava moça, aí já tinha que partir aprender costurar.

Pesquisadora- A senhora costura?

Dona Lina- Eu costuro, para ajudar não é, mas fui para a roça, fiquei lá quatro anos plantando café, e costurava e trabalhava, ia para a roça levar comida, meu marido era pedreiro, depois voltamos aqui pra Quintana.

Pesquisadora- Como era o nome dele?

Dona Lina- José Arena.

Pesquisadora- Mas a senhora gosta de ler?

Dona Lina- Eu gosto. Eu vivo lendo, e faço palavra cruzada para distrair, dá para aprender bastante coisa, toda vida eu li, quando pequena, tinha boneca, mas lia...

Pesquisadora- Quantos anos a senhora tem hoje?

Dona Lina- Tenho noventa e seis. E vamos aprendendo ainda...tem pessoas que não gostam de ver o repórter por exemplo, os noticiários, mas a gente aprende tantas coisas, sobre lugares e etc., as pirâmides do Egito... tem pessoas que nem sabem que existe, pensam que o mundo começou outro dia, outros pensam que foi depois de Jesus, o mundo começou há muito tempo...

....

Dona Lina- Tem as famílias que vieram para cá, bastante, aqui dos Viladangos, as professoras que vinham de fora começar a dar aula, elas ficavam alojadas ali.

Pesquisadora- Onde?

Dona Lina- Ali na esquina na casa do Cláudio Silveira, na esquina do banco, mais pra lá... até dois dos Viladangos casaram com duas professoras... lá pra aqueles lados que eu morei, do Ricardo, teve uma época que tinha 100 trabalhadores para derrubar a mata, então fazia aquela cozinha, era tudo coberto de mato, mas nunca teve uma briga entre eles, eles faziam comida, aqueles mais novos iam em casa brincar com a gente, ajudavam descascar mandioca pra fazer farinha, vieram tudo de lá (do Norte) no pau de arara.

Pesquisadora- E tinha muita festa?

Dona Lina- Sim, tinha bailes, a juventude da minha época, a gente fazia baile, se tivesse uma casa vazia, o pai cedia, e tinha o Emiliano Viladangos, ele tinha um pé de bode, quantas vezes chegava em casa, e fazia eu levantar pra ir dançar... tinha uma orquestra pequena aqui, eles se reuniam dia de domingo, tocava, tinha outra, mas aí eu já estava casada... tinha o carnaval, mas não era clube, era uma máquina de beneficiar arroz, lá em cima, na frente do banco, e a gente fazia a passeata lá em Campante, no salão, a gente dançava um pouco lá, depois eles vinham dançavam aqui, pegava um caminhão pra sair na rua, foi boa a mocidade...

ENTREVISTA COM ANTONIO PEREIRA DOS SANTOS- 80 ANOS- TRABALHADOR RURAL.

Pesquisadora-Onde o senhor nasceu?

Antônio- Salinas.

Pesquisadora-Com quantos anos o senhor veio para cá?

Antônio- Vinte e dois.

Pesquisadora-Porque o senhor saiu de lá para vir para cá?

Antônio- Porque o povo falava que aqui se juntava dinheiro de rastelo. Então eu vim.

Pesquisadora- Mas como era? Simplesmente saiu de lá e vinha? Se juntava um dinheiro lá e vinha para cá?

Antônio- É, pegava o dinheiro da passagem e vinha. Como eu vim...

Pesquisadora- Vinha sem um destino certo?

Antônio- É, sem destino, como eu mesmo, quando eu cheguei em Pompeia, eu fiquei na estação, então naquele tempo, era fácil arrumar lugar, a gente ficava na estação, e os patrões procuravam, quem queria trabalhar...

Pesquisadora- Ah, eles iam na estação procurar gente...

Antônio- Eu tinha chegado, e estava eu e a finada, e a Lia...então ele chegou, perguntou como que era meu sistema, porque eu estava ali, ai eu falei que tinha vindo para trabalhar, porque lá estava fraco... então eu fui para Paquerê, vizinho de Queiroz, eles me levaram para uma fazenda, eu só olhei...não, eu não vou ficar aqui não... parecia uma favela, aquela fazendinha, umas casas nojentas, um banheiro para mais de cinquenta pessoas. De lá... aquilo foi por Deus, um homem da Ponte Preta chegou lá, “senhor não quer ir trabalhar comigo? Tocar café? Trabalhar com café?”

Pesquisadora- Ponte Preta era uma fazenda?

Antônio- Uma fazenda aqui. Eu falei eu vou, e vim pra Ponte Preta. Com o café eu fui trabalhando, trabalhando...

Pesquisadora- O senhor, sua esposa, e a filha?

Antônio- Minha filha com três meses... (rindo).

Pesquisadora- Ela nasceu lá e veio para cá?

Antônio- Foi. Eu fiquei, trabalhei, trabalhei, plantei tudo que ele mandou plantar, milho, feijão, café...quando foi um dia ele chegou na roça, eu tinha ido tarde para a roça porque a menina estava doente, então eu fui tarde, era umas três horas, ele chegou, o patrão era... ele batia mesmo...eles eram três irmãos, eu lembro como hoje.

Pesquisadora- A fazenda era grande?

Antônio- Era um sítio, mas era ele que mandava... ele chegou montado, jogou a mulona perto de mim com o rabo de tatu enfiado... e perguntou: “O Antônio, porque você está chegando na roça agora?” Era três horas da tarde, menina do céu, e eu cansado, estava fazendo arruação... “você pra trabalhar comigo, não pode chegar na roça tarde, que a arruação sua está atrasada”, eu falei, olha, estou pegando agora porque minha menina está doente, porque eu pego na roça antes do sol sair”, ele ignorou, eu comecei falar alto, ele me chamou de burro, “você está acostumado lá no norte, aqui não é assim não, você está pior do que burro”, mas assim, na minha cara, eu com o rolo na mão, fazia até barba, eu fui e falei com ele, ‘Olha meu filho, burro se eu fosse teu pai’, “você não prova”, “provo cinquenta vezes”, ele largou o rabo de tatu, eu segurei o rolo assim, ‘pode bater, pelo menos sua perna eu arranco’, ele montou no burro e foi embora, disse que amanhã eu sumisse de lá. E eu ignorante, feito uma besta, larguei mesmo. No outro dia, sai da ponte preta, cheguei aqui, encontrei um conhecido meu, lá do rio do peixe, do Barreirão, daqueles cafundós.

Pesquisadora- Ele morava lá?

Antônio- Quem?

Pesquisadora- Esse homem?

Antônio- Não, ele morava lá no sítio perto da ponte preta.

Pesquisadora- Que era isso?

Antônio- Ah...eu vim pra cá com 22, a menina estava com um ano, um ano e pouco... mais ou menos essa base, 1960... então eu peguei, larguei lá, eu não tinha nada mesmo, juntei a trouxa mais a Ana, e fui lá pro Barreirão, morar no sítio de doutor Alfredo, o pai da Eva (cunhada),que tomava conta, lá eu fiquei uns par de anos, depois subi mais pra cá, mais pra cima, no finado Ferreirinha, depois pro Pedro Júlio, lá eu fiquei 20 anos, meus meninos nasceram tudo ali. Só Gilmar que nasceu em Rinópolis, os outros nasceram tudo aqui, da Mirante até no final do finado Pedro Júlio. Ficamos por aqui, aí foi enfraquecendo a roça, eu fui tocando a roça, tocando a roça...

Pesquisadora- Então foi quando o senhor começou a sair daqui?

Antônio- É, mais quando eu saí daqui, estava com 30 anos que eu plantava roça, a família já foi crescendo tudo...

Pesquisadora- E os outros irmãos do senhor?

Antônio- Os outros irmãos foi assim, eu morava lá no finado Pedro Júlio, lá na beira do córrego, quando a finada Ana ganhou a Cirça, veio um médico de Pompéia... eu não tinha condição, morava em uma casinha velha, e ela arruinou de noite, a menina nasceu, mas não acabou, precisou o Nilo que morava aqui, que era dono da farmácia... eu vim, falei, ele foi pra Pompéia, buscou o doutor, e deu nisso... inteirou três anos, eu e ela aqui, quando eu recebi uma carta do Norte (norte de Minas), era tudo, Arlindo, Araci, Noênio, deles tudo, da minha mãe, Luzia, eles estavam passando fome, Ana, aquele dia, eu jantando junto com ela, só encostei o prato, fiquei pensando... eu com tanta fartura no mundo, e minha mãe passando fome lá com meus irmãos.

Pesquisadora- Quem leu a carta?

Antônio- Ah naquele tempo? Acho que foi a finada dona Lourdes...

Pesquisadora- Do seu Abílio?

Antônio- Era vizinha... uma pessoa no mundo que nos ajudou foi aquela mulher, a minha cunhada que era a Geralda, não lavou uma calcinha para a irmã dela Ana, e a dona Lourdes... bom, no outro dia cedo, fiquei pensando, fui na fazenda, contei para o seu Pedro o que se passava, e falei que queria buscar eles, ele falou: “o Antônio, eles trabalham? Quantas pessoas são?” eu falei que era 15, mas que trabalhava era só uns 4, ou 5. Naquele tempo, 15 passagens custavam 60 contos...ele me deu o dinheiro... só que eu tinha roça boa, tinha tudo, amendoim, algodão... tinha fartura naquele tempo, ele perguntou que dia eu queria ir buscar... no outro dia eu fui na fazenda, e o Davi Júlio chegou, seu Pedro disse que mandava buscar com a perua, mas Davi queria buscar com o caminhão, só que eu não queria trazer minha mãe de caminhão de pau de arara, então ele me deu 61 contos...e aqui onde é o Banco, era o banco Bahia, eu depusitei 50 contos aqui para pegar lá em Montes Claros, fui com 11 mil reis no bolso. Sem avisar ninguém, só falei com a finada Ana, disse para ela ficar com as duas meninas, Cirça tinha nascido em outubro, em novembro eu fui... peguei o trem aqui, três dias para chegar lá. Daqui para São Paulo, de São Paulo pra Belo Horizonte, de lá pra Montes Claros, e o ônibus pra Salinas... cheguei na casa do finado Augusto, ele já era casado e tinha filhos. Duas horas da tarde eu estava em Salinas, ele estava trabalhando, acredita que estava tão bom, que eles foram me dar comida 6 horas da tarde, um pouquinho de arroz, não tinha... comprade chegou da roça, foi no rio e tomou banho e ficou naquilo... à noite eu falei com ele, disse que tinha ido buscar, mas que não podia demorar porque minha mulher tinha ficado cá com as crianças, disse que depois de amanhã já estava indo embora, se quisesse ir, eu pagava a passagem, o dinheiro estava no banco. Ele ficou pensando... eles choraram e ele disse: “eu vou”. Fui pra casa da minha mãe, e lá também a coisa estava tão boa, que eu cheguei meio dia mais ou menos, e a mãe foi me dar um pouquinho de comida era seis horas da tarde, eu comi aquilo, fui pra casa do meu sogro, e deixei tudo combinado pra vir embora, todo mundo quase morreu de alegria, Noênio chegava a pular. Eu trouxe Araci, Noênio, finado Valdo, Luzia, Mãe, e Durvalino, mas o povo engambelou Valino, disse que eu não sabia entrar no banco em Montes Claro, disse que a gente ia morrer no caminho “quem é Antônio pra entrar num banco gente” eles disseram, eles pensavam que banco comia gente, mas eu mostrei os papeis...Ele veio até Salinas, mas chegando cá, o Zé que era tio da finada Ana, engambelou ele e levou de volta. Ele ficou sozinho lá, os outros vieram tudo, finado Augusto com aquele povão, só que aí o Clemente trouxe o Tranculino com a mulher e os filhos, e ao todo vieram 18 pessoas. O finado Clemente estava junto comigo, e nós achamos que o dinheiro dava para ir, mas quando eu cheguei em Montes Claros, eles ficaram tudo na estação...fui no banco peguei o dinheiro e comprei as passagens, deu para vir até São Paulo, e o dinheiro acabou. Quando chegamos em São Paulo, ficamos na estação, o povo tinha falado para a gente ficar quieto que o guarda procurava, quando ele chegou,

perguntou para onde eu estava indo, eu disse que ia para o interior e que o povo era por minha conta, então nos levaram para a Imigração, fui mesmo!!!!

Pesquisadora- Como era isso?

Antônio- Um lugar onde você come, dorme e não paga nada...levaram nós para lá, dormimos, tomamos café no outro dia, almoçamos, e fizemos a fila para pegar a passagem e vir para cá... e chuva!!!! Eu sozinho, pra dar conta daquele povo, o guarda me dizia pra eu ter cuidado, que eu ia responder... nós almoçamos, e meio dia levaram nós pra estação, ficamos até sete horas da noite, eu quase fiquei doido, porque eu já havia viajado de trem, mas eles não, todo trem que chegava eles queriam ir embora, e eu explicava... quando foi sete horas da noite, o trem chegou, o guarda encostou e disse que enquanto tivesse uma mulher, nenhum homem podia entrar. As mulheres sentavam primeiro. Falei com a mãe, pra que onde ela sentasse, ela guardasse um lugar pra mim, então todo mundo entrou, fecharam as janelas, e o guarda ainda disse que se aparecesse um vidro quebrado, eu ia responder na estrada. Todo mundo tinha que trazer uma sacola de pão, até as crianças pequenas. Saímos de lá sete horas, quando foi o dia amanhecendo a gente estava aqui...e chuva, chuva... descemos aqui, eu fui na rua chovendo, arrumei um caminhãozinho, coloquei o povo e desci lá pra baixo.

Pesquisadora- Onde eles ficaram?

Antônio- Olha Ana, uma casinha pequenininha de 4 cômodos para caber esse povo todo, o povo do Clemente não, mas comigo ficou finado Augusto e os filhos, quando dava na hora de dormir, de tarde, era cada panelona de comida que finada Ana fazia, povo comia... de noite era assim, depois que deitasse no chão ninguém podia levantar, podia urinar na roupa, porque não dava para andar. Finado Augusto com todos os filhos dormindo no chão, a Mãe com todos os filhos no chão, e eu só tinha uma caminha, que era minha mais Ana... Com 30 dias, Deus me ajudou que eu fui atrás de Pedro Júlio e arrumei uma casinha pra Augusto, parecia um paiolzinho, não é reclamar... Ele começou a trabalhar, depois logo arrumei para a Mãe e os meninos... eu falei para eles que aqui a gente tinha que trabalhar. Só que eles todos me pagaram, com pouco tempo todo mundo me pagou, mas foi eu que trouxe Ana, sofri com esse povo meu.

Pesquisadora- E como era a cidade? Era grande?

Antônio- Aqui Ana tinha só essa avenida, quando eu fui buscar o povo, estava com 3 anos que eu morava aqui, só tinha essa avenida, não tinha casa, o Salão Branco era pasto, tudo terra, eu mesmo tirei meus documentos aqui.

Pesquisadora- No cartório aqui?

Antônio- Não tem onde era a padaria do Zé? O cartório era do lado de cima, o dono do cartório chamava Oswaldo, eu tirei os meus documentos, eu era casado, mas no Norte ninguém tinha isso, naquele tempo ninguém se importava com isso, nós tiramos o registro tudo aqui.

Pesquisadora- Aquele tempo já tinha a igreja?

Antônio- Já tinha a igreja, mas só tinha a avenida, porque eu mesmo ajudei fazer o asfalto aqui em Campante, trabalhando na prefeitura.

Pesquisadora- Quem era o prefeito naquela época?

Antônio- Naquela época chamava Luizinho...não, era Buim, depois foi o Luizinho, só depois o Davi Júlio. Aqui eu mesmo ajudei, aqui perto do posto de gasolina, era terra, sabe como nós jogava as pedras de cima do caminhão, cada um com uma pá. Jogando pedra no chão, e os outros iam consertando.

Pesquisadora- A escola Altino não tinha ainda?

Antônio- Não, não tinha nada...não tinha posto de saúde, não tinha nada, depois que foi indo, começou a renovar a cidade, de gente velha aqui, de armazém para você ver, tinha dois armazéns aqui, era um do Sakuno, e o outro do Aristides, e o Joaquim Costa.

Pesquisadora- É verdade que tinha nesta época 25 mil habitantes aqui?

Antônio- Tinha.

Pesquisadora- E tinha cinema?

Antônio- Tinha. O cinema era lá onde é o calçadão hoje. Naquele tempo era bom, só que nós morávamos tudo no sítio, hoje o povo de Quintana não dá o tanto de gente que tinha no sítio, só do Barreirão, o finado Braulino tinha duas jardineiras para trazer o povo, todo sábado... sem falar das fazendas que vinha dois, três caminhões de gente, para fazer compra no armazém. Tinha três, quando a gente entrava, com uma hora ainda não tinha encostado no balcão.

Pesquisadora- Onde era o Sakuno?

Antônio- Aqui onde é a padaria agora.

Pesquisadora- Não tinha uma vila Nippon ali?

Antônio- Tinha, em Quintana tinha mais armazém, você tinha que chegar e pedir, me dá um quilo disso... depois que virou mercado, mas foi bem depois... era difícil. Vinha umas duas mil pessoas do sítio para fazer compra. Aqui em Quintana tinha 4 armazéns, do Oswaldo Medeiros (pai do Toninho), do José Airoldi, Valdemar Airoldi, lá na rua do Bode tinha outro do Alcides também...

Pesquisadora- Na década de 70, o senhor foi embora para outra cidade...

Antônio- Não... a gente morava aqui no Mirante, depois fui pra Rinópolis... não fui pra Alto Alegre (em Tupã) tocar café, e depois pra Rinópolis.

Pesquisadora- Mas porque o senhor saiu daqui? Começou a faltar serviço?

Antônio- Não, era que naquele tempo era só amendoim, e eu fui tomando prejuízo, plantando e sempre tomando prejuízo, e eu trabalhava com banco, trabalhei com o banco de Herculândia dezesseis anos, fazia financiamento, mas então começava aqueles tempos de chuva e eu perdia tudo, então resolvi ir mexer com café.

Pesquisadora- Mas essa fazenda aqui já não era tão forte aquela época? A Santa Amélia?

Antônio- Era, a Santa Amélia e São José eram as melhores fazendas de café que tinha, olha, lá no finado Pedro Júlio, a metade da fazenda dele era de café. Mas naquele tempo eu plantava amendoim, então fui pra Rinópolis, fiquei lá uns 8 anos, toquei café uns anos, até que eu fiquei sem a mulher e vim embora para cá, abandonei, nunca mais quis café, aí fui para retiro, fiquei no retiro quinze anos...

Pesquisadora- Na fazenda Bom Retiro?

Antônio- Não, retireiro, tirando leite. Trabalhei quinze anos tirando leite. Olha que eu conheço Marília, Braúna, Gabriel Monteiro, Rinópolis, Oswaldo Cruz, só no retiro. Depois não aguentei mais. E hoje não trabalho mais nunca com retiro. Antigamente era bom, divertido, mas depois que começou a mudar para a cidade, acabou, o que fracassou muito no sítio, aí uns tomava prejuízo, vinha para a cidade, e trabalhava de boia fria, fracassou também porque começou a entrar as máquinas, e o povo sumiu tudo, foram tudo embora daqui. Se tivesse hoje, isto aqui não cabia nem um quarto do povo que tinha no sítio. Quando eram fazendas, tinha colônia de 30, 40 casas em cada fazenda. Descia aqui pelo Barreirão pegava aqui a Brasília, Acampamento, depois saía pelo Barreirão, fazenda do Sebastião Leme, finado Pedro Júlio, cada fazenda tinha 50, 60 famílias, foi tudo acabando, o povo sumiu e morreu, é duro, aqui já foi bom, essa Quintana hoje está bom ainda, está bem melhor o jeito da cidade, os prefeitos consertaram, antigamente se sofria, mas hoje está bom, hoje você tem uma geladeira, um fogão, naquele tempo ninguém tinha... bebia água no córrego...

ENTREVISTA COM ALCIDES DE FREITAS- 58 ANOS- MOTORISTA

Pesquisadora- Eu gostaria que o senhor contasse onde nasceu, falasse da infância...

Alcides- Nasci aqui, porque agora você é registrado em Quintana, mas nasce pra Pompéia, **(a cidade não tem maternidade- grifo meu)** mas eu nasci na época na divisa com Herculândia, e naquele tempo era assim, uns nasciam no sítio, as vezes não dava tempo, ou vinha pra cidade. Mas a infância eu vivi um pouco na roça... vim pra cidade ainda pequeno, foi na época de 67 que eu vim pra cidade, e a infância que a gente tinha aqui era boa, saudável, tinha bebida, alcoolismo, mas era menos, não tinha quase. A gente brincava muito, na casa Lusitânia, ali onde é o Mercado Merlotti. Eu, o Issao, o irmão do Marcelinho, o Rogério, tinha os meninos, a gente ficava sentado sempre ali, a brincadeira nossa era essa.

Pesquisadora- Era um barracão?

Alcides- Não, era uma loja mesmo. A casa Lusitânia, ainda tem uma em Tupã. Vendia utilidades, ali a rua era de chão, e a gente ficava ali brincando, depois começamos a estudar e íamos para o Altino. Se bem que até construir esse Altino, tinha meu cunhado que trabalhava lá na época... ali onde é a rodoviária era tudo eucalipto, e tinha um canteiro de espinhos ali. Agora o pontilhão, aterraram o lado de cá primeiro, e na época veio um rapaz com um jipe, e não sabia que não tinha aterrado do lado de lá ainda, caiu lá embaixo e morreu, eu lembro de tudo isso...

Pesquisadora- E o senhor era pequeno nesta época?

Alcides- Era pequeno, eu tinha uns 10 anos já... o pontilhão foi construído quase ao mesmo tempo que o Altino. Até antes a passagem **(entre Quintana e Campante-grifo meu)** era lá na São João, atrás do Altino, ali era uma passagem, teve uma época ali que aconteceu um negócio, tinha as eleições no clube de madeira, de assoalho, então teve uma discussão, um cara foi dar um tiro e errou, o pessoal saiu correndo atrás dele, inclusive aqui ainda esposa, filhos e netos aí dessas pessoas que correram atrás, e mataram ele pisando, dando paulada.

Pesquisadora- Isto foi em 70?

Alcides- Antes. Sessenta e pouco.

Pesquisadora- Briga política?

Alcides- Então, depois teve uma época, que eu não vivi, só em partes, o pessoal de Quintana não podia ir pra Campante, e Campante pra Quintana, na época chegaram a cogitar que fizeram um cemitério, do lado de lá pra não passar pra cá, tinha um galpão lá que diz que era o velório, ali do lado do seu Dedé, não chegaram usar. Se passava pra cá dava briga, passava pra lá... mas era uma cidade boa. Aqui na Santa Amélia tinha outra passagem, ali onde é aquele barracão do Dete era outra passagem, isso aqui era tudo café, e depois que passa a linha, não tem aquela casa de madeira? Ali tinha uns três quartos, que aquele pessoal que trabalha aqui na Rubi, tinha acesso ali, o trem entrava lá, pegava mercadoria, um acesso ali com a ferrovia... e a FEPASA também tinha aquelas casas ali, onde moravam o exportador, o chefe, aquelas casas perto da estação. Lá na frente, não tem aquela casa, um barracão do Claudio Silveira? Mais adiante tinha umas seis ou oito casas, que eram casas como as que tem em Pompeia, conjugadas, metade de um, metade de outro, ali morava o feitor da linha, os caras que trabalhavam com a solda, e a minha infância foi assim, eu visitava onde meu pai trabalhava, brincava, não era de bagunça e eu cheguei a viver bastante isso daí. Já o Altino antes era onde era a creche antiga. Eu estudei dois anos lá, terceiro e quarto ano, eu não posso precisar o ano, mas meu ex cunhado, chegou a trabalhar ali, o Mário, pai do frei Edmar trabalhou ali também, então a gente ia lá ver a construção da escola.

Pesquisadora- Porque se construiu ali?

Alcides- Isto eu já não posso te explicar, não sei se foi por bens políticos na época, ou se o terreno favorecia e ficava no meio, foi alguma coisa assim, para não ficar lá longe, acho que foi nesse sentido. E aqui onde tem o Sommerhauzer, aqui era tudo grama, não tinha quase casa, só terra e grama, ao lado tinha arroz, em frente um bebedouro de água, porque naquele tempo tinha muito animal, muita carroça do povo do sítio que vinha tudo para a cidade. Quintana na minha época, tinha feito um Censo, deu 17 mil habitantes. Mas já chegou a 20 mil e pouco... eu me lembro de Censo de ter 21. Então o povo se concentrava muito na roça, você andava um quilômetro e tinha uma colônia, final de semana o pessoal subia tudo de carroça, por isso tinha os amarradores de cavalo, muitos bebedouros. Onde é o trevo agora, ali era um campo de futebol, chegou a vir time grande ali, São Paulo.

Pesquisadora- E na escola, havia interesse pelo estudo? Tinha alguma espécie de rivalidade entre Sommerhauzer e Altino?

Alcides- Não, não teve porque era assim, eu por exemplo, eu estudei primeiro e segundo ano aqui, terceiro e quarto eu já fui para o Altino, e era quase que normal esse vai e vem. Quando fizeram a escola aqui (**o prédio**), logo lá já parou de ser escola e começou a ser creche. Eu vive também o cinema, era nossa... não via a hora de chegar o fim de semana, eu lembro do seu Gregório Licório, que era o dono, depois o Paquito, o avô do Ninico, e até do pessoal que passava os filmes eu lembro, comrade João, Ramiro, depois fechou...a época que passava *Paixão de Cristo*, chegou a ter quatro cinco sessões, o pessoal vinha muito do sítio e não cabia, então fazia uma sessão, terminava e começava outra, o povo era muito religioso, hoje... não tem mais as ilusões... em termos de catolicismo, tinha procissão que enchia de gente. Eu morava em frente do cinema, onde é que o Toninho Medeiros, a época meu pai tinha um bar ali, eu via... então sei lá, é porque a gente não tem um poder aquisitivo, mas se dependesse de mim... hoje é onde é o Taxinha, mas o cinema era a coisa mais linda.

Pesquisadora- O senhor teve uma locadora, não é? Era por causa desse amor pelo cinema?

Alcides- Isso, foi uma sequência de você estar ali, procurando aqueles filmes antigos, eu cresci com isso na cabeça, na minha chakra eu tenho coisas antigas, moinho antigo, coisa para torrar café, fogão a lenha, de ferro e de limão, moinho de moer milho, tudo que era da época, rádio antigo... gosto muito das coisas. Eu acho que lá atrás era melhor, hoje temos mais condições, mas antes o povo era mais sadio. O cinema acabou devido à televisão. Esvaziou também a cidade, eu creio que foi isso, não gosto muito de falar de política, mas se fosse hoje aquela época antiga, que foi feito com um governo aquele programa *Luz pra todos*, não tinha esvaziado tanto a área rural, porque a rapaziada, meus primos, meus irmãos, vieram tudo pra cidade devido a isso, sabe, aqui tinha televisão, geladeira, então também já foi a sequência de acabar o cinema, mas o tempo da água da moringa era bom.. para minha consciência era bem melhor, eu vivia melhor, se eu pudesse voltar...

Pesquisadora- E o senhor terminou a escola?

Alcides- Não, na época a gente estudava o quarto ano, depois tinha que passar por um ano de admissão, era lá onde hoje é a quitanda do Di, ali tinha uma sala, e o professor Leopoldo, até tenho ele no *Facebook*, a gente conversa muito, era dos Carvalho. O pai dele tinha uma barbearia, onde é o açougue do Rice, o Zino irmão dele trabalhava na farmácia, e ele era o professor. Ali ele dava aula de admissão, a gente ficava um ano com ele, pra depois poder ir pro ginásio, eu fui, e depois estudei dois anos no ginásio. Hoje o quarto ano, e depois o ginásio significa o colegial, então eu sei que eu não tenho assim “aquela leitura”, mas eu me interessei muito em ouvir, eu aprendo mais que muitos... mas na época a gente aprendia, era muito sério, então eu vivi esses dois anos no ginásio, até o meu diploma foi assinado pelo doutor Ede, ele era diretor. Os meus professores eram a Dona Neide Sobreiro Lisboa, a Dona Munir, mulher do Vanir Escanavasca, e a Dona Rosinha, uma que está até em Marília agora, irmã ou cunhada do professor Carlos Travessa, que era diretor na época. Eu não me arrependo de ter estudado esse pouco só, aquela época, se fosse hoje, hoje eu teria que avançar mais.

Pesquisadora- E questões políticas, como que era?

Alcides- Aqui na época teve só dois partidos, era o Arena e MDB, primeiro o Arena, depois veio o MDB, que hoje é o PMDB. Aqui saia o Mesquita, entrava o Luizinho, saia o Luizinho, entrava o Mesquita, até que veio o seu João, na época, seu Mesquita era da Arena, e seu João Alves veio, com o MDB, e depois veio esse monte de partido. Aqui a política era bem disputada, e era engraçado, porque nem sempre o que tinha mais votos levava, teve uma época que teve três prefeitos aqui, o mais votado não levou a eleição, então é sempre assim... veio o Maluf, aquela contagem de legenda, mas a política aqui era assim, no começo foi brava a coisa, como eu já falei, de chegar a falecer gente, mas era boa, o que inflamou muito a política foi essas coisas de propaganda e etc...

Pesquisadora- E sobre as igrejas? Teve uma época que a igreja do Salão Branco caiu?

Alcides- Foi, teve uma época que ela caiu... na época do seu João Alves que levantou ela, eu era coroinha da época... na fazenda Serrinha tinha uma igreja, meu irmão morou lá e tudo, no Córrego Branco, Goyo Gutche, então todos os lugares tinha, mas não era assim muito dividido, o povo se concentrava na época, era muito boa.

Pesquisadora- Nessa época já tinha a matriz?

Alcides- Já tinha, essa matriz, eu não vivi, sei quem construir, mas não vive isso aí não, sei que meu padrinho Português, finado Gumercindo, pessoal que construiu.

Pesquisadora- O senhor lembra nome de padre?

Alcides- Eu sei assim na minha cabeça, mas de nome, não... o jardim de Quintana foi considerado uma vez o jardim mais bonito. Depois no mandato do seu João, tinha um negócio de uma fábrica de lajes, ali

pra baixo do sommerhauzer. Então o prefeito tirou toda a cerca de espinho, e colocou os blocos, plantou os negocinhos e acabou com o jardim.

Pesquisadora- Tinha mais escolas no sítio por aqui?

Alcides- Tinha, até eu tenho fotos de escolas, do Cabrine tinha muita gente lá, onde desce o seu Glaumir, a do Goyo Gutche, a do Córrego branco, a Escolinha (bairro), a do Santo Balde tinha escola, no Canta Galo tinha escola, Fazenda Mercê tinha escola, tinha várias. Eu tenho fotos lá na minha chácara, eu achei essas fotos, nem sabia o que era... tinha na época as jardineiras, tem do Bom Retiro, e um dos primeiros meios de transporte, rodoviário, ia de Marília a Bastos. Eu procuro sempre guardar essas coisas....

Alcides explica algumas fotos.

Pesquisadora- Teve uma história também, de uns meninos que morreram por causa do trem. Foi ali embaixo, atrás do Altino, ali tinha um barranco, o filho do seu Jairzinho... eram três, eles faziam buracos tipo cavernas, e o trem passava e vibrava, eles entraram e o trem passou.

Pesquisadora- E festas? Carnaval tinha?

Alcides- Tinha a banda, seis oitos da banda, Maurício Cristino, Zé do Retalho, o Lista, tinha um coreto ali do lado da estação, eles ensaiavam ali de primeiro, perto da casa da Dona Lina Arena, então tinha aqueles casais, Toninho Medeiros com a esposa e etc., seu Arquimedes e dona Leila, seu José Airoldo. O carnaval era tudo família mesmo, quando terminava o carnaval no clube, eles iam tudo para o jardim, e amanhecia o dia cantando lá. Eu era mais novo, e não podia entrar menor de idade, então a gente ficava na porta, e não íamos embora até eles liberarem para a gente entrar. Todo carnaval também tinha a matinê, era na terça-feira, e no domingo, das duas as cinco tinha a matinê para as crianças.

ENTREVISTA COM SENHOR JOÃO ALVES- EX-PREFEITO DE QUINTANA.

Pesquisadora- O senhor pode me dar uma cópia desse livreto? (**organizado por Maria Helena Villadangos, neta de João Villadangos, residente em Pompeia**)

João Alves- Claro, eu irei providenciar. Eu sempre tive interesse pela cidade de Quintana, porque eu cheguei aqui em 1943, com seis anos de idade!!

Pesquisadora- Estava começando a cidade?

João Alves- Estava, a cidade era mais velha, começou bem antes. Em 1918, o João Villadangos veio conhecer a região, e a fazenda aqui. Por incrível que pareça, a história fala assim, que o ele era espanhol, de um lugarejo chamado Quintana, na Espanha. Ele nasceu em um vilarejo deste lá, veio embora para o Brasil, morava em São Paulo, lá ele casou com a dona Elena Villadangos, lá perto do Seara. Ele montou uma fábrica de sacaria de colheita de café, chamava na época "Sacos de Café Coronel". Ele vendeu muita sacaria para o Matarazzo, que tinha fábrica de trigo importado, essas coisas... só que o Matarazzo ficou meio ruim de situação, olha como que são as coisas, lá naquela época. Como o Villadangos começou a cobrar... o Matarazzo disse que tinha uma légua de terra no sertão e que se ele quisesse ficar com aquela gleba em parte do pagamento, depois quitaria o resto da dívida. Ele aceitou, e disse que viria ver, se a terra era boa. Depois de um tempo ele veio, achou a terra forte, acho que na época o trem estava parando em Marília, ele veio de trem e acabou de chegar aqui, mas não tinha nome ainda, nem estrada de chão. Aqui ele gostou, e abriu a fazenda Villadangos, minto, ele abriu a fazenda de nome Santa Helena, que era um dos nomes da mulher dele, trouxe um amigo que tinha apelido de Pedro Casado, muita gente conheceu. Eles iniciaram e o Villadangos mandou plantar na fazenda que era de uns 400 e tantos alqueires, era grande. Então eles fizeram o primeiro templo religioso da fazenda Santa Helena, que hoje é a atual capela de São João Batista.

Pesquisadora- Então a primeira capela da fazenda...

João Alves- De Quintana, feita em Quintana, foi a capela São João Batista.

Pesquisadora- Que era na fazenda. Por ali era tudo fazenda.

João Alves- Ele fez a capelinha, inaugurou... ontem eu conversando com o comrade Anizor Escorce que é muito antigo aqui, mas muito antigo também, ele falou que lembrava da inauguração da capela, foi feito um churrasco para o povo, e na estação também... espeto de bambu, e aqueles churrascão. Mas o Villadangos constituiu a primeira capela, foi o primeiro templo religioso, no município de Quintana. Com o passar do tempo, os Resende vieram para Quintana também, que é esses que tem usina de cana, lá em Maracáí: doutor Eugênio, Paulo de Resende, este Paulo casou com a irmã da mulher José

Medeiros, que é irmão do Toninho Medeiros, morou aqui na Santa Amélia, e o doutor Urbano também, eles adquiriram uma grande área de terra, tinha uma fazendona grande, com pessoas trabalhando, isto por volta de... antes de 43. Eu cheguei aqui neste ano, e eles já estavam morando, e etc.

Pesquisadora- Então já tinha os Villadangos e os Resende.

João Alves- E a Resende. Então veio para cá um corretor... o Villadangos abriu o primeiro loteamento aqui, nosso espigão divisor é aqui na Avenida Santos, é o que divide Villadangos e Campante, na época dividia, e para cá pertencia a Santa Amélia, por aqui era um mundo de terras, naquele tempo.

Porque a Santa Amélia pegou a terra que atingia tudo aqui. Lá em Dracena, tinha um grileiro de terras, chamava Tancredo Aiela, e esse cara veio vindo, até chegou em um ponto ali, que a Santa Amélia não deixou ele entrar, pegou um jagunço, e não deixou. Aí foi que ele vendeu mais uma parte que ele tinha grilado para a Santa Amélia, muita terra. E esse Fortunato da cruz Campante, era o corretor das duas alas, dos Villadangos e dos Resende. Ele começou a vender lotes, mas depois tiveram um desentendimento, e ele então disse que iria comprar uma área de terra, e fundar uma vila ali. Por isso ficou o nome de Vila Campante, até então nem estrada de ferro tinha, ele comprou uma gleba de terra lá, foi ele e dois japoneses: os Cotó, descendo pelo Mizoguti ainda tem um Cotó. Abriam Campante e começaram a vender lotes, perto da Jacto e etc. foram vendendo.

Então ficou assim, nasceu a fundação do município de Quintana, através do Villadangos, e teve outros fundadores que acompanharam a fundação, os Resende, Paulo de Resende Barbosa, doutor Urbano de Resende Barbosa, Eugênio de Resende Barbosa, que é o pai do doutor Henrique de Resende, tem essa fazenda aqui embaixo. Se for analisar eu penso assim, é uma história bonita, a geração mais nova, não se atenta a isso, não procura, e assim foi indo, eu sempre fui muito curioso, sempre fui anotando, tem muitas histórias...se a gente for conversar ficamos umas três quatro horas sem parar.

João Alves- Chegou um ponto em Quintana que teve dez capelas na zona rural, capelas religiosas católicas, já a primeira igreja evangélica aqui foi a Cristã do Brasil, que ainda tem hoje, e dois Centros Espiritas. A primeira foi a *São João*, depois o Fortunato e o povo de Campante construíram a *Santo Antônio*, bem depois.

Quando veio a estrada de ferro, eu lembro, aquela região do Goyo Gutche, nossas famílias chegaram ali. Eu sou mineiro, sou de Porteirinha, lá eu fui registrado em Minas Gerais. Então nós viemos, eu lembro disso, eu lembro de tantas coisas, de quando eu tinha dois anos, eu nasci em um lugarejo com nome Jatobá, que é perto de Porteirinha, mas não tinha registro civil na época, meu pai foi até caprichoso, porque naquele tempo o povo não ligava pra registrar. Eu fui batizado lá também na igreja católica, nós saímos de lá, porque estava uma crise muito grande, minha mãe às vezes contava que havia dias que a gente não tinha o que comer, era só maxixe com farinha... Então viemos para São Paulo, descemos em Bebedouro, trabalhar pra um fazendeiro que tinha uma fazenda com um milhão de pés de café quase. Tinha estrada de ferro dentro dessa fazenda, a gente vinha de Minas, passava em São Paulo numa tal de Imigração, eles davam alimentação, e encaminhavam as pessoas pra pegar o trem. Eu lembro que a gente desceu na estaçãozinha lá, eu estava com dois anos, e meu irmão me escanchou aqui pelas costas e eu chorando; eu acho que até o avô do Nilton, chamava José Silvério veio na mesma época que a gente, e ficamos lá mais ou menos uns dois anos, quando o seu Clemente Fernandes, que já conhecia essa região aqui, voltou lá dizendo que tinha uma cidadezinha aqui por nome Queiroz, que estava dando muito algodão, então viemos...

João Alves- Chegamos em Queiroz pra tocar algodão, começou a dar uma maleita, uma febre... eu lembro que eu estava com uns três quatro anos, minha mãe pegava uns sacos de colheita de café, na hora que a maleita vinha, porque ela tinha a hora certinha de chegar, eu lembro que ela me colocava no fundo da casa pra eu esquentar um pouco mais, e eu tremia, naquele tempo tinha uns remédios amargos, e as outras famílias ficando com maleita, então minha mãe disse “gente, nós não pode ficar aqui não, se não vamos perder nossos filhos”, foi nesse momento que nós viemos pra cá, alguém disse que essa região estava boa. Meu irmão Antônio Alves já tinha vindo aqui trabalhar de pião do trecho, para uns japoneses. Ele e outros vieram aqui em Marília, na época Alto Cafezal, e ajeitaram uma fazenda grande que tem pra lá de Avencas. Nós viemos todos para a fazenda do Matsu Subara, era o dono, o gerente deles chamava João Dias, era um senhor forte, e esse povo veio tudo pra ali, e começamos a trabalhar.

João Alves- Depois disso, meu irmão Antônio Alves, pegou dois alqueires de algodão, naquele tempo era uma lavoura grande e a família inteira ajudava, carpir os cafés...antigamente não tinha dia pra trabalhar, e esse algodão dele subiu, e foi uma maravilha. Nesse tempo ele começou a namorar uma

cunhada minha, eu fui criado com ele depois dos seis anos, a Pretinha, chamava Idalina Alves do Santos, filha de uma viúva dona Tiburtina, eram duas a Teca e a Pretinha, a Teca era esposa do Manoel Borges, mãe do Zé Carlos. Na época, colheu o algodão, e meu irmão ganhou uma fortuna, 7 contos de réis, era bastante dinheiro, e falaram pra ele que a região de Quintana aqui estava boa, que a estrada vinha vindo, e antes de ele casar ele veio conhecer a cidade de Quintana, pequeninha, ele era analfabeto mas era inteligente, ele encontrou um salão e um boteco, e comprou por 4 contos de réis, ele tinha ganhado 7, ainda sobrou dinheiro pra ele casar.. voltou para traz e providenciou o casamento. Casou ele com a Pretinha, e o Manoel Borges com a Teca. Vieram de trem, na época, já tinha a estação. Eles foram ali pelo Goyo Gutche, já tinha naquela época três japoneses que tocavam roça, ali não pertencia ao Villadangos, já era outras fazendas. Tinha japonês daquele que tocava 25 alqueires, mas pegava gente, também, e meu pai veio trabalhar para esses japoneses, inclusive o Manoel Borges também veio, o seu Zé Silveiro, dona Santa mulher do seu José, conheci todo mundo, é uma história muito bacana, e meu irmão ficou na cidade.

João Alves- E de lá eu ia numa escolinha lá na Primavera pertinho de Paulópolis, eu os filhos do João Silvério, pai do Nilton, íamos a pé, dava oito quilômetros, uma pobreza... trabalhávamos pra poder comer... iam uns dez moleques, passava o Córrego do Veado, perto do Mizo Gutche, e mamãe fazia almoço para o povo, tirava um caldeirãozinho de comida, e eu levava... passávamos o córrego, tinha lambaris de monte, e a gente não tinha dinheiro para comprar uma vara pra pescar. Na escola, a gente entrava às oito e saía às onze, voltava meio dia e saía às três, eram dois turnos, chamava dona Amélia minha professora, uma moça branca...

Pesquisadora- E a escola era para todas as séries?

João Alves- Sim, pra todas as séries, era uma professora só, e na época, papai pagava cinco mil reis, não tinha escola gratuita, saíamos da escola com pressa, passava no córrego, e improvisava uma varinha pra pegar lambari, trazia meio caldeirão..., e nossos pais, os chefes da família ficavam tudo trabalhando, tocando roça. Depois as coisas foram melhorando um pouquinho, eu lembro como se fosse hoje, quando eu estava estudando lá com essa professora, eu tinha outro irmão, Lindolfo Alves, ele casou com a Margarida Zompero, e essa professora lá da escola começou a gostar dele na época, ela fazia um bilhete pro meu irmão e mandava eu levar. Em casa eu entregava pra ele, eu nem sabia bem o que era, ele olhava o papel, fechava, e perto de casa, uns quinhentos metros, tinha um peão do trecho, que chamava Otacílio Cruz, ele sabia ler e escrever um pouco, e meu irmão ia lá e mandava ele ler, se bem que se ele lesse errado estava tudo bem porque não entendia. Ele respondia e eu trazia de volta... teve esse namoro um tempo, mas não muito porque nesta escola eu fiquei sete meses só.

João Alves- Nesse tempo, meu irmão Antônio Alves tinha já um armazém aqui, só que ele era analfabeto, e o diretor da escola aqui, que era o seu Antenor.

Pesquisadora- O Sommerhauzer?

João Alves- Não, uma escola de tábua que tem até perto da linha, na rua professor Oscar Franco, lá na frente, era um prédio de madeira, a escola tinha oito ou dez classes, era grande, não tem mais nada lá. Eu estudei junto com o Ivolanda ali, aquele do SBT....

Pesquisadora- E a construção dessas escolas? O Sommerhauzer, o Altino? Tinha muitas escolas no interior aqui de Quintana?

João Alves- Tinha no Barreirão, foram surgindo escolas nas zonas rurais, depois o progresso veio vindo, mas como já tinha esse grupo escolar aqui na cidade que era do Estado, meu irmão falou para o diretor seu Antenor, que tinha eu, que morava no sítio, e pediu para eu entrar na escola, o diretor mandou me trazer para fazer uma prova.

Pesquisadora- Mas esta escola aqui era para todo mundo?

João Alves- Sim, tinha várias classes, não tinha mais que 50, 60 alunos, tinha vaga sim, e tinha as escolas do sítio, depois é que veio o Sommerhauzer...

João Alves- Eu vim, o diretor era um barrigudo vermelho, me chamou e deu a prova, um ditado, tomou a tabuada, e mandou eu ir embora... depois ele foi lá no meu irmão, e disse “seu Antônio, o menino é bom, inteligente, traz ele que vou matricular no segundo ano, no primeiro ele nem precisa fazer exame mais”. Então eu vim pra cá, com seis anos e pouco, pra morar com meu irmão, e meu pai ficou na roça junto com as outras famílias todas. Com sete anos eu já ajudava meu irmão, ia na escola cedinho, morávamos perto, e de tarde ajudava ele. O armazém dele era ali na São João, tirava o uniforme, comia... minha cunhada Pretinha me criou, ela era mãe do Dilo, do Valter, daquele que foi pra Itália e faleceu, mãe do doutro Luiz, que é médico, que está lá na Paraíba hoje bem sossegado, mãe da Jeanete da fazenda

do Carlos Vilela, eu ajudei criar e formar eles todos, mas eu fiquei só com o primário. Com sete anos eu já pesava sete quilos na balança no armazém, passei de ano, em 1948, fazia-se festa naquela época, parecia que a gente ia virar doutor mesmo, a comadre Judite foi minha madrinha de diploma, fui de terno branco, gravata, pra diplomação.

Pesquisadora- Mas essa escola não chamava Sommerhauzer ainda?

João Alves- Não, esse aí era um professor que tinha aqui, e deram esse nome para a escola, eu acho que essa escola que eu estudava não tinha nem nome, era de tábuas, lembro das pessoas da época que serviam sopa para a molecada, era seu Paulinho e a mulher dele. Mas não era de graça a sopa não, era 200 reis o prato... eu gostava muito de comer o dia que dava canjica com leite... depois foi que criaram essa aqui, e lá em Campante onde era a creche também, e depois veio para o lado de cá da linha.

Pesquisadora- Quando se construiu Altino Arantes aqui foi para unir as duas? Quintana Campante?

João Alves- Não foi bem pra unir, não sei se isso veio desde o Fortunato da Cruz Campante, que brigou com os outros dois fundadores... veio a estrada de ferro, de primeiro a avenida São João era de terra, até o pai do Pinduca o trem pegou ele com o tratorzinho, e o pai do Guirrira, seu Alcides Nunes, depois foi mudando, com o tempo o pontilhão, e foi unindo, mas teve uma época que se um moço de Quintana, namorasse com uma moça de Campante, os outros davam uma surra nele, se contar as pessoas não acreditam... Esses dias me lembraram do cemitério, que teve em Vila Campante. Na época, tinha o prefeito de Quintana, e o de Pompéia, e lá fizeram um plebiscito, e Pompéia entrou em Campante, veio até para cá do Correio, aquele pedaço ficou sendo Pontana. Quando fizeram isso, inventaram que tinha de ter cemitério, ali para lá do seu Dedé, ali acho que sepultaram só duas pessoas. Mas aí, acho que foi o Buim, que era o prefeito, fez o plebiscito pedindo de volta, e ganhou, hoje a divisa do município de Quintana é ali perto da Tavejo, é tanta coisa de história que a gente tem para contar...

Pesquisadora- O pessoal fala que aqui teve 25 mil habitantes, é verdade?

João Alves- Não, mas não era aqui, era bem menos, naquela época, houve um tempo, que chegou a ter dezoito mil habitantes entre zona rural urbana, depois veio o êxodo rural e foi esvaziando, o povo não acreditava mais em roça e ia muito pra Campinas, São Paulo, era o tempo da evolução dos grandes centros. O povo ia pra lá, ficava doze meses, serviço não faltava, depois chegava aqui com um radinho de pilha, e uma gravatinha e os outros pensava que estava rico, queria ir também...

Pesquisadora- Havia a cultura do estudo nessa época?

João Alves- A época eu que estudei... o primeiro cinema que inauguraram aqui foi ali na casa do Issao, você veja que era de dois andares, eu recebi meu diploma ali. O segundo andar era para pôr as máquinas de filmar, era só um pedaço de tijolo, e o resto era um salão de tábuas, tinha um palco, o piso de assoalho, foi o primeiro cinema inaugurado em Quintana.

Pesquisadora- Quem era o proprietário do primeiro cinema? Era pai do José Roberto Guimarães?

João Alves- Não, o pai dele foi proprietário aqui, já no calçadão. Onde é o Taxinha hoje. Eu nem lembro de quem que era lá...

Pesquisadora- E a capela de São João foi reconstruída?

João Alves- Desapareceu, praticamente, escuta. A capela de São João, os Villadangos construíram e inauguraram, e ficou lá, muita gente casou lá, aquela dona Nadir Sobreiro casou nela, seu José Campos salvou um filho dele debaixo daquela capela, fez uma promessa para São João Batista, acho que era o Toninho, veio um temporal tão grande, e ele com o menino no colo, com febre, para esperar o tempo passar, pediu para o santo proteger ele, e são histórias verdadeiras.

Mas aí com o tempo, os Resende puseram a pedra fundamental da igreja matriz, dessa igreja aqui, aí depois que o Fortunato fez em Campante, e os Villadangos... o loteamento não deu nada, ficou aquela confusão, eles foram embora para São Paulo de novo, porque o capital grande deles era lá, em Santana, naquela região ali foi tudo deles, os terrenos, eles foram abandonando...

Então quando eu ganhei a primeira eleição em 1976, contra três, e assumi a prefeitura em primeiro de fevereiro de 1977, e isto aqui estava ruim... um domingo a gente foi à missa, e o seu João Nogueira, mais a mulher dele, iam saindo da missa também, ele me pediu um favor, de erguer a capela São João de novo, era só rolo que tinha ali no Salão Branco, eu prometi pra ele. Eu ainda falei para ele “se eu não reerguer essa capela ninguém consegue, porque nosso guia espiritual é São João Batista, o presidente da república é o João Batista Figueiredo, e o prefeito é João” (risos).

Ai eu comecei mexer, a gente tinha uma escola lá embaixo no Iacri de tijolo, mas foi indo acabou o prédio ficou abandonado, eu fui a São Paulo um dia, e conversando com um deputado, Paulo de Carvalho, com o governador, acho que era Paulo Maluf ou Laudo Natel eu falei que precisava

desmanchar um prédio de uma escola, pra reconstruir uma capela, porque assim, dinheiro não tinha, era uma luta danada. Eles disseram que eu podia desmanchar, era só ter uma autorização do Ministro da Educação, ele autoriza lá e nós aqui. Eles marcaram no dia de uma convenção do Paulo Maluf, e a gente foi pra Brasília. Eu fui pra São Paulo, dormi na casa do Roberto de Carvalho, e fomos no outro dia cedo, um frio, fomos de avião, o motorista buscou nós...me levaram até o Ministro, e eu falei que queria desmanchar essa escola, pra reconstruir uma capela, aí o ministro disse “mas prefeito, o senhor não precisava ter vindo até aqui, pra pedir isso não”, olha você veja, como povo me enrolou, “era só você ter ido em São Paulo”, mas eu não sabia, pensava que tinha que ter com ele. Voltei para cá... no outro dia fui na Secretaria, ele já assinou, olha, tinham me dito que não precisava... Aí disseram que eu fizesse uma lei na prefeitura, para os vereadores assinarem... nesta época já tinha uma porção de conduções, avisei alguns moradores, eles ajudaram a demolir a escola, e trazer o material, achamos o alicerce da capela, só que a frente dela era de lado, e eu virei para cá, para ficar de frente com a matriz...

ENTREVISTA COM MANOEL JOSÉ DO NASCIMENTO -EX VEREADOR DE QUINTANA

Pesquisadora- Eu estou fazendo uma pesquisa e precisava conversar com algumas pessoas que sabem a história da cidade.

Seu Manoel- E qual a pessoa que você acha que deve saber?

Pesquisadora- Ah por enquanto eu só conversei com a Dona Lina, e agora vim falar com o senhor.

Seu Manoel- Eu conheci muito o marido dela, o irmão dela também, finado Olímpio Buim, ele foi prefeito aqui duas vezes, faleceu novo, lá em Oswaldo Cruz, eu fui lá no velório...

Pesquisadora- E o senhor nasceu aqui?

Seu Manoel- Não, eu nasci em Pernambuco, casei lá também, mas desde de 1953 que eu estou aqui, nesse meio tempo eu fiquei um ano no Norte, depois voltei para cá.

Pesquisadora- Por que o senhor veio para cá?

Seu Manoel- Por lá deu uma seca, que acabou a nossa água, tinha que ir pegar longe, e tinha um colega nosso, que conhecia a região aqui de Araçatuba, fazia uns 15 anos, ele ficou uns 5, 6 anos aqui, depois foi lá casou com uma moça filha do fazendeiro, e veio embora, muito boa gente, chamava José Chaves. Em 1952 teve a seca, eu colhi bastante algodão, mas milho, feijão... então eu chamei a mulher, e disse “vamos lá pra São Paulo mais o senhor Jose chaves?” ela aceitou, e viemos embora. Ainda caí na besteira, fiquei um ano aqui na fazenda Mercedes, e quis voltar para lá..., mas logo voltamos para cá, e fiquei 18 anos na fazenda.

Pesquisadora- Qual fazenda?

Seu Manoel- Aqui na fazenda Mercedes, o dono também era gente lá de Pernambuco, chamava José Miguel, mas ele tinha comprado a fazenda de um senhor que chamava Antônio Gonzalez Gimenez, morava em Marília, eu fiquei 18 anos, era arrendatário, mas depois que o dono faleceu e a esposa também, ficou para os herdeiros, um rapaz e duas irmãs, ficou ele e uma irmã, e nós trabalhávamos arrendado, ele chamou a gente, era pouca gente, era 25 pessoas... aí acabou.

Pesquisadora- Isso já na década de 70.

Seu Manoel- Sim, em 70, eu vim para cá mesmo em 71, comprei um bar aqui na frente.

Pesquisadora- Então o senhor saiu do sítio e veio para a cidade em 71?

Seu Manoel- E tive um bar aqui na frente, o prédio é meu, dessas duas lojas aí da frente.

Pesquisadora- Como é o nome do senhor completo?

Seu Manoel- O meu nome é Manoel José do Nascimento.

Pesquisadora- Quantos filhos o senhor teve?

Seu Manoel- Olha só tenho um de criação, era filho de um cunhado meu. Agora tenho três netos. Não moram aqui não, moram no Acre. Ele está aqui comigo, porque hoje faz oito dias que, minha senhora foi sepultada.

...

Pesquisadora- Quando o senhor chegou aqui, em 1953, o que o senhor lembra da cidade?

Seu Manoel- Ah tinha muita gente, não na cidade, a cidade era pequena, tinha aqui uns cobertos, mas cidade mesmo, era muito pouco, tinha muita gente aqui em volta, nos sítios, porque tinha café, na Santa

Amélia tinha muito café, colônia, vinha vinte cavaleiros que moravam aqui na fazenda, fica perto é uns 6 quilômetros, aqui enchia de cavalo, não tinha nada ali onde tem padaria e a lanchonete? Era vazio...

Pesquisadora- Nesta época já tinha a linha do trem?

Seu Manoel- Sim, já tinha, quando eu cheguei estava passando a Maria Fumaça, depois foi a outra, a óleo, passou bastante tempo, muito boa de se andar, trem de luxo.

Pesquisadora- Como que era?

Seu Manoel- O trem de luxo era da FEPASA, olha, só podia entrar com roupa esporte, com essa roupa minha não podia entrar. Tinha um guarda que olhava, se estava com camisa esporte podia, se não estava não podia.

Pesquisadora- Por quê?

Seu Manoel- Porque cada cadeira era marcada para onde ia, era gostoso... tinha a parte de luxo e a parte da segunda que era ótima também, era muito bom, agora a primeira classe deitava e podia ir dormindo.

Seu Manoel- Tinha restaurante, teve uma pessoa aí que faleceu, ele foi na casa da família em São Paulo, e deu uma chuva, molhou até quase no joelho, ele arrancou e foi no restaurante, um polícia quando chegou lá o chefe mandou “cair fora”, diz que no restaurante andava seu fulano, deputado, governador, qualquer um, mas com ele daquele jeito não.

Pesquisadora- Esse trem era da FEPASA?

Seu Manoel- Da FEPASA.

Pesquisadora- E o outro mais antigo?

Seu Manoel- Era Maria Fumaça. Aí passou FEPASA aqui de Bauru-Duartina, para cá um pouco de Bauru, pegava o elétrico até São Paulo, e ia mais rápido, andei bastante vezes no trem.

Pesquisadora- Eu ouvi falar que aqui em Quintana tinha aeroporto, é verdade?

Seu Manoel- É. Era aqui na frente, acho que ainda é, mas não baixa mais avião, tinha um campo de aviação, aqui teve até paraquedas, tinha uns três aviõezinhos pequeno, o finado Antônio Alves tinha um, o Neném Baiano, e outro. Ficavam lá no anguar.

Pesquisadora- E quando o senhor chegou aqui já tinha o pontilhão?

Seu Manoel- Não tinha não, era por aqui, todos os carros que vinham de lá passavam tudo aqui na São João, atravessava a linha, saía lá no cemitério de Paulópolis, aí depois abriu o asfalto, a pista, a rodovia, aí parou de passar os carros, não me lembro ano.

Pesquisadora- O senhor lembra quando construiu aquela igreja ali?

Seu Manoel- O senhor está falando com quem construiu.

Pesquisadora- O senhor construiu?

Seu Manoel- Praticamente, porque eu era vereador e quem tomou conta foi eu, eu tinha o bar, e tinha o prefeito que rrfresdfrdera meu amigo.

Pesquisadora- Quem era o prefeito?

Seu Manoel- João Alves. Foi na época de 75, nós entramos de prefeito, o primeiro ano ele celebrou uma missa, mandou passar a máquina, fez o altar, e o padre celebrou a missa, o pessoal gostava muito da igreja, foi Viladangos que fez, era de material, mas esqueceram, ela era bem em pé e foi indo caiu, várias pessoas casaram lá, então ficou lá o lugar, o João Alves entrou, eu era um dos chefes do prefeito, foi eu que arrumei com Orestes Quércia, eu que organizei papelada e fomos filiando o pessoal foi com o MDB, que na época era dois partidos, ainda estava na ditadura: Arena e MDB, ainda teve um dia que chegou um gerente que trabalhava na caixa, xingou nós ali, e falou que nós éramos comunistas, eu, finado José Airoldi, que morava ali onde está aquela farmácia, o Zé Airoldi ainda arregaçou as mangas pra dar um tapa no gerente, eu meti a boca no gerente, não falei mal, “quantos partidos tem aqui no Brasil? Não é dois? Arena e MDB, Arena é quem está governando, se a eleição for amanhã e o MDB ganha, quem vai mandar no senhor? É Arena ou é MDB? Aí ele quietou...”

Pesquisadora- Mas aqui tinha comunista?

Seu Manoel- Falavam... porque andou uns presos aí, mas foi dedado, não tinha comunista não, e eu não morava aqui, morava no sítio. Eu nunca achei mal, a época da ditadura não, eu não era comunista, era ditadura, quem mandava, naquela época o presidente era aquele cearense que ele morreu no avião, eu não achava ruim porque eu morava na roça, não tinha essa bandidagem que tem hoje, eu fui no Norte,

levei um revólver dentro de uma caixa de bala, hoje não pode... não pode levar nada... o que tem de bandido no Brasil está difícil.

Pesquisadora- E o pontilhão? Quando ele foi feito?

Seu Manoel- O pontilhão foi bem depois...porque houve um irmão do Alcides Nunes, o outro irmão dele era dono do posto lá em Campante, ele vinha de lá com o trator quando o trem veio, ele faleceu, era o pai do Pinduca, aí fizeram o pontilhão.

Pesquisadora- E essa história de que aqui teve tiroteio, brigas.

Seu Manoel- Não, aqui, eu nunca assisti briga de Quintana com Campante, mas dizem que Campante pertencia ao Viladangos, mas não pertencia a ele, olha, eu não me lembro, o nome, era não sei o que Campante, Fortunato Campante, quem sabe falar é João Alves. E aqui a Santa Amélia era daqui para lá, mas Campante já era outro homem que morava lá. Viladangos pegava aqui a São João, e o cemitério, o Viladangos nós fomos lá, eu fui vereador aqui 6 anos, de 76 a 82, nós queríamos colocar de prefeito Davi Júlio, mas ele trabalhava no cartório, ele não quis, aí João Alves era secretário do sindicato rural, era ali na esquina, do finado do Zé da Lusitânia, era um português, o presidente era Alcebíades Lemes, filho do finado Sebastiao Lemes, depois o Orestes Quércia ganhou, e ele mandou um rapaz aqui no bar, quando um dia o Zé Airoldo, chegou e falou assim: olha aqui o Orestes Quércia, ele queria sair pra senador, eu disse que o que eu pudesse eu faria. Depois quando ele ganhou, eu fui lá e ele perguntou se eu tinha um candidato, ele disse que era para ganhar...veio as papeladas, mas o Zé Airoldo não aceitou porque ele era afilado do Arena. Cada um que chegava no bar, eu dizia “vamos fazer um contato com Orestes Quércia?”

Seu Manoel- O Haroldo Lisboa que era professor, foi até diretor da escola agrícola de Vera Cruz, saiu junto com Toninho Medeiros de candidato para prefeito, o doutor Ede tinha um escritório aqui, e tinha uma porta, dizem “que mato tem olho e parede tem ouvido”, quando eles se ajuntavam aqui, eu ficava ali ouvindo, quando eles saíam eu sabia tudo... Saiu Toninho Medeiros e Haroldo Lisboa, pai do Marcelinho, Haroldo falava que assim “eu achava que nós ganhávamos” ...dizia que nós éramos “pés de chinelo”, mas nós ganhamos. Só foi eleito o Ede, a Maria Luiza, e o Silvio. E nós fizemos seis vereadores, em vista deles nós éramos bem mais fracos...

Pesquisadora- Algumas pessoas falam que aqui chegou a ter 25 mil habitantes e que depois o pessoal foi embora...

Seu Manoel- A Santa Amélia arrancou o café, tinha muita gente, mas mudaram, acho que aqui chegou ter 22 mil pessoas. Naquele tempo condução era pouca, chegava a vir 20 cavaleiros... quando tinha circo, dava mil e poucas pessoas...veio Tônico e Tinoco, Jacó e Jacozinho, todos eles daquela época vieram aqui...até o Tônico e Tinoco veio no circo aqui embaixo, e fizeram uma apresentação chamada “mão criminosa”, até teve uma mulher que não podia ver sangue, quando viu caiu lá de cima da arquibancada.

Pesquisadora- E aqui tinha cinema?

Seu Manoel- O dono do cinema, era o José Roberto Guimarães, aquele do vôlei sabe, saiu daqui com uns 14 anos... o pai dele trabalhava na prefeitura, jogava bola, chamava Laudo Guimarães, tinha um clube aqui, cercado de tábua, povo corria atrás de bola ali... hoje é tudo casa...na época que nos entramos, se falava em fazer casa popular, muitos não acreditavam que podia construir aqui em Quintana...

Pesquisadora- As primeiras foram aquelas perto da escola?

Seu Manoel- Aquelas lá, Cohab de Bauru, dei muitas viagens para lá, um dia nós fomos lá, eu cheguei primeiro com João Alves, e Herculândia também, era o Chico Menino o prefeito. Quando abrimos, a nossa ganhou de Presidente Prudente... todo dia eu ia lá ver as casas. Agora lotou tudo, essa quadra aqui, da avenida Santos, não tinha uma casa, a quadra inteira, aqui atrás para lá, tinha um campo de futebol,

Pesquisadora- Aqui era forte essa coisa do futebol?

Seu Manoel- Pessoal gostava, foi até segunda divisão. E, quando nós entramos, teve um que foi lá na prefeitura e pediu para o prefeito um lugarzinho para ele, chamada Sebastiao Pifeiro, era ele e senhora, ele pediu pra gente arrumar um terreno ali, que ele pagava um tanto, e ele fez a casa, foi a primeira casa... hoje já derrubou e fez outras... depois o velho foi pescar e até hoje não voltou... acho que a sucuri pegou ele.

Pesquisadora- E sobre as escolas, o senhor lembra alguma coisa?

Seu Manoel- A escola tinha uma lá em Campante onde é a creche, a primeira votação que eu votei foi lá, as pessoas não sabiam votar, demorava muito, a gente pegava aqueles banquinhos de escorar a porta, saía sentando até chegar lá...então tinha essa, e aqui o Sommerhauzer, e a Altino Arantes, eu não sei direito, só sei que nós ficamos dois anos lá com a prefeitura. Nós ficamos dois anos aqui na frente, alugamos aí do vizinho para pôr a Câmara, porque lá estava reformando. A prefeitura, os gabinetes, só tinha uma mesa só.

Pesquisadora- Tem mais alguma história que o senhor quer contar e acha importante?

Seu Manoel- É o que eu sei falar. Porque os mais velhos, seu José da Lusitânia, Heitor Batista Ramos, também foi vereador. Ele tinha uma tabacaria aqui vizinha do bar. Tinha a coleteria estadual, e a federal, a farmácia, disso eu lembro bem. Lá em Campante tinha o Joaquim costa, o Germano Pavão, os Sakuno, os irmãos. O doutor Ede era filho do finado José Raimundo, que trabalhava com escritório, ali pra Campante não tinha nada. Não tinha asfalto...

ENTREVISTA COM ROMILDA LICÓRIO- 74 ANOS- PROFESSORA APOSENTADA.

Pesquisadora- Tinha banca de revistas na cidade?

Dona Romilda- De primeiro meu pai tinha um bazar do lado de cá, o bazar tinha uma portinha e a banca de revistas era na rua, como essas que tem hoje em São Paulo, que a gente vê, era na calçada.

Pesquisadora- A senhora lembra como chamava o Bazar?

Dona Romilda- Era Bazar Brasil.

Pesquisadora- E era bem frequentado? O pessoal comprava essas revistas?

Dona Romilda- É, e o jornal também, os meninos iam buscar na estação, e vinha de trem, tudo vinha de trem naquela época...

Pesquisadora- A senhora lembra mais ou menos o ano?

Dona Romilda- Ah eu era criança, tinha uns dez anos, eu sou de 44, já tinha banca de revista.

Pesquisadora- E a biblioteca? Tinha aqui?

Dona Romilda- Aí biblioteca eu não lembro, municipal eu acho que não tinha não viu...

Pesquisadora- Porque aqui na biblioteca puseram o nome de Nice Nery?

Dona Romilda- Eu tenho vagamente uma lembrança, mas não posso te confirmar nada, ela trabalhava na biblioteca, mas não sei se era municipal, se era da escola.

Pesquisadora- A funcionária da biblioteca hoje, disse que quando ela estudava tinha uma biblioteca na avenida São João, ela citou Helena Rosa, e Neura Moura, mas acho que já era na década de 70.

Dona Romilda- Então isto eu não em lembro, mas a Nice Nery eu acho que ela trabalhou na biblioteca, mas não lembro onde.

Pesquisadora- Porque depois essa biblioteca foi para o sommerhauzer ne?

Dona Romilda- É aí cada escola tinha a sua... lá no posto de saúde teve também a biblioteca, reformaram lá, saiu da escola e foi para lá junto com o sindicato, e o FuRural, isto no final da década de 80.

Pesquisadora- A senhora foi professora aqui também, não é?

Dona Romilda- Mas eu fui professora agora esses tempos atrás, eu dei aulas dois anos e meio quando eu casei no Córrego Branco, e na fazenda Santo Baldo, do Lemes.

Pesquisadora- E como a senhora ia para o sítio?

Dona Romilda- De Jipe.

Pesquisadora- Sozinha?

Dona Romilda- Não, nós formávamos uma turma, ia e a Enedir...mas aí, essas escolas não tinham biblioteca, era zona rural, tinha 20 e tantas escolas rurais aqui em Quintana, depois foi diminuindo e acabou de uma vez, e começaram a fazer o inverso, trazer as crianças para a escola aqui na cidade.

Pesquisadora- E aqui tinha duas escolas?

Dona Romilda- O Pedro e o Altino. O Altino Arantes era lá em Campante, lá perto da casa do Savio, onde é a creche, eu lembro do Altino ainda uma escola de tabua lá no campo.

Pesquisadora- A senhora estudou aqui no Sommerhauzer?

Dona Romilda- Eu inaugurei o Sommerhauzer...

Pesquisadora- É da primeira turma?

Dona Romilda- Aqui neste prédio, porque antes já tinha aquela escola lá.

Pesquisadora- A senhora lembra o nome?

Dona Romilda- Era Escola Estadual de Quintana. Grupo Escolar de Quintana. Depois veio para cá, mas não foi logo de cara, ele foi diretor aqui, depois foi pra Pompeia, e faleceu de câncer de repente, aí puseram o nome na escola, era magro, rosto fino...

Pesquisadora- E o Altino Arantes?

Dona Romilda- O Altino eu acho que era um político, ou da educação... foi alguém daqui que quis, ou o governador...lá em Campante, era onde era o campo de futebol. O Pedro Sommerhauzer era de 1 a 4, o Altino Arantes era de 1 a 4 (lá em Campante), e o ginásio estadual era de 5 a 8, ali onde foi construído, depois virou Altino Arantes. Só passou a ter o ciclo II quando construiu, depois não lembro que ano foi, passou a ser de 1 até o 3 colegial. Depois ali no Pedro também, tinha até a 8 série.

Pesquisadora- Era escola padrão.

Dona Romilda- No Altino teve um tempo que o colegial era tudo a noite. Teve muitas mudanças.

Pesquisadora- a senhora lembra do tanto de habitante que teve aqui em Quintana?

Dona Romilda- Mas isto você consegue na prefeitura. Então porque a ferrovia acabava aqui, mas eu não sei... muita gente morava no sítio.

Pesquisadora- E a senhora acha que aqui tinha a valorização da leitura e do estudo?

Dona Romilda- Olha eu acho que era bem sofrido para a molecada do sítio, porque além de eles estudaram no sítio, eles ainda vinham de outros lugares... agora aqui na cidade, os pais faziam força pra por os filhos pra estudar fora, mas era só quem podia, porque tinha que pagar condução, durante muito tempo aqui ficou só de primeira e quarta, os pais principalmente os filhos homens, naquele tempo eram os homens, mulher ia aprender corte e costura. As pessoas que estudaram e foram embora de Quintana, são a maioria homens, são poucas as mulheres, do meu tempo quem estudou fora, foram as filhas da dona Maria Teresa, a Maria Helena, elas iam estudar lá no Cristo Rei e no Sagrado Coração. Naquele tempo era o trem, e não tinha horário toda hora. Passava dez horas, depois só quatro horas da tarde. A gente ficava em frente da estação de Pompeia esperando....eu fiz magistério, depois casei sem me formar, a maioria dos meninos que saiu daqui para fazer faculdade, foram embora... eles foram e por lá ficaram, trabalhavam e estudavam.

Agora quanto as bibliotecas, só teve nas escolas e ainda assim... quando começou a escola padrão, aí tinha o CIC e eu trabalhei, eu ia lá tentava fazer a coisa, era o nome que se dava a pessoa que trabalhava na biblioteca.

Dona Romilda- A banca de revista do meu pai pra mim foi bom, porque eu lia muito gibi, Pato Donald, Mindinho nossa... revista contigo, capricho, meu irmão Vanderlei lia que se matava, ria parecia bobo, era nosso divertimento.

Pesquisadora- E o cinema?

Dona Romilda- Trabalhei de bilheteira.

Pesquisadora- Algum filme?

Dona Romilda- Ahhh a Paixão de Cristo, era o ganha pão do meu pai, era três quatro cinco secções num dia só, porque o povo vinha tudo do sítio, e queria assistir ao filme antes da procissão. Agora tinha Mazzaropi, Cantifas, era o que chamava mais atenção e o povo ia mais, depois tinha os romances e etc, mas esses filmes de comédia.

Pesquisadora- E os filmes estrangeiros?

Dona Romilda- Era tudo legendado, os nacionais eram pouco, e a gente com isso aprendia a ler rápido, mas o pessoal gostava mais do nacional porque tinha muito analfabeto aqui... era o CINEPARATODOS o nome dele... agora no bazar, tinha os fregueses, mas não era todo mundo não.. era só quem tinha um pouco mais de condição.

ENTREVISTA COM FRANCISCO DE ASSIS MARTINS – FUNCIONÁRIO PÚBLICO APOSENTADO.

Francisco de Assis Martins, o Chiquinho é Secretário de Escola Aposentado. Nasceu aqui em 31 de dezembro de 1957.

Pesquisadora- Você viveu a vida inteira aqui? Mesmo sendo uma cidade pequena, sem muitas oportunidades...

Francisco- Viajei pouco. Conheço muito pouco o Brasil. O que sei do meu país é o que vejo através de leituras, da mídia e similares. Na verdade, nunca me esforcei para me propiciar viagens, mas pretendo pensar nisso agora que me aposentei. Vivi cercado de responsabilidades e necessidades. Na infância não tive autonomia para decisões de me mudar daqui, na fase adulta tinha já raízes profissionais bem estabelecidas e em algum tempo cheguei a ser arrimo de família, pois constituí uma família não convencional que foi a vinda da minha mãe depois de quarenta anos de sua ausência, uma sobrinha e um filho adotivo. Os dois últimos ainda dependem de mim, apesar de adultos e minha mãe faleceu há dezessete anos.

Pesquisadora- Você conhece bem a história de Quintana? Como era a cidade durante a sua infância e adolescência?

Francisco- Minha infância foi muito triste. Eu não tive infância na acepção da palavra. Morava num pequeno sítio, longe de minha mãe, sem pai, criado pela minha avó e tios. Havia também minha prima com história semelhante à minha. Como vê, nos anos sessentas já começavam a surgir novos formatos de famílias. Quintana ainda era uma cidade primitiva, não havia um centímetro de pavimentação asfáltica, com estradas ruins para tráfego, por isso tínhamos muitas dificuldades para chegar na escola a pé, enfrentando chuvas e temporais, por quatro anos, do primeiro ao quarto ano escolar, mas íamos felizes. Desta época é a única lembrança feliz que tenho.

Pesquisadora- Que lembranças marcaram essa época para você?

Francisco- Ao contrário de hoje, eu era uma criança muito triste, chorava muito e chupava chupeta até os dez anos. Éramos muito pobres, camponeses e plantávamos agricultura de subsistência, mas meus tios comercializavam essas culturas, que eram, em minhas lembranças, batatas. Havia os atravessadores cruéis que nos empobreciam estipulando preços muito aquém do real. Lembro-me que depois das colheitas comíamos somente batatas em todas as refeições enquanto elas durassem, às vezes, meses. Quando vi pela primeira vez a obra de Van Gogh, “Os Comedores de Batata”, reconheci no quadro o retrato da minha família.

Pesquisadora- Você tem uma deficiência física aparentemente acentuada, poliomielite, conforme você já declarou em outras ocasiões. Como foi caminhar todos esses anos para ir à escola?

Francisco- Prazeroso. A minha vida teve um revés gigantesco quando uma professora me resgatou do analfabetismo aos dez anos e me levou para a escola. Até então eu não tinha perspectiva de estudar, ia ficar relegado por causa dessa deficiência que minha avó, em sua ingênua ignorância, achava que eu não precisava estudar, e ia trabalhar na roça como qualquer pessoa. Essa professora que dá nome à EMEI, Professora “Neide Aparecida Sobreiro Lisboa”, teve que lutar contra a resistência dos meus tios e avó para que eu fosse para a escola.

Pesquisadora- Você já declarou que não conseguiu concluir o Ensino Superior. Como era para estudar naquela época?

Francisco- Quando comecei a estudar e me alfabetizei já no primeiro ano, o mundo mudou vertiginosamente. A globalização chegou, o asfalto em Quintana veio na década de oitenta na administração de João Alves. Naquela época passamos por meio de transporte para conduzir alunos da zona rural para a escola na década de setenta, onde figura como memorável a “Jardineira do Brulino”, uma espécie de micro-ônibus feita de madeira que ficou no imaginário da população até hoje e que hoje é de um colecionador anônimo. Das máquinas de datilografar vieram os computadores. Do rádio no qual ouvíamos novelas e nos emocionávamos com o drama de Mamã Dolores em “O Direito de Nascer”, vieram as Televisões de até mais de 50 polegadas. Já na educação, eu cultivo a memória e atribuo à minha alfabetização à Cartilha “Caminho Suave”. Com ela, com aquele sistema de ensino, com aquela qualificação e valorização de professores, nos formávamos cidadãos. No meu primeiro ano eu já escrevia, lia e produzia o que chamávamos de composições, hoje usa-se o termo redações. Não se aprovava o aluno que não soubesse ler e escrever e que não tivesse conhecimento das demais disciplinas,

mesmo sabendo ler e escrever. O diploma de quarto ano era entregue a quem tivesse o pleno conhecimento de tudo o que foi ensinado naqueles anos.

Francisco- Na minha eu sempre fui autodidata. Nunca fui a cursos de datilografia e fiz uma carreira burocrática escrevendo à máquina. Aprendi sozinho. Veio o computador e eu mesmo sem nenhum curso aprofundado, apenas cursos rápidos e fragmentados tornei-me capaz de desenvolver meu trabalho de liderança na secretaria escolar. Somados, entre máquina de escrever e computador tenho trinta e nove anos de desempenho das minhas funções. Sem ser professor formado, apenas com um ano do curso de Letras cheguei a dar aulas de inglês, eventualmente, para séries da quinta ao terceiro colegial, falando, o que é um diferencial, você sabe. Na época aprendi naquele Telecurso 2º Grau... Costumo me intitular de “charlatão”, risos..., pois até para jornais eu já escrevi e fiz revisão de textos, sem ser jornalista. Mas a razão de aprender sozinho vem da leitura. Isso serve para todo mundo. Eu particularmente gosto muito de dramaturgia, boas literaturas, cultura de arte, teatro, filmes e até novelas, mas claro, as de boa qualidade me fascinam. Considero que tenho um pouco de cultura geral, em alguns campos, não muito aprofundadas, mas tenho bons conhecimentos devido meu interesse. Acho a leitura fundamental, gostaria de ler mais. Já foi dito por alguém que a leitura de um jornal da manhã é uma oração obrigatória para todos. Concordo, apesar de estar em pecados nesse sentido atualmente (risos..). Planejo ler todos os clássicos, inclusive reler os infantis.

Pesquisadora- A cidade hoje oferece como entretenimento, o Rodeio - popular Festa do Peão de Boiadeiro, grandes shows e as Festas tradicionais. Como era o entretenimento e lazer na sua adolescência?

Francisco- Nessa época eu já havia me mudado para a cidade. A cidade acolhia todos os circos que apareciam. As pessoas gostavam muito de circos. Havia quermesse que era tradicional nas festas juninas. Tinha um cinema muito frequentado, apesar de suas precariedades: filmes em preto e branco, fitas que quebravam nos melhores momentos do filme, geralmente os do Mazaropi, Faroestes, Bang-Bang, mas sempre com bilheteria esgotada. Tenho fortes lembranças dessa época – Giuliano Gema e Sofia Loren no auge de suas belezas nos filmes de Faroeste. Eu sempre gostei da arte de representar, com uma forte inclinação para o teatro. Fazia muito na escola, os professores, principalmente os de português, incentivam por causa de literatura. Então, aproveitando quando falo do cinema, eu transformei a novela Saramandaia da primeira versão em teatro. Tantos personagens excêntricos! e eu consegui levá-los para cima do palco do cinema. Inventei uma festa onde reuni todos aqueles personagens loucos. Escrevi o texto, ensaiei meus colegas de escola e eu inclusive interpretei aquele personagem de punha formigas pelo nariz. Lá fomos nós para uma única apresentação. Lotou o cinema como se fosse o melhor filme do Mazaropi. Recordo-me que ficamos a semana toda em cartaz e percebíamos que as mesmas pessoas voltavam para ver de novo. E ainda cobrávamos. Depois do espetáculo sentávamos na calçada e dividíamos o dinheiro e nos juntávamos para tomar guaraná e Fanta.

Transcrição de áudio gravado durante o preenchimento do questionário de perfil leitor – Capítulo III

Terça-feira, 22 de novembro de 2016. Os alunos: Cecília, Clarice, Manoel, Mário e Sophia foram reunidos na mesa, na lateral do pátio da escola, para a realização do questionário sobre o perfil leitor destes participantes. O questionário foi realizado em grupo, para que houvesse maior participação em fornecer as informações. A gravação inicia-se já transcorridos alguns minutos do início da realização do questionário.

Pesquisadora- Gente, vamos fazer? Mais algumas dúvidas? Por exemplo, a minha avó não lia livros para mim, mas ela contava histórias.

Manoel-Minha avó também contava histórias.

Pesquisadora- Então coloca isso, vai escrevendo tudo o que a avó contava...

Clarice-Você tem livros em casa? (lendo em voz alta a pergunta). Tenho, história, geografia...

Pesquisadora- Então você tem livros didáticos, livros de leitura, você não tem nenhum?

Cecília- Eu tenho acho que uns dois só...

Pesquisadora- Só dois (por que os alunos geralmente ganham Kit de livros literários, ou ganhavam).

Cecília- Não, dois que são meus...o resto eu vou lá no Sommerhauzer e pego. (Escola Estadual Professor Pedro Sommerhauzer é a escola municipal de ciclo I).

Pesquisadora- Ah sim.

Pesquisadora- Mas na sua casa especificamente, você não tem uma estante com livros?

Clarice- Eu não tenho.

Pesquisadora- Então vocês vão escrevendo...

Cecília- Eu acho que eu tenho, se tiver uns três...que é um “a favor...”

Pesquisadora- Coloca o nome aí...

Cecília- Eu não sei a capa...(engasgando).

Clarice-Eu só coloquei “não”.

Cecília- Aqueles livros “estão crianças...” (**pensando alto**).

Clarice-Eu gosto daqueles livros lá da Mônica...

Cecília- Eu coleciono para dar para minha sobrinha.

Pesquisadora- Porque você quer formar ela leitora, também faça isso com a minha...

Cecília- É...

Cecília- Faz o quê?

Clarice- O que professora?

Pesquisadora- Com a minha prima... guardar livro para ela...

Cecília- No final do ano eu vou lá e guardo.

Clarice- Professora, você não tem filhos não?

Pesquisadora- Se eu não tenho filho? Não...

Cecília- A professora ainda é novinha...

Pesquisadora- É, não sou novinha, mas filho...

Mário- A professora tem 26...28...

Pesquisadora- 28 anos (risos).

Clarice- Você não namora nem é casada não, professora?

Pesquisadora- Não sou casada.

Cecília- A professora só namora só...

Clarice- A professora é casada?

Cecília- A professora namora.

Clarice- Não é obrigada ter aliança (sendo debochada).

risos

Manoel- Ela é doida... (se referindo a Clarice).

Cecília- Mas a professora, eu acho que a professora namora, tem seus namoradinhos...

Pesquisadora- Então o questionário...

Risos de todos.

Manoel- Não sei de nadaaaaa professora...

Clarice- Está bom gente, eu só fiz uma pergunta... Não precisa saber da vida toda dela...

Manoel- Não é professora... (em tom debochado).

Pesquisadora- Só porque eu estou fazendo pergunta da vida de vocês, vocês querem saber da minha ...

Clarice- Quando a professora faz pergunta lá, o povo vai tudo ignora, “o que você tem a ver com a minha vida?” (Inaudível- se referindo a sala de aula- 8ºB).

Pesquisadora- E a 12, vocês têm algum cantinho da sua casa... (**Clarice interrompe**)

Clarice- Sim, no meu quarto.

Pesquisadora- ...que você costuma ficar enquanto faz a leitura?

Cecília- Sim meu quarto, tem cama lá...

Manoel- Sim, claro. Eu sempre deito na minha cama...com o computador em cima da minha perna.

Pesquisadora- Você lê no computador? Você gosta mais do computador? Só no computador?

Manoel- Sim, só leio no computador.

Mário- É, no computador tem uns livros.

Pesquisadora- Só no computador? Até livro assim? No tablet.

Manoel- É... alguns livros... raramente eu leio livros mesmo.

Pesquisadora- Olha só.

Pesquisadora- Então, você é um protagonista leitor do computador? (Porque Manoel participa do projeto da biblioteca, jovens protagonistas).

Cecília- Eu gosto, professora... (Como quem ia fazer uma pergunta).

Mário- Eu tenho um livro no tablet. (Mário tem um tablet).

Clarice- Eu também tenho mais, eu não gosto.

Clarice- Eu gosto daquele, daquele...

Cecília- Tem um livro que eu sou apaixonada...

Clarice- Aquele lá, “O menino do pijama listrado, listrado.”

Pesquisadora- Listado.

Clarice- É...

Clarice- É legal, o filme vocês já assistiram?

Clarice- Eu já... aí coitado dá um dó, na hora que...

Manoel- Acho que eu já assisti umas cinco vezes já...

Clarice- Não é tenso?

Cecília- Tem o livro que minha mãe ia comprar, mas ainda não chegou o catálogo.

Inaudível.

Manoel- Só vê as pessoas chorando...aí eu sou aquela pessoa meio... coração...

Clarice- Ah eu gosto.

Cecília- É um filme muito bonito, imagina o livro...

Inaudível.

Mário- Jesus...

Clarice- Vai Cecília, como você lê em sua casa? Em voz alta? Em silêncio, deitado...

Cecília- Ah eu leio em voz alta, quem não quiser ouvir que fecha os ouvidos...

Mário- Ah minha mãe me manda calar a boca...

Manoel- Como você fecha os ouvidos? (risos).

Pesquisadora- Você lê em voz alta tanto assim que a mãe manda calar a boca?

Manoel- Eu não consigo ler em voz alta, se eu falar eles brigam comigo...

Clarice- Eu gosto de ler assim, na mente...

Mário- Eu quero ler para ela de vez em quando, ela me manda calar a boca...

Cecília- Eu fico imaginando... eu leio em voz alta e fico imaginando...

Pesquisadora- Porque que ela manda você calar a boca? Ela não gosta de ler? Ela não gosta de ler ou não gosta de ouvir sua voz? (Barulho).

Manoel- De vez em quando assim... (incompreensível).

Mário- Ah eu não sei....

Clarice- Pela cara da mãe dele...

Manoel- Um dia eu estava com o fone alto, no Head7, era noite, acho que era uma e meia da manhã, eu comecei a cantar... eu cantei alto, minha avó começou a me xingar, aí eu percebi...

Mário- Ela fala para mim, canta. (inaudível).

Pesquisadora- E a família de vocês compra material de leitura? Tem esse hábito de comprar livros?

Clarice- A minha mãe só compra só aquelas revistas velhas dela...

Pesquisadora- Como assim revista velha? Como assim revista velha?

Clarice- Esses horóscopos...

Pesquisadora- - Ah horóscopos... revista da banca assim, a minha mãe também compra essas revistas...

Mário- Eu comprava gibi na padaria...

Manoel- Eu comprava cards...

Pesquisadora- Essas revistas, de horóscopos, de fofoca de novela...

Clarice- Mas é bom para saber o meu signo esse ano, esse ano professora, o meu está aparecendo assim que era para tomar cuidado com quem confiava...

Cecília- HOROSCOPOOOOO.

Pesquisadora- Que signo que você é?

Clarice- Libra.

Mário- Quem é peixe aí? Ninguém?

Cecília- E você professora?

Pesquisadora- Capricórnio, mas eu não acredito muito em signo não.

Clarice- Por quê?

Inaudível.

Cecília- Mas eu sei que você é virgem...

(Risos).

Sophia- Olha essa Cecília professora... (rindo).

Pesquisadora- Então, o questionário... (tentando conter o início de bagunça)

Manoel- Não sei se eu tenho vontade de rir ou chorar depois dessa...

Clarice- Faz os dois.

Pesquisadora- Mas ninguém da família de vocês compra livro? Por que tem gente que compra o livro só para o comprar, mas também não lê, deixa lá guardado...

Clarice- Geralmente esses velhos de hoje em dia, só compra aquelas coisas de forró... Esses veio morto de... **(incompreensível)**.

Mário- Esses velhos só compram livro de... **(possivelmente revistas pornográficas ou algo do gênero)**.

Robson- (risada maliciosa).

Pesquisadora- Vocês não têm esse hábito...nem no sebo?

Mário- Eu vou na padaria comprar gibi...

Clarice- Não sei, minha mãe sabe que eu não gosto de ler...

Mário- Juntava um dinheiro, para ir na padaria comprar gibi... **(como quem diz, nossa, não acredito que eu fazia isso)**.

Manoel- Normal...eu juntava dinheiro para comprar cartinha...

Clarice- Nossa era muito “zica”, aqueles tubinhos assim...

Manoel- Comprava aqueles pacotinhos vinha quatro... falava vamos bater carta logo para ver quem ganha mais...

Cecília- A minha prima tem uma coleção completa, depois ela trocava...

Cecília- Você leu o... aí como que é que chama?

Manoel- Terminava em briga... eu perdia.

Mário- Nossa eu acho que tem uns 34 livros em casa... (em tom de surpresa)

Cecília- “*Cinquenta tons mais escuros*” ...

Clarice- “Cinquenta tons de cinza” também falam que é bom...

Mário- Professora eu acho que tem uns 30 livros em casa, mas eu nem...

Pesquisadora- Trinta livros, e nunca leu nenhum?

Mário- Já sim...

Pesquisadora- Já leu, mas não está lendo atualmente?

Manoel- Professora, conta aqueles livrinhos, fininho assim? **(mostrando)**

Mário- Professora, tem um livro dessa grossura...

Pesquisadora- Que livros que é esse aí dessa grossura?

Mário- Aqueles da quarta série... (coleção ganhada pelos alunos)

Pesquisadora- Agora gente, olha só, na escola, vamos pensar no contexto da escola. Você gosta da escola? De estar aqui? Gosta de estudar? Porque são coisas diferentes...

Clarice-Eu gosto de estudar...

Pesquisadora- Você gosta de estudar?

Clarice-Gosto.

Pesquisadora- As matérias que vocês mais gostam...

Clarice-Não é querendo puxar o saco não, mas é de ciências, história, português, deixa eu ver o que mais... matemática não entra na minha cabeça...

Pesquisadora- Por que será?

Cecília- Eu adoro matemática...

Pesquisadora- Escrevam bem completo aí na 15...

Cecília- Eu estou na quatorze ainda.

Clarice- E de estudar? Gosto.

Pesquisadora- Mas vocês estudam em casa? Tem lá...

Cecília- Eu estudo.

Pesquisadora- Tem um trabalho para fazer, pega o livro mesmo, faz com o livro, pesquisa na internet ou não?

Cecília- Tem muito livro lá que eu li no Google “lê livros”. Eu não uso ler livros...

Pesquisadora- No celular? Ou Livros no papel?

Cecília- É, eu vou lá no celular e pesquiso, aí aparece e eu vou vendo...

Pesquisadora- Mas quando você era pequena, você tinha esse hábito de pegar livro na biblioteca? Depois que você cresceu um pouco, você passou a gostar mais de ler no celular?

Cecília- É, no celular, eu coloco a luz no noturno...

Clarice-Sabia que lá no Ceará, tinha aula desses negócios de religião?

Cecília- Mas ano que vem vai ter...

Clarice-Sempre teve, os professores passavam coisa de bíblia, na escola mesmo, fazia as coisas, ensinava nós, passava texto, passava pergunta...

Clarice- A minha mãe faz eu ir numa igreja evangélica é boa, mas eu...

Pesquisadora- Você não gosta?

Clarice-Ah não é que eu não gosto, professora, mas é que eu sempre fui na católica, todo domingo de manhã assim eu ia, todo domingo, quando eu morava com a minha avó... minha avó vai chegar aqui e vai fazer eu ir para a igreja junto com ela, e eu vou dar graças a Deus.

Pesquisadora- Mas a bíblia você nunca leu? Você já fez catequese?

Clarice-Não, não sou nem batizada...

Pesquisadora- Eles crismaram essa semana... (se referindo a Manoel e Daniel), os dois...

Clarice-Ohh parabéns, parabéns... (risos)

Manoel- Professora, não parecia que eu estava crismando... uma sensação esquisita... Vocês me avisaram na última hora que eu ia ler sozinho... (na igreja). Fiquei até desesperado...

Mário- Mentira, a professora avisou na catequese...

Manoel- Não, que eu ia ler sozinho, sozinho, era para eu ir mais três...

Clarice- Os seus professores gostam de ler (Clarice, lendo a pergunta na folha), a professora Ana Estela é a que gosta mais...

Pesquisadora- Não gente oh, não precisa pensar só em mim...no geral...

Cecília- Eu acho que sim.

Pesquisadora- ...por exemplo, vocês veem os professores com livros de leitura, indo para a sala?

Manoel- O professor Antônio mesmo não gosta de ler não...

Cecília- Não.

Pesquisadora- Eles indicam livros?

Cecília- Ah eu vejo uma professora, a professora Marli. (professora da sala de leitura).

Clarice-Eles leem livros de histórias para vocês (Clarice lendo em voz alta a pergunta).

Cecília- A professora Marli vai lá...

Pesquisadora- A professora da biblioteca, mas fora a da biblioteca? Os outros professores?

Clarice- Alguém indica livro para vocês ler? (Clarice lendo em voz alta)

Clarice-Só a professora. (se referindo a mim).

Mário- O professor Antônio fala assim que se ele ler um texto para a gente ele vai morrer...

Pesquisadora- Por quê?

Manoel- Verdade ele nunca lê.

Mário- Ele manda a gente ler, porque ele fala que se ele ler todos os textos para a gente, ele vai morrer.

Mário- Professora, textos enormes...

Trechos inaudíveis

Pesquisadora- Ah, mas eu acho que o professor não tem que ficar lendo todos os textos para vocês ...

Mário- Não, mas ele fala que morre...

Manoel- Ele não lê nada, geralmente nada...

Pesquisadora- Não sei.

Manoel- Se a gente não lê ele pula... (leitura em voz alta na sala de aula, leitura coletiva)

Mário- É verdade...

Clarice-Aí meu Jesus amado... (Clarice espreguiçando)

Pesquisadora- E vocês gostam de ler?

Manoel- Os professores gostam de ler? (Manoel ao fundo, lendo em voz alta)

Clarice-Mais ou menos.

Pesquisadora- Então coloca isso, depende do assunto... O que acontece que vocês não gostam de ler? Que faz ficar chato?

Clarice-Depende do livro...

Mário- Dá um sono...

Pesquisadora- Da sono? Que mais?

Manoel-Não conheço histórias suficientemente legais para me entreter...

Pesquisadora- Nossa, não conheço historias suficientemente legais para me entreter...seu português...

Manoel- É que minha perna está doendo... aí eu fico sei lá...

Pesquisadora- Como assim, você quer dizer que você pega os livros e eles não te interessam? Não parecem interessantes?

Clarice-Não interessa. (Clarice em tom irônico)

Manoel- Eu começo a ler a história, não me prende... é bem raro algum livro...

Cecília- Eu acho que eu gosto de um livro, só...

Pesquisadora- E que tipo de livro que você já leu que te prendeu?

Manoel- Livros de aventura, com herói, normalmente eu gosto que termine de um jeito diferente, inesperado... **Clarice-**Eu já ia mentir agora, não tem essa 18, é na sala de aula você gosta de ler silenciosamente ou em voz alta? Eu ia colocar nenhum dos dois...

Cecília- Só leio porque sou obrigada...a professora obriga.

Mário- Livro para mim tem que ter pelo menos uma, uma ilustração.

Pesquisadora- Você gosta de livro com ilustração?!

Mário- Pelo menos uma...

Pesquisadora- Você gosta de ver...

Mário- O que acontece...

Manoel- Imaginar.

Pesquisadora- Para ver se o que você imaginou é igual ao desenho?

Risos.

Clarice- A gente aceita...

Pesquisadora- Não muito, não muito.

Manoel- Não sei falar se os professores gostam de ler...

Pesquisadora- Ah o que você observa, é claro que eles podem ler na casa deles e vocês nem perceberem...

Pesquisadora- E na sala vocês gostam de ler silenciosamente ou em voz alta?

Clarice-Eu escrevi assim, eu gosto de ler silenciosamente, mas aí vem o abestado do professor e obriga a escrever em voz alta... (risos)

Pesquisadora- Escrever ou ler?

Clarice- Ah ler alto.

Pesquisadora- Não porque tem gente que gosta de ler em voz alta, “ah deixa eu, deixa eu...”

Cecília- Eu!

Sophia- Eu!

Manoel- Tem sempre a pessoa que faz isso, eu sou a pessoa que não gosta de ler, nem baixo nem alto...

Sophia- Você erra um pouco, “nossa”, você é burro, não sabe ler.

Pesquisadora- É tem isso...

Manoel- Mas quando eu leio, eu leio bem...

Clarice- O que você costuma ler na escola?

Cecília- Eu a professora já sabe...

Manoel- Só leio quando eu sou obrigado, quando dizem: lê, lê...é porque... eu sou o último praticamente que vai ler...

Pesquisadora- Ah entendi, vocês querem dizer que na sala de aula o problema em ler em voz alta é o posicionamento que você está na sala e a postura dos colegas, que os colegas ficam vaiando e etc.

Manoel- É o posicionamento...

Manoel- Ah vaiar não...

Pesquisadora- Ficam falando que é burro porque erra, isso aí atrapalha, isso aí é ruim?

Trecho inaudível

Clarice- O que é mais difícil quando você lê um livro? Um livro ou um texto longo?

Pesquisadora- Não, aí está faltando uma vírgula...

Pesquisadora- Olha só Clarice, o que é mais difícil quando você lê: um livro ou um texto longo ou um texto curto ou uma poesia, ou uma notícia... O que é mais difícil para vocês lerem?

Clarice- Texto longo...odeio texto longo...

Pesquisadora- O que faz o texto ser difícil para ler? A linguagem...

Mário- A complexidade das histórias...

Pesquisadora- Da história?

Pesquisadora- Como assim? O que você quer dizer com complexidade?

Clarice- As palavras difíceis (em tom meio indignado).

Mário- É igual o professor fala, se você lê um bom livro tem que ter um dicionário do lado...

Manoel- Quem falou isso?

Pesquisadora- Ah, mas, será que seria legal você ler com um dicionário do lado? Seria cansativo...

Clarice- Iria tirar aquela concentração de ler...que é legal...

Clarice- Você empresta livros para ler em casa, seja da biblioteca, da igreja, ou dos seus amigos e professores?

Clarice- Não, porque eu não tenho livro em casa.

Pesquisadora- Você não gosta de levar livro para a casa?

Clarice- Mais ou menos.

Pesquisadora- Vocês vão na biblioteca pegar livro?

Clarice- Não, as professoras não deixam...

Pesquisadora- Você vai Sophia? Você vai Cecília? Porque você não vai?

Clarice- As professoras não deixam...

Pesquisadora- Mas não é porque vocês ficam andando aqui fora?

Clarice- Não.

Cecília- Não, o meu é porque eu já tenho, eu busco lá, minha tia é da biblioteca daqui municipal, ou eu vou ali mesmo.

Pesquisadora- Entendi...

Sophia- É se a gente não pede para o professor para deixar a gente ir, eles nem tocam no assunto, parece que nem existe biblioteca.

Cecília- A gente pede, mas “eu não sou professor de português”, tem que pedir pra ela...

Manoel- Você pede para o professor de português para ver se ele deixa você sair...

Clarice- Mas aqui está falando é se você empresta, não é se o povo empresta...

Sophia- Eu não empresto livro nunca mais pra ninguém, uma vez eu emprestei um livro que tinha acabado de comprar, eu terminei de ler ele, eu emprestei ele para o pessoal fazer um projeto, até hoje eles não devolveram.

Pesquisadora- E é ruim porque a gente se apega com o livro...

Cecília- Uai compra outro oxxi?

Sophia- Eu não posso falar do livro sabe, mas a gente se apega.

Pesquisadora- É legal ter o livro né...

Clarice- Eu tinha um, professora, chamado Periquito Aurora.

Pesquisadora- Periquito Aurora? Nunca ouvi falar desse...principalmente daqueles livros daquela série...

Clarice-É porque foi eu que escrevi (RISOS).

Pesquisadora- Ah é, você escreveu um livro?

Manoel- Ohhh

Mário- Ah é, ela falou, a escola dela publicou um livro...

Pesquisadora- Publicou um livro?

Cecília- Periquito Aurora, deve se bem legal...

Pesquisadora- Ah bacana, e vocês gostam disso? De estar no papel de escritor?

Mário- A doce vingança.

Clarice- Nunca vi vingança doce...

Mário explica um pouco do livro (trecho que não dá para entender).

Pesquisadora- Ah é uma expressão, se vingar é doce, como o doce, gostoso como o doce...

Clarice- Ah eu não gosto de me vingar não.

Pesquisadora- Oh Sophia, acabou?

Manoel- No caso eu não gosto de escrever, nem ler, nenhuma história eu gosto de escrever, mas quando eu começo a escrever eu não consigo parar. No começo... eu não gosto de começar, mas quando começa também eu não quero parar, eu começo fazer uma história gigantesca...parece que não vai parar nunca...

Mário conta a história de um livro ou conto (nesse trecho não dá para compreender muito) - "Num baile assim, o cara começa a falar umas coisas e ela vê como um humano assim, nossa dá muita..."

Pesquisadora- Talvez esse é um tipo de texto que você gosta.

Clarice-Já li livro, que eu gostei mais eu não lembro o nome...

Mário- Não é uma história, é um conto...

Manoel- Nossa você leu bastante hein...

Clarice-Eu nunca li um livro inteiro.

Pesquisadora- Nunca leu o livro inteiro?

Mário- Também não...

Pesquisadora- Você também não? Você não? Você já leu Cecília?

Manoel- Eu já... (com certo tom de indignação)

Cecília- Já.

Novas conversas de namoro....

Pesquisadora- Você empresta livros para ler em sua casa? Nunca pega...

Cecília- Não.

Pesquisadora- Mas você não disse que empresta da sua tia?

Clarice-É mentira...

Cecília- Não, mas eu não levo para a casa, eu fico lá.

Pesquisadora- Como assim?

Cecília- Se eu preciso de alguma coisa, eu vou lá e fico lá.

Pesquisadora- Ah você lê na biblioteca?

Cecília- É, aí eu vou...

Mário- Sua tia é a Aparecida? Ela é meio desregulada da cabeça...

Risos

Cecília- Eu concordo com você...(risos).

Pesquisadora- Então Cecília, você gosta de ler na biblioteca?

Cecília- É aí eu vou, ela sai para almoçar, aí eu vou com ela, tem dia que ela vai lá para limpar...eu vou de manhã...

Clarice- Cecília, espero que vocês estejam em casa hoje para fazer o trabalho....

Então a conversa segue por questões dos trabalhos escolares...

Transcrições das gravações do grupo focal (turma A) cujos excertos apresentam-se no capítulo III.

TURMA A PRIMEIRO ENCONTRO

Pesquisadora– Pessoal, então vamos lá?

Cecília– Vamos.

Pesquisadora– Eu vou deixar aqui, os lápis e o papel, para quem quiser, para quem sentir vontade, durante a leitura, se sentir vontade de anotar alguma coisa, está livre, e se quiser riscar o livro também a gente apaga.

Pesquisadora– Alguém já leu os livros da Lygia Bojunga?

Sophia– Já leu o que professora?

Pesquisadora– Livros da Lygia Bojunga.

Cecília– Eu li um. Mas não era bem...

Clarice– Eu nunca li.

Luiza– Eu nunca li um livro.

Pesquisadora– Nunca leu um livro?

Luiza– Não, só daqueles.... Sabe aqueles que você ganha? O *Patinho Feio*...

Pesquisadora– Ah tá, aqueles pequenininhos...

Cecília– Como esses assim oh!!! (Apontando para as folhas).

Risos

Luiza– É preguiça.

Manoel–Desses daí eu já li uns 5 já.

Pesquisadora– Esses livros aqui, da coleção amarela, estão vendo? (Mostrando outros livros de Lygia Bojunga, que estavam no armário da biblioteca na sala). São da editora oficial da Lygia Bojunga, então todos os livros dela, inclusive o “*Nós Três*”, se fosse comprado lá, viria nesse formato. Mas eu não consegui, porque teria que vir do Rio de Janeiro e enfim...

Discussão em torno da câmera e do celular, a câmera desliga e os participantes querem gravar com os seus aparelhos celulares.

Luiza– Você já está gravando?

Clarice– Está gravando já faz tempo.

Luiza– Pega meu celular na bolsa. Você tem celular aí?

Cecília– Meu celular está aqui professora, e a bateria está cheia.

Luiza– Mas aí, depois como vou passar o vídeo para a professora?

Cecília– Eu passo, eu tenho o WhatsApp dela e o Facebook.

Sophia– Professora, você tem meu número aí?

[...]

Clarice– A Raquel e a Maria Flor também estão fazendo?

Pesquisadora– Sim, no outro grupo.

Cecília– São dois?

[...]

Pesquisadora– Este livro aqui é a proposta, é o “*Nós Três*” da Lygia Bojunga. E aí? Vocês tomariam este livro emprestado na biblioteca?

Cecília– Não.

Luiza– Não.

Mario– Não sei.

Sophia– Mas tem este livro?

Pesquisadora– Mas vocês pegariam se tivesse?

Cecília– Humm (em tom de dúvida).

Manoel–Não.

Luiza– Por que eu não pegaria?

Pesquisadora– A capa não é chamativa?

Cecília– Eu também, eu só vou pela capa. Ah, é colorido, é bonito.

Luiza– É muito feio, e é muito grosso.

Pesquisadora– Muito grosso?

Conversas ao fundo inaudíveis.

Manoel–Eu pegaria o livro assim, e olharia atrás, mas iria assustar e colocar de novo....

Clarice– Não, eu faço assim, eu não ligo, eu olho assim a capa, olho o que fala da autora, começo a ler a primeira parte, aí se eu gostar da primeira página, pego o livro e leio tudo.

Cecília– Eu só abro assim, faço assim oh.

Sophia– Não professora, é ... (e é interrompida, por algo que Mário brinca).

Luiza– Não, eu não, eu vejo o tanto de linha que tem, se tiver muito eu já nem pego.

Luiza– Eita, olha isso, que legal!!

Conversas ao fundo– pequeno tumulto.

Pesquisadora– Então, vocês não pegariam este livro?

Cecília– Não.

Pesquisadora– O combinado que nós vamos fazer é o seguinte:

Clarice– Professora, eu gostei dessa frase. (A frase na contracapa do livro).

Cecília– Vamos anotar.

Pesquisadora– O combinado que nós vamos fazer é o seguinte: de não falar todo mundo junto. Esperar o outro falar, para não ficar complicado, se não, depois não conseguimos entender nada do que foi falado.

Pesquisadora– Então, a frase que está aqui na contracapa é “*na natureza é assim, um bicho mata o outro, para poder matar a fome, é duro, mas se ele não mata, ele morre de fome, só gente é que mata sem precisar matar*”, Lygia Bojunga Nunes. Quando esse livro foi escrito em 1987, ela ainda usava o Nunes, que era o sobrenome do primeiro marido, agora ela só assina Lygia Bojunga, porque eles se separam, e ela casou com outra pessoa. Ela é uma escritora muito conhecida, e tem 27 livros publicados, e todos os livros dela, são bons, ela ganhou vários prêmios, o prêmio Jabuti, que o maior dos prêmios da literatura juvenil, e vocês vejam, vocês nunca leram um livro dela. Ninguém nunca leu a *Bolsa Amarela*, não é?

Cecília– Ah, esse daí...

Pesquisadora– É dela.

Cecília– Foi, que a professora ainda que leu para a gente.

Luiza– Qual?

Cecília– A professora Roseli que leu para a gente.

Luiza– Não lembro. Eu lembro só daquela menininha que pegava os coelhinhos.

Risos

Clarice– O único que você leu também.

Luiza– Foi ela que leu ainda.

Pesquisadora– Vocês querem ler as abas do livro?

Cecília– Ah não.

Clarice– Eu quero.

Pesquisadora– Então, podem folhear o livro. Ele tem três capítulos, e o epílogo.

Luiza– Professora, ela tem quantos anos já? (Referindo-se a foto de Lygia Bojunga, na contracapa).

Sophia– Eu gostei desse livro.

Pesquisadora– Porque?

Sophia– Porque não é grande.

Pesquisadora– Porque não é grande? Esse é o critério?

Sophia– Professora, livro muito grande é difícil de ler.

Mario– Cara, falar a real, livro dá muito sono.

Cecília– Professora, todo mundo vai ler ou só você?

Pesquisadora– O que vocês querem fazer?

Cecília– Dar para cada um ler uma página.

Pesquisadora– Vocês querem ler individualmente, a gente para e partilha, ou ir lendo um pedaço cada um?

Cecília– Um pedaço cada um.

Luiza– Compartilhamento.

Pesquisadora– O que vocês gostam?

Cecília– Um pedaço cada um.

Luiza– Eu prefiro ler com os outros, por causa que se eu leio para mim, eu não consigo entender muito, eu acho que lendo para os outros, dá para entender.

Sophia– Ler em voz alta.

Pesquisadora– Então, cada um vai ler uma página?

Cecília– É.

Sophia– É.

Pesquisadora– Mas então, a gente vai fazer da seguinte forma.

Luiza– Eu começo.

Pesquisadora– Eu vou ler esse primeiro parágrafo aqui, parar, e depois damos sequência...

Luiza– Isso aqui é um parágrafo, ou conta toda essa parte aqui?

Sophia– O Luiza, passa o lápis aí.

Pesquisadora– Então, vamos lá.

Pequeno tumulto para se iniciar a leitura.

Pesquisadora– Então, aqui, a gente tem na segunda página, a expressão “*Nós Três*”, está meio desbotado, mas é uma praia, à noite. Primeiro capítulo - A flor azul.

Sophia– Precisa colocar o nome na folha?

Pesquisadora– Não precisa não, é só se você quiser. Não é obrigatório, nem tarefa de sala de aula, eu estou falando, porque as vezes, tem gente que gosta de ir riscando...

A leitura tem início.

Pesquisadora- Aqui a gente tem uma mão, que parece que vai abrir a história.

Pesquisadora– (Começa a ler).

“ Olhando assim para longe, parece que o sol vai entrar no mar; mais um pouco a tarde acaba.

Ninguém na praia.

Mas tem barco de pescador esperando pra sair.

No coqueiral do lado folha nenhuma se mexe, desde manhã cedo não deu nem um pouco de vento. No chão tem uma folhagem que se espalhou pela areia, é ver escura e lustrosa, e deu uma flor azul.

Se não é a onda pequena batendo na praia a gente até pensa que a vida parou. ”

(NUNES, 1987, p.9).

Pesquisadora– E aí?

Luiza– E aí é para a gente terminar de ler?

Pesquisadora– Não.

Cecília– Não, é para a gente discutir.

Luiza– Ah, ta.

Pesquisadora– Eu quero que vocês falem o que vocês entenderam.

Luiza– Eu entendi que tem uma flor azul, na onde...? Eu acho que é no mar.

Cecília– Ela está assistindo ao pôr do sol. E se preparando para ir embora da praia.

Pesquisadora– Quem?

Luiza– A flor azul.

Cecília– Ahhhh Lygia Bojun...

Pesquisadora– A autora?

Cecília– Não, a autoria não... a personagem...

Pesquisadora–Mas já apareceu personagem aqui?

Cecília–Não, mas...do jeito que ela fala...

Pesquisadora– Dá impressão que tem uma pessoa?

Cecília- É.

Luiza- E a flor azul?

Cecília– É o nome do capítulo, não é? Não tem nada a ver.

Sophia- Professora, está falando aqui, que no chão, no meio da areia, tem uma flor azul?

Pesquisadora- Não, tem uma folhagem lustrosa, vocês sabem o que é folhagem?

Todos- É onde tem um monte de folha.

Pesquisadora- É como samambaia.

Clarice- Que flor é essa aí?

Pesquisadora- Uma flor verde escura, grandona.

Cecília- Verde musgo.

Pesquisadora- É. E no meio dessa folhagem, é que tem uma flor azul. Alguma pergunta? Manoel, você está tão quieto...

Clarice- Está filosofando pra depois...

Pesquisadora– Então vamos lá, Manoel, você pode ler esta parte agora?

Manoel– (Continua a ler).

“É quando o coqueiral acaba que tem a aldeia de pescadores, e a salina. Perto da salina uma outra casa de comercio, e do pessoal que trabalha ali. Muita pouca gente ao todo. A Rafaela sai de casa e vem beiradeando a salina. Olho procurando no chão pra ver se encontra uma coisa bonita, uma concha, uma estrela-do-mar, quem sabe uma flor ? pra levar pra Mariana.

Entra no coqueiral. Pára. De tanto coqueiro assim junto, lá dentro está meio escuro, vai ver é melhor voltar? Mas o olho vê lá longa a Flor Azul.

De olho na flor azul a Rafaela vai indo e vai indo.

Pará de novo. Lembra do Pescador que ela encontrou na praia.

Foi na quinta? não, foi no sábado. Era que nem agora: a tarde ia acabando. O pescador tinha olho que já não enxerga, o cabelo era todo branco, a mão ia apalpando e consertando uma rede; e a Mariana falou, eu gosto de ajudar ele a consertar rede e gosto de ficar ouvindo as coisas que ele conta. Sentaram junto do pescador. E ele contou de um tal casamento que a chuva tinha feito com o sol e que não tinha dado lá muito certo. (NUNES, 1987, p.9-10).

Luiza- Eu acho que a autora é que está contando esta história.

Pesquisadora- A autora que está contando a história?

Sophia- Professora, tem um tanto de parágrafos que pode ler?

Pesquisadora- Na verdade, eu vou interrompendo, porque eu já sei algumas partes específicas do livro...

Mário- Professora, você já leu o livro inteiro?

Pesquisadora– Já li...

Clarice- Ela postou a frase...

Pesquisadora- E o que vocês acharam dessa parte? A Lygia que é a escritora que está contando a história?

Luiza- Deve ser.

Cecília- É, lendo esse, já dá pra entender o segundo, que ela estava indo embora, e por parecer que ela estava andando na praia, e ela de repente se vira, pra ver o pôr do sol, e vê o pescador indo embora, e quando ela vai, ela anda assim olhando no chão, e vê a vegetação, e encontra a flor azul.

Pesquisadora– Isso, e o que mais?

Luiza– E essas meninas deve ser filha da autora.

Pesquisadora- A Rafaela? E a Mariana?

Luiza- É. Ela tem filha?

Pesquisadora- Não sei dizer.

Cecília– Ou pode ser uma dessas duas que estão contando a história.

Pesquisadora- Então quer dizer que esse livro é uma história real?

Sophia– Sim.

Outros– Sim

Pesquisadora– Ou ela se inspirou na própria vida para contar o livro?

Cecília– É, ela se inspirou na própria vida.

Sophia- É... ela se inspirou na própria vida.

Clarice– Pode ser os dois. Eu acho que pode ser os dois.

Sophia– Um pouco real, e um pouco fictício.

Pesquisadora– É isso que vocês estão entendendo?

Luiza– É mais ou menos assim.

Pesquisadora– Mário?

Cecília– Sem comentários.

Manoel–Preciso ler mais a história para tirar uma opinião.

Pesquisadora– Só lembrando, ninguém vai ver nada de vocês, a integridade do grupo vai ser guardada. Eu que vou ler depois as conversas. Então podem ficar à vontade...tudo o que vocês quiserem falar vocês falem, porque cada um tem o seu jeito de entender o texto, e também não tem certo ou errado.

Pesquisadora– Manoel? Quem vai continuar?

Manoel–

Manoel- (Continua a ler).

“Contou que um peixe (grande assim) chegava ao anoitecer numa onda grande assim querendo encontrar uma menina que ele andava procurando pra levar pro fundo do mar. Contou que a Morte andava a cavalo e que ela gostava de galopar. Aonde ela passava um vento grande levantava, e se tinha flor no caminho a pata do cavalo amassava.

Contou que no coqueiral tinha uma folhagem rasteira que dava uma flor azul. A flor era grande e bonita: guardava lá dentro dela o Amor. Contou que a Morte adorava essa flor, e quando via ela de longe já gritava pro cavalo, não pisa naquela flor que ela é minha! E o cavalo não pisava.

A Rafaela ficou olhando pra Flor Azul e nem viu o homem lá perto, encostado num coqueiro. Lembrou que ela tinha perguntando pra Mariana, é verdade as coisas que o Pescador velho contou? A Mariana tinha rido, ora Rafa! é tudo imaginação. E a Rafaela então, foi indo para colher a Flor Azul.

O homem está quieto, que nem a paisagem em volta. Quietos e olhando para o mar.”
(NUNES, 1987, p.10).

Pesquisadora– Isso, para aí.

Cecília– Aqui já dá para perceber que é a Rafaela que está contando a história.

Pesquisadora– O que vocês acham? Podem falar.

Cecília– Porque professora, aqui fala. (É interrompida por Manoel).

Manoel– Não é a Rafaela, porque se não, não falaria “ a Rafaela ficou olhando pra flor azul”.

Pesquisadora– Essa é a marca do que?

Manoel– De que ela não é a narradora. A pessoa que está contando a história.

Luiza– A Rafaela não está contando a história?

Pesquisadora– O que está acontecendo aí?

Mario– Ah, fala bastante dessa flor azul aí.

Cecília– Professora, que assim, a... Diz que a morte no cavalo.... Essa pessoa deve ser... Assim a flor e dentro dela, ela está guardando o amor dessa pessoa e por ela não ter esse amor é que ela está assim meio revoltada, e todo mundo acha que ela é a morte.

Pesquisadora– A pessoa?

Cecília– O amor dela está centralizado na flor.

Mario– E essa história tem um pouquinho de poesia.

Pesquisadora– Por quê?

Mario– Porque olha, *“aonde ela passava o vento grande levantava, e se tinha flor no caminho a pata do cavalo amassava”*.

Pesquisadora– A rima?

Mario– É.

Clarice– Onde que tem isso?

Pesquisadora– Ah, entendi. *“Aonde ela passava o vento grande levantava, e se tinha flor no caminho a pata do cavalo amassava”*. Ele disse que tem uma certa poesia no sentido do som né, porque poesia tem rima.

Luiza– Por causa das letras dos finais.

Cecília– Levantava/ amassava.

Luiza– Andava, gostava, passava, levantava, amassava, ohh.

Pesquisadora– Vocês entenderam a situação aqui?

Clarice– Sim.

Luiza– Então fala.

Pesquisadora– O que você não entendeu?

Sophia– Professora, eu não entendi aqui *“contou que a morte andava a cavalo e que ela gostava de galopar, aonde ela passava, um vento grande levantava”* assim, a personagem está contando, que a morte passava com o cavalo?

Cecília– Eu acho assim, era uma mulher, a minha opinião, eu acho que é uma mulher, uma moça, um homem, que tinha dentro de si.... Que não tinha amor dentro de si, e que passava, acho que era meio nervosa, meio revoltada, todo mundo achava.

Pesquisadora– O que você não entendeu Clarice?

Clarice– Ah eu entendi, entendi tudo.

Pesquisadora– Manoel, fala.

Manoel– O lugar exato praticamente que eles estão passando é uma praia. E no caso, no meio da praia provavelmente tem uma flor azul, e diz que tem o pescador que contou.... Está contando esta história para essas duas garotas, é simplesmente isso que está acontecendo.

Pesquisadora– E essa da história do pescador? Qual a relação?

Luiza– Ele é bem inteligente.

Clarice– Que que tem a ver? Que ele está envolvido na história, e ele sabe o que ele está contando.

Pesquisadora–E quando a gente fala assim, história de pescador, não tem isso de ser história de pescador?

Sophia– Humhum, é uma história meio.... De ficção assim.

Mário– É mentira dele.

Clarice– Meio não, totalmente mentirosa.

Pesquisadora– O pescador contou essa história para a Rafaela, mas ele está contando agora?

Manoel– Não, ele já tinha contado.

Cecília– Não, ele já contou, e elas estão fluindo naquela ideia.

Pesquisadora– Isso, que ela está vendo a tal flor azul, é isso?

Cecília– Admirando e pensando.

Pesquisadora– Agora a Cecília vai continuar.

Cecília– (continua a ler).

A Rafaela ficou olhando pra Flor Azul e nem viu o homem lá perto, encostado num coqueiro. Lembrou que ela tinha perguntando pra Mariana, é verdade as coisas que o Pescador velho contou? A Mariana tinha rido, ora Rafa! é tudo imaginação. E a Rafaela então, foi indo para colher a Flor Azul.

O homem está quieto, que nem a paisagem em volta. Quietos e olhando para o mar.” De repente levanta uma ventania que desmancha toda essa impressão de coisa parada. O mar se encrespa, a onda cresce, a areia levanta; tudo que é folha do coqueiral se torce se bate se parte.

A Rafaela se agarra num coqueiro, tapa a cara, protege o olho da areia; o vento é tão forte que bate um medo danado dela ser levada embora.

Lalaralalalalá. Ela vai cantarolando baixinho e com força. (É que quando bate o medo ela sempre canta assim. Tão baixo que quase nunca dá pra ouvir o que ela vai lalaralalando. ” (NUNES, 1987, p.10).

Pesquisadora– Isso, pode parar aí, e agora gente.

Clarice– Professora, e essa frase aqui? “o mar, se encrespa, a onda cresce, a areia levanta; tudo que é folha do coqueiral se torce se bate se parte” Explica pra nós ai.

Cecília– Eu acho que neste momento...

Clarice– A professora.

Cecília– Eu acho que neste momento a morte está passando.

Pesquisadora– A morte está passando?

Cecília– É porque estava falando que estava passando no mar, e aqui pra cima estava falando que o peixe grande que queria levar ela pro fundo do mar.

Pesquisadora– Então vamos lá, qual o objetivo da leitura? Compreender como vocês fazem, pra entender a história. Qual é a cena? Praia deserta, sem ninguém nesta praia, os barcos esperando pra sair, e uma onda bem pequena, lá longe que a gente percebe que ela está movimento o mar, mas fora isto está parado, a Rafaela sai da casa, vê a flor, lembra do pescador, de repente (sigam a leitura), levanta uma ventania, que desmancha toda essa impressão de coisa parada, “o mar se encrespa, virou uma tempestade do nada, “ tudo que é folhagem do coqueiral, se bate e se parte, daí que a Cecília falou isso, que ela acha que é a morte que está passando neste momento.

Luiza– De repente as coisas mudam.

Pesquisadora– Em que sentido?

Luiza– No sentido de que estava tudo parado, e depois...

Clarice– Eu acho que muda como um carnaval sabe.

Cecília– Porque aqui também estava falando, que a morte andava a cavalo e gostava de galopar, e onde passava um vento grande levantava.

Pesquisadora– Na vida é assim também?

Clarice– É.

Mário– Tudo pode acontecer, uma hora você pode estar bem, outra hora você pode estar mal.

Luiza– Está tudo bom assim.

Clarice– Está mal, está péssimo.

Luiza– É como uma roda gigante.

Clarice– Gira, gira, gira.

Cecília– Um dia você está lá em cima, outro dia você está lá embaixo.

Clarice– Verdade. Subindo e descendo. Tem dias que é assim... Tipo uma escada.

Mário– A hora que você estiver lá no topo, alguém pode estar lá pra te derrubar.

Pesquisadora– É isso que aconteceu na história?

Luiza– É. Só que com os ventos e os mares.... Com os mares, com as areias...

Cecília– Parece isso.

Pesquisadora– E o mar? O que é o mar?

Luiza– O mar é aquelas águas. Oh a pergunta da professora.

Sophia– O mar é um buraco com água salgada.

Cecília– Não mas tem uns com água doce.

Luiza– Não, mas aí eu acho que é rio.

Manoel– Aí não é mar não é.

Luiza– Rio que é doce.

Pesquisadora– Continuando...

Clarice– (continua a ler).

*Para de cantarolar: que que é isso agora? é um cavalo? Galopando? chegando?
Quer olhar. Mas o vento continua levantando tanta areia que nem dá pra enxergar.*

O galope vem chegando, vem chegando, lalalalalá, passa bem rentinho dela, lalalá, passou!

E o vento então também vai passando, e pronto, acabou. Tudo se acalma de novo, a folhagem, a areia, a água do mar.

A Rafaela abre o olho direto pra Flor Azul. Ela continua igualzinha, nem se importou com a ventania, que bonita que ela é. E a Rafaela agora vai depressa porque viu a tarde se acabando no coqueiral (mas não viu o homem desencostando do coqueiro e vindo ao encontro dela). Se abaixa. Colhe a Flor com cuidado. Levanta; dá de cara com o homem; pula pra trás. ” (NUNES, 1987, p.10-11).

Pesquisadora– Pare aí.

Luiza– Nossa dá até pra imitar ela agora.

Pesquisadora– Quem?

Luiza – Essa Rafaela que está pegando a flor, aí ela vira pro lado, e vê o homem, e pula pra trás.

Pesquisadora– Deu vontade de fazer o pulinho (Risos).

Manoel–Parece um teatro.

Pesquisadora– Parece um teatro?

Manoel–Seria legal fazer um teatro disso.

Pesquisadora– É? Vou falar uma coisa para vocês...

Terceiro áudio.

Pesquisadora– A outra sala falou a mesma coisa, que dava para fazer um teatro. O livro “ *Nós três*”, tem a versão teatro.

Clarice– Nós podíamos fazer um teatro desse livro.

Mário– Não tem muita personagem, conforme a gente lê, a gente vai descobrindo mais coisa.

Manoel– Não ficaria nem um pouco difícil fazer teatro.

Pesquisadora– Eu tenho a versão teatro lá em casa.

Clarice– Ano que vem a professora ainda vai continuar fazendo isso?

Cecília– Ah, professora, mas agora já está acabando as aulas.

Pesquisadora– Não, a gente vai acabar de ler o livro. Mas aí o ano que vem...

Cecília– A gente pode pensar.

Cecília– Professora mas espera aí, essa parte aqui ficou pra deixar uma coisinha no ar. Ela foi pra colher, mas ela ficou olhando e o homem estava encostado, ai de repente, ela estava lá pra pegar a flor, e deu aquele vento, e de repente o homem correu, pra ir perto dela, ou esperou passar a ventania e depois ele foi?

Pesquisadora– Ele esperou passar a ventania.

Cecília– Ele foi e pediu para colher com cuidado. Porque como ele mesmo falou, a morte, era a dona daquela flor.

Pesquisadora– Na verdade o pescador contou.

Manoel– Começou a ventania, e ela estava, mais ou menos perto da flor, enquanto isso ele estava vindo no cavalo dele, ele foi e parou no coqueiro, para esperar passar a tempestade, e na hora que passou ela pegou a flor e ele chegou atrás dela, andando, porque não era tão longe.

Pesquisadora– E esse homem?

Cecília– Mas ele estava encostado no coqueiro. Como ele veio de cavalo?

Manoel– Primeiro ele veio de cavalo, depois ele encostou.

Pesquisadora– Ele veio no cavalo?

Cecília– Então, isso que estou tentando entender.

Mário– Acho que vai ser o grande amor da vida dela.

Pesquisadora– Mas o homem veio no cavalo?

Mário – Não ele estava encostado.

Manoel– Provavelmente.

Pesquisadora– Vamos continuar.

Cecília– Estava falando aqui professora.

Pesquisadora– Agora é o Mário.

Mário– (reinicia a leitura)

*Ele olha para a
flor – Bonita, não
é?*

*Ela não diz nada.
Te assustei?*

–E o olho dele ri um pouquinho” (NUNES, 1987, p.10-11).

Cecília– (interrompe) E o olho dele?

Mário– É. O olho dele ri um pouquinho.

Clarice– O olho dele ri um pouquinho.

Mário– (continua a ler).

Ela meio que encolhe o ombro.

–Que vento danado esse que deu, hein?

–É.

–Ainda bem que passou logo.

*–É. – Ela se abaixa, pega um pouco de folhagem, bota a Flor Azul no meio
pr”arrumar um buquê.*

Ele fica olhando.

– Pronto, vou levar pra Mariana. – Levanta e vai andando.

Ele vai andando também:

– Você mora aqui perto?

*– Hmm-hmm. Quer dizer, não é muito perto não. Tá vendo lá onde o coqueiro
acaba?*

– É lá?

– Não. Lá é o vilarejo. Sabe onde o vilarejo acaba?

– Não, mas é lá?

– Não. Lá é a salina. Mas sabe onde o vilarejo acaba?

– Não. Mas na certa não é lá.

*– É, sim, é lá que eu moro. Quer dizer, é lá que eu tô passando um pedaço das
minhas férias. Onde eu moro mesmo é no Rio. Mas a minha mãe e o meu pai
tiveram que viajar e então o meu irmão ficou com a minha vó e eu vim ficar com*

a Mariana. O meu irmão é pequeno, ele ainda nem fez 7 anos. – Pensou um pouco pra ver se ainda dava outra informação. Acabou dando: – A minha avó é legal, mas eu achei melhor vir pra cá.” (NUNES, 1987, p.11-12).

Pesquisadora– Alguém tem alguma coisa pra dizer aqui?

Luiza– Estava conversando com um homem, e dando bastante informação da vida dela.

Pesquisadora– Você achou isto estranho?

Cecília– É, porque ele é um desconhecido, e já chega perguntando da vida dela.

Mário– Mas eu continuo achando que mais pra frente eles vão ficar juntos.

Manoel– Ele não é totalmente estranho, ele conhece a Mariana que é amiga dela.

Pesquisadora– Mas ele conhece a Mariana?

Manoel– Ele disse que veio pra ficar.

Clarice– Mas assim, meio esquisito não é.

Manoel– Meu irmão ficou com a minha vó, e eu vim pra ficar com a Mariana.

Clarice– Mas eu acho que ela não conhece ele.

Pesquisadora– Ela que fala, a menina que fala. *“Sim, é lá que eu moro, é lá que eu estou passando um pedaço das minhas férias, onde eu moro mesmo é no Rio”*

Cecília– Mas será que ele sabe quem é Mariana?

Luiza– Sim, Mariana deve ser algum parente, uma prima.

Mario– Uma amiga.

Luiza– Uma namoradinha.

Mario– Uma peguete.

Pesquisadora– Agora a Sophia.

Sophia– (Continua a ler)

Ele pegou um coco no chão. Sacudiu pra ver se estava bom de água.

– Você acha que essa ventania andou arrancando muito coco? Olha outro lá! – Foi buscar.

– Você gosta de água de coco?

– Já ando meio enjoada de tomar.

– Então eu levo eles pra mim.

Foram indo: ele procurando mais coco, ela procurando outra flor. de vez em quando ela olhava pra ele. E lá pelas tantas ela falou:

– Eu já tinha vindo aqui com a minha mãe. Mas só pra fim de semana. Dessa vez é que eu vim pra passar um tempão: mais de um mês.

Ele parou. Ficou de novo olhando pro mar. Ela foi em frente. Mas depois se virou: – Você conhece a Mariana? (NUNES, 1987, p.12).

Cecília– Entendi. Ele pergunta se ela conhece a Mariana.

Pesquisadora– Não, o contrário.

Clarice– É ele que pergunta?

Cecília– Ela pergunta pra ele.

Clarice– Ela pergunta pra ele, ai ele diz que mora aqui.

Cecília– É porque deve ser que ela ficou com aquela pulga na orelha, porque ah *“eu falei a Mariana, mas será que ele conhece?” Vou perguntar*”.

Clarice–Eu acho engraçado, ela falou a informação dela, sem conhecer ele, ela pergunta pra ele se ele conhece a Mariana, e ele fala que chegou agora.

Pesquisadora– Certo, alguém quer falar mais? Mário, Sophia, Manoel, Luzia?

Luiza– (continua a ler)

– *Eu não moro aqui. Eu cheguei ainda há pouco. – Se olharam. – O meu ônibus ia passando lá na estrada. Quando eu vi a salina, o coqueiral, isso tudo aqui eu achei que eu tava sonhando. Saltei depressa e vim olhar.*

– *Sonhando por quê?*

Ele não respondeu.

Ele não respondeu. Apressou o passo e deixou ela para trás. Não tirou mais o olho do mar, e foi só saiu do Coqueiral que ele deixou a sacola de viagem cair na areia e começou a respirar fundo. Falou para ele mesmo:

– *Que bonito que está isso. Assim. Um pouco de cara de noite, o resto de cara de dia. – foi se abaixando, espreguiçando com braço só. – Vai ser bom ficar aqui De Cara pro céu e de ouvido para o mar contando estrela até dormir. – Deitou a cabeça na sacola e suspirou feliz.*

A Rafaela chegou perto ele estava de olho fechado; ela olhou pro céu e só viu duas estrelas, puxa! só com duas estrelas pra contar e ele já tinha pegado no sono? Foi indo embora devagar. Mas ouviu dizendo:

– *Quando eu era garoto eu queria morar num lugar só... Ela parou.*

– *... eu achava isso o máximo que a gente podia querer da vida: morar sempre na mesma casa, na mesma cidade no mesmo lugar...*

A Rafaela veio vindo outra vez pra perto dele. (NUNES, 1987, p.13).

Pesquisadora– Porque que ela veio vindo novamente pra perto dele?

Cecília– Porque ela estava indo, ele abriu o olho, olhou pro lado e viu ela indo, e resolveu falar.

Pesquisadora– Ele falou uma coisa?

Clarice– Ele falou uma coisa que aconteceu com ele.

Pesquisadora– Mas isso chamou ela de volta?

Manoel– Ela ficou interessada.

Cecília– Pode ser o começo que ele vai contar a história dele pra ela.

Pesquisadora– E o que vocês acham disso?

Luiza– Porque tem três pontinhos até...

Sophia– O Mário está encanado com o amor.

Mário– Vai nascer um amor.

Pesquisadora– Vai?

Clarice– A ficção do Mário é essa.

Mário– Não, mas é isso que está falando aqui.

Cecília– Mas é isso que está falando aqui, que ele vai andando junto com ela, depois eles param, ele deita, depois ele só fala um negócio e ela já volta, vai perto dele, isso parece mesmo que vai ser um romance.

Sophia– Foi meio que um amor à primeira vista. Porque ela foi se entregando do nada para ele.

Cecília– Ela já contou a vida dela.

Sophia– Foi falando do irmão.

Mário – Ela foi se interessando por ele.

Clarice– Ele que se interessou na verdade por ela. Então eu acho que agora...

Cecília– Ele ficou olhando ela, olhando ela.

Pesquisadora– Manoel, o que você acha?

Manoel– Calma, estou lendo. Eu não consigo, eu começo a ler, e fico lendo tudo.

Pesquisadora– Você quer ler tudo?

Luiza– Minha garganta já está doendo.

Pesquisadora– Vamos lá, então. (Continuando a ler).

A Rafaela veio vindo outra vez.

–...mas a gente vivia feito cigano, de um lugar pra outro, de um lugar pra outro... pelo interior todo desse Brasil...

Ela se ajoelhou na areia.

–...Eu sempre gostei do mar. Eu sonhava com um lugar assim. Bem assim. Uma casinha caiada. Um coqueiral dando coco perto. O mar quase entrando pela casa adentro. Por isso eu saltei do ônibus: de repente eu tinha visto pela janela o lugar do meu sonho. – Levantou um pouco o corpo. – Tá começando um vento. (NUNES, 1987, p.13).

Pesquisadora – Vocês perceberam que ele veio do ônibus? Que saltou do ônibus?

Sophia– Professora, o que é caiado?

Clarice– Era o sonho dele.

Pesquisadora– Agora ele explica, caiado é pintado com cal, branco.

Clarice– Deve ser lindo.

Pesquisadora- (continuando a leitura).

Aqui sempre venta assim. Hoje é que foi diferente, eu não sei por quê. Primeiro não ventou nada e depois deu aquela ventania que Deus me-livre.

Ele ficou olhando pro céu. Meio que riu:

– Engraçado. Tinha vento também no lugar que eu sonhava.

A Rafaela chegou mais pra perto um pouco.

– Mas por que que você não podia ficar morando na mesma casa?

– O meu pai e a minha mãe faziam teatro mambembe, um teatro ruinzinho que vivia por esse Brasil afora, de cidade em cidade, de vilarejo em vilarejo. Eu ia junto. Toda a minha infância assim. De um lugar pra outro, de um lugar pra outro.

– É como é que você fazia pra ter amigo? pra ir pra escola?

– Não tinha. Não ia. Só mais tarde, quando eu já ia fazer 15 anos é que arrumei um emprego num restaurante e comecei a estudar. Foi no Rio. Eu disse: nunca mais vou mambembear; nunca mais ninguém me arranca daqui. – Sentou. Ficou quieto lembrando. Tanto tempo quieto que a Rafaela achou melhor tossir. Ele continuou: – Mas aí aconteceu uma coisa superesquisita. Depois duns tempos eu comecei a sentir formigueiro no pé, – virou pra Rafaela – Sabe como é que é? (NUNES, 1987, p.13-14).

Pesquisadora– E agora?

Luiza– Eu entendi que agora ele está velho, quando passou o ônibus ele era mais novo, ele tinha, antes dos quinze...

Cecília– Eu acho que ele tinha uns 17 anos.

Luiza– Então ele começou a trabalhar.

Cecília– Porque com quinze ele precisou arrumar emprego.

Manoel– Ele tinha uma vida praticamente de trabalhar em circo, e ele não tinha amigos, não conseguia estudar, não conseguia fazer nada. Mas ele sempre sonhava com um lugar onde ele poderia se fixar, e sempre curtir.

Cecília– Então ele achou o lugar do sonho dele.

Luiza– Então, de repente ele pegou o ônibus e saiu por aí.

Cecília– Não, ele não saiu e pegou o ônibus, a família dele estava indo fazer outro show, outro teatrinho.

Luiza– Ah tá.

Sophia– Professora, ele vai morrer no final.

Pesquisadora– Ah?

Sophia– Ah, sei lá, não sei professora, estou sentindo isso.

Pesquisadora– Mas porque você está sentindo isso?

Luiza– Porque ela quer que ele morra.

Sophia– Não, eu não quero que ele morra, quero que ele fique com ela. Mas eu sinto que ele vai morrer.

Pesquisadora– E o Mário? Está lendo o final?

Clarice– Ele está aqui pensando no final feliz dele e da Sophia.

(risos)

Sophia– Aí professora, nada a ver, a Clarice que está inventando coisa só porque eu vim mais pra cá.

Pesquisadora– Pessoal, olha aqui, diz assim que o pai e a mãe dele faziam teatro mambembe. O que é teatro mambembe?

Mário– Teatro ruim.

Luiza– Um teatro bonito, formal.

Pesquisadora– É teatro itinerante.

Luiza– O que é itinerante?

Pesquisadora– É que eles nunca ficavam parados em um lugar só.

Clarice– Quando eu morava lá em Santópolis de vez em quando vinha um circo, como as pessoas que eu conhecia, tinha uma menina que era do circo, ela começou a estudar, e todo mundo falou que ela era do circo, que vivia pra lá e pra cá, pra lá e pra cá, ela passou uma duas semanas lá estudando, depois voltou pro circo, depois voltou pra lá de novo, e saiu do circo, e ele continuou... é como isso aqui oh (apontando para o livro).

Mário– Aqui também já teve uma aluna de circo.

Clarice– Teve um anãozinho que estudou na minha sala.

Pesquisadora– Então, a família dele fazia isso.

Luiza– A minha avó falou assim, que todo anão é safado, é verdade?

Pesquisadora– Não.

[...]

Pesquisadora– Quando ele tinha 15 anos, ele resolveu parar de andar. Mas o que acontece neste parágrafo?

Clarice– Parece andarilho.

Sophia– Ele é nômade.

Cecília– Ele diz que largou, que ele estava cansado dessa vida, achou um lugar que ele sonhou, e que não ia sair de lá nem que arrastasse.

Pesquisadora– Mas antes disso?

Clarice– Só que aí começou o formigueiro no pé...

Pesquisadora– Na verdade ele está contando para a menina.

Cecília– Mas ele já ficou velho professora?

Pesquisadora– Então...

Clarice– Isso é vontade de voltar para a estrada de novo. Deve ser.

Pesquisadora– Porque ele fala “depois de uns tempos parado, eu comecei a sentir formigueiro no pé”.

Clarice– Porque quando ele estava andando com os pais dele, ele não sentia esse formigueiro.

Cecília– Porque...

Pesquisadora– Quando ele estava com os pais ele tinha vontade de parar.

Clarice– É como na nossa vida, a gente tem vontade de fazer umas coisas, quando começa...

Luiza– É igual eu, eu estava com o cabelo meio grande, aí eu cortei e agora eu quero o cabelo grande de novo.

Cecília– É como ele... se arrependeu de ter largado.

Pesquisadora– Ela pergunta

– *O pé ficou dormente?*

Ele soltou uma risada. Ela gostou de ver ele rindo, e riu também.

– *Não é dormência não, é um jeito de dizer que o pé queria andar. Ir pra estrada de novo, mudar! De tanto viver feito cigano eu tinha habitado e comecei a achar muito chato ficar sempre no mesmo lugar. Foi aí que peguei mania de mar: essa coisa assim aberta e livre, não é lindo? Olha! a gente olha pra ele e não tem nada atrapalhando o olho. – Tem as ilhas lá.*

Ele não tá ligando a mínima: rodeia elas todas e vai em frente toda a vida. – Respirou outra vez fundo e ficou encantado no mar. (NUNES, 1987, p.14).

Cecília– *I love you, I love you* (falando baixinho).

Pesquisadora– E que vocês acham?

Mario– Que ele gostou tanto do lugar que ficou encantado.

Nesse momento, termina a hora estipulada para o encontro de leitura, são feitos os combinados para outro dia, os participantes se organizam e saem.

Manoel– Cansado. Três dias seguidos já vindo pra escola duas vezes.

Pesquisadora– Ah e’?

Manoel– Você podia ficar.

Pesquisadora– E se eu trouxesse um lanche pra você?

Manoel– Não, eu vou descer em casa mesmo...

Final do terceiro áudio

TURMA A

SEGUNDO ENCONTRO

Sophia- Não dá para colocar uma mulher mais bonitinha aqui na capa não?

Pesquisadora- Mas é a Lygia.

Sophia- Ah é ela?

Cecília- Ela é acabada.

Pesquisadora- Não é que ela é acabada.

Manoel- Coitada.

Risos

Pesquisadora- Pessoal a foto está antiga.

Manoel-- Ela fuma.

Pesquisadora- Nossa que visão.

Manoel- Parece que levou paulada na cara.

Risos

Sophia- Eu estou perguntando assim...

Clarice- Ela deve ter usado crack.

Sophia- Professora eu estou perguntando se ela fuma, porque ela está com uma carinha meio acabada, geralmente quem fuma, tem uma carinha meio acabada.

Pesquisadora- Vamos lá.

Sophia- Alguém se incomodou? (Perguntando para Clarice sobre a roupa que vestia).

Clarice- A Talita. (Agente de organização escolar) .

Sophia- Ué, vocês não estão vindo no horário de aula.

Cecília- É... “Está dentro da escola”.

Pesquisadora- A Talita, mas é por conta da roupa.

Clarice- Ela só quer ser a diretora.

Pesquisadora- Ah pessoal, ela tem de falar, não é?

Clarice- Nós não estamos na nossa aula, se nós estivéssemos ainda aí sim...

Manoel-- Mas a partir do momento que entra dentro da escola é regra, as pessoas têm que seguir. É simples.

Clarice- Aqui é um convento?

Manoel- Convento?

Cecília- Ué quem não quiser ver que fecha os olhos...

Pesquisadora-- Vamos lá então.

Cecília- Que calor.... Dá um livro aí professora.

Sophia- Professora liga o ventilador.

Pesquisadora- Nós paramos na página 14. Então eu vou voltar à página 14, no trecho que fala do “*pé dormente*” nós faremos assim, cada um vai ler uma página. Ao final da página a gente para...

Cecília- Eu quero ver a página 15.

Pesquisadora- Então a gente para e conversa...

Cecília- Eu quero ver a página 15.

Pesquisadora- Então, voltando ao trecho que diz “o pé dormente”. *Segundo encontro*: leitura do livro do livro *Nós Três* dá a Lygia Bojunga.

Pesquisadora- (falando para Cecília). Deixa eu ler essa página depois você lê.

Cecília- Eu quero ler a página 15.

Pesquisadora-

– *O pé ficou dormente...*

Ele soltou uma risada. Ela gostou de vir e eu também.

– *Não é dormência não, é um jeito de dizer que o pé queria andar, ir pra estrada de novo, mudar! De tanto viver feito cigano eu tinha habituação e comecei a achar muito chato ficar sempre no mesmo lugar. Foi aí que eu peguei mania de mar: essa coisa assim aberta e livre, não é lindo? Olha! a gente olha pra ele e não tem nada atrapalhando o olho.*

– *Tem as ilhas lá.*

– *Ele não tá ligando a mínima: rodeia elas todas e vai em frente toda a vida. – respirou outra vez fundo e ficou encantado no mar.*

A Rafaela respirou igual; olhou pra frente feito ele.

– *Um dia eu não aguentei mais a curiosidade de ver até onde o mar me levava: fui ser marinheiro.*

– *Eu acho essa palavra gostosa. – E escreveu marinheiro na areia. – Sabe que as vezes eu me atrapalho com o nh? tá certo.*

– *O quê?*

– *O n aqui?*

– *Acho que tá, eu não sou bom de escrita, o que eu gosto de falar.*

– *Eu também. O pessoal lá em casa diz que eu sofro de falar descontrolado.*

Ele olhou pra ela. Ela fez sim com a cabeça. Ele olhou pro mar: sentiu vontade de continuar lembrando:

– *Passei ano à beça atravessando o mar. Pra cá, pra lá, pra baixo, pra cima, pra um país, pra outro. Aprendi um bolão: o mar foi a minha escola. (NUNES, 1987, p.14).*

Sophia- Eu acho que a câmera parou porque...

Pesquisadora- E aí gente, tem alguma coisa nessa parte que vocês queiram falar?

Sophia- Não.

Pesquisadora- Algo que chamou atenção nessa parte?

Clarice- Chamou “Passei ano à beça atravessando o mar. Pra cá, pra lá, pra baixo, pra cima” foi meio esquisito.

Clarice- Professora essa última aqui oh (apontando para a parte).

Pesquisadora- Porque o que tem aí?

Clarice- Porque ele fala que de tanto ele ficar para lá e pra cá, ele foi aprendendo coisas que ele não sabia.

Pesquisadora- Então ele era um homem o quê? Mas é essas andanças todas?

Manoel- Ele era tipo um nômade.

Pesquisadora- Nômade? Mas é a vida dele como era?

Cecília– Tipo um cigano.

Clarice– Cigano.

Manoel– Ele era bem aventureiro.

Pesquisadora– Página 15? Quem vai ler?

Cecília– Eu.

Cecília– (continua a leitura)

–Aprendeu a dar nós de marinho?

Aprendi.

–Aprendeu se tem sereia?

–Aprendi.

–Tem?

–Uma noite eu vi.

–Como é que ele era?

–Ela se chamava Dolores.

–Ué: não parece nome de sereia.

–E que nome você acha que parece?

Ela pensou um pouco.

–Naara!

–E por falar: como é teu nome, hein?

–Rafaela. Mas todo o mundo só me chama de Rafa.

–E Rafa? parece nome de sereia?

Ela caiu na gargalhada:

–Nem Rafa nem Dolores.

–Mas a minha não era sereia do mar, era da terra. Em vez de cantar sentada num rochedo ela cantava junto duma pista de dança; em vez de alisar assim o cabelo, ela alisava um microfone; em vez de ter rabo de peixe prateado de luar, ela usava um vestido de cetim prateado de spotlight.

–Que que é isso?

–Luz forte em cima de uma coisa.

A Rafaela ficou olhando pra ela pensativa. Depois perguntou:

–Vocês se namoraram?

–Loucamente.

–E vocês se casaram?

–Por quê?

–O quê?

–O meu navio foi embora, eu fui junto; quando um dia eu voltei ela não cantava mais por ali.

–E aí? você arranhou outra namorada?

–Arranhei. (NUNES, 1987, p.15)

Pesquisadora– O homem não responde à pergunta sobre casamento para Rafa.

Sophia– O que? Será que ele é casado? Será que ele casou com ela e depois embora?

Pesquisadora– O que vocês acham? Os que vocês entenderam aí?

Manoel– Ou também na parte que ela estava no altar e ele foi com o barco embora, ele deixou ela no altar.

Cecília– Às vezes também é uma coisa que ele se arrepende e não conta.

Pesquisadora– E você (perguntando para Clarice).

Clarice– Eu?

Pesquisadora– Sim o que você interpreta nessa parte? “Vocês namoraram loucamente e você se casaram?” Por quê [...]. Aí ele responde o meu navio foi embora e eu fui junto, quando um dia eu voltei ela não cantava mais por ali.”

Cecília– Acho que ele não queria se casar com ela.

Pesquisadora– É.

Clarice– Eu acho que ele queria sim, mas...

Cecília– Ele pegou e foi embora.

Clarice– Queria sim, mas aí ele teve que ir.

Cecília– Às vezes a paixão maior, era o mar.

Pesquisadora– O que vocês acham?

Clarice– Fala aí Sophia.

Pesquisadora– Continuando então. Vai Clarice.

Clarice– Para de olhar para mim, que eu não gosto que fica olhando pra mim na hora que eu leio.

Cecília– Está bom.

Clarice–

Sereia também? Ele fez que sim. –Do mar ou da terra?

–Do ar. Ela vivia cruzando o céu do Brasil; era aeromoça.

–E dava pra encontrar? assim com ela no céu e você no mar?

–Pois é: quase não dava.

– E como é que é namoro que não dá pra encontrar?

–Bom... a gente ficava pensando um no outro e... é legal ter alguém pra pensar. – Pensou. – É: eu não achava ruim esse jeito de namorar. – Pensou mais um pouco. – Mas tem outros jeitos que eu acho melhor.

A Rafaela largou o buquê e deitou de queixo na mão.

–Conta outro jeito.

–?

–De namorar.

–Mas por que esse interesse no assunto? você tá em idade de brincar e não de namorar.

–Mas eu posso brincar de namorar...

–Hmm.

– A minha mãe sempre diz que namora o meu pai. A minha vó é viúva, e outro dia a minha mãe disse, ih que ótimo! a mamãe tá namorando outra vez. A minha bisavó tá velha pra caramba mas ela fala em namorado que só você vendo; diz que o porteiro do prédio namora ela; eu perguntei de que jeito, e ela disse, ele é uma flor: me ajuda a entrar e sair do elevador. Lá na minha escola eu tenho uma colega, ela se chama Ana Lucia, sabe, e ela namora um garoto da 4ª série A. É namoro só de olho. Os dois se olham toda a vida no recreio. Ela diz que é um jeito especial de olhar. – Suspirou. – Voce vê, cada um tem uma idade e cada um namora de um jeito; e agora você me contou que tem um jeito de namorar que eu nem sabia: nem precisa ver quem que a gente tá namorando, é só pensar. – Riscou um pouco na areia. – Então eu fico pensando que namorar todo o mundo namora, mas comigo isso nunca aconteceu. Pra falar francamente eu fico até pensando se um dia ainda vai acontecer. Voce acha que vai? (NUNES, 1987, p.16)

Pesquisadora– E aí?

Cecília– Tem um poema. Tem uma rminha aqui.

Pesquisadora– Tem rima aí?

Cecília– Tem. É aqui oh.

Pesquisadora– Mas será que é porque é um poema?

Cecília– Não, é o jeito. É aqui “ele é uma flor, me ajuda a entrar e sair do elevador”.

Pesquisadora– Ah, rimou... você quer dizer que rimou, não é?

Sophia– E ele é um homem, que aparentava ser bem velho, não é?

Pesquisadora– Porque com tantas...

Clarice– Eu acho que eles não vão ficar junto não.

Cecília– Aí a diferença de idade é muita.

Pesquisadora– Quantos anos a Rafa tem?

Clarice– Se ela está na quarta série?

Sophia– Nove.

Pesquisadora– E vocês falaram ontem que ela era uma mulher, uma moça.

Cecília– É porque aparentava ter... a cabeça dela.

Manoel– Ela pode não ser da quarta série. Ela fala que a amiga dela, namora com um garoto da quarta série.

Pesquisadora– Mas vamos calcular.

Cecília– Se você tem uma amiga da quarta série, você não pode ser tão mais velho, porque, uma pessoa de 18 às vezes não vai ser amiga de uma de nove.

Sophia– É.

Clarice– Lógico que pode.

Cecília– Pode, mas vai procurar mais a faixa etária. No máximo uns dois anos.

Pesquisadora– E o que mais gente?

Cecília– Ela acha que ela nunca vai arrumar alguém pra ela.

Clarice– Só que o homem fala que ela está muito nova.

Cecília– É, ela está muito nova. E ela tem que brincar.

Pesquisadora– E ela está muito nova?

Clarice– Lógico que está (rindo), eu acho que nunca vai acontecer isso comigo.

Cecília– Porque assim, o homem fala para ela, que não é a idade de namorar, mas aí ela fala que ela vai brincar de namorar.

Clarice– Não, ela fala que pode brincar e namorar, não, brincar de namorar.

Sophia– Então ela também não é tão velha assim, porque ela está falando, que ela vai brincar de namorar.

Cecília– Aqui oh “–*De namorar. –Mas por que esse interesse no assunto? você tá em idade de brincar e não de namorar. –Mas eu posso brincar de namorar...*”

Clarice– Então, o que foi que eu falei agora?

Pesquisadora– E ela sabe o que é namorar?

Clarice– Não.

Manoel– Não.

Sophia– Aparentemente não.

Pesquisadora– Porquê?

Clarice– Ela, ela... sabia por causa da amiga dela, o jeito que a amiga dela namorava com o menino da quarta série.

Pesquisadora– Porque? É criança?

Clarice– Aí o homem falou do jeito que ele namorava.

Cecília– Cada uma contou de um jeito.

Pesquisadora– E essa parte aqui oh? –*Bom... a gente ficava pensando um no outro e ... é legal ter alguém pra pensar. – Pensou. – É: eu não achava ruim esse jeito de namorar. – Pensou mais um pouco. –Mas tem outros jeitos que eu acho melhor.*

Cecília– Então ele não gostava daquele jeito. Ele gostava, mas preferia os outros.

Pesquisadora– Fala Manoel.

Manoel– Sei lá.

Clarice– Ele está com uma cara de professora eu não sei o que falar.

Pesquisadora–E então gente? A Rafa, está, na quarta série?

Manoel– Nesse caso dele só ficar pensando na pessoa, pode ser que é porque ele tem vergonha. De chegar nas pessoas assim, ele só ficava pensando, imaginando o jeito que poderia acontecer, mas não ia lá e fazia...

Pesquisadora– Clarice? O seu ponto de vista? Ele já teve várias namoradas...

Clarice– É mais eu acho que aqui, entre aspas, a que ele mais gostou foi a aeromoça...

Pesquisadora– Eu falo assim que, pra um homem experiente, pensar...

Manoel– Mas acho que ele também não é tão velho assim.

Pesquisadora– Namorar pensando?

Clarice– Ele vai trair também, pensando...

Pesquisadora– Vamos continuar então.

Sophia– Posso ler professora?

Pesquisadora– Pode.

Sophia–

–Acho que você ainda tem uma chance, sim. –Ficou olhando pra ela. – Voce pensa muito?

–Hmm... deixa eu pensar se eu penso. Não. Só agora que eu dei pra pensar. Depois que eu cheguei aqui. Acho que é porque ... sei lá. –Porque você está de férias, não é? (NUNES, 1987, p.17).

Sophia– Aí professora, é muito difícil para ler.

Pesquisadora– “*Não é isso não. Lá no rio quando eu to de férias, eu não penso feito eu ando pensando aqui*”.

Sophia– É.

Acho que... sei lá... é por causa da Mariana. Ela não é assim feito a gente, superpronta pra falar. Ela fica tanto tempo quieta que a gente tem mesmo é que pensar.

–Quem é que é a Mariana?

–É uma amiga da minha mãe que morava no Rio mas agora mora aqui. Agora, não: já faz tempo. Mas me diz uma coisa: onde é que tá o navio?

–Que navio?

–Você não é marinheiro? onde é que tá o teu navio?

–Um cação levou.

–Duvido. Pensa que eu não sei que cação é peixe?

–Era um caçã-anjo.

–Já ouvi falar dele também aí na vila. Diz que é grande desse jeito. Até que ele deve ser bem bonito, assim, todo misturado de peixe e de anjo. –Ele riu. Ela continuou séria e com um ar meio desconfiado: –Mas mesmo assim grande, não dá pra levar um navio, dá?

–É que o caçao-anjo levou o meu braço, e de barco perdido eu não podia mais ser marinheiro: o meu navio foi embora e eu fiquei. –Virou o corpo pra Rafaela. – Segura esse braço do meu blusão pra você ver.

Ela não se mexeu. Só cantarolou baixinho. Ele ficou esperando. Ela estendeu a mão e apertou a manga do blusão com cuidado.

–Viu? Vazio. Eu sou assim: esse braço é de verdade, esse outro é de blusão. A mão da Rafaela soltou e ficou enterrando e desenterrando os dedos na areia.

Pesquisadora– E então? E essa parte, surgiu alguma coisa nova?

Cecília– Ah ahm.

Pesquisadora– O quê?

Cecília– Ela descobriu que ele não tem um braço.

Pesquisadora– Ela não tinha percebido?

Sophia– Não.

Pesquisadora– Porque será?

Sophia– Talvez porque ela não estava tão interessada nele, mas sim na história dele.

Cecília– Na natureza dele.

Pesquisadora– Podem falar.

Manoel– Professora, eu estou chegando à conclusão de que ele também é uma criança, e aquelas aventuras que ele estava tendo era só imaginação dele.

Pesquisadora– Mas e o caso do blusão? Ele realmente não tem um braço.

Manoel– Poderia ter acontecido um acidente, e realmente ele se aventurou alguma vez.

Pesquisadora– Você não acreditou nessa história que ele contou do cação?

Cecília– E também tem aquela parte que ele fala que ele saiu ao mar.

Pesquisadora– Ele saiu ao mar?

Cecília– É. Ele fala aqui professora oh (apontando para a parte específica). Espera aí.

Pesquisadora– O que a Clarice está achando?

Clarice– Não sei. Prestando atenção, aqui para entender.

Pesquisadora– O que você fez assim: “ahhhhh” no meio da leitura da história?

Clarice– Foi desse... cadê?! Foi dessa parte aqui mesmo. Desse negócio da amiga da Mariana, acho que ele vai conhecer ela.

Pesquisadora– Você acha que o homem vai conhecer a...

Clarice– A Mariana.

Pesquisadora– A Mariana?

Sophia– Porque dava a entender que a Mariana era uma amiguinha dela...

Clarice– Não, é a amiga da mãe dela...

Sophia– Não, no começo da história dava a entender que era uma amiga assim criança dela, mas assim, era amiga da mãe dela.

Cecília– Não, mas eu acho que a gente não prestou atenção, porque no começo... não tem como duas crianças morarem sozinhas.

Sophia– É.

Clarice– É.

Cecília– E só estava a Mariana e ela.

Clarice– Mariana e ela?

Sophia– Mariana...

Cecília– Mariana e a Rafaela. Estavam morando junto, não tinha como as duas crianças sozinhas ali.

Sophia– E... é.

Pesquisadora– E agora? Então o Manoel não acreditou nesse negócio do braço?

Cecília– Ué, mas se ela tocou?

Clarice– Se ela tocou?

Manoel– (RISOS) E nada não.

Cecília– Professora, mas assim, ela tocou e viu que não tinha nada, ou era alguma coisa?

Pesquisadora– Ué, ela fez isso. E quando ela vê esse braço, o que ela sente?

Clarice– Nada, um vazio.

Pesquisadora– Olha lá!!! “*Ela não se mexeu*”.

Cecília– Ela começou a cantarolar. Como ela fez lá na tempestade. Ela está com medo.

Pesquisadora– Então Manoel? É história?

Manoel– Vamos ver não é?

Pesquisadora– Porque ela teve medo. Se ela teve medo... alguém já passou por uma situação dessa? De ver alguém que não tem um membro.

Cecília– Às vezes ela...

Clarice– Eu.

Manoel– Já, eu já vi.

Pesquisadora– Você toca...

Clarice– É esquisito.

Manoel– Tocar não.

Pesquisadora– Vamos lá então. Agora é o Manoel?

Manoel–

–*Faz tempo?*

–Faz. Mas eu nunca me esqueço daquele dia. –Ficou de olho comparando tamanho das ilhas, mas depois o olho se perdeu de novo no mar. – onde o navio ia passando, ia fazendo uma estrada branca na água; tinha gaivota seguindo o navio; e tinha também uma pouca de vento, feito agora. Mas eu não estava pensando em nada disso quando eu montei na muralha e fui contar uma ponta de corda. Eu estava pensando era... – olhou pra Rafaela com cara de riso- numa sereia.

- A do avião?

-Não- Uma outra que falava brasileiro misturado de alemão, e que me deu uma pulseira de couro bem larga com o nome dela escrito: Helga; e me pediu pra eu usar a pulseira apertada pra eu sentir sempre o aperto e me lembrar sempre dela.

-E você usava?

-Mas não muito apertada.

-CadÊ?

-Tava no pulso que o cação levou. Mas aí eu tive uma tonteira e caí lá de cima. Não aconteceu nada na queda, eu comecei logo a nadar. Um companheiro me viu no mar, deu o alarme, baixou uma embarcação pra ir me salvar[...] (NUNES, 1987, p.18)

BARULHO

NA PORTA

Pesquisadora– Pode abrir.

Clarice– É o Mário.

Sophia– Está trancada a porta?

Mário chega atrasado.

Pesquisadora– Entra, e senta, estamos no meio da leitura.

Clarice– Caiu de paraquedas.

RISOS

Pesquisadora– Página 18. Vai Manoel.

Manoel– continua.

Depois ela contou que naquele dia a Morte chegou pertinho de mim mas que a embarcação chegou primeiro.

-A morte?

-Eu não vi a cara do caçao-anjo, o meu companheiro é que viu ele rasgando o meu braço...

-Lalaralalalá...

- ...e eu desmaiando de dor. Mas o braço.

-Voce não quis botar braço falso? Eu tenho um tio que ficou sem perna num desastre de carro e botou uma perna de mentira, quer dizer, mecânica, feito eles dizem. Você não tá a fim de braço mecânico? (NUNES, 1987, p.18)

Segundo áudio

Pesquisadora– E agora gente? A história do braço? É verdade, é mentira?

Clarice– Eu acho que é verdade professora.

Pesquisadora– Manoel?

Manoel– Pode até ser verdade, ele pode ser apenas um pescador, no caso.

Pesquisadora– É, ele era marinheiro, não é?

Pesquisadora– É, tem uma parte que ele fala assim...que a Helga deu uma pulseira pra ele, para ele usar, bem apertada, e aí ele fala assim,

Cecília– Que ele não usa bem apertada.

Pesquisadora– Que ele não usa muito apertada. “*E você usava? Mas não muito apertada*”. O que isso quer dizer?

Mário– Que era meio frouxinho assim.

Sophia– Que ele não gostava tanto dela assim?

Sophia– Para não ficar lembrando dela toda hora?

Manoel– Que ele não queria lembrar dela?

Cecília– As vezes ele queria a aeromoça. E pensava só nela.

Pesquisadora– Fala Clarice, quero ouvir sua opinião. Por que será que ele não usava a pulseira muito apertada?

Clarice– Eu... assim, pra ela... se ele usasse a pulseira apertada, seria do mesmo jeito que ele sentia por ela, só que aí, ele não queria usar muito apertada, porque não era o que ele sentia por ela de verdade por ela, eu acho que ele gostava da aeromoça.

Manoel– Ela diz pra ele usar apertada, porque sempre que apertar, ele ia lembrar dela, e provavelmente ele não queria muito lembrar dela.

Mário– Acabei de chegar então nem pergunta pra mim.

Pesquisadora– Só para te atualizar, eles estão conversando ainda, a Rafa, e o homem, e ele esta contando pra ela, que ele não tem um braço, um peixe, um tubarão... quando ele caiu no mar, ele comeu o braço dele, e ele usa um braço de blusão. E aí é nesta parte que a gente está.

Cecília– O cação anjo.

Manoel– E no caso a gente chegou à conclusão de que a Rafa é uma criança.

Pesquisadora– E ele?

Manoel– E ele também.

Pesquisadora– E a Mariana?

Manoel– A Mariana é uma adulta.

Cecília– A Mariana é amiga da mãe dela.

Clarice– O homem é uma criança?

Pesquisadora– Não estou dizendo isso.

Clarice– Ah tá. Ele falou. (Retrucando para Manoel).

Manoel– Provavelmente.

Pesquisadora– Agora o Mário vai ler. Página 19, continua...

Mário– (Le pausado e com dificuldade)

–Botei um. Não sei se foi mal botado, só sei que não gostei: me atrapalhava. Tirei. Me habituei assim. Só foi ruim deixar de viver no mar. Mas habituei também. A gente habitua com tudo.

–Você agora vive aonde?

–Um pouco aqui, um pouco lá, vou indo atrás do que pinta.

Ficaram quietos durante um tempo. Depois ela tirou a Flor Azul do buque e estendeu pra ele:

–Quer pra você?

–Mas sem a flor o seu buquê não vai ter graça.

–Voce não acha ela bonita?

–Muito.

–Então toma ela pra você.

–Obrigado. Vou guardar de lembrança desse nosso encontro. –Levantou. –

Olha, já tem pescador chegando.

–A gente pode ficar aqui vendo eles irem pro mar.

–Não sei se eu quero olhar, acho que não.

–Por quê?

–Sei lá, é capaz de me dar vontade de ir junto... –Riu. Estendeu a mão: – Tchau. –Tchau. –Foi andando sem vontade. Se virou: –Como é que se chama, heim?

–Davi.

–Ah. Tchau então.

–Tchau.

Mais uns passos e ela parou de novo:

–*Você não vai se perder, vai?*

–*Eu não, e você?*

Ela já ia dizendo que a noite estava clara. Mas não disse. Fez uma cara de dúvida. –A tua casa é longe daqui?

(NUNES, 1987, p.19)

Pesquisadora- E agora?

Pesquisadora- Qual é o nome dele?

Clarice- Davi.

Pesquisadora- Finalmente, na página 19, é que vai aparecer o nome dele.

Sophia- O nome?

Clarice- O nome...

Pesquisadora- Do homem. Vocês gostaram desse nome?

Clarice- Ah professora... é, eu gostei.

Pesquisadora- O que esse nome parece?

Manoel- Me lembra nome de criança.

Sophia- É.

Manoel- Sei lá...

Manoel- É igual chamar um bebê com nome de velho. É estranho.

Pesquisadora- Que nome que é de velho?

Sophia- Ah professora, não é assim que é de velho...

Clarice- Garibaldi.

Risos

Pesquisadora- Então o homem tem nome de criança?

Cecília- Tem. Davi. Mas é bonito.

Clarice- Mas nem toda...

Pesquisadora- Mas a criança não vai crescer?

Manoel- Eu nunca vi um velho chamar...

Clarice- Igual meu nome, assim, quando eu crescer eu vou chamar... vai ficar estranho, não é? O da Cecília vai ficar meio razoável..., mas o meu...

Sophia- É fica estranho professora...

Clarice- E quando a gente estiver velha com uma bengala?

Pesquisadora- Dançando funk.

Risos

Sophia- Parece assim professora, que nome pequeno, é mais nome de criança...

Pesquisadora- Então ele não vive mais no mar?

Clarice- Oi?

Sophia- Não, não tem como.

Manoel- Não pode nem fazer nó de marinheiro. coitadinho (com um tom meio de deboche).

Pesquisadora- Porque?

Cecília- Porque está sem o braço.

Sophia- Está sem o braço.

Cecília- E aí fica difícil segurar...

Pesquisadora- Mas ele gosta do mar ainda ou ele tem raiva?

Clarice- Não, ele gosta do mar ainda, porque...

Manoel- Eu acho que ele tem medo do mar.

Clarice- Não, por exemplo, ele gosta do mar, mas é difícil...

Pesquisadora- Ele gosta do mar.

Clarice- Ele tem um trauma parece...

Cecília- Ele gosta de assim... de olhar, mas para ele entrar e se afundar que nem antes ele fazia fica mais difícil.

Sophia- É...

Cecília - Precisaria de um companheiro...

Pesquisadora- Será que ele gosta muito ou ele gosta pouco?

Clarice- Ele gosta muito porque se ele tivesse com raiva do mar ele não estaria na praia deitado...

Pesquisadora- Na praia não é? Mas quando a gente pensa que ele sofreu um acidente trágico porque um peixe levou um braço dele, quando acontece isso, geralmente a pessoa fica como?

Clarice- Com trauma.

Sophia- Traumatizada não quer nem ir para a praia não é, com medo da água do mar.

Pesquisadora- E ele?

Cecília- Ele parava e ficava noites e noites olhando o mar.

Pesquisadora- É. São coisas que a gente vai percebendo...e essa parte aqui em baixo, a Rafa faz cara de dúvida, apesar de perceber que a noite esta clara, porque quando a noite está clara, não tem...

Cecília- Não tem perigo.

Pesquisadora- O que vocês acham que vai acontecer agora? Não é Mario? O que você acha? E aí Manoel?

Manoel- Eu não sei...

Pesquisadora- O que vocês entendem dessa parte?

Clarice- Que parte professora?

Pesquisadora- Assim oh, mais uns passos, e ela parou de novo, você não vai se perder vai se perder vai? Ela já ia dizendo que a noite estava clara, mas não disse, fez uma cara de dúvida, a tua casa é longe daqui? Aí ele pergunta...

Cecília- É, mas eu acho que ela já falou isso, na esperança que ele ia levar ela em casa...

Pesquisadora- Porque ele olha para cara dela, de dúvida, mas...se a noite estava clara...

Cecília- Não tinha meio que...

Pesquisadora- O que está acontecendo então?

Cecília- Eu acho que ele queria que ele fosse com ela, para continuar contando a história.

Pesquisadora- É porque ela gostou?

Cecília- É.

Pesquisadora- Concordam? Então agora eu que vou continuar.

Pesquisadora-

É lá - ela apontou.

-Quer que eu vá com você?

-Eu quero.

E os dois foram andando pela beira do mar.

No meio do caminho ela viu o Pescador velho que tinha contado a história da Flor Azul. Ele ia caminhando guiado pelo instinto, e a Rafaela mostrou ele pro Davi.

-Ele só volta pra casa a essa hora. O dia todo ele fica na praia consertando rede. A Mariana disse que é o jeito dele ganhar pra comer. Ela vem e ajuda ele. E agora eu tenho vindo também.

-Ficaram olhando pro Pescador. - A casa da Mariana é aquela lá.

-Aquela sozinha lá no fim da praia.

-É.

-Quase que dá pro mar. entrar dentro.

-Pois é.

-Ela também é pescadora?

-Não- e a Rafaela riu- Ela é artista, ela estudou junto com a minha mãe.

Mas a minha mãe acabou achando que ser artista é trabalho muito pesado e foi trabalhar numa companhia de turismo.

-Artista?! morando num lugar longe de tudo.

- Ela é escultora. A mão dela é tão forte que você precisava ver. Quando eu disse pra minha mãe que eu na ia ter medo de trabalho pesado e que eu ia ser escultora também, ela falou então vai passa umas férias com a Mariana pra ver de perto o que é trabalhar.

E agora a Rafaela está mesmo vendo: a Mariana trabalha o dia todo, é pedra mole, é pedra dura, é bronze, é ferro, é madeira. Batendo, modelando, entalhando, cinzelando, fundindo.

-A casa era bem pequena quando ela comprou, mas ela aumentou a sala e fez também a varanda que não tinha...

Veio chegando o barulho paciente do cinzel na pedra.

-...Eu sempre vi sala com sofá, poltrona, mesa, televisão. Mas a sala da Mariana só tem pedra. Cada poltrona assim. E cada pedaço de madeira desse tamanho. E mais um monte de ferro e ...

E o Davi não prestou mais atenção no que a Rafaela estava contando porque pela varanda e pela parede rasgada de janela ele já ia vendo bloco de pedra, bloco de madeira, escultura por todo o lado...

-Vem! vem conhecer a Mariana.

---ele já via a Mariana de costas, de pé, de pé no chão, de pé apoiado num banco. O cabelo dela tinha se juntado numa-trança apressada, já meio desmanchada, uma só.

-Eu gosto de ficar vendo a Mariana trabalhar. Mas depois de um tempo eu enjoou e vou brincar. De dia ela não me dá bola, é só pra de tardinha que a gente sai junta por aí. Ou a pé ou no banco dela, olha ele lá- apontou. - Batendo desse jeito ela nem vai escutar a gente entrar, quer ver?

Não escutou mesmo.

O Davi parou e ficou olhando ela trabalhar.

A Rafaela anunciou:

-Trouxe uma visita pra conhecer você.

Mas a Mariana nem parou nem se virou.

Os dois ficaram esperando.

De repente a Rafaela disse que estava com sede.

-Você também, Davi?

Ele fez que sim. Mas não tirou o olho da mão da Mariana.

-Então vem comigo beber água. – E foi puxando ele pra cozinha. -Quer água da geladeira ou da moringa? – Espichou o queixo pra mesa.

O Davi olhou pra mesa; achou engraçado: há quanto tempo ele não via uma moringa, ainda mais assim tão simpática.

-Da moringa, é claro.

A Rafaela trouxe os copos.

-Quer um pedaço de pão com manteiga também?

-Acho uma boa ideia.

Se olharam. Riram de olho um pro outro. A Rafaela pegou a faca que estava em cima da mesa e começou a cortar o pão.

-Mas, Rafa, essa faca não é boa pra cortar pão. (NUNES, 1987, p. 21)

Pesquisadora- E agora? Falem da Mariana.

Clarice- E agora?

Sophia- A Mariana é uma escultora de moda.

Cecília- A Mariana é uma escultora na praia. E a mãe dela não teve a coragem de ser porque achou que o trabalho era pesado. Foi atrás de um trabalho mais fácil...

Pesquisadora- Turismo é mais fácil que ser artista.

Cecília- É. Na opinião dela ela achou. Porque ser escultora, as vezes precisava ter, que nem ela falou, precisava ter mão forte...as vezes a mãe dela era mais delicadinha...não gostava de mexer com aquilo.

Clarice- Delicadinha... **(ironizando-grifo meu).**

Pesquisadora- E o Mário?

Mário- Eu sabia que ela ia perguntar para mim.

Cecília- O Mário está dormindo ainda.

Pesquisadora- O que está vindo na cabeça de vocês?

Clarice- Ta vindo comida.

Pesquisadora- Está com fome? Vão falando, vocês estão tímidos...

Pesquisador- Porque o pescador se guiava pelo instinto?

Clarice- Ah porquê...pescador? Que pescador?

Pesquisadora- O que contou a história.

Clarice- Da flor?

Pesquisadora- Da flor.

Clarice- Ah como é mesmo que a professora perguntou?

Pesquisadora- Porque o pescador se guiava pelo instinto? Que ele andava assim meio tateando?

Sophia- Ah professora até agora eu não entendi, porque geralmente, o nome do capítulo tem a ver com o que vai contar, não é?

Pesquisadora- Mas a flor não apareceu?

Sophia- Apareceu um pouquinho...

Clarice- Esse “Nós Três” aí eu acho que é a Mariana, a menina e o Davi...

Mário- A única coisa que eu entendi foi que desde a hora que eu cheguei, eu entendi que fala, que a flor só serviu para fazer o buquê.

Clarice- Que buque?

Pesquisadora- Você acha o quê?

Clarice- Eu acho que é a Mariana, a Rafaela, e o Davi.

Pesquisadora- O Nós Três?

Cecília- Não, eu já acho que é a Rafaela, o Davi e o mar. Ou é a Rafaela o Davi e a flor.

Sophia- Não sei porque essa história aqui...

Clarice- Calma, você está no começo ainda.

Sophia- Até agora...porque o capítulo está acabando...

Pesquisadora- O nome do livro ou o nome do capítulo?

Sophia- O nome do capítulo porque só falta isso daqui pra acabar (**apontando para as folhas**). E até agora não falou nada quase da flor. Falou o que? Nas três primeiras páginas?

Pesquisadora- Vocês concordam?

Clarice- Tem outros capítulos aqui?

Cecília- Daqui a pouco a gente entra no outro, olha. (**apontando para o livro**). Aí vai ser “o tempo passando e eles conversando”.

Sophia- E até agora eles não pararam de conversar.

Pesquisadora- O que está surgindo entre o Davi...

Cecília- Uma grande amizade.

Mário- Professora, olha aqui, isto foi tudo na mesma tarde ou foi no outro dia?

Clarice- Este livro tem aqui?

Pesquisadora- Na mesma tarde. Depois da tempestade.

Clarice- Nós três...

Pesquisadora- E essa Mariana, quem será?

Mário- A irmã da Rafaela?

Pesquisadora- Não, é amiga da mãe da Rafaela.

Clarice- A mãe da Rafaela morava com ela?

Cecília- Não, estudou na mesma...

Pesquisadora- Não, eles moram no Rio.

Mário- Ribeirinho?

Pesquisadora- Não, não no Rio de Janeiro.

Clarice- Nas Pirambeiras.

Risos.

Pesquisadora- Vamos continuar. Cecília, continua.

Cecília- E o Davi? Não prestou mais atenção..., mas essa faca não é boa pra cortar pão.

Pesquisadora- E aí, é o que a Cecilia tinha falado, não é? Entre o Davi e a Rafa que está acontecendo?

Cecília- Uma amizade. Mas isto está com cara de é que este pescador vai se apaixonar pela Mariana.

Mário- Está olhando demais...

Clarice- Eu também acho porque ele tá olhando no olho...

Pesquisadora- Não tirou o olho dela?

Cecília - É porque assim... ela chamou ele pra beber água e ele lá, olhando ela, aí ela perguntou de novo, e teve que puxar ele, pra ele poder ir.

Sophia- O que é moringa?

Pesquisadora- Moringa é uma, tipo um jarro só que de barro e conserva água bem gelada.

Mário- Tipo uma cabaca.

Sophia- Professora esses livros aqui não podem pega não?

Mário- A Alessandra pegou um monte.

Pesquisadora- É porque é ruim pra controlar, não fica ninguém aqui...vamos continuar.

Quem quer ler? Vai Sophia.

Sophia-

-A gente sempre corta com ela...

- A tua mão é tão pequenininha pr'uma faca dessas: deixa que eu corto. – Pegou a faca.

A Rafaela foi buscar a manteiga na geladeira e o Davi ficou olhando pra faca. Achou que já conhecia ela. Onde é que ele tinha visto uma faca assim? Era aquela que o pai usava no teatro pra fazer o papel do Fugitivo? (e que a mãe usou pra fazer o papel da Passionária?) Era aquela que ele ia usar pra cortar a corda quando caiu no mar? Ah. Tinha também aquela que ele encontrou no quarto da Dolores. (Pra que essa faca aqui, Dolores? É pra fazer ponta no meu lápis de pintar olho. Você tá maluca? Uma faca grande assim? Mas funciona, meu bem). Que mentirosa que ela era, a Dolores, ah! que bonita que ela era também; e a faca? o que que estava lá no quarto da Dolores, no meio do pente, da escova e do batom?

-Como é, Davi, você não vai cortar o pão?

Ele olhou pra Rafaela; cortou o pão. Ela passou bastante manteiga em cada fatia, colou uma na outra; deu um sanduíche pra ele; começou a comer o dela. Voltaram pra sala.

Foi só nesse momento que o Davi viu a cara da Mariana, ela tinha virado a cabeça e o olho dos dois se encontrou.

Se olharam com atenção.

A boca do Davi foi se esquecendo de morder o pão. A mão da Mariana se esqueceu do cinzel.

A Rafaela foi contando pra Mariana como é que tinha ventado lá no coqueiral, e como é que tinha visto uma flor linda e azul (ela ainda está aí no teu bolso, Davi?) e como é que ela tinha levado um susto quando deu de cara com o Davi, mas aí eles começaram a conversar e o Davi, contou tanta coisa, não é, Davi? E começou a contar o que o Davi tinha contado, mas foi perdendo o jeito pra falar porque o Davi não tirava o olho da Mariana e a Mariana não tirava o olho do Davi.

Então a Rafaela resolveu acabar de comer o pão lá na varanda.

E depois resolveu ir no banheiro. (NUNES, 1987, p.22)

Pesquisadora- Ainda está aí no seu bolso Davi?

Cecília - Professora, esse pessoal é meio estranho.

Pesquisadora- Porque?

Cecília- Comer pão com manteiga com água?

Sophia- Ué.

Mário- É assim que se comia antigamente, realmente, minha mãe sempre falava isso...

Cecília - Comer pão com água.

Clarice- Feijão com farinha.

Cecília - Feijão, farinha e água até hoje come.

Clarice- Aqui está falando que comia mais...

Pesquisadora- É porque eles são ribeirinhos, eles moram na praia.

Clarice- Essa coisa aqui, “Davi tinha contado, mas foi perdendo o jeito pra falar, porque o Davi não tirava o olho da Mariana e a Mariana não tirava o olho do Davi.

Cecília – Eles vão acabar se apaixonando.

Sophia- Eles vão acabar se apaixonando.

Pesquisadora- A Mariana e o Davi? E a Rafa?

Cecília- A Rafa está na varanda.

Sophia- A Rafa vai voltar embora pra casa dela.

Clarice- Eles vão casar e a Mariana....

Cecília- Mas eu acho que eles vão namorar antes de ela voltar embora. Ou se a menina voltar, ela volta.

Clarice- Que?

Cecília- Se a menina for para o Rio de Janeiro, acho que ela volta pra ficar pra Mariana.

Pesquisadora- Ah você quer dizer assim, que vai acabar as férias, a meninas vai para o Rio, e depois volta pra ficar com a Mariana.? No final serão felizes pra sempre.

Cecília- No final será aquele felizes pra sempre.

Clarice- Ou, a Mariana pode ir pro Rio com ela.

Pesquisadora- Vão todos para o Rio, morar perto da Rafa?

Cecília- É. Porque se a Mariana for, ela pode fazer os trabalhos dela, vender, pode fazer outra coisa, uma exposição,

Pesquisadora- Ah ta, entendi. Legal. É viável.

Pesquisadora- E o Manoel?

Clarice- Nada.

Pesquisadora- Tem alguma parte marcante? Quer chamar a atenção? O que está borbulhando na sua cabeça?

Manoel- Estou ficando perdido. Tem que ler mais pra frente. Eu não sei se ele realmente é alguém mais velho ou ele é uma criança.

Pesquisadora- Você não sabe se ele é alguém mais velho ou não? Você ainda está com essa dúvida?

Cecília- Professora, não porquê dá para perceber, porque a Mariana não ia ficar olhando para ele, se ele fosse uma criança. Daquele olhar ainda...

Um telefone celular toca. Clarice atende e desliga.

Risos

Clarice- Oh professora e essa aqui olha...

Risos

Pesquisadora- Deixem a Clarice falar.

Clarice- Eu fiquei pensando assim, se ele tem só uma mão, como que ele ia cortar? Tipo assim “a tua mão é tão pequenininha, deixa eu cortar”.

Sophia- E se ele fosse uma criança também ele não ia falar isso, se ele também e ‘criança, pra cortar o pão com uma faca...

Cecília- Já dá pra perceber porque, a hora que ele entra...

Sophia- É.

Cecília- Ele trava na Mariana, depois ele pega, ele vai comer na sala, a hora que a Mariana vira e que olha, ela para e ele para, é. Aí fica só dando aquele olhar...

Pesquisadora- Mas faz sentido isso, como que ele corta o pão com uma mão só ne.

Pesquisadora – E a faca gente?

Clarice- Acho que ela deve ter segurando o pão assim.

Clarice- A faca, eu acho que ele já tinha visto em algum lugar.

Cecília- Foi a que o pai e a mãe dele usava.

Pesquisadora- Não é essa faca.

Clarice- Uma faca igual.

Cecília- É.

Pesquisadora- Ou era essa faca mesmo? Que viajou através do...

Clarice- Não, aí não...

Cecília- E acho que essa faca foi feita pela Mariana.

Pesquisadora- É, porque ela é escultora.

Cecília- É.

Manoel- Aparentemente deve ter alguma ligação entre aquela primeira garota que ela tinha perguntado se ele tinha casa, e ele não respondeu.

Clarice- A aeromoça?

Manoel- Com a Mariana, por acaso que ela era artista se eu não me engano.

Pesquisadora- Ah, as outras que ele...namorou.

Manoel- É, e a Mariana também é uma artista.

Pesquisadora- Tinha uma artista, uma aeromoça e a Helga, o que a Helga fazia?

Manoel- A Helga...

Pesquisadora- Que era alemã, a Helga era alemã.

Sophia- Professora é a aula de Educação Física (**querendo sair pra aula**)

Cecília- Hoje a professora não veio.

Sophia- Mas ela já faltou semana passada.

Mario- Quem é?

Sophia- Ela falou assim que ela ia faltar, um dia.

Clarice- É prova com consulta?

Cecília- Prova de educação física é super fácil.

Sophia- Ela falou que ia faltar uma sexta, e na outra seria prova.

Clarice- Isto aqui é aula de leitura.

Pesquisadora- Então a faça.

Cecília- Foi inspirada.

Professora- Vou terminar.

“E quando voltou os dois, o Davi e a Mariana, os dois continuavam igualzinho.

E então a Rafaela foi pra varanda e se balançou um tempo na rede. E cantou. Quer dizer, cantarolou. Baixinho.

E foi tanto tempo se olhando que o Davi e a Mariana foram tendo a impressão que já eram amigos. Que eram íntimos até.

Quando naquela noite a Rafaela perguntou: por que você não fica aqui com a gente, hein, Davi? o olho da Mariana pediu junto. E mais que depressa o Davi disse, fico sim.”

Cantarolou baixinho”(NUNES, 1987,p.23)

Sophia- Ela estava com medo?

Clarice- Laralaralalara...

Sophia- Então ela estava com medo dos dois terem alguma coisa.

Clarice- Não, nem é tanto medo, porque como que ela ia ter medo desses relacionamentos...

Cecília- Às vezes ela estava com medo de ficar sozinha na varanda.

Sophia- Mas ela só cantarolava quando ela estava com medo.

Mário- Professora eu acho assim, o Davi gosta da Mariana, e a Mariana gosta da Rafaela, então fica nisso.

Cecília- Não, a Rafaela é uma criança.

Clarice- De nove anos.

Mario- Mas vai saber...

Sophia- Pedofilia.

Risos

Manoel- Coitado.

Pesquisadora- “e foi tanto tempo se olhando[...] fico sim

Clarice- Ahh safadinho...

Sophia- Ah, safado, heim professora. Mal conheceu e já vai chamando os outros pra ficar na casa.

A outra já ta implorando pra ele ficar, ah ta que não é amor, meio que um amor à primeira vista né, mas assim, será que eles já não se conheciam? De algumas dessas namoradas? Pode ser... porque... não... já tinha nome, aquela lá da sereia da terra. Pode ser que alguma delas pode ser a Mariana.

Cecília- Eu acho que não porque assim, uma era a aeromoça, a Mariana se formou artista, fez faculdade de artista, e depois disso eu acho que ela já passou a morar naquele lugar,

Sophia- Mas vai saber se a primeira namorada dele que era artista não era ela também...

Cecília- Porque uma era a aeromoça que foi embora, a Mariana nunca saiu de lá, porque pelo jeito que ela só ficava lá. já a Helga deu a pulseira pra ele, e foi embora.

Sophia- Mas teve uma que era artista.

Pesquisadora- Mas o Manoel está muito pensativo sobre o livro.

Manoel- Eu to tentando juntar as partes, as peças.

Pesquisadora- Porque é um quebra cabeça? Quais são as peças.

Manoel- Tem que ter alguma ligação entre a Mariana e a primeira mulher, porque ambas são artistas e por algum acaso aquela faca deve ter algo também.

Cecília- A faca.

Manoel- E como a Mariana e a mãe da Rafaela estudaram juntas em algum lugar, a primeira namorada dele também poderia ter estudado no mesmo lugar, e a Mariana poderia ser tipo uma grande amiga dela, e por isso eles se conheciam de olhar mais ou menos, isto poder ser...

Pesquisadora- Hipóteses.

Manoel- Teorias.

Cecília- Tem que encaixar, porque foi uma coisa é meio estranha porque no começo, era uma mulher que andava no cavalo pisando a flor, ia se apaixonar pela flor azul, aí já mudou, a Rafaela veio mudar com a Mariana, ninguém entendeu que a Rafaela era uma criança e a Mariana era uma pessoa.

Manoel- Era uma pessoa??

Sophia- Professora pode tomar água rapidinho?

Pesquisadora- Pode.

Clarice- Pega água pra mim também.

Cecília- Depois ela pegou, a Rafaela estava andando, passou aquela ventania do nada, e daí começou a virar amigo, aí depois, do nada também, a Rafaela abriu a história dela, com aquele cara, já contou tudo pro Davi, depois falou que tinha a amiga Mariana, mas não sabia que a Mariana era uma mulher, achava que ela era uma criança. Dai agora que a gente ficou sabendo o nome do Davi, que ele não tem um braço, porque que ele perdeu,

Que Mariana é uma mulher e que os dois vão ficar juntos.

Pesquisadora- Nossa a Clarice fechou o capítulo, fez um resumo pra nós aqui. Vocês estão querendo saber o final?

Sophia- Muito.

Cecília- Eu já virava aqui olha.

Risos

Pesquisadora- Podem entregar o livro, na segunda a gente continua.

Manoel- Nem pra ter um resumo.

Pesquisadora- Mas vocês imaginavam algo assim quando a gente começou?

Cecília- Não, eu pensei, vai ter três pessoas, que vai ser um amoroso ali.

Clarice- Porque no começo, não dá pra ter impressão de que vai acontecer tudo isto...

Pesquisadora- Está difícil a linguagem?

Cecília- Não está tão formal, e nem tão informal, mas não está formal.

Risos.

Pesquisadora- Tchau gente. Obrigada.

TURMA A

TERCEIRO ENCONTRO

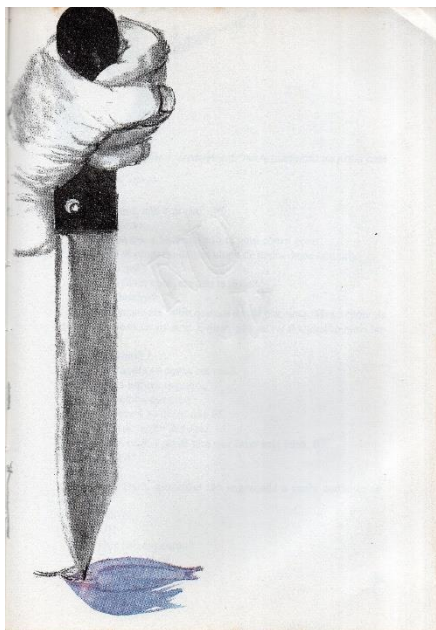
Pesquisadora – Pessoal, e esse desenho aqui? Apontando para o desenho da faca (p.27)

Cecília – Eu quero começar a ler professora.

Pesquisadora – Você quer começar a ler? Então, a gente vai começar na parte que fala " o tempo passando e eles conversando". (Capítulo II, p.25). Então, abram nesta parte.

Clarice– Ah, o meu já está aqui.

Pesquisadora – E esse desenho aqui, gente? (Apontando para o desenho da p.27)



(NUNES, 1987, p.27)

Clarice – É uma faca.

Cecília – A faca que foi...a faca que falou.

Sophia– Parece que está fazendo a flor.

Pesquisadora – A flor azul?

Sophia – É.

Clarice – Fazendooo (em tom de crítica).

Sophia– É, desenhando a flor azul com a faca.

Pesquisadora – Alguém viu de outra maneira?

Cecília – Perai, vamos ver...

Clarice – Eu só vi ele enfiando a faca. E a caneta, caneta olha? E a faca tem tinta? Está com tinta pra fazer desse jeito?

Mário–Talvez ele está desenhando na areia, só que aqui...

Clarice–Areia? Areia com azul??? Aham aham (em tom irônico)

Pesquisadora – E o Manoel?

Clarice – Nada.

Sophia– Pode ser que a madeira já seja azul, e ele só desenha.

Manoel – (inaudível).

Cecília – Ué, as vezes pode ser a moça também, porque ela trabalha com argila e tinta.

Sophia– É.

Cecília – Às vezes ela derrubou um pouco.

Clarice – E o tio da minha mãe credo, o povo do Ceará, e macumba.

Sophia– (Risos).

Clarice– O tio da minha mãe.

Pesquisadora – Vamos lá, vou ler o primeiro parágrafo.

Clarice– Professora, deixa eu ler?

Cecília – Professora, deixa eu ler?

Clarice– Fica quieta Cecília, você lê demais.

Confusão pra ler.

Pesquisadora – Nós vamos ler até na página 31, aqui, quando muda o capítulo, e então a gente para.

Pesquisadora–

"Uma terça-feira de tarde, andando na praia, com o pé dentro d'agua..."

- É bom, não é, Rafa?

-É ótimo.

-Pena que a Mariana não tá aqui com a gente.

-Ela está preparando um bloco de pedra desse tamanho.

-Para quê?

-Para fazer você ela não te disse?

- Eu inteiro?

-Primeiro ela falou que era daqui para cima. Mas depois ela resolveu que ia ser inteiro. E disse que vai ser o trabalho mais bonito dela.

-Mesmo?

-Ela agora só pensa em você.

-Olha caranguejo.

-Gracinha que ele é.

-Ele anda gostoso, não é?

-Eu vou andar feito ele.

-Não, não! a perna tem que fazer esse jeito, ó.

-Assim?

- Isso!

-Ah Davi, que coisa tão engraçada a gente andando assim.

-Não é?

-Uf!

-Que foi engasgou?

-Cansada de rir.

-Respira fundo. Isso. Hmm, que cheiro forte que tá o mar. E o sol ainda tão quente a essa hora, não é? Coisa boa sentir ele no corpo; e ir afundando o pé na areia. (NUNES, 1987, p.29-30).

A estudante Sophia continua a leitura.

Sophia–

-Você tá superqueimado.

-E hoje vai ser lua cheia.

-Não demora ela aparece lá.

-Eu sinto aqui ó aqui na boca o gosto disso tudo.

-Da lua que vai ter.

-É, é! e da noite que vai ser e da manhã que vai aparecer e darei uma olhada e desse caranguejo que deu as caras por aqui nada disso custa um tostão e tudo isso tem um gosto tão forte é gosto da vida Rafa você não sente ele aqui -É doce? esse gosto que você está dizendo que sente?

-Doce? Claro que não! é salgado, é amargo, é ardido, mas é bom demais. -Dá para cantar?

-O que?

-Se a boca tá sentindo tanto gosto da para ela cantar também, ou atrapalha? -Só dá. Quê que a gente vai cantar?

-Deixa eu pensar. -

Rafa

-Hmm?

- Você não acha impressionante a vida que a Mariana arranca de tudo o que é material que ela pega? Hein? Você nunca pensou nisso?

-Não.

-Pensa, Rafa, pensa. Ela pega um bloco de madeira e começa a atirar vida de lá. Você disse que agora ela vai me tirar de dentro do bloco de pedra. Já pensou? Muito depois d'' eu ter morrido (muito mesmo: pedra é uma coisa que dura toda vida) eu vou continuar existindo; „cê vê? as mãos dela são mágicas, e ela... ela... ah, Rafa, sereia nenhuma fez meu coração bater desse jeito.

-Tô cansada de andar é melhor a gente voltar. (NUNES, 1987, p.30).

Pesquisadora – Isso vamos parar aqui.

Clarice – Vamos parar de olhar pra mim.

Pesquisadora – Porque? Você tem vergonha de ler em voz alta?

Clarice – Eu tenho.

Clarice –

-E o que que você resolveu cantar.

-Não sei você me atrapalhou.

-?

-Você disse para eu pensar como é que eu vou pensar e cantar? assim não dá. Vem.

Eu quero voltar.

-Tá. (NUNES, 1987, p.31).

Pesquisadora – Isso, agora vamos parar.

Pesquisadora – E então pessoal? O que está acontecendo agora? A Rafa e o Davi, como é o relacionamento deles?

Clarice – De um filho com um pai, ops, de um pai com filho... alguma coisa assim, irmãos, sei lá, parece né, porque eles brincam e tudo.

Pesquisadora – Eles brincam?

Manoel – Ah, são bem amigos.

Pesquisadora – E a Mariana?

Clarice – E a Mariana está apaixonada por ele.

Sophia – Ela está esculpindo a imagem dele pra ficar com ela pro resto da vida.

Clarice – Só pensa nele.

Mário – Não pensa.

Pesquisadora – Cecília? E você o que está entendendo?

Cecília – Ah, eu acho que eles estão desenvolvendo um laço muito grande de amizade. **Pesquisadora** – A Rafa e o Davi?

Cecília – É.

Cecília – Porque pode-se dizer eles se veem quase todos os dias. E as vezes ele está começando a frequentar a casa dela. Não tanto por ela, mas pela Mariana.

Pesquisadora – Mas onde ele está morando?

Clarice – No rio, na praia.

Sophia – Parece que na casa delas? Por ele dormiu lá.

Mário – Ele não saiu de lá.

Sophia – Já passou mais um dia. E eles estão lá na frente da casa. Parece que agora ele começou a morar lá.

Pesquisadora – Porque fala assim “*uma terça-feira de tarde*”, mas não dá a data exata. Um dia qualquer ele estava lá. O que vocês acham?

Sophia – É aqui embaixo fala assim “*Um sábado depois do almoço debruçado na janela.*” Mas era de onde? Acho que era da casa da Mariana.

Cecília – Ele está morando lá, então.

Sophia – Sim, um doido qualquer chega lá na casa, um amor à primeira vista e já começa a morar lá.

Clarice – Você e o Mário. (Insinuando que um namoro entre Mário e Sophia).

Risos.

Pesquisadora – Um sábado depois do almoço, debruçado na janela. Continue Cecília.

Cecília –

-Porque você olha tanto pra tua mão?

-Lembrando da outra, que eu perdi no mar. -

Lalaralalalá...

-Eu já ,,tava tão habituado. Mas agora dei de novo pra sentir a falta dele. -Por quê?

-Se eu abraço a Mariana, eu não posso fazer festa nela; e se eu faço, eu não posso abraçar.

-A minha mãe diz que a mão da Mariana é pesada feito mão de homem. Deixa eu ver se a tua é. É. Olha como a minha é leve.

-É.

-É porque eu ainda sou pequena.

-É pesada e é tão leve.

-O quê?

-A mão da Mariana. A primeira vez que ela me fez festa eu nem acreditei: abri o olho pra ver se era mesmo a mão dela que ia escorregando assim de tão levinho em mim.

-No dia que eu tive gripe e tive febre a mão da Mariana ia e vinha aqui na minha testa, assim, ó, baixa a cabeça, deixa eu mostrar como é que ela fazia na minha testa, assim, viu, e aí a mão entrava no meu cabelo e depois alisava a minha sombrancelha. Alisava e desalisava. E aí eu dormi. E quando eu acordei eu não tinha mais febre nem gripe.

-A mão dela tem uma mancha aqui.

-E ela corta a unha rentinho feito você, a minha mãe não corta unha assim... -Não é tão rente...

-É, sim.

-Se fosse não arranhava um pouco do jeito que arranha.

-Arranha?

-Mas é coisa à toa; é bom.

(NUNES, 1987, p.31)

Pesquisadora – Pode parar aí.

Pesquisadora – E então gente? O que está acontecendo nesta parte? Que relação a Mariana tem com o Davi?

Sophia – Eles estão se apaixonando, se viram, de repente se apaixonaram, e agora ele está morando lá.

Cecília – Professora, mas eu acho que o Davi já conhecia a Mariana, porque assim, ele viu ela à primeira vista e já começou a morar com eles?

Clarice – Eles são irmãos gente!!!!

Sophia – Né.

Clarice – Já imaginou? Que nem a história, que passa na Band, você escuta professora?

Pesquisadora – Não.

Clarice – Band Fm. (cantarola baixinho a musiquinha da rádio Band).

Clarice – É uma história assim, a mulher conheceu o homem lá na praia, é mais ou menos assim, não é? Primeiro conheceu a irmãzinha pequena dela, aí foi conhecendo ela, ela tinha vinte anos, e começaram a conversar, só que teve o dia que a mãe dela falou assim pra ela, que caso ela tivesse ficando com alguém, ou começasse namorar, era pra trazer primeiro na casa dela pra ver quem que era, antes de beijar, então ela levou, só que quando chegou lá, ela descobriu que ele era irmão dela, foi muito triste.

Pesquisadora – Está história é real?

Cecília – Eu, porque assim...

Clarice – Eles se apaixonaram não é, e não podiam viver o amor deles.

Cecília – E não sabia se era...

Pesquisadora – Passou um caso desse no *Ratinho*, faz um tempo, que eles chegaram a casar e tiveram três filhos, mas depois...

Clarice – Tudo aleijado.

Pesquisadora – Não... depois de muito tempo, alguém da cidade falou, porque conhecia quem tinha sido o pai dele, que esse pai tinha saído da cidade, e ido pra outro lugar, outra cidade, o pai dele era locutor, e então foram perceber que era a mesma pessoa, aí que eles foram desconfiar, e foram no *Ratinho* pra fazer o DNA.

Clarice – E descobriram que eles são irmãos?

Pesquisadora – Descobriram que eles eram irmãos.

Cecília – Ué,

Clarice – E choraram muito?

Pesquisadora – Eles se separaram, vivem junto na mesma casa, e criar as crianças, mas não como marido e mulher, o nome disto é incesto, relações sexuais entre parentes consanguíneos, que tem o mesmo sangue.

Mário – Meu pai e minha mãe, é primo de primeiro grau.

Pesquisadora – Primo tudo bem...

Todos concordam.

Clarice – Agora irmão?! É aquela relação sexual, é muito... Ficção,

Cecília – É duro, porque sabendo que é irmão.

Pesquisadora – Ficção, o que é uma ficção?

Clarice – Nem eu sei.

Interrupção do diretor da escola, que bate e pergunta de um papel na porta.

Diretor – Só estou tirando isso aqui (mostra o papel), porque era do pessoal da manhã, ou você queria deixar?

Pesquisadora – Não, não, nem vi na verdade.

Diretor – Este é o grupo Ana? Que eles fizeram?

Pesquisadora – Sim, tem dois grupos, outro com o pessoal da outra turma.

Pesquisadora – Pessoal, agora leiam essa parte “não é tão rente...é sim, se fosse não arranha do jeito que arranha/ arranha? Arranha, mas é coisa à toa, é bom” O que vocês entenderam dessa parte?

Sophia – Eu não entendi não professora.

Cecília – Eu acho que é por causa, deve ser por causa da unha dele.

Clarice – Ele não lixa a unha, é por isso.

Pesquisadora – Mas a unha que ele está falando é a da Mariana.

Clarice – Eu acho que ele lixa a unha assim, na rocha da pedra.

Risos

Clarice – Acho que não existia lixa lá não.

Risos

Cecília – Cortador.

Sophia – É porque ela cortava a unha né.

Cecília – É aqui falou que a Mariana corta a unha rentinho.

Sophia – Ela corta a unha assim.

Clarice – Dava pra cortar com a faca né.

Pesquisadora – O que você acha Manoel?

Manoel – Eu não sei o que é rente.

Pesquisadora – Rente é assim, no toco.

Pesquisadora – Porque a Rafa fala, “*ela corta a unha rentinho*”. Corta toda a unha. Aí ele fala, não corta não, aí ela fala, corta sim, ah, se cortasse não arranhava.

Mário – Não machuca cortar assim?

Sophia – Como ele sabe que arranha?

Cecília – Porque é como ele falou, é aqui perai (voltando ao livro). Vou achar aqui.

Sophia – Não, mas não está falando... como que ele sabe que a unha dela arranha?

Cecília – Porque teve aquela hora que ele abraçou ela.

Clarice – Humm sei, vai saber. (Em tom de deboche).

Sophia – A professora está desconfiada. (Risos).

Cecília – Ué, é porque teve aquela hora que ele falou... Eu não sei se foi ele ou ela, que eles se abraçaram, eles se abraçaram, e ela começou a passar a mão pelo corpo dele. Risos.

Mário – Vixxiii.

Cecília – É só ler aqui.

Sophia – Professora, esta história é muito safadinha (risos).

Manoel – Eu estava lendo tudo de novo, eu tinha pensado um negócio que eu esqueci agora.

Sophia – Professora, esse povo é muito safado, nem se conhece já está arranhando um ao outro. (Risos).

Cecília – Ué, vai saber.

Pesquisadora – O que você acha Manoel?

Manoel – Ahh me perdi já, to ficando drogado, não to entendendo mais nada.

Cecília – Porque é meio difícil, tem uma criança pequena, que é amiga do Davi, eles tão morando na mesma casa, e eles estão apaixonados?

Clarice – Você fala demais bicho! (Falando para Cecília),

Mário – Ela se empolga né? (Concordando com Clarice).

Pesquisadora – Mas vocês ainda acham, que eles se conhecem?

Sophia – Humhum.

Pesquisadora – Porque, é...

Sophia – Eu to achando professora, que a primeira pessoa que menciona que ele foi apaixonado, que era um artista, eu to achando que era ela. Só que sei lá.

Clarice – Em vez de ela falar só uma palavra, ela.... Ela...Ahm?

Manoel – Mas ele cita o nome, e é diferente não é'?

Pesquisadora – O nome é diferente.

Clarice – Aham?? (Querendo saber o que estamos falando neste ponto, porque se perdeu) .

Pesquisadora – Bom, vamos continuar. Agora é o Mário.

Mário –

“ Um domingo de manhã cedo na varanda). -

Rafa, cadê a Mariana?

-Olha ela lá no mar.

Mas que longe que ela foi; não tem perigo?

-Ela tá acostumada a nadar.

-Rafa.

-Que é?

-Ela vive sempre desse jeito?

-Que jeito?

-Sozinha. Nesse lugar assim tão... tão sozinho.

-A minha mãe fala que já faz tempo que ela vive assim.

-Hmm.

-Olha, ela já vem voltando.

-Mas sozinha mesmo, Rafa? sem família, sem... ninguém?

-Pois é, você também não é assim?

-Eu não! eu tenho amigos, eu vivo sempre no meio de uma porção de gente.

-De gente e de sereia...

-Mas ela, heim, Rafa? ela não casou nem nada?

-Casou, sim. Mas a minha mãe falou que não deu certo; e disse que quando a Mariana era garota (a minha mãe é amiga dela desde de pequena assim) o que ela gostava mesmo era de ficar fazendo figura num pedaço de madeira, num barro, num troço qualquer. Ela não gostava de namorar.

-Boba!
-Ela dizia até que não ia casar.
-Mas casou.
-A minha mãe falou que ele deixou ela.
-Por quê?
-Ah, isso eu não sei. Só sei eu eu queria ver a minha mãe chegando agora. -?
-Só pra ver a Mariana namorando você. Ela ia cair pra trás.
-Vê só como ela nada bem.
-Você acha ela bonita, Davi?
-Não sei. Só sei que não quero parar de olhar pra ela.
-Ela é mais bonita que a Helga?
(NUNES, 1987, p32-33).

Mário – Que Helga?

Clarice – Nossa.

Mário – É Helga, não é?

Pesquisadora – É.

Clarice – É a *ex* dele gente.

Mário – A Helga é a *ex* dele?

Pesquisadora – Continua.

Mário- (Continuando)

-Que Helga?

-Aquela que te deu a pulseira de couro.

-Ah. Ela é diferente. Tão depressa que ela nada, olha, já vem chegando, que bom. (NUNES, 1987, p33).

Pesquisadora – Discussões...

Sophia – Professora, aqui está dizendo assim que ele deixou ela.

Manoel– Está difícil...

Pesquisadora – O marido.

Sophia – É, o marido deixou ela, e no começo da história a gente discutiu sobre isso, porque o casamento, não sei de qual deles, não deu certo, porque o marido deixou ela no altar, então, ou seja, estão se ligando, pode ser que ela seja essa noiva perdida dele, que ele deixou no altar.

Cecília– Que ele deixou e foi com um barco.

Sophia – Só que ele não era tão assim apaixonado por ela, porque ele nem lembra do rosto dela direito, se ele lembrasse ele ia saber que a Mariana, era a pessoa que ele quase casou não é.?

Pesquisadora – Você acha possível isso?

Sophia – Acho que sim.

Cecília – Não, mas aqui está falando que ela casou.

Sophia – Mas que não deu certo, que o marido largou ela.

Clarice – Sim, ela casou, e depois,

Cecília –Mas depois que ela casou, o Davi largou ela no altar. Não casou.

Clarice – Grande otário, bicho é doido.

Pesquisadora – Fala Manoel, você foi falar e parou.

Clarice – E então não falou mais.

Manoel– Se fosse pra acontecer o que ela disse. Ela teria que ter mudado de nome, e também teria que ter passado no mínimo uns cinco anos, pra ele não conseguir lembrar o nome dela, que seria mais ou menos o tempo, porém, como ela disse, ela casou, ela ficou um tempo junto, depois separou, então isto não é possível acontecer agora.

Sophia – É (em tom de repensar).

Pesquisadora – Porque será que o marido se separou dela?

Clarice – Porque ela é trouxa.

Sophia – Porque ele não amava ela?

Cecília – Porque ele não queria morar num lugar tão sozinho?

Clarice – Ela namorava mais as rochas do que o marido.

Cecília – Ela estava mais preocupada com o trabalho do que com o amor dela.

Mário – É bem confuso isso, uma hora fala uma coisa, outra hora fala outra.

Clarice – Lógico, você perdeu a metade da história todinha aquele dia. E quer saber de alguma coisa.

Pesquisadora – “Uma pausa”. É você agora Manoel.

Manoel –

Vai pra duas horas que o Davi está posando. Braço cruzado; olho no mar. As vezes a Mariana olha pra ele; o resto do tempo ela vê o Davi de pedra; e corta e recorta ele.

A Rafaela está sentada no chão, e vai olhando do Davi pro Davi que a Mariana faz. Aqui e ali o olho desce pro croché que ela aprendeu. Ponto de trancinha. A agulha puxa três, quatro vezes a linha. Mas o olho volta pros Davis.

O vento anda solto.

O mar está meio agitado.

A Rafaela já andou cantando; e o Davi acompanhou. O Davi também já suspirou bastante: só mesmo a Mariana pra segurar ele assim sentado, parado, tanto tempo. O vento bate a porta. A Mariana dá um pulo de susto. Alisa o pescoço do Davi. Descobre uma saliência na pedra que ela não está gostando. Esquece o susto e começa de novo a trabalhar.

O Davi se levanta. A Mariana olha pra ele. Ele senta de novo.

A Rafaela olha pra Mariana.

O Davi volta a olhar pro mar.

E os três ficam assim mais um bocadinho de tempo. Depois o Davi se levanta outra vez:

-Bom, agora chega, eu vou andar. - Joga um beijo pra Mariana, outro pra Rafaela; sai.

A Mariana alisa de novo o pescoço de pedra; alisa o queixo, a boca, o nariz do Davi. Mas de repente ela corre e se abraça na Rafaela:

-Ah, Rafa, eu tô me sentindo tão... tão... – e aperta o abraço.

O ponto de trancinha cai no chão.

-Tão o que?

-Obrigada, Rafa. Obrigada pelo presente que você me trouxe, que você me deu. – E o abraço que já ia afrouxando, aperta outra vez.

-Presente...?

A Mariana responde no ouvido dela:

-Tão... tão apaixonada, Rafa! Que bom que você me trouxe o Davi. –

Levanta. Ri meio sem jeito. -Eu vou também andar um pouco, você vem? -

Não espera a resposta, sai correndo atrás do Davi.

A Rafaela fica parada. Mas depois pega a trancinha. A agulha puxa a linha devagar. (NUNES, 1987, p33).

Pesquisadora – Porque todos me olham? (Rindo).

Risos.

Manoel – Porque você é a professora, você que dá as ordens.

Risos.

Pesquisadora – Claro que não, aqui todos somos leitores, o que vocês estão entendendo...

Clarice – Eu sou leitora?

Pesquisadora – Sim. Nunca tinha parado pra pensar isso?

Clarice – ... (sorri)

Manoel – É paraquedista, está lendo um livro e é paraquedista. (risos).

Pesquisadora – Todo mundo aqui é leitor. A leitura que vocês estão fazendo é individual, as vezes eu estou entendendo de um jeito, você de outro, não tem jeito certo, o que vocês estão entendendo dessa parte aqui?

Manoel – Que ela se apaixonou agora de verdade, ela falou que se apaixonou pelo Davi, e que agora ela está voltando a amar, no caso.

Pesquisadora – Porque, antes ela não amava?

Sophia – Porque foi um presente da Rafaela.

Manoel – Ela não se sentia tão apaixonada pelo marido dela.

Clarice – Primeiro, ninguém sabe se ela amava o marido dela de verdade.

Mário – Heim professora, ela amava, mas não do mesmo jeito que ela ama o Davi entendeu?

Sophia – Pode ser que ela ficou meio intrigada, porque ela foi largada ne?

Clarice – Querida, vou te falar uma coisa, tem gente que casa sem amor. Tem gente que namora sem amor, então...

Sophia – Ficou com medo de se apaixonar de novo e acontecer a mesma coisa.

Pesquisadora – Ah é? Tem gente que namora sem amor?

Cecília – É, tem...

Mário – Tem gente que namora, só pra dizer “estou namorando”.

Clarice – Pra mudar o status do whatsapp, do facebook...

Sophia – Pra falar que não está sozinha.

Mário – É verdade.

Pesquisadora – Existe isso?

Cecília – Existe.

Sophia – Existe.

Mário – A Maria do período da manhã, fez isso com o João. Ela falou. (Nomes fictícios).

Clarice – Quem?

Pesquisadora – Ela falou isso pra você?

Mário – Falou. Que ela estava namorando só pra falar que estava namorando.

Mário – A Maria que estuda de manhã.

Manoel – Ah sei...

Mário – Ela estava namorando...

Sophia – Tem gente que faz isso. Só pra falar que tem alguém.

Clarice – Ai gente, namorar é para os fracos, nós que somos solteiros, ser solteiro é muito top, não é pessoal?

Mário – Não era aqueleeee namoro...

Risos

Pesquisadora – Você acha então que a Mariana está fraca?

Clarice – Ela é doida, vai se apaixonar e vai se *ferrar*.

Mário – Professora, o amor deixa qualquer um fraco. Imagina aqui...

Clarice – Aí que bonitinho a declaração de amor... (acerca de Sophia e Mário). (Em tom de deboche).

Manoel – No caso deixa fraco e ao mesmo tempo forte.

Mário – É nada, é porque ele está muito fraco aqui na leitura.

Risos

Sophia – Professora, essa Clarice é muito besta... (risos).

Clarice – Vou escrever isso no facebook...Mário que falou...

Pesquisadora – Não seria “o verdadeiro amor não deixa forte”?

Sophia – Mas...

Clarice – É que tem gente que fica lesada sabe...no caso do meu irmão é assim, começa a namorar, como esses tempos atrás, chegou aqui namorando coma menina lá do Ceará... Aí passou um mês...

SEGUNDO ÁUDIO

Clarice – Nunca mais o namoro dele durou um mês. Ai esse namoro aqui durou um mês e pouco, era “amor” todo dia, dia e noite, pra lá e pra cá e eu e minha mãe só olhando, ele não trabalha, só ficava no celular, eu olhava assim pra cara dele, “não vai durar nem um mês”... Durou só um mês e três, quatro dias, uma coisa assim, eles terminaram e parecia que eles nunca tinham namorado, “ah, desculpa ai, liguei errado”.

Manoel – Nossa.

Clarice–Aí ele dizia, “eu não quero mais você”.

Pesquisadora– Mas será que era amor, ou paixão?

Clarice–Não era nenhum dos dois, era frescura...isso sim.

Risos

Pesquisadora– Vamos continuar...

Mário– Professora você está gravando isto também?

Risos

Sophia– Professora, você não vai anotar isto não, não é?

Pesquisadora–

Na primeira terça feira do mês, indo comprar um peixe pro jantar (com a noite já caindo)

- Sabe o que a Mariana me disse hoje? que não está satisfeita com você.

-?

-Quer dizer, com o você lá na pedra. Ela disse que tá a fim de pegar outro pedrão daqueles e começar tudo de novo.

- Ah, não! Agora só falta um restinho de mim e eu não vou deixar ela começar tudo outra vez, é demais, Rafa, é demais! será que todo artista trabalha assim?

- A minha mãe diz que pra eu ser bom, precisa sim.

-Ontem eu pensei que ela tava me fazendo festa aqui, ó, mas ela estava era estudando a minha orelha pra comparar ela com a outra.

- A tua orelha de pedra ficou mais bonita que a tua orelha de verdade.

-Voce acha?

-Eu disse isso pra Mariana e sabe o que que ela falou? que a tua orelha de verdade é a da pedra. (NUNES, 1987, p.34/35)

Sophia– Humm

Outros– hummm (em tom de deboche).

-O quê?

-Eu tambem não acreditei. Mas em todo o caso eu fiz uma experiência: eu fui lá e te contei um segredo.

Sophia– humm???? (Em tom de surpresa).

-E a minha orelha de pedra escutou?

-Pois é isso que eu queria ficar sabendo: escutou?

-Rafa, a minha orelha é essa aqui, ó, ó! aquela outra orelha lá é invenção da Mariana.

-Quer dizer que você tá por fora do segredo que eu te contei?

-Tô. É melhor você me contar outra vez.

-Ah, não posso: segredo pra virar segredo a gente só pode contar uma vez; se conta mais ele desvira. Que é? por que você ficou me olhando?

-Nada não.
-Ah, Davi, me diz.
-Você gosta muito da Mariana, não é?
-Gosto.
-Por quê?
-Sei lá, mas eu queria ser ela, quer dizer, ser feito ela.
-Ah, Rafa, não diz isso!
-Por quê? você também não gosta dela?
-Mas por que você vai querer ser igual a ela? Você tem que ser igual a você! Você é tao legal, você tá sempre pronta pra cantar, pra brincar, você tá tão a fim de viver a vida, pra que que você vai querer ser feito ela que só tá a fim de inventar a vida! -Mas você disse, você disse!
-O quê, Rafa?
-Você disse que nunca curtiu ninguém feito você curte ela, então ela não é tão inventadeira, é? Ela gosta de te namorar, não gosta? ela tá numa paixão danada por você... não tá?
-Mas é uma paixão assim... assim... dura, de pedra, sei lá! Só sei que tá começando a me dar medo. Ah. Esquece. Deixa ela lá sozinha trabalhando na minha orelha. -Voce gosta de roque?
-Gosto.
-Então depois do jantar a gente vai dançar. Nós dois.
-Não. Nós Três.
(NUNES, 1987, p34/35/36).

Mário– Ataaaa (em tom de dúvida e ironia).

Clarice – De novo ele na casa da mulher...

Mário– Professora, eu acho que ele está ficando com medo de tanto que ela gosta dele.

Pesquisadora– O Davi?

Sophia– Porque ela está tão fascinada por ele, que ela fez uma escultura de pedra.

Mário– De novo.

Sophia– E ela quer fazer de novo, ou seja, se uma coisinha tiver errada ela vai fazer de novo.

Clarice – É a comida dela, gostosa, na casa dela.

Sophia– De novo, de novo...

Clarice – Ela está com medo, pra mim ela está com medo de ir lá falar com ele, de dizer, eu gosto muito de você.

Pesquisadora– Mas ele sabe não sabe? Não está morando lá na casa?

Mário– Está mais...

Pesquisadora– Ele não está morando na casa dela?

Mário –Mano.

Cecília – Ah, mas... Ué, porque, mas aquela hora que ele sai, ele estava olhando o mar, ele levantou e foi andar, ela só falou perguntou pra Rafaela e já levantou pra andar também. Então quer dizer que ela foi atrás dele.

Pesquisadora– E aí Manoel? O que você está achando dessa parte?

Manoel – Ela fez uma estátua exatamente igual a ele, ela poderia ter pensando na cabeça assim, pelo menos esse não vai embora.

Pesquisadora– Hum.

Manoel – No caso, o Davi de pedra, vai sempre ficar com ela, eternamente,

Pesquisadora– Mas pra que ela ia querer um Davi de pedra?

Sophia- Pra ela guardar pra sempre.

Pesquisadora– Por quê?

Mário– Porque ela gosta muito dele.

Sophia– Porque ela está com tanto medo de acontecer, o que já aconteceu com ela, que ela, que ela vai guardar.

Clarice – Acho que ela...

Sophia–Né.

Pesquisadora– O Davi de pedra? No marido dela?

Mário– Não.

Cecília – Eu acho que ela fez o marido dela de pedra.

Clarice – Vocês acham que ela fez tudo isso com o marido dela? Acho que não né.

Sophia– Porque ela gosta tanto dele, que ela, ela gosta tanto dele, que ela tem medo de perder ele, então ela fez uma escultura de pedra, não gostou da que estava feita, então ela ia fazer de novo.

Clarice – E se ela perder ele, ela vai ficar beijando, vai ficar apertando as orelhas dele lá na pedra?

Risos

Sophia– É mais ou menos isso.

Clarice – Vai ficar beijando.

Pesquisadora– E esse negócio que a Rafa está falando pra ele?

Sophia– Ela não está...

Clarice – Será que a Rafa está dando em cima dele? Essa sem vergonha.

Cecília – Ela é criançaaaaa...

Risos

Pesquisadora– O que fala lá?

Clarice – Criança, minha filha, com nove anos já está se prostituindo.

Sophia– É verdade.

Manoel – Ela fala que queria ser que nem a Mariana, por ele diz que gosta do jeito da Mariana.

Pesquisadora– Aí gente, o Manoel, está falando.

Clarice – O que? Repete?

Clarice – Não, porque eu estou falando do mundo de hoje. Uma menina de nove anos, porque ela falou assim (a Cecília), mas aqui também, no estado de São Paulo a menina tem nove anos, e já está se prostituindo nas esquinas.

Pesquisadora– Mas a Rafa é uma prostituta?

Todos em coro– Nãoooooooooo.

Manoel – Deu a entender isso.

Risos.

Pesquisadora– Estou brincando. Mas o Manoel falou que a Rafaela disse, que queria ser igual a Mariana, porque o Davi diz que curte muito a Mariana, o que isso quer dizer?

Sophia– Ela também está gostando muito dele então.

Pesquisadora– Do Davi?

Sophia– É.

Pesquisadora– Mas ela não é criança?

Sophia– Então, mas se ela quer...

Clarice – Acho que ela queria brincar de namorar, que nem ela falou.

Sophia– É, ela queria brincar de namorar, com o Davi porque, se ela quer ser igual a Mariana, porque a Mariana gosta do Davi, significa que ela também gosta do Davi , porque se ela não gostasse do Davi , ela não queria ser igual a Mariana, que gosta do Davi.

Clarice – O que? Não é mais fácil, você juntar tudo e falar só uma palavra?

Risos

Pesquisadora– Mais alguma parte aqui que vocês querem comentar?

Manoel – Foi profundo agora.

Clarice – Essa aqui ó, ela só vive na casa da mulher, esse morto de fome.

Risos

Pesquisadora– Mas o que vocês entendem disso?

Clarice – Ele está morando lá?

Pesquisadora– Ele está morando lá gente.

Clarice – Está?

Pesquisadora– Está.

Sophia– Professora, que sem vergonhice.

Clarice – Eles não vão se beijar não?

Manoel – Porque sem vergonhice? Qual o problema de morar junto?

Sophia– Nem conversa.

Clarice – É sem vergonhice porque...

Sophia– Nem conversa com a mulher direito, ela fica conversando com a pedra.

Manoel – Não, mas já se passaram vários dias, acho que uns dois meses, já deve ter passado.

Clarice –Ah, acho que nestes dois meses, já deu tempo de eles fazerem tudo ne’?

Muitos risos

Sophia– A professora está gravando isso.

Mais risos.

Pesquisadora– Eu estou analisando a interpretação de vocês, do livro, se eu começar a contar a minha interpretação, será a minha.

Manoel – Então no caso, eu acho que ela já leu o livro, então não pode contar.

Pesquisadora– Eu já li o livro, mas as coisas que a gente vai vendo, e vai percebendo, eu fico observando o que vocês estão percebendo, da história...

Pesquisadora– *Numa segunda feira na praia (debaixo de uma amendoeira, esperando uma tromba d’água passar)*

Mário– Professora, já viu uma tromba d’água?

Pesquisadora– Eu não.

Sophia– Vê o que?

Mário– É um negócio de água, que sobe.

Manoel – A na casa da minha...

Mário– Não, é lá perto das Amazonas que tem isso.

Manoel – É que lá tinha, ela morava no sítio, tinha uma dessa.

Pesquisadora– Vamos Manoel?

Sophia–

-Davi?

-Hmm.

-Onde é que você foi essa noite que a gente ficou te esperando toda a vida e você não chegou?

-A gente?

-Eu acordei no meio da noite e ouvi o barulho da rede. Fui espiar. Era a Mariana sozinha. Se balançando. Pra não ficar esperando sem fazer nada. Eu achei que ela tava tao triste.

-ela te disse?

-Não, mas eu achei. Então eu fiquei com ela contando história pra ela dormir, mas eu é que acabei dormindo. Onde é que você foi, heim?

-Eu fui m’embora, Rafa, eu saí dizendo que eu ia dar uma volta, e fui indo: achei difícil demais me despedir de vocês duas; achei que ia ser melhor assim: ir embora sem dizer nada. Só que no meio do caminho doeu e eu voltei.

-O pé?

-O quê?

-Doeu o pé?

-Doeu tudo. Agora, quando eu for embora de novo...

-De novo?!

-...eu vou ser mais bem educado: vou me despedir antes de sair.

-Mas por que que você vai embora, Davi? Tá tão bom aqui, tão ... sei lá, tão nós três. E é tão gostoso assim. Na praia, no coqueiral, no barco, vendo você posar, é gostoso todo o dia, por que que você vai embora, ah, essa não!! Casa

com a Mariana, leva ela pro Rio, aluga um apartamento junto do meu e aí a gente continuar feito aqui: nós três. Tá rindo por quê?

-Voce nem lembra mais que eu tava aqui de passagem, só ia dormir uma noite na praia e de manhã ia embora. E aí fui ficando, eu fui ficando, eu fui ficando.

-Ah Davi, não vai embora mais não.

-mas eu tava indo pra Porto Seguro, eu te contei, to com um emprego engatilhado lá. Nem notícia eu dei pra eles, vai ver já tão pensando que eu morri.

- É longe? esse tal Porto Seguro?

-Não é muito perto não.

-E você vai morar lá?

-Passo uns tempos, depois vou embora.

-Por quê?

-O quê?

-Que você vai embora se você ainda nem chegou?

-eu te disse. Não aguento ficar muito tempo no mesmo lugar. Vou me sentindo amarrado.

-Mas você não pode ir embora agora: você ainda não tá pronto, a Mariana não te acabou...

-Mas até quando ela acha que eu vou ficar sentado naquele barco servindo de modelo pra ela?!

-Chi, não precisa gritar.

-Desculpa. Esse vento não para nunca, não é?

-Voce ficou zangado por quê?

-Eu não to zangado.

-Tá o que então?

-Tô cheio de ficar amarrado naquele banco.

-Mentira, eu nunca vi ela te amarrando lá.

-Ela me amarra sim, ela me segura. Com aquela mão tão forte e tão leve que ela tem; e essa noite na estrada eu senti a mão dela me segurando, me puxando pra voltar, e eu voltei.

-Olhá lá a Mariana chamando a gente, vem! A chuva já tá parando.

(NUNES, 1987, 36-37-38)

Pesquisadora– E então gente?

Sophia– Que assim, ele estava, meio que... Ele não estava gostando, tanto dela assim quanto ela estava gostando dele, porque ele estava indo embora, porque se ele amasse tanto ela, quanto ela ama ele, ele não ia embora.

Pesquisadora– Será que ela ama ele? Clarice?

Clarice – Ah?

Sophia– Ou será que ele... Será que ela não ama ele? Ou será que ele não ama ela?

Manoel – No caso ele pode até amar ela, mas as vezes vai acontecer a mesma coisa que aconteceu no primeiro dele, ele não aguenta ficar parado no mesmo lugar, então ele vai embora algum dia, provavelmente ela já sabia disso, então por isso que ela está fazendo...

Mário– A estátua.

Manoel – A estátua.

Clarice – Essa Rafaela é linguaruda...

Cecília – Eu também acho que ele quer ir embora porque ele arrumou um emprego. E ele não se despediu dela, e como assim ele gostava dela, ele ia achar isso muito difícil, difícil se despedir daquela pessoa que ele estava tanto gostando.

Sophia– Professora, e aqui é numa noite alta, numa sexta-feira, a gente começou a ler, uma segunda-feira na praia, e ai já se passou quase mais uma semana, e ele está lá ainda.

Clarice – Passou já uns cinco anos.

Sophia– E ele já tafuiado na casa dela.

Mário– Ele está ficando irritado com tudo isso.

Cecília – Já está acabando já, outro capítulo?

Pesquisadora– Está.

Clarice – Cara, nós somos bons mesmo, não é?

Pesquisadora– Então...

Clarice – Professora, já está bom?

Sophia– Vamos continuar lendo professora...

Pesquisadora– Eu vou propor que amanhã a gente leia até o final do terceiro capítulo, e depois vocês levem o livro pra casa. Não é tanta coisa...

Clarice – Não é tanta coisa...

Sophia– Dá pra ler tudo...

Pesquisadora– São dez páginas gente...então na sexta feira, vocês podem vir também de manhã? Ai encerramos a partilha.

Todos– Simm.

Manoel – De manhã não tem nada pra fazer.

Clarice – Nós vamos vir onze horas na professora?

...

Pesquisadora–Então está, vamos acabar de partilhar essa parte aqui. O que vocês entenderam desse trecho: “ o Davi querendo ir embora, saiu no meio da noite, sem querer se despedir”

Sophia– Ele já está cansado dessa vida.

Clarice – O Davi está achando que ele tem casa. Pra ele estar indo embora desse jeito.

Pesquisadora– E você acha que ele quer ter casa?

Sophia– Não, ele quer ser nômade.

Pesquisadora– Nômade?

Cecília – Ele quer ser... Ele para, ele vive aquilo...naquela hora, mas aí, se ele se sente querendo se apegar naquele lugar, ele já vai pra outra, vai experimentando lugares novos.

Pesquisadora– E a Mariana?

Cecília – E a Mariana vai ficar triste.

Sophia– Ela vai ficar muito triste e vai continuar esculpindo ele lá...

Clarice – Viu, se apegou, gostou, se ferrou. Assim que é a vida.

Risos

Clarice – Pior que é.

Sophia– Professora.

Manoel– Não sei, é muito estranho, nem sei.

Pesquisadora– Não sei, vocês acham que é assim? Se apegou, se ferrou?

Cecília – Não, depende.

Clarice – Não. Depende da pessoa.

Cecília – Se for um amor correspondido.

Clarice – Nada a ver.

Sophia– Depende porque, a gente se apaixona.

Clarice–Porque tem amor correspondido que fica iludindo, aí depois...

Manoel – Se é iludido não é correspondido.

Pesquisadora– Você já viveu uma experiência desse tipo?? Sem entrar em detalhes.

Clarice– Não porque, eu nunca namorei...

Mário–Você nunca namorou?

Pesquisadora– Então você é igual ao Davi?

Clarice – Eu namorei só uma vez, só durou um mês, um mês e pouco.

Pesquisadora– Você é igual ao Davi?

Clarice – Ah eu queria ser, o Davi está numa praia...

Risos

Cecília – Nossa professora, nós vamos ler tudo isto?

Pesquisadora– Vou ler só essa parte que fala” a noite alta”.

É Noite alta (numa sexta-feira)

A Rafaela acabou de acordar. Agora ela deu para isso: acorda no meio da noite e fica escutando com força. Escuta o vento, escuta a onda chegando na praia e voltando para o mar, chegando e voltando, mais de tanto escutar o vento e o mar ela já não presta muita atenção, o que ela está escutando com força é o barulho do gancho que prende a alça da rede, a rede branca, de franja comprida, a rede que mora lá na varanda.

A alça vai roçando no gancho. Pra cá e para lá... Pra cá para lá. É a Mariana e Davi ou é a Mariana só? E se é a Mariana só, será que o Davi.... Não acaba o pensamento: levanta e vai espiar.

É a Mariana e o Davi. Abraçados na rede. Pra cá e pra lá.

A Rafaela fica parada. Pé no chão, orelha em pé. Mas durante um tempo só tem aquele barulhinho da alça, roçando, roçando, roçando no gancho.

Que vontade de fazer feito ela quando a mãe e o pai dela se abraçam no sofá: chega junto e se mete no abraço também. Mas em vez de ir para perto da rede ela fica na ponta do pé para ver melhor. A Mariana está dormindo, Davi tá de olho aberto do mar.

-Psiu - ela disse baixinho.

Ele não ouve. Ela vai dizer outro psiu mas muda de ideia. Olha mais um pouco para ele e vai de novo pro quarto.

(NUNES, 1987, p.38/39)

Pesquisadora– Do que vocês estavam rindo gente?

Manoel – Eu também queria saber do que vocês estavam rindo. Eu creio que seja da parte do roçando.
Risos.

Mário– Do roçando, se abraçando...

Manoel – Ouviram o roçando e começaram a dar risada.

Risos e risos

Sophia–Não quero comentar não professora. Risos.

Clarice – Safadeza professora, porque essas duas aqui...

Pesquisadora– Gente, mas eles não estão namorando?

Clarice – Eu nem sei o que esses doidos...não vi nada demais aqui.

Sophia–Não professora, é que está muito confuso.

Clarice – Roçando, vocês não sabem o que é roçando não?

Sophia–Deixa eu parar de falar.

Pesquisadora– Fala.

Sophia– Eles nem conversavam direito, eles estavam indo embora, e ela fazendo a escultura de pedra, e ele já está cansado de ficar sentado, amarrado lá no banco, ai depois já estavam os dois lá na rede, abraçados, que nem dois bestas.

Clarice – Dois bestas... (irônica)

Cecília – Dois bestas!? Eles estão se amando.

Manoel – Eles estão namorando. Então eles estão juntos, ela só quer fazer uma @#% de uma escultura.

Sophia- A então fala isso pro autor.

Pesquisadora– Eles estão se amando então?

Cecília – Estão lá os dois, pensando numa vida, num futuro que pode ser.

Sophia – É um amor abestado.

Pesquisadora– Que é um amor abestado?

Cecília – Um amor meloso.

Mário– Um amor muito diferente.

Pesquisadora– Por que é diferente? O que acontece?

Cecília – Porque eles não chegam e dizem “eu to te gostando/ te gostando”. Vamos namorar? Não, eles ficam trocando olhares, trocando ideias, trocando paixões, mas eles não chegam e falam.

Manoel – Se pensar bem acontece assim mesmo, é “zuado”.

Sophia– É professora em vez de virar e falar, que ele gosta dela, e ela gosta dele, e os dois começam a namorar sério, eles ficam com essa bobeira de ficar sentado na rede.

Pesquisadora– Gente é de madrugada.

Cecília – Mas as vezes ela acordou com medo de ele ir embora de novo.

Pesquisadora –Hum.

Cecília – Ficou olhando “será que ele vai? ”

Pesquisadora– Então fechamos aqui hoje? Vocês vão ler só três folhas, tá?

Clarice – Que folha nós vamos ler? Aonde nós vamos ler?

Pesquisadora– Em casa.

Mostro a folha.

Pesquisadora– Então, a não ser que vocês queriam ler até as seis horas, aí me entreguem o livro de novo.

Clarice – Mas aí vai atrapalhar as outras aulas professora.

Cecília – No recreio.

Manoel – Eu leio rapidinho.

Mário– Três folhinhas.

Clarice – No recreio eu vou comer.

Pesquisadora– Vocês leem no final de cada aula.

Manoel– Termina a atividade rápido e lê.

Clarice – Eu não posso levar o livro pra casa, porque eu vou querer ler o final, e não vai dar certo.

.

TURMA A-

QUARTO ENCONTRO

Segue conversas em geral.

Pesquisadora – Vamos lá então. O capítulo que a gente terminou, vocês querem que eu releia de novo?

Cecília– Não precisa não.

Pesquisadora– O que vocês acharam desta parte?

Cecília– Eu gostei muito, porque eu descobri a causa do “Nós Três” por causa da flor azul.

Pesquisadora– É?

Cecília– E eu queria ler o resto, só que não podia ne.

Pesquisadora– E qual a parte íris, que fala da flor azul?

Cecília– Calma que eu acho.

Pesquisadora– Ah, no final né?

Sophia– Aqui oh (apontando).

Cecília– “eu fico pensando que podia ser tão bom a gente ficar junto, nós três, a mãe, a filha, o pai.

Pesquisadora– Mas aí ela diz: “não precisa eu ser tua filha”.

Cecília– É, mas podia, podia. Podia ser, só que aí a menina, a Mariana tinha que ter nascido, em outro lugar, e ele não podia ser andante, ele tinha que ficar no lugar, ficar amarrado naquele lugar, e a Mariana...

Clarice– Se ele ficar amarrado, como é „que ele vai se movimentar?

Pesquisadora– Não, amarrado não no sentido de amarrado fisicamente, mas preso ali.

Clarice– Preso? Que ele fez para estar preso?

Cecília– E a Mariana... a Rafaela, teria que... esses dois teria que ter se conhecido, teria que ter se casado, e teria que ter a Rafaela, então, não podia, por isso não podia.

Pesquisadora– E a Sophia? O que você achou deste trecho?

Sophia– Só a parte do “*Nós três*”.

Pesquisadora– Só o “*Nós três*”?

Cecília –Aqui fala, me dá um abraço também, mas apertado, assim obrigado, eu vou guardar a flor azul, de lembrança, e vou sempre lembrar que está torcendo para você ter uma vida legal, por isso que a flor é azul.

Pesquisadora– Essa parte aqui que ele pede um abraço, o que representa?

Alguns segundos de silêncio....

Sophia– Que ele está indo embora.

Pesquisadora– Que ele está indo embora?

Cecília– É. Porque...

Manoel– Que é um tipo de despedida.

Pesquisadora– Vocês entenderam isso também? Que é um tipo de despedida? E que agora ele está indo embora? Porque ele já ensaiou ir embora ne,

Cecília– Só que aí então, ele voltou, e disse que queria, dar uma despedida para ela, como ele já deu para a Mariana que foi a noite, ele ficou com ela, e o abraço agora na Rafaela.

Pesquisadora– E a Clarice não leu?

Clarice– Não tive tempo, porque eu estava tentando fazer as coisas de matemática.

Cecília– O meu pai falou, se a Rosimeire prender nós ele vai acertar ela.

Sophia– Que horas vocês saíram?

Cecília– Que horas nós saímos? Seis horas.

Clarice– Depois você me ajuda no negócio de história?

Sophia– Que negócio?

Cecília– Ela não vai vir hoje.

Clarice– Eu sei, mas é para a quinta feira, e eu não vou deixar, para fazer tudo quinta-feira.

Pesquisadora– Gente, e essa parte que fala do “passarinho na teia? O que vocês entenderam dessa parte?

Sophia– Que era meio que... A Mariana segurando ele.

Pesquisadora– Você entendeu isso?

Sophia– Deu a entender isso. Porque ele que estava preso, o passarinho também estava preso, entendeu?

Cecília– Humm perai.

Sophia– Aconteceu assim que a Mariana era a aranha, o banco que ele ficava sentado era a teia, e o passarinho era ele.

Pesquisadora– E você? O que entendeu? O que percebeu dessa parte?

Cecília– percebi. Porque assim, ele falou, que ele viu a aranha como a Mariana, que tinha a... Que sozinha tinha construído, aquela teia que era forte, e mesmo o passarinho sendo maior que ela, ele não conseguia escapar, e ela amarrando, entrelaçando, entrelaçando, amarrando ele com a sua própria teia, para poder comer, depois fala essa frase aqui oh (aponta para a frase na contracapa do livro).

Cecília– “ que na natureza é assim, um bicho mata para comer o outro...”

Pesquisadora– E o Manoel? Alguma parte te chamou atenção? Você conseguiu estabelecer essa relação entre o passarinho e a aranha com ele e a Mariana, ou você acha que isto não tem nada a ver?

Manoel– Acho, provavelmente tem a ver, no caso ele diz, aquilo sobre o jeito natural dele ser, aquilo tem que acontecer, mesmo que seja dolorido para as pessoas, no caso, mesmo ele tendo que ir embora, mesmo sendo dolorido para elas.

Pesquisadora– Mais alguma coisa que vocês querem falar?

Cecília. Não.

Sophia– Não.

Pesquisadora- Vocês estão querendo continuar a leitura, não é? É isso que eu estou percebendo.

Cecília– Olha professora, que negócio legal (apontando para o desenho).

Pesquisadora– Capitulo três. “**Outra vez a flor azul**”

Cecília– Ehhh flor azul danada.

Pesquisadora– E essa imagem aqui?

Cecília– O que que é isso? (Referindo-se a imagem da página 47).



(NUNES, 1987, p.47)

Sophia– Parece a flor caindo na água.

Pesquisadora– Mas o que é esse bicho?

Sophia– É aquele...

Cecília– Eu estou achando que isso aqui é um bicho.

Sophia– É aquele peixe que mordeu o Davi.

Cecília– Comeu a mão dele.

Pesquisadora– Como era o nome?

Cecília– Anjo...eu sei, eu sei...

Sophia– Cação–anjo.

Pesquisadora– Mas por que o cação–anjo está comendo a flor azul?

Cecília– Porque é uma lembrança que ele quer levar embora.

Clarice– Porque ele está com fome.

Pesquisadora– O que vocês acham?

Cecília– Porque assim, ele pegou o braço e levou embora, e então quer pegar e levar essa lembrança embora junto com ele.

Clarice– Levou o braço de lembranças... (em tom irônico, e questionador).

Sophia– Ué, ele engoliu o braço.

Clarice– Oxxi, ele engoliu, não levou de lembrança.

Risos.

Pesquisadora– Página 49 –**A faca**.

Sophia– Amém.

Cecília – “olha a faca” (imitando um bordão de um ator de novela).

Clarice– Eu leio, posso ler?

Pesquisadora– Essa parte está.

Cecília– Deixa eu ver qual que eu vou ler aqui. (Folheando o livro). Hoje eu quero ler essa aqui oh.

Pesquisadora– Se vocês quiserem parar durante a leitura, vocês parem.

Pesquisadora– Acompanhem.

“Tem uma faca xadrez na mesa...”

Clarice para e atende o celular... E pede licença.

Manoel– Por falar em cortar no meio da leitura.

Clarice– “Oi mãe. Tô aqui na escola.

Cecília– “fazendo o que menina” (imitando a mãe da Clarice).

Clarice– Deu, e eu vou ter que voltar lá dia 13.

Risos

Clarice– Dia 13, oito horas da manhã. Deu. Sabe onde que eu fiquei até agora? Fiquei lá naquela mulher que faz a unha da mãe.

Cecília– Faz o quê?

Clarice– É, com uma menina que quando eu passo, ela fica lá no ponto esperando para ir para a faculdade, ah, depois eu explico para a mãe, porque agora a gente está no meio da leitura.

Pausa...Heim, oi, nós estamos lendo aqui, tchau.

Cecília– Desliga isso.

Clarice– Fica quieta Cecília. E continua falando.

Clarice– Está eu, a professora, e os alunos, a Cecília que não para de falar, tchau.”

...

Pesquisadora– Vamos lá, começar de novo.

A faca

Tem uma toalha xadrez na mesa. O pano é azul e branco. Tem uma tábua do pão e tem o pão. Tem o queijo num prato. Tem uma cesta de fruta, é laranja, é banana, é maçã, é mamão. Tem guardanapo esperando dobrado. E tem a faca também o cabo é de madeira e a lâmina comprida. (NUNES, 1987, p.49)

Cecília– Rapaz do céu.

Já faz tempo que o Davi sentou e pegou uma maçã para comer. Mas quem disse que ele come com a Mariana assim, de pé, a mão segurando na mesa (feito coisa que está firmando o corpo) e o olho sem querer largar ele.

Ele olha rápido pra ela.

Ela não se mexe.

Ele esfrega a maçã no pano xadrez.

a mão dela escorrega um pouco na toalha. Vai ver, querendo chegar perto da maçã. A faca está no caminho; a mão nem tinha visto ela ali; só quando se tocam é que a mão presta atenção na faca.

O pano xadrez é macio bom, para polir maçã; o Davi vai esfregando ele devagar. A mão da Mariana fica alisando de leve o cabo da faca. Tão liso o cabo da faca. A mão gosta de sentir ele; puxa ele mais para dentro dela.

A Rafaela está lá no quarto dormindo.

O vento é que não descansa. Nem a onda do mar. Ah, que dois.

Pesquisadora– E aí? O que vocês acham que vai acontecer?

Sophia– Ele continua na casa.

Pesquisadora– Sim, ele continua na casa.

Cecília– Ele não foi embora.

Pesquisadora– Não.

Manoel– Se ele continua na casa, não é?

Pesquisadora– Que mais? O que vocês acham que vai acontecer? Essa cena aí?

Cecília– Mas eu não entendi, ele está firme...

Clarice– Acho que eles vão se beijar sabia?

Pesquisadora– Eles vão se beijar? Vocês estão sentindo isso? Que tem um clima aí?

Sophia– É.

Manoel– É. Bem perto.

Pesquisadora– Um clima de beijo?

Sophia– Aí a hora que eles vão se beijar, a Rafaela chega.

Cecília –Acorda, “oi amiga...” Risos.

Manoel– É mais ou menos assim, ele está com maça aqui, polindo ela, ela está mais ou menos aqui, a faca aqui, e ela está querendo chegar perto, “deixa eu cortar a maça”.

Cecília– Vai fazer assim na maça...

Manoel– Deixa eu cortar a maça, aí vai chegando perto e se beija.

Pesquisadora– Eles vão se beijar então?

Cecília– Ele está lá para polir a maça, ela vai chegar com a faca e, dá a maça aqui.

Risos.

Manoel– Também tinha pensado nesse caso.

Pesquisadora– Vamos ver esse encontro romântico. Eu vou continuar.

Cecília– o louco professora. (Porque querem ler).

Manoel ri.

Pesquisadora- (continuando)

O Davi olha outra vez para Mariana: quem sabe... Mas ela continua olhando para ele do mesmo jeito; a testa franzida, o olho assustado.

O cabo da faca agora está ajeitado na mão; ela aperta ele mais um pouco.

O Davi voltou a olhar para maça, tá bonita, tá brilhante, tá bom de olhar.

O tempo passando.

A Mariana pergunta:

- Mas então você está indo mesmo embora? Não adianta mais eu querer que... que a gente fique junto?

O Davi meio que suspira:

-É. - Não olha mais para Mariana, toma uma resolução: - Eu vou levar essa maça para comer no caminho.

O cabo da faca na mão. A mão está nervosa, sobe e desce, sobe e desce no cabo da faca. A Mariana não quer acreditar:

Nunca mais a tua voz no meu ouvido? O Davi bota a mão no bolso do blusão.

-Nunca mais você... aqui?

Ele vira a cara para porta.

Só a Tua lembrança? Só a Tua lembrança dentro de mim?

- E como ele não fala mais nada ela se exaspera: - Hein, hein?!

Então ele diz, é isso aí, Mariana.

Ela fica parada. Mas a mão não: num movimento depressa, louco, abaixa o cabo da faca e corre. A lâmina partida para o Davi, entra nele, entre a fundo.

A Mariana dá um grito. (NUNES, 1987, p.50).

Cecília– Ela vai matarrrrr ele?

Sophia– Eu não entendi professora, ela jogou a faca?

Cecília– Ela deve estar assim com a faca (faz o movimento com a mão).

Sophia– Professora ela jogou a faca?

Cecília– Ela deve estar assim com a faca, mirou e tchaaaaaa.

Manoel– Eu não to acreditando nisso. (Meio rindo).

Sophia– Professora ela jogou a faca?

Pesquisadora– Vou lê de novo então.

Manoel– Não, ela se impulsionou assim, com a faca pra cá. Ai na hora que ela bateu assim, enfiou a faca.

Sophia– Nossa professora, ela vai matar ele.

Manoel– Ela é muito doida.

Sophia–Estamos chocados.

Pesquisadora– A Clarice está em silêncio.

Manoel– Se não vai ser de mim não vai ser de mais ninguém.

Sophia– Professora, ela vai ficar olhando pra ele assim no caixão.

Pesquisadora– Como é que é?

Manoel– Se não vai ser de mim não vai ser de mais ninguém. E matou ele.

Pesquisadora– Eu vou ler essa pequena parte de novo, pra vocês conseguirem captar.

O Davi meio que suspira:

-É. - Não olha mais para Mariana, toma uma resolução: - Eu vou levar essa maçã para comer no caminho.

O cabo da faca na mão. A mão está nervosa, sobe e desce, sobe e desce no cabo da faca. A Mariana não quer acreditar:

Nunca mais a tua voz no meu ouvido? O Davi bota a mão no bolso do blusão.

-Nunca mais você... aqui?

Ele vira a cara para porta.

Só a Tua lembrança? Só a Tua lembrança dentro de mim?

- E como ele não fala mais nada ela se exaspera: - Hein, hein?!

Então ele diz, é isso aí, Mariana.

Ela fica parada. Mas a mão não: num movimento depressa, louco, abaixa o cabo da faca e corre. A lâmina partida para o Davi, entra nele, entre a fundo. A Mariana dá um grito. (NUNES, 1987, p.50).

Sophia– Ela vai matar ele professora!!!!???

Manoel– Ela colocou pra baixo assim...

Pesquisadora– Lembrando que a faca, aquele desenho da faca, está aqui não é? Na parte “ **outra vez a flor azul**”?

Clarice– Daqui a pouco ela vai querer desenhar o homem com a faca enfiada na barriga.

Pesquisadora– Olha o tamanho da faca.

Cecília– Aí, entrar tudo isso dentro do homem.

Clarice– Nossa foi tudo isso?

Sophia– (risos)

Cecília– Isso que é bom amor heim (em tom irônico).

Pesquisadora– “**O grito**”. Mais algum comentário? Vocês esperavam que isso ia acontecer?

Manoel– E ela ainda grita.

Pesquisadora– Há poucos minutos atrás vocês estavam dizendo que ia acontecer uma cena romântica.

Cecília e Sophia– Éhhh (risos).

Sophia– Nem assim professora.

Cecília– Romântico demais (em tom irônico).

Sophia– Ela quer matar o Davi...

Manoel– Nossa é tão...

Pesquisadora– Mas porque será que ela gritou?

Cecília– Mas as vezes foi num impulso. Eu não quero que ele vai embora.

Manoel– É foi num impulso.

Sophia– Mesmo assim, “não vai...” E pufff?

Clarice– Num impulso.... Ela matar ele e ainda vai machucar ele? Deixa eu ver as outras.

O grito.

A Rafaela estava sonhando que o elefante que fazia ginástica tinha sonhado que ele ia sonhar um sonho que ela já tinha sonhado. Mas como já era de manhã ou gestante deixou para sonhar depois que fui no banheiro escovar os dentes. Nessa hora o grito da Mariana em seu quarto, se meteu no ouvido da Rafaela e ficou ali até ela acordar.

A Rafaela levantou.

Foi no banheiro escovar os dentes.

Olhou pela janela e viu que ainda estava de noite.

Voltou para o quarto; caiu na cama; dormiu de novo.

Mas o grito continuo morando no ouvido dela.

Só que assim, tô toda fechada no sono, a Rafaela levou muito tempo para escutar ele outra vez.

Quanto? Uma hora? Duas? Quatro? Seis?

O grito já estava bem fraquinho quando ela acabou prestando atenção nele de novo e acordou. Acendeu a luz, olhou para o relógio: dez e meia. E o grito ali no ouvido dela. Lembrou que eles tinham almoçado muito tarde, e que depois ela veio tirar um cochilo, uma preguiça danada de tanto mar e tanto sol, mas que eu cochilo cumprido que... e o grito? Começou a ouvir um barulho de... que que era isso? Um choro? Um choro apertado? Ela levanta. Vai indo para sala. Vê a Mariana e o Davi abraçados no chão da cozinha; o choro da Mariana se espremendo, escondendo no peito do Davi. Ela vai correr, ela vai falar, ela ela vai cantarolar, mas o laralalá só fica pensando e ela sente uma coisa esquisita puxando ela para trás: responde sem saber por quê. O olho não desgruda dos dois; o coração tá diferente: bate feito querendo parar.

(NUNES, 1987, p. 51).

Pesquisadora– E aí? O que vocês estão sentindo?

Cecília– Acho que ele se assustou com a cena.

Clarice– Lógico né?

Pesquisadora– Mas ela viu a cena?

Cecília– Ué, se ela olhou e eles estavam...não, ela levantou escutando aquele gritinho, depois ela já foi na sala e viu os dois ali, e provavelmente a roupa dela deve estar suja de sangue.

Sophia– É, o chão da cozinha também, porque uma faca desse tamanho, entrou inteira no Davi.

Pesquisadora– Será que ele morreu?

Cecília– Não, assim, eu acho que não.

Pesquisadora– Você acha que não? Que vai ficar tudo bem?

Cecília– Ah professora, sei lá.

Pesquisadora – O que você acha?

Clarice –?

Clarice– Eu???

Clarice– Acho que ele não morreu não.

Sophia– Eu acho que ele está prestes a morrer.

Pesquisadora– Que ele ainda está vivo?

Sophia– É.

Pesquisadora– E o Manoel?

Manoel– Ah depende de onde entrou a faca. (Risos).

Sophia– É.

Clarice– Se fosse eu, a hora que eu me levantasse dali dava uma facada bem no meio da cara dela, pra ela parar de ser sem vergonha. (Com raiva).

Risos

Manoel– Ela faz uma situação seria ficar engraçada.

Cecília– Ele morreu mesmo. Eu já me adiantei um pouquinho.

Pesquisadora- (continua a ler).

A Mariana se levanta: a cara, o vestido, a mão, tá tudo sujo de sangue. Dá um ou dois passos feito coisa que tá tonta; e agarra na mesa. Fica assim um tempo. Depois olha para a janela; meio que se apruma. Abre a porta dos fundos e sai.

A Rafaela toma coragem e vem vindo para junto do Davi. Vem vindo.

Olho andando pelo sangue na camisa, pela faca no chão, pela maçã que caiu do bolso. Se ajoelha.

- Davi?

Espera uma resposta.

No canto da boca dele também saiu um fio de sangue. Ou está saindo? E a Rafaela toca na boca para ver. Mas o sangue já parou de andar, está grudado na cara.

-Davi?

Que fria que é a pele dele, a mão! O sangue manchou a manga do blusão que tem dentro só um pedaço de braço porque o resto o Caçã-anjo levou. A Rafaela encosta a mão na boca. Parece que é para tratar a fala, o choro. Mas não é não: é para sentir o calorzinho da respiração dela. Mas lá ela não sente nada. Alguém está chegando. Ela se vira. É a Mariana que entrou. Ela vem arrastando uma lona. Chega perto da Rafaela e te segura no ombro dela com força. (NUNES, 1987,p.51/52)

Pesquisadora– E agora? Vocês gostaram disso?

Cecília– Não, porque ele amava ele, e ele amava ela.

Clarice– Amava? Se amava não tinha matado ele.

Cecília– Mas foi por impulso.

Clarice– Impulso, impulso...

Cecília– Ela não queria que ele fosse embora.

Sophia– Ela não queria que ele fosse embora, que ela falou assim, ela é tão retardada, que ela...Ela amava tanto ele que em vez de sei lá, jogar uma pedra, trancar a porta.

Clarice– Era só sequestrar ele, não é não?

Clarice– Que retardada, isso é sem vergonhice. Se jogasse uma pedra, vai matar do mesmo jeito ele. Se ela aparecer aqui essa hora professora...

Pesquisadora– Você matava ela?? Se ela aparecesse aqui? Você fazia a mesma coisa que ela fez?

Clarice– É.

Cecília– Ela ou ele?

Sophia– Pulava em cima dela.

Cecília– Está falando do Davi não está?

Clarice– Nós estamos falando do livro.

Manoel– Oxii (sem entender o que as meninas estão falando). Pensei que ela estava falando que ia bater na Mariana.

Cecília– Professora vamos.

Sophia– Professoraaaa vamos continuar (ansiosa).

Pesquisadora– Vamos, vamos.

Sophia– Vai professoraaa.

Pesquisadora- (continua).

As duas ficam se olhando de um jeito esquisitamente quieto.

Mas lá pelas tantas o olho da Rafaela foge para fora. Olho da Mariana vai atrás.

Depois os dois se encontram de novo.

A Rafaela sente o ombro doendo, vira o corpo, livra eles da Mariana, se levanta, sai correndo, entra no quarto. Tapa os ouvidos. Fica um tempo assim. Lembra que o quarto tem uma porta: fecha ela. E pela primeira vez desde que chegou para passar as férias com a Mariana ela vem que a porta tem uma chave. Roda ela na fechadura, se tranca. (NUNES, 1987, p.52)

Pesquisadora– O que significou isso aqui?

Clarice– Medo. Da Mariana...

Risos

Pesquisadora– E esse medo ela nunca tinha sentido? Porque ela já tinha sentido medo... Várias vezes, não é?

Cecília– Já. Mas acho que esse foi um...

Sophia– O medo da Mariana matar ela.

Manoel– Eu acho que foi mais instinto isso daí.

Pesquisadora– Instinto? Medo de morrer?

Sophia– É.

Cecília– Porque, ele estava lá, ela viu, parou aquela cena, depois viu a Mariana vindo com aquela lona, deve ter colocado em cima dele.

Sophia– É.

Cecília– Depois deve ter grudado no ombro dela com força, segurando assim, você está lá, vendo o defunto na sua frente, alguém gruda no seu pé, você vai sentir medo.

Pesquisadora– Que situação da Rafaela.

Cecília– E ela é uma criança, vai ficar em estado de choque.

Pesquisadora– E aí Clarice?

Clarice– Difícil.

Sophia– Nunca mais ia querer voltar lá.

Cecília– Eu acho que é o medo de sempre, porque nem cantar ela cantou.

Sophia– É um medo tão grande ne.

Clarice– Eu acho que ela deve ter ficado.

Clarice– Eu acho que ela deve ter ficado como uma louca

Pesquisadora– A menina? Você imagina isso?

Pesquisadora– A

porta

Pesquisadora– É pintada de verde E faz um tempo que empenou

Clarice– O que é empenou?

Pesquisadora–

A porta é pintada de verde e faz tempo que empenou. Não está habituado a fechar e muito menos se trançar: meio que gemeu e fez uma fresta embaixo quando a Rafaela passou a chave na fechadura. A Maçaneta é de louça branca. Redonda.

*A mão da Mariana roda a maçaneta; Rosa de novo; se cale se agarrando.
O corpo da Mariana se Encosta na porta.
A Rafaela fica escutando, o que é que é isso? é a Mariana chorando? e se
Encosta na porta também.
- Rafa! Rafa, me ajuda...
Por que que ela tá cochichando? será que tem alguém escutando? Se aperta
ainda mais contra a porta.
-... eu não sei, eu eu juro, eu não sei como é que
aconteceu... Ela tá dizendo qualquer coisa ou ela só tá
chorando?
-... eu só sei que quando eu vi a minha mão já tinha matado ele, abre a
porta, Rafa!, vem, fala comigo, por favor, tem tantas horas já que eu tô
sozinha querendo botar vida outra vez para dentro dele, é na boca e no
nariz e no ouvido, é soprando, respirando para dentro dele...
Mas porque ela não fala mais alto para eu poder escutar?!
-..., Rafa, Rafa, como é que pode, que depressa que a vida sai de dentro da
gente, foi só o tempo de eu me dar conta do que que a minha mão tinha feito
e a vida já tinha largado ele, abre essa porta, Me abraça, Rafa, me
abraça, Eu tô com tanto medo.
(NUNES, 1987, p. 52/53)*

Clarice– Empenou?

Pesquisadora– E aí, será que a Rafa vai abrir ou não, se vocês fossem Como ela vocês abriram ou não?

Clarice– Eu abriria.

Pesquisadora– E faria o quê?

Cecília– É porque às vezes não foi a culpa dela, da Mariana, tanto foi o impulso que ela teve

Clarice– Impulso...

Manoel–Você viu o que ela acabou de falar?

Pesquisadora– O quê?

Manoel– O que foi rapidinho que a vida saiu de dentro dele saiu fácil e que ela tentou criar vida na pedra só que não deu.

Clarice– Verdade não é?

Manoel– Ela estava tentando fazer tipo *Frankstein*.

Cecília– Eu acho que ela quer colocar a vida dele na pedra.

Sophia– É.

Pesquisadora– Mas foi isso que ela falou?

Sophia– Não mas deu a entender.

Pesquisadora– *“Rafa vem falar comigo por favor, tem tanto tempo que eu estou nessa agonia querendo botar vida outra vez para dentro dele é na boca e no nariz e no ouvido”*.

Clarice– Ela está tentando reviver... não.... Ressuscitar.

Cecília– Assim ela quer colocar uma nova vida fazendo uma outra escultura.

Sophia– Ela acha que ela é Jesus Cristo. (rindo)

Clarice– Ela acha que ela é Jesus Cristo.

Pesquisadora– Mas se coloca no lugar dela? O quê que vocês fariam?

Clarice– Professora eu vou fazer catecismo, eu sou batizada.

Cecília– Vai? Você vai estar na minha sala, mas para você fazer catecismo você precisa ir à igreja

Clarice– Grande coisa eu tenho duas pernas boas.

Risos

Clarice– Você vai lá comigo?

Cecília– Vou, dá para a gente marcar, e eu vou junto com você.

Clarice– A minha mãe quer que eu vou em uma igreja evangélica.

Sophia– Professora continua essa história...

Pesquisadora–

Sem coragem de abrir a porta, sem coragem de abrir a boca, o corpo até doía da força que ela fazia querendo escutar o que é Mariana e eu chorando, o que a Mariana ia cochichando, pedindo para Rafaela abrir a porta e para falar com ela e para olhar para ela...

... pra eu não enlouquecer, Rafa, para eu não enlouquecer de tanto querer entender sem poder como é que a minha mão fez isso.

O cochicho foi se afogando no choro.

O choro acabou cantando; parou.

A Rafaela sentiu a Mariana se despregando da porta e indo embora.

Continuou ali grudada, esperando ela voltar.

(NUNES, 1987, p. 53)

Pesquisadora– Alguma consideração?

Clarice– “A janela”

Sophia– Não.

Sophia– não

Pesquisadora–

A janela é pequena e pintada de verde; dá de cara pro areião e pro mar. Está de postigo aberto.

A Rafaela se vira e se encosta na porta, ainda esperando a Mariana voltar.

O olho atravessa o vidro da janela e vai lá pra fora. É uma noite clara; é um mar brilhando da lua cheia. E de repente ela vê a Mariana arrastando a mesma lona que ela tinha arrastado pra dentro de casa. A lona que morava no barco: grande, cor de elefante, esfiapada na ponta.

Mas quando a lona entrou na cozinha estava toda aberta, toda leve: a Mariana arrastava ela com um só dedo.

Agora a lona tinha se fechado em torno de uma coisa comprida, e a Mariana arrastava ela com as duas mãos, corpo caído para frente e fazendo força para puxar [...] (NUNES, 1987, p.54).

Pesquisadora– O que a Mariana está arrastando?

Cecília– O corpo.

Manoel– Ela está arrastando o corpo para tentar jogar no mar??

Pesquisadora– A Rafaela...

Cecília– O cação vai levar.

Sophia– É...

Pesquisadora– O cação vai levar?

Cecília – Eu acho que vai...

Pesquisadora– Porque vai vir buscar o resto que faltava? É isso? Risos

Cecília– Não porque ele falou “quando ele e eu casar O mar levou ele” às vezes ela A Rafaela deve ter contado para Mariana que quer que o mar leva ele de novo.”

Pesquisadora– O resto que sobrou.

Sophia– Continua professora.

Pesquisadora–

A Rafaela que eu chegar perto da janela para olhar melhor, mas o pé está trincado no chão.

Foi difícil puxar a lona pra dentro do barco. Quatro vezes (ou foram cinco?) a Mariana entrou e saiu do barco. Puxando, empurrando, puxando, empurrando. O olho da Rafaela segue o movimento da Mariana, do barco, da onda pequena que vem e que vai.

A lona some dentro do barco.

Quem sabe aquele tempo todo junto da porta a Mariana estava pedindo ajuda pra arrastar a lona? Será? (NUNES, 1987, p.54).

Pesquisadora– A Mariana estava pedindo ajuda para arrastar a lona? Será?

Pesquisadora– vocês acham isso?

Cecília– Ela é uma criança para fazer isso... Já está em choque.

Pesquisadora–

A Mariana entra no barco

Onde será que ela vai? Quer outra vez desempacar dali, corre, ir lá, perguntar, ver.

Mas o corpo continua pesado demais pra mexer.

Agora a janela só mostra a cabeça da Mariana. Foi porque ela se sentou que ela ficou assim tão baixa?

A cabeça da Mariana se inclina; a cara se esconde na mão. Durante muito tempo. A onda pequena quebrando na praia.

A Rafaela olhando.

Depois a Mariana se levanta, sai do barco, solta a corda, empurra ele mais pra dentro d'água. Volta pra dentro do barco e liga o motor de popa. O barco vai indo embora.

Vai indo.

Até que lá pelas tantas o barco sai da janela.

...

Será que eu não estou sonhando?! (NUNES, 1987, p.54/55).

Pesquisadora– Vocês acham que ela está sonhando?

Sophia– Aham

Pesquisadora– É um grande sonho?

Sophia– Sim.

Pesquisadora– Você já acha? Você tem essa impressão que é sonho?

Cecília– Eu não.

Clarice– AH professora sei lá...

Sophia– Ela parece acordar, os dois vão estar tomando um café.

Pesquisadora– Manoel?

Cecília– Eu acho que isso não é um sonho não, é uma realidade.

Clarice– Não, realidade no livro.

Pesquisadora– Poderia ser realidade- realidade?

Cecília– Podia.

Sophia– Podia.

Clarice– Hoje eu acordei com o pé... (cantarola uma música baixinho)

Cecília– Onde é você viu isso?

Pesquisadora– E o Manoel? Acha que é realidade?

Manoel– É.

Cecília– Porquê...nada não...

Pesquisadora– Diga.

Cecília– Nada não...

Manoel– Ela está, está um pouco fria no caso de ter matado ele.

Pesquisadora– A Mariana?

Sophia– Ela está indo embora, largando a coitadinha da Rafaela lá sozinha.

Pesquisadora– Mas será que ela está indo embora.?

Sophia– Está porque ela ligou o motor e o barco já está até sumindo.... Não dá nem para a Rafaela ver mais pela janela...

Pesquisadora–

De repente o corpo da Rafaela, ela desempaca. Ela destranca a porta, sai correndo pra cozinha, só pensando uma coisa: Davi! Mas no chão só tem a faca. E um sujo de sangue.

A Rafaela olha pra faca; olha pra tudo em volta, querendo ver um lugar bom pra esconder ela, quem sabe é melhor lá fora, na areia, cavar um buraco, enterrar? E então ela vai pra praia, cava um buraco na areia, enfia a faca bem fundo, e tapa o buraco bem.

(NUNES, 1987, p.55).

Clarice demonstra estar com sono.

Pesquisadora– Por que ela fez isso?

Clarice– Por que ela fez isso, não é professora?

Cecília– Para Mariana não achar a faca de novo.

Pesquisadora– Por quê?

Cecília– Por que ela estava com medo de morrer?

Pesquisadora– Por que será que a Rafa enterrou a faca?

Manoel– Para ela não ver mais esse objeto que ela matou o próprio amor dela.

Pesquisadora– Para a Mariana não ver?

Manoel– É.

Sophia– Para ela não ficar se sentindo culpada.

Clarice– Pessoal vocês viram meu copo que legal?

Pesquisadora– Todos olhem para o copo da Clarice.

Clarice–

Risos

Manoel– *Ex copo.*

Pesquisadora– Um *ex copo*. Aqui jaz um copo.

Manoel– Ele morreu.

Clarice– Assim se destrói copo de plástico.

Barulho do copo sendo desmanchado/ rasgado.

Pesquisadora–

A espera...

Lalaralalalalá.

Cecilia– Ela está com medo.

Pesquisadora–

Hora atrás de hora passando e a Rafaela cantarolando, esperando o barco voltar. Trancou a porta; fechou o postigo (o quê adianta ficar espiando pra fora se a noite não acaba e se o barco não chega? é menos pior não olhar mais); fez tudo que podia para enganar o tempo, deitou e levantou, tomou água e um chuveiro, resolveu ir lá vira e contar pra todo o mundo o que tinha acontecido, mas ela não podia contar, podia? não! é claro que não podia, ela tinha que esperar a Mariana Voltar.

E o tempo todo pensando, Davi, onde é que a Mariana tá te levando?

E se a Mariana não voltava? Laralá!

Acendeu tudo que é luz.

Experimentou fazer croché.

Experimentou fazer café.

Mas heim? Heim? e se a Mariana não voltava? e se ela tinha fugido com o Davi?

Sentou no chão. Num canto. Tão encolhida que ficou desse tamanhinho.
(NUNES, 1987, p. 55)

Pesquisadora– Alguma coisa?

Cecília- Não.

Pesquisadora– Lalalalalala

Cecília- Está com medo, está com medo, está com medo.

Pesquisadora–

Lará

E pra Ana Lúcia? será que ela podia contar?

Não, era melhor não contar: a Ana Lucia ia espalhar.

Nem pro pai, nem pra avó, nem pra bisa ele ia contar.

Mas pra mãe ela ia. Logo- logo.

E pra adiantar já começou a escrever uma carta pensada:

Querida mae

Vem me buscar depressa, eu não tô mais aguentando ficar aqui sozinha esperando. Mae, vem logo, deixa esse troço aí de turismo que você tá fazendo e vem logo porque aqui tá acontecendo uma coisa muito horrível, vem mãe! Vem depressa me buscar.

Um beijo da Rafa

[...]

Mas na hora de explicar o jeito ela começava a carta outra vez, querida mãe, eu fui no coqueiral, peguei uma flor azul, e quando me levantei, não! O jeito era mandar um telegrama. Coisa urgente, coisa horrível, precisava era telegrama e não de carta. Feito aquele que chegou quando o tio Ernesto morreu. Ernesto morreu pt enterro amanha pt segue carta abraços Leontina

[...]

Não aguento mais vem me buscar pt um beijo da Rafa.

(NUNES, 1987, p. 56)

Clarice– O que significa PT?

Pesquisadora– É do telegrama como se fosse cambio.

Pesquisadora–

Que barulho é esse? é o motor? é o barco voltando? Mal aguenta se levantar. Abre um pouquinho o postigo da janela, ah! é a Mariana voltando. [...]

A Mariana vem trazendo o barco pela praia.

Já de olho uma na outra.

O pé da Rafaela entra na água, a mão se segura no barco, o olho corre por tudo, cade a lona cor de elefante, cade?! Se vira pra Mariana e diz gritando, pensei que nunca mais „cê ia voltar! Onde é que „ce” foi? Vai gritar outra coisa, mas a voz não sai, o braço se levanta, o corpo se atira pra frente pra bater na Mariana, mas a Mariana pega ela num abraço[...] A Mariana vai lembrar da viagem que ela fez até longe no mar (NUNES, 1987, p.58/59).

Pesquisadora– E agora?

Sophia– Ela jogou o Davi na água (falando bem baixinho). Porque lá no meio da água ninguém vai achar ele. Alguém vai achar uma faca? Pode ser que alguém acha a faca... Cheio de sangue mais às vezes. Alguém vai pensar matou o peixe né sei lá

Clarice– Matou peixe? (Em tom irônico).

Pesquisadora– Porque peixe não tem sangue?

Clarice– Ter tem Professora, mas..., mas aí dá para ver...dá para...para sentir A diferença do sangue do peixe

Manoel– No caso ela sentiu, se sentiu com medo, e agora ela não quer aceitar que ele realmente morreu.

Pesquisadora– A menina?

Manoel– É, mas ela provavelmente sabe, inconscientemente sabe

Pesquisadora– Como você percebe o inconsciente dela?

Manoel– Sei lá professora.

Pesquisadora– Cecília? E você?

Segundo áudio

Clarice– Com sono

Pesquisadora– A leitura te deu sono?

Clarice– Está boa, não professora, é que eu acordei cedo.

Cecília– Não professora é que ficou meio estranho, porque ela gostava dele, ela pegou e fez isso com ele e ele não falou nada.

Clarice– A Sophia já está lendo.

Cecília– Que dia ela pegou, juntou ele na lona e jogou ele no mar, não levou a menina.

Clarice– Está bom professora vamos continuar a leitura

Pesquisadora– Mas porque que ela não levou a menina para o mar?

Sophia– Para ela não olhar, não ver.

Manoel– Ela deveria levar mesmo...

Sophia– Jogando ele no mar.

Cecília– Mas mesmo assim, ela já estava assustada mesmo.

Pesquisadora– Mas você acha que era melhor para menina ter ido com ela?

Clarice– Não.

Pesquisadora– Para ver ela jogando?

Cecília– Não mais porque pelo menos ela poderia ter avisado eu vou sair e você fica aí, mas ela só saiu...

Pesquisadora– Essa situação toda é uma situação complicada eu teria essa calma para pensar tudo isso.

Sophia– Porque também imagina...

Cecília– A criança já deve estar em choque, a Rafaela...

Pesquisadora– Mas e a Mariana?

Manoel– Ambas estão em choque. Em desespero a Mariana principalmente porque ela matou o sem querer o Davi.

Cecília– Mas se ela matar sem querer ela pelo menos fez alguma coisa...

Pesquisadora– Mas você acha que ela foi premeditada a morte?

Manoel– Ela tentou.

Pesquisadora– Ela pensou em matar ele antes?

Cecília– Não.

Pesquisadora– Foi sem querer.

Cecília– Mas mesmo assim ela não fez nada.

Manoel– Ela tentou, mas o que ela é? Medica? Não é nada.

Pesquisadora– E onde ela morava?

Cecília– No fim do mundo.

Sophia– Professora porque imagina também, a Rafaela ela meio que ia guardar para ela, matar alguém ir lá e jogar ele no mar porque ninguém vai achar no mar. Ela estaria aprendendo uma coisa errada então a Mariana não levou ela, justo para ela não guardar essa lembrança com ela aquela cena jogando a pessoa que ela mataria...é só jogar no mar.

Pesquisadora– Você acha que isso demonstra o quê? O amor da Mariana?

Sophia– Será que ela não queria que a Rafaela sofresse como ela estava sofrendo...

Pesquisadora– O que mais gente?

Sophia– Eu acho que é só isso

Pesquisadora– O que você está achando?

Clarice– eu achei superlegal (em tom desanimado).

Cecília– Legal.

Pesquisadora– Você está adorando esta tragédia?

Sophia– É.

Cecília– Legal matar de vez em quando (em tom irônico).

Clarice– Eu não estou gostando porque eu achei que eles iam ficar juntos no final.

Cecília– É, legal...

Pesquisadora– Você tinha essa esperança? De que eles iam ficar juntos o final?

Cecília– De repente uma mata o outro, já joga no mar.

Clarice– Agora que eu sei o amor. Amor não existe.

Pesquisadora– Amor não existe.?

Cecília– Não, existiu...

Pesquisadora– Por que sempre vai terminar triste?

Clarice– Lógico.

Cecília– Sempre vai ter uma decepção.

Clarice– Como nos filmes daquela mulher lá.

Sophia– Porque se ela mata ele de verdade, poderia ter visto se não tinha ninguém na praia, para ajudar ela, ou ela tentaria conversar com a Rafaela.

Cecília– Gritando, ahhhhh, me ajuda agora.

Pesquisadora– Agora vocês vão levar o livro embora, e trazer na sexta-feira.

Clarice– Hoje?

Cecília– Sexta-feira?

Pesquisadora– Para a gente terminar a leitura.

Clarice– Terminar como se tem que ler tudo isso aqui.

Cecília– Professora, vou falar então pra Jessica trazer para mim.

Pesquisadora– Porque? Você não vem na sexta? De manhã?

Cecília– Que horas?

Pesquisadora– Onze horas.

Cecília– Ah tá.

Pesquisadora–

Que viagem cumprida, deu ventania, o barco jogou, ela pensou, a gente vai junto, Davi, morar no fundo do mar. Mas o vento passou, e a noite ficou tão calma que ela também se acalmou; e abriu a lona; e olhou pro Davi; e deitou junto dele. Durante muito e muito tempo dos dois ficaram de cara pro céu.

[...]

Era ali que ela ia ficar.

Ela e o Davi pra sempre, pra nunca mais.

Mas depois apareceu um tom meio alaranjado no horizonte.

[...]

O resto de estrela foi embora e a calma também. A mão ficou outra vez desesperada, fechou o olho do Davi, fechou a lona, foi puxando-empurrando, puxando-empurrando, puxando não precisou empurrar mais: o Davi escorregou pro mar. A mão então se abriu, e a lona foi embora também.

(NUNES, 1987, p59).

Clarice– A lona é o corpo dele?

Pesquisadora– A lona é o corpo dele. O que ela queria fazer? A Mariana?
Cecília– Eu acho que. Deixa eu ver...
Pesquisadora– Quando ela leva o corpo do Davi para o mar?
Manoel– Ela queria ir junto.
Pesquisadora– De que forma?
Sophia– Se jogando no mar.
Pesquisadora– Para?
Manoel e Sophia– Se matar.
Pesquisadora– Está dito isto aqui?
Clarice– Para nadar né professora.
Manoel– Mas parece. Ela fala que quer viver junto com ele, no fundo do mar.
Pesquisadora– Teria solução melhor?
Clarice– Teria.
Pesquisadora– Qual?
Cecília– Ela não ter enfiado a faca nele.
Pesquisadora– Mas feito isso?
Clarice– Mas era bem feito que se ela morresse, ele não aceitasse ela lá no fundo do mar, eu achava era bom.
Cecília– Ele está morto.
Sophia– Ela também está imaginando, se alguém descobre, ela pode ser presa, porque ela matou ele,
Clarice – Presa? (Em tom irônico)
Cecília– Não tem ninguém.
Clarice– Não tem nem comida direito lá na praia, vai ter delegacia.
Pesquisadora– Mas você acha que se ela se suicidasse, o Davi não ia aceitar ela lá?
Cecília– Ah, mas não adianta professora, ela tem que pensar, ela matou ele por um acaso, foi um acaso, mas ele já morreu, e ela com a Rafaela? Ela tinha que pensar, ela tinha uma criança, na casa dela, imagina que ela ia deixar aquela criança sozinha,
Clarice– A filha não é dela. A mãe dela que fosse buscar ela.
Pesquisadora– (continuando)

“a Rafaela se livrou do abraço[...] saiu correndo, entrou em casa, se atirou na cama. Veio uma vontade incrível de dormir feito coisa que que há muito ela não dormia. Puxou um lençol pra cabeça. Sentiu a Mariana entrando no quarto, sentando na cama. Não se mexeu.

[...]

Fechou o olho. Embalou o sono no barulho do vento e do mar. Imagina se de repente um telefone tocava, ia dar até susto. Mas ela saía correndo e dizia, deixa que eu atendo.

-Alô.

-Oi.

-Quem é?

-Não tá reconhecendo a minha voz?

-Davi!!! Ah, que bom que você telefonou, eu queria tanto me encontrar com você. -Tá.

-Mesmo?

-Claro.

-Aonde?

-Voce marca.

-Bom, a gente podia marcar lá na praça.

-Cominado então.

(NUNES, 1987, p. 60).

Cecília– Ela está sonhando.

Sophia– Ah?????

Clarice– Ah???

Cecília- Sonhando.

Sophia– Ela está sonhando professora?

Cecília– Ela está sonhando?

Clarice– Porque como que ela consegue matar ele e dormir sossegada? Ai que mulher escrota.

Cecília– É a Rafaela.

Sophia– E como que a menina...?

Clarice– É até aqui não é professora?

Sophia– Mas nós não vamos ler mais?

Pesquisadora– Já vai dar a hora.

Sophia– Falta cinco minutos...

Contenda acerca de ler ou não.

Pesquisadora– Como a Rafaela está se sentindo?

Cecília- Ela está se sentindo com um pouquinho de culpa.

Clarice– Ela está se sentindo sozinha, com saudade...

Pesquisadora– Manoel, como a Rafa está se sentindo? Neste último momento que ela começa a dormir.

Manoel– Ela está se sentindo muito irritada com a Mariana por ela ter ido e não ter falando nada, para ela, e agora ela não quer falar com a Mariana, ela só quer ir embora daquele lugar, porque ela se sente sozinha.

Clarice– E ela sabe que a Mariana, matou ele?

Sophia– Aí professora da Mafalda!!! (Vendo o livro da Mafalda na estante).

Manoel– Ela sabe, mas não quer aceitar.

Sophia– Mas eu acho que ela está sonhando, ou ela está imaginando que o Davi estava ligando?

Porque dá a entender que ele estava ligando...

Pesquisadora– Mas é sonho.

Sophia– É sonho?

Pesquisadora– É sonho da Rafaela, é o inconsciente dela, no sonho ela conversa...

Pesquisadora– Na sexta-feira a gente vai ler só o epílogo, e vamos partilhar toda essa parte...

Fim do áudio.

QUINTO ENCONTRO

O quinto encontro foi o último momento em que os participantes se reuniram para socializar a leitura do livro. A eles foi dada a oportunidade de terminar a leitura em casa, faltando cerca de 10 páginas. No entanto, apenas três adolescentes da turma A compareceram: Manoel, Clarice e Luiza (que veio apenas no primeiro encontro, e chega no meio da conversa). A participantes Jane, integra o grupo formado devido a ocasião, porque a turma B se reuniria em seguida, e a estudante chegou com antecedência, e os outros participantes também não compareceram. Ressalto que os dados referentes a turma B não serão analisados nesta pesquisa.

Pesquisadora- O Manoel fez uma música. Uma paródia

Clarice- Cara, hoje tem prova de matemática. Difícil, a professora fica enchendo meu saco. Minha mãe também já falou um monte.

Manoel- Que professora que é?

Jane- O meu é o Antônio.

Clarice- O seu? Graças a Deus. A minha é a Sônia.

Pesquisadora- Vamos compartilhar então? Só nós mesmos? Quem chegar... qualquer coisa eu marco outro encontro. Mas é sempre assim ne, geralmente tem uma matéria que a gente gosta mais...

Clarice- Não tem não, eu já falei na cara da professora. Sim, mas ela ensina matemática, só que eu não gosto nem da matéria nem da professora. Porque ela é palmeirense também.

Pesquisadora- Ah é? Você não gosta dela porque ela é palmeirense?

Clarice- Se ela fosse corinthiana eu gostava dela, de matemática. Mentira professora...

Pesquisadora- E aí pessoal? Vocês leram, ou não leram? Você não leu né? Que parte você parou? (apontando pra Jane).

Jane- Agora eu não sei que parte que eu parei professora.

Pesquisadora- Quero que vocês falem as impressões sobre o livro. Ai desse momento que a gente parou, depois que a Rafaela...

Clarice- Professora, esse celular aqui é seu?

Pesquisadora- É da Patrícia. Porque se tivesse vindo todos os alunos, eu colocaria dois gravadores.

Jane- Parece o seu...

Pesquisadora- Página 59, que foi a parte que a Mariana volta do mar. Vocês tiveram que ler o livro mais de uma vez? Em alguma parte?

Clarice- Eu não.

Pesquisadora- Manoel?

Manoel- Eu consegui ler.

Pesquisadora- Então lá na página 59. Que é a volta da Mariana do mar, tem alguma parte lá que vocês querem discutir? Criticar, xingar? (em tom de brincadeira).

Clarice- Ah seu for xingar aqui...

Pesquisadora- Por quê?

Clarice- Porque a Mariana é uma safada. Ela matou o Davi professora.

Pesquisadora- Isto é ruim?

Manoel- Bom que não seria não é professora?

Clarice- Matou o cara.

Manoel- Do nada.

Clarice- Ela é loucona mesmo.

Pesquisadora- O que eu poderia ter sido feito para evitar isto?

Clarice- Ele ter ficado lá, aí ela não tinha matado ele.

Manoel- Mas o instinto dela foi muito idiota.

Clarice- Ela é trouxa.

Manoel- “Ah, eu não quero que ele vá embora”, aí o instinto dela fez ela matar ele.

Pesquisadora- Mas e se ele quisesse ir embora pessoal?

Clarice- Ele ia ficar querendo. Porque ela não ia deixar, ela já matou ele mesmo.

Pesquisadora- E isto é certo?

Clarice- Não.

Manoel- Não.

Clarice- Se fosse por isso que eu quisesse ir embora, todo mundo da cidade vai querer me matar.
Risos

Clarice- Ela é louca.

Manoel- Muito possessiva.

Pesquisadora- Possessão é um coisa ruim?

Clarice- Ah professora, é.

Manoel- Em excesso.

Pesquisadora- Em um relacionamento?

Clarice- Professora, quando eu terminei o meu namoro, o cara ficou me seguindo, essas coisas.

Pesquisadora- Quem era seu namorado?

Clarice- Ex.

Pesquisadora- Não é daqui?

Clarice- Não.

Pesquisadora- Alguém mais já viveu isto? Já presenciou?

Manoel- Não.

Pesquisadora- Tem uma parte que eu achei...

Clarice- Professora na primeira aula eu posso estudar matemática na sua aula?

Pesquisadora- Pode. Hoje pode.

Clarice- Eu estou de recuperação.

Pesquisadora- Tudo bem. Na página 60 que fala assim: “pensou na mãe, no pai, na amiga dela. Na Ana Lúcia, as duas estavam na mesma classe.”

Clarice- Ana Lúcia é o quê?

Pesquisadora- É a amiga dela da escola, a melhor amiga, “botava a mão na testa feito quem está pensando e dormia que só vendo, de noite telefonava pra saber o que a professora tinha ensinado, todo dia, elas se encontravam na praça pra ir junto pra escola.”

Jane- Essa parte eu li.

Pesquisadora- Esse pensamento da Rafaela, o que representa será?

Batidas na porta.

Pesquisadora- Que esse pensamento representa? Ela lembrar o pai e da mãe...

Manoel- Ela está com medo, não quer mais ficar ali, ela pode estar com medo da Mariana.

Clarice- Nossa de quem é violão? É seu? Depois você me empresta para eu fazer um funk.

Pesquisadora- Funk no violão?

Manoel- No caso dá para fazer, mas é muito difícil.

Pesquisadora-Então, você acha que ela estava com medo.

Manoel- Sim.

Pesquisadora- Você acha que o medo é uma característica da Rafaela?

Clarice- É uma delas.

Manoel-Sempre que ela fica com medo ela canta.

Clarice- Laralaralara.

[..]

Pesquisadora- E a Mariana? Do que a Mariana tinha medo?

Manoel- Provavelmente ficar sozinha.

Clarice- Mas ela era sozinha antes da Rafaela chegar.

Pesquisadora- Então. Como é que vocês explicam isso?

Manoel- Ah ela conseguiu alguém para ficar do lado dela. Finalmente, e ele não queria mais perder.

Clarice- Ela é louca, ela foi lá, encontrou o Davi e matou. Palhaça doida.

Risos

Clarice- Cara é só em livro mesmo viu. É engraçado.

Manoel- É engraçado?

Clarice- Lógico, a mulher encontra o cara, se apaixona. E mata ele.

Pesquisadora- A paixão pode levar a morte?

Clarice- Passa tanta coisa na televisão sobre isto.

Manoel- Quando a pessoa é psicopata pode.

Jane- Também tenho medo de psicopata.

Clarice- Por isso que eu ando com uma faca todo dia.

Risos

Pesquisadora- Você anda com uma faca todo dia?

Clarice- Ando dentro da minha bolsa. Quer ver?

Pesquisadora- Quero!

Clarice- Abre a bolsa.

Clarice- Perai, deixa eu ver se eu encontro no meio da bagunça.

Manoel- Você não iria achar uma faca no meio dos lápis e caneta, não faz sentido.

Clarice- Acho que eu esqueci em casa.

Pesquisadora- Mas é sério isso?

Clarice- É professora. Eu tinha lá na outra escola, a menina queria cortar meu cabelo.

Pesquisadora- Você vem com uma faca para a escola?

Clarice- Não aqui.

Pesquisadora- Lá onde você morava?

Clarice- Em Santópolis. Minha mãe saía para trabalhar, já era, levava aqueles facões assim oh, para a escola.

Pesquisadora- Você levava isto para a escola?

Clarice- Levava professora, a menina queria cortar meu cabelo.

Pesquisadora- E a Mariana que é louca?

Clarice- Ela é louca, matar, eu não vou...

Pesquisadora- E se você tivesse numa briga? De repente, a faca ali do seu lado?

Clarice- Matava.

Manoel- É a mesma coisa que ela pensou, e você não está conseguindo entender ela? Ela fez a mesma coisa que você está pensando em fazer.

Clarice- Mas ela não estava em uma briga entendeu? Eles estavam conversando.

Manoel- Eles estavam em uma briga, estavam discutindo.

Clarice- Eles não estavam em uma briga, ele estava falando que ia embora, estava se despedindo.

Pesquisadora- É porque esta é uma característica do Davi, de ser mais calmo, mais de bem com a vida.

Clarice- Eu acho que de tanto ela estar lá com as pedras, ela ficou louca.

Pesquisadora- E esse momento que fala assim: que o telefone toca, ela atende e é o Davi?

Clarice- Ela está sonhando (**Clarice boceja**)

Pesquisadora- Está sonhando?

Clarice- Humhum

Manoel- Porque aí ela já começou a dormir. Pensou na mãe, pensou no pai, já está dormindo.

Clarice- Vamos ver se chega no final logo aqui...

Pesquisadora- Já está dormindo não é'?

Manoel- Ontem eu falei com a Sophia, eu tinha perguntado o que ela achou do livro, do final, porque eu não tinha lido ainda, perguntei pra ela dar uma "spooler", mas ela não quis, então eu já tinha lido a maioria, mas ela (Sophia), achou que ela não tinha dormido ainda, que tinha acontecido tudo de novo, que ele tinha voltado no tempo, ai eu expliquei pra ela, que era apenas um sonho.

Pesquisadora- Então vocês compartilharam?

Jane- Quem é Sophia?

Clarice- A namorada dele, não está sabendo não?

Risos.

Jane- Ahhhh.

Manoel- No caso namorada do Mário...

Pesquisadora- Você quer ir logo por final?

Clarice- Lógico.

Manoel- Hãhá.

Pesquisadora- Mas ela não leu. (Jane)

Clarice- Porque a internet é foda não é Jane?

Jane- Não, não tenho internet.

Clarice- Na sua casa tem wifi.

Jane- Não tem não.

Clarice- Você rouba wifi lá perto.

Pesquisadora- E essa parte do reencontro?

Manoel- Qual parte?

Jane- Não tem mais wifi. Mudei de casa.

Pesquisadora- Da página 63, que a Rafa encontra o braço do Davi. Como vocês analisaram esta parte?

Clarice- Que página que é? 63?

Pesquisadora- Que é o reencontro.

Clarice- Reencontro do quê?

Manoel- No começo eu estava me perdendo muito.

Clarice- Do Davi e dela, no fundo do mar?

Jane- Oh professora isto daí foi um sonho?

Manoel- Não faria sentido ser na vida normal, não é?

Clarice- É, porque ele já morreu.

Manoel- O corpo dele já sumiu no oceano. Não estaria ali no mar.

Clarice- Ela encontra aquele bicho lá não é?

Pesquisadora- O cação?

Clarice- É, e conversa com ele.

Manoel- Ela imagina o cação anjo como metade anjo, com asa, é um peixe normal.

Clarice- Aí na hora que vê...

Pesquisadora- E como ele se sente? A Rafaela diante da situação?

Clarice- Triste. Porque o Davi morreu.

Manoel- Ela se sente tentando salvar o Dani de novo.

Clarice- Dani?

Manoel- Ah? totalmente aleatório.

risos

Clarice- Não, eu entendi Dani.

Pesquisadora- Que ele falava Dani e não Davi.

Pesquisadora- Você leu até que parte?

Jane explica até que parte leu.

Pesquisadora- Porque você não leu? Não teve vontade?

Jane- Não professora, eu esqueci. Eu só lembrei ontem, porque eu estava sem internet. Aí eu não vi o grupo, e na hora que eu vi, eu disse “nossa, tenho que ler o livro”.

Clarice- E onde você parou?

Jane- Parei na 63.

Pesquisadora- É, ainda falta algumas páginas para o final. Faltam várias páginas.

Clarice- Vamos ler logo o final?

Pesquisadora- Pode Jane? Ou você prefere ler? Você quer ficar com o livro e ler?

Jane- Vamos ler o final e depois eu volto lá.

Pesquisadora- Até porque eu acho que o final é meio...

Clarice- Sem graça.

Pesquisadora- Aberto.

Clarice- Borocoxo.

Manoel- É meio que repetitivo essa parte aqui que você não leu ainda.

Pesquisadora- A parte do sonho, não é?

Manoel- Se a gente contar é bem mais fácil.

Clarice- Não é não. Ela sonhou, acordou e pronto. Acabou a história.

Pesquisadora- Ah mais foi bonito não foi? O sonho dela? vocês conseguiram sentir o sentimento dela através do sonho? O que é o sonho?

Clarice- Eu não gosto de sonhar professora.

Manoel- É apenas a lembrança do que você viveu.

Pesquisadora- Você não gosta de sonhar? De ter projeção para o futuro?

Clarice- Só gosto de ter pesadelo. Ah eu gosto de sonhar sim.

Jane- Quando eu era pequena professora. Eu era bem pequena.

Clarice- Você nem cresceu.

Jane- Eu lembro que estava no prézinho, na Emei, sabe amigo imaginário professora?

Pesquisadora- Sim eu tinha um.

Jane- Era um bem magrinho, e outro gordinho, eu falava para ele o sonho que eu queria ter no dia e eu sempre sonhava.

Clarice- Você tinha amigo imaginário?

Jane- É meio que isso não é? porque eu só conversava com ele, para ter o sonho.

Pesquisadora- Mas você chegava a visualizar eles?

Jane- Não, eu pensava só na minha cabeça. eu não o via na minha frente.

Pesquisadora- Mas porquê? Você não tinha amigos?

Jane- Tinha. Mas eu só conversava com eles para escolher um sonho sabe?

Pesquisadora- Como se fosse um duende?

Manoel- O gênio da lâmpada.

Jane- Às vezes acontecia, eu sonhava o que eu pedia.

Manoel- Quando eu era criança, eu era muito triste, só tinha pesadelo. Todo dia.

Jane- Quando eu dormia de barriga para cima.

Manoel- Eu tinha pesadelos estranhos bem nada a ver.

Pesquisadora- Mas vocês tinham muitos problemas na vida quando eram crianças?

Manoel- Bastante.

Clarice- Eu acho que eu nasci doida, porque...

Manoel- No caso, continua.

Clarice- Sei lá, porque tanto pesadelo na minha cabeça.

Pesquisadora- Eu já sonhei me afogando.

Jane atende o celular no meio da sala.

Clarice- Mas é ruim sonhar com isso. Eu sonhei com meu amigo que morreu afogado. Eu sonhei antes dele morrer e sonhei depois. Ele morreu afogado e meu irmão estava lá, tentou ajuda ele, mas não conseguiu, e a mãe dele morava perto da casa da minha avó, então no dia do velório, a mãe dele, queria se enterrar com ele, foi trágico.

Pesquisadora- Aí a gente volta para o livro. Porque, o que acontece aqui?

Clarice- A doida matou o Davi.

Pesquisadora- Mas o que é isto?

Clarice- Uma tragédia.

Manoel- Eu tive dois pesadelos que eu lembro até hoje de quando eu era criança. Ao contrário de vocês que era com água, a minha era com fogo mesmo.

Batem na porta.

Pesquisadora- Pode abrir.

Jane- Pode entrar.

Manoel- Pode abrir, abri a porta. Tem maçaneta para quê?

Alunos entregam trabalhos para mim...

Pesquisadora- Então vamos lá. quem estava falando? Você Manoel? Contando seu sonho.

Jane- Estava falando do sonho dele.

Batem na porta outra vez.

Manoel- Não está trancada por abrir.

Luiza entra.

Manoel- Já está terminando já. E a porta tem maçaneta, se girar ela abri.

Pesquisadora- Você está sem o livro? E os livros estão com o pessoal, eles não vieram, ninguém falou nada, e enfim.

Jane- Conta aí Manoel, seu sonho.

Manoel- Sei lá, é um lugar rochoso, com fios de lava, e tinha uma pedra um pouco maior com uma pedra tipo um banco, e um monstro, sentado solitário, sei lá, dava o maior medo dele...

Pesquisadora-É?

Manoel- Estranho.

Pesquisadora-Então a Rafaela... quantos anos você tinha?

Manoel- Acho que uns cinco anos.

Pesquisadora- A Rafa também é criança.

Clarice-Ela tinha nove anos.

Pesquisadora- Ah?

Clarice- Não era sete anos que a Rafa tinha.

Pesquisadora- Eu, na minha cabeça ela devia ter de nove, dez anos...

Jane- Quando eu tinha... quando eu era pequena também, eu morava lá em Pompeia ainda.

Clarice- Você nasceu em Pompeia?

Jane- Eu morava em Pompeia, mas eu nasci em Marília, ah eu era bem pequena, eu sonhava... minha mãe sempre falava que seu eu dormisse sem camiseta, uma velha iria vir...

Clarice- Minha mãe também.

Jane- Ela sempre falava coisa “de velha”. Uma vez eu sonhei com essa velha, com uma velha que veio me pegar, eu lembro certinho professora, uma casa, e eu já sonhei com esse sonho mais de três vezes, parece que foi um filme sabe, que a gente fica lembrando.

Pesquisadora-Enfim, vamos então ler o epílogo, vocês querem comentar mais alguma parte, desse trecho aqui que fala do sonho? Alguma coisa que chamou atenção? Depois quem quiser, a semana que vem faremos a entrevista...

Manoel- Ela falou bastante sobre o cação anjo, que tinha um sorriso no olho dele.

Pesquisadora- Fala isso não é? Que alguém tinha um sorriso no olho dele?

Manoel- É o cação anjo, ele tinha um sorriso no olho de peixe se eu não em engano, que parece ser um sorriso que ela está zuando... dando risada na cara dela, no caso.

Pesquisadora-E essa ideia de que o cação-anjo, na cabeça da Rafa, comeu o braço?

Manoel- Só para guardar.

Clarice- Comeu o braço na cabeça da Rafa?

Pesquisadora- Não, do Davi.

Clarice- Ahhhh.

Pesquisadora- E depois o Davi acaba sendo assassinado.

Clarice- Nossa professora, nossa nem toca no assunto.

Pesquisadora- Mas porquê? O que você sente?

Clarice- Vontade de matar essa Mariana.

Pesquisadora- Mas se você matar a Mariana, vai ser igual a ela.

Clarice- É mas eu tenho um motivo, porque ela matou o Davi, ela não teve nenhum motivo para matar. Ah teve..., mas só porque ele ia embora...

Pesquisadora- Mas você acha que a gente tem de matar mesmo tendo um motivo?

Manoel- Você pensar assim é a mesma coisa que um bandido matar alguém e você ir lá e matar o bandido, você está fazendo a mesma coisa que ele. Você ainda está errada.

Clarice- Assim progressivamente.

Manoel- Ia acabar o mundo.

Jane- Na minha cabeça, quando minha mãe discutia com meu padrasto, eu sempre achava que ele ia bater nela, eu sempre achava, e eu só ficava esperando o dia para ele bater nela, eu falo, se alguém batesse em minha mãe eu ia enfiar uma faca, aí eu ia ser psicopata, porque eu não ia ter dó não. Mas só que ele nunca bateu na minha mãe, eu não sei porque eu pensava assim.

Clarice- Se eu bater nela ela vai me matar.

Pesquisadora- Mas sua mãe, em relacionamentos anteriores, já sofreu isso?

Jane- Não professora, sei lá, é que ele é meio estranho.

Clarice- Não, mas eu acho que é porque ele é muito bravo.

Jane- Ele só é bem quietão.

Clarice- Vixi, pessoa quieta assim já é... psicopata.

Jane- Cheio de segredo...

Clarice- Vixi aí...misterioso.

Pesquisadora- Igual o Davi? Mais algum trecho desta parte?

Clarice- Não professora, vamos para o final.

Pesquisadora- Vamos ler o epílogo. Acho que na parte da tarde vou chamar outras pessoas que estiverem na sala. Então página 81.

Jane- Já acabou o livro?

Clarice- Não, deixa eu contar. O pai da Rafaela chegou, para buscar ela, a Mariana pediu desculpas e ela não desculpou. E foi embora. Mais ou menos isso, por aqui nestas partes. O pai dela vai nadar. Dar um mergulho. Faz os exercícios.

Pesquisadora- Essa parte que fala aqui é “a despedida”. Alguém que já tenha lido, gostaria de ler em voz alta. Página 73.

Clarice- Deixa eu ler, não olhem pra mim tá!? .

“A primeira coisa que a Rafaela viu quando acordou foi a Mariana ajoelhada junto da cama, a cara pra baixo, o cabelo caído, bagunçado, meio molhado; e foi só a Rafaela se encolher que a Mariana levantou a cabeça e as duas ficaram se olhando. Na cara da Mariana tinha muito choro que passou, tinha um sonho que não foi dormido, tinha uma dor que não parava de doer; e a Rafaela tremeu de susto quando a mão da Mariana pegou a mão dela.

-Rafa... cadê a faca?

-Hmm?

A fala da Mariana saía baixo e devagar:

- A faca que estava lá no chão...

A Rafaela ficou quieta.

- Você sumiu com ela, não é?

Quieta.

- Por que, Rafa?

- O quê?
- Você sumiu com ela.
A Rafaela encolheu o ombro.
-Foi pra ninguém ficar sabendo que eu matei o Davi...
A Rafaela tapou a cara com o travesseiro, mas a Mariana puxou o travesseiro.
-... ou foi pra fazer de conta que nada disso aconteceu?
A Rafaela levantou pra sair, mas a Mariana não deixou, forçou ela a sentar na beira da cama.
Se olharam.
O olho da Rafaela escapou. O olho da Mariana ficou esperando ele voltar.
Não voltou.
-Ah, Rafa! se eu pudesse. Se eu pudesse fazer o Davi viver de novo. -E escondeu a cara na perna da Rafaela.
Como a cara dela estava quente, será que ela estava com febre?
-Rafa, eu não posso ficar mais tempo sem te dizer que...mas por favor, fica quieta, me escuta! ... que eu levei o Davi no barco e o tempo todo eu pensei que... na hora dele ir pro fundo do mar eu... eu ia junto com ele. Mas na hora eu vi que eu estou presa na vida, quer dizer, na hora eu tive medo. E eu voltei. Então, Rafa, o meu crime... mas pelo amor de deus! quer ficar quieta e escutar?!
-Pra que, pra quê?!
-Pra você saber de tudo.
-Pra que, pra quê?!
-Pra então você resolver.
-O quê?!
-Se vai me entender. Não: se vai me perdoar. Entender eu sei que você não vai porque eu também não entendo como é que de repente a minha mão ficou podendo mais que a minha razão e o meu coração. Podendo tanto que pegou uma faca e matou Davi. Rafa, eu preciso que você me perdoe pra...
(NUNES, 1987, p.74)

Pesquisadora-Isto, para aí. O que vocês acharam?

Silêncio.

Pesquisadora- Se vocês estivessem no lugar da Rafaela.

Clarice-Não pergunte.

Manoel- Eu ia ignorar a Mariana.

Clarice-Dava um tapa na cara dela que ela iria sair rodando.

Pesquisadora-E a Jane?

Clarice- A Jane também, só ia dar um empurrão nela, estou zuando.

Jane- Ah não sei professora, porque tipo a gente convive com a pessoa, aí ela vai e mata a outra, como se minha irmã matasse alguém em casa, ia ser bem louco.

Clarice-Tipo sei lá professora, se eu fosse a Rafaela, e dava uma surra na Mariana.

Pesquisadora- E vocês acham que a Mariana fez certo de contar tudo para a Rafa?

Clarice- Fez. Ela falou que nem foi tanto a culpa dela..., mas eu não perdoei ela também, ela matou o Davi, se ela pedisse desculpa para mim eu não aceitava.

Luiza- O Davi era uma pessoa boa?

Clarice-Filha, o Davi era aquele homem...

Luiza- Eu só vim no primeiro dia.

Pesquisadora-Então...

Luiza- Meu olho está ardendo.

Pesquisadora-Você acha que pessoas boas não devem ser mortas? Mas que as ruins devem?

Clarice-Não porque todo mundo pode mudar um dia.

Manoel- Nossa você fala as coisas muito ao contrário do que acabou de falar. Você acabou de falar que mataria a Mariana de um lado e agora...

Clarice-Sim, mas ela está falando...de uma coisa...

Manoel- Mas a Mariana não poderia mudar?

Clarice-Não, ela é uma das primeiras inimigas minhas.

Luiza- Quantos anos a Mariana tem?

Pesquisadora- É uma mulher...quantos anos vocês imaginam que a Mariana tem?

Clarice-25.

Jane-Eu acho que ela tem uns 34.

Manoel- Por volta de 27.

Luiza- E a Rafaela é uma criança pequena.?

Manoel- Não tão pequena. Uns 12 anos.

Luiza- Ela deve ter uns 12, 13 anos.

Manoel- Eu acreditaria que a Mariana poderia ter inventando uma outra história e não contado a verdade pra Rafaela, por enquanto para não traumatizar ela.

Pesquisadora- Porquê?

Manoel- E não assustar ela no caso.

Luiza- O Davi era parente da Rafaela?

Manoel- Aí na hora que ela fosse mais adulta...e conseguisse entender ela poderia explicar as coisas certinho.

Clarice-Não, a Rafaela conheceu ele no coqueiral.

Manoel- Ele também é da mesma idade de Mariana.

Clarice-Davi era homem. Fala também da aeromoça, no final.

Pesquisadora- Da Helga. Na parte do braço, não é?

Clarice- Isto. Que ela estava lá no céu, e ele pensando...

Pesquisadora- Página 85.

“Perdoar? Mas já tinha sido tudo resolvido, ué. E sem prestar mais atenção no que a Mariana ia falando, a Rafaela ia pensando no Davi lá tão longe, tão pra sempre perdido no fundo do mar, ele e o Cacão-Anjo e a Flor Azul.

Mas a Mariana apertou tanto a mão dela que ela feito que acordou...

- Me perdoa?

...e foi balançando a cabeça, fazendo que não, e que não, pensando a gente já te deu o castigo, pra que que você vem agora de novo com essa história de perdão?

- Rafa, Rafa, olha pra mim!

Com custo, muito custo, a Rafaela olhou. E mais uma vez fez que não.

Foi nessa hora que o carro chegou na frente da varanda.” (NUNES, 1987, p.75)

Pesquisadora- E essa história do carro?

Clarice-Ah o carro chegou muito louco, **(começa a imitar o barulho do carro.)**

Pesquisadora-

“Freada,

Poeira levantando.

Buzina.

Porta batendo.

A Mariana deu um pulo de susto, quanto barulho de repente, a buzina tocou outra vez e uma voz veio chegando, Rafa! Mariana!

No princípio a Rafaela ficou parada, será que ela estava sonhando? Mas logo saiu correndo, pai! pai!

E o pai da Rafaela pegou ela num abraço e o rodopiou com ela no ar.

-Você aqui, pai?!

-Vim te buscar. Oi. Mariana.

-Oi.

-Cadê a mãe? ela não veio?

-Ela só chega amanhã e manha, mas telefonou dizendo que tá morta de saudades tuas e quer te encontrar em casa quando chegar; amanhã mesmo ela já tem que enfrentar outra turma de turistas, mas ela te mandou um beijo, Mariana, e disse que assim que eu passar essa onda de trabalho ela vem te ver, ih mas que mar tão lindo! eu vou dar um mergulho enquanto

você se prepara, viu, Rafa, rapidinho, rapidinho que a gente tem muita estrada pela frente; posso usar o teu banheiro, Mariana? – Voltou pro carro, abriu a porta, pegou o calção, bateu a porta, abriu de novo, pegou a toalha, bateu a porta, lembrou de uma coisa, abriu a porta, tirou do carro um mamão que ele tinha comprado na estrada, jogou ele pra Mariana, o mamão caiu no chão, desculpa! pegou ele de novo, ora-que-pena-amassou, e foi indo pro banheiro dizendo que aquele mar era irresistível, mas -Eu não posso demorar. Te arruma logo, Rafa.” (NUNES, 1987, p.75-76)

Pesquisadora- O que vocês estão achando dessa parte?

Clarice- Eu adorei.

Manoel- Eu acho que a Rafaela deve ter ficado assustada, porque ele diz assim “tua mãe telefonou dizendo que esta morta de saudade’. Aí falou morta, ela opa...

Jane- É eu também...

Clarice- Mas como é que ela ia telefonar...

Manoel- Eu estava lendo e eu pensei nisso, é muito estranho. “morta de saudade”.

Risos.

Pesquisadora- Pela situação... Vocês se colocaram no lugar da Rafaela?

Clarice- Não porque não tinha como, nós não podíamos entrar no livro professora.

Pesquisadora- Mas precisamos entrar no livro, para estar no lugar do personagem? Você não se identificou com ninguém dessa história?

Clarice- Só com a Rafaela só.

Pesquisadora- Ué, então você entrou na história. Este é um ser contraditório.

Risos. (Manoel ri ao fundo).

Luiza- Eu me coisei (**identifiquei**), com Davi.

Clarice- Se coisou com Davi (ironizando).

Manoel- Mas você acabou de falar que não conhecia ele.

Clarice- Aí eu adorei o final. Ela foi embora, foi tipo aí. Graças a Deus.

Pesquisadora- Você queria que ela saísse de lá?

Clarice- Lógico, essa psicopata.

Pesquisadora- Mas vocês acham que porque ela saiu de lá, a história toda sairia dela?

Clarice- Não. Porque ela ainda foi embora, ela ainda sonhou com Davi.

Pesquisadora- Vocês acham que algum dia isso sairia dela?

Luiza- Ela poderia até tentar esquecer, mas sempre ela pode lembrar, entendeu?

Manoel- Cada vez que ela olhar para o mar ela vai lembrar, não tem muito o que fazer.

Pesquisadora- Porquê?

Luiza- Porque ela matou o homem no mar não foi?

Jane- Porque ela conheceu ele lá. Eu não ia esquecer não.

Manoel- Seria impossível esquecer.

Pesquisadora- Já passaram por coisa assim difíceis de esquecer?

Clarice- Eu.

Manoel- Teve um monte de coisa...

Pesquisadora- Bom vamos terminar essa parte então.

“-Ela não almoçou. Eu vou preparar um...

-Eu não tô com fome.

-Não prepara nada, Mariana, a gente come na estrada, não é Rafa? você fica de olho pra ver se descobre um lugar legal, combinado? - Entrou no banheiro, a porta bateu.

A Mariana e a Rafaela ficaram paradas.

Num instante a porta do banheiro abriu de novo; o Pai saiu:

- Você ainda tá, Rafa? ‘cê não vai arrumar suas coisas?

-É pouca coisa, pai.

-Olha que eu só vou dar uma nadada e pronto, pé na estrada de novo, mas que barato que esse mar! deixa eu antes correr um pouco - e saiu de sacudindo. (NUNES, 1987, p.76)

Jane-Eu acho o pai dela meio louco. Vai lá buscar a menina, está apressado, tem de nadar.

Pesquisadora-Ele percebeu a situação?

Manoel- Não, ele está tão apressado em nadar que nem percebeu o que está acontecendo ali na casa.

Jane-Nem perguntou se a filha está bem.

Clarice-É um irresponsável.

Pesquisadora-Será que a mãe teria percebido?

Clarice-Não, porque ela é outra, acho que não por causa que a mãe dela é muito ocupada. Com os negócios lá de turismo.

Jane- E ela mandou uma... ela não mandou, ela só estava pensando.

Pesquisadora- Só pensando.

Clarice-Em mandar uma carta. Então vamos professora ler aqui no final.

Pesquisadora- Perais só falta uma parte.

“Sem olhar pra Mariana, a Rafaela foi pro quarto e começou arrumar depressa as coisas dela.

A Mariana foi indo atrás. Devagar. Parou na porta.

-Quer que eu te ajude?

A Rafaela fez que não.

A Mariana então se encostou na porta verde sem dizer mais nada. E ficou assim.

Vendo o Pai entrando no mar.

Vendo a Rafaela arrumando o saco de viagem.

Vendo o pai saindo do mar.

Vendo a Rafaela fechando o saco.

Vendo o Pai fazendo uma ginastica frenética na areia, pegando a toalha, vir vindo e gritando, tudo pronto? tudo pronto?

Quando a Rafaela passou porta ela pegou a mão dela. Apertou.

-Rafa. Rafa – ela repetiu baixinho, feito coisa que ia chorar.

Mas a Rafaela puxou a mão; correu pro carro; botou o saco de viagem no assento de traz; sentou na frente; trançou a porta; viu a Mariana chegando na varanda, virou a cara pro mar.

O pai bateu no peito:

-Essa nadada me fez um bem! – jogou a toalha pra dentro do carro. – Com esse calor eu vou assim mesmo, de calção. Eu li que faz bem a gente ficar um tempo com o sal do mar no corpo. O sal e o sol. Faz bem! – Bateu outra vez no peito. – Eu relaxo, Mariana, eu não relaxo: eu faço tudo pra ser um cara saudável. Que beleza essa praia! Só mesmo assim, longe de tudo, feito você vive, a gente ainda pode curtir uma natureza dessas. Mas tem uma coisa, heim, Mariana, eu vou ser franco: eu pirava logo-logo de ter que morar num lugar assim.- Estalou um beijo nela: - Vamos embora, Rafa, o quê que você tá esperando? Tchau, Mariana! – Entrou no carro, bateu a porta, ligou o motor.

*E então a Rafaela se virou pra Mariana. Ficaram se olhando. Feito não sabendo mais o jeito de rir com a cara, de dar um **tchau**, de levantar a mão pra um **até**.*

Nada.

Só se olhando.

O carro foi embora numa arrancada barulhenta; a poeira levantou outra vez; o Pai se ajeitou no assento, ligou o rádio, já ia suspirando mas não gostou da música, procurou outra, aumentou o volume, se ajeitou ainda melhor e ai suspirou contente.

O corpo da Rafaela foi indo devagarinho pra trás, a cabeça encostando na almofada e ai o olho grudou na estrada e ela escutou- lembrando o barulho que a rede fazia lá na varanda e pensou no Davi se balançando e na Dolores

que bonita que ela devia ser de vestido prateado e lá dentro do avião a moça servindo refeição e mandando apertar o cinto mas só pensando no Davi e ele lá dentro do navio só pensando nela e depois ficou lembrando do barulho do vento no coqueiral e ela se abaixando pra pegar a Flor Azul que ela pra você? mas sem a flor o seu buque não vai ter graça mas se você não acha ela bonita? muito! então toma ela pra você e o barulho da onda indo e voltando indo e voltando indo e o cação era também prateado feito a aranha que enrolou o passarinho e ele não era um beija-flor quem sabe era aquele outro meio azulado que nem a asa do Anjo...

A lembrança deu um solavanco; o coração se assustou; o corpo se endireitou: pela primeira vez ela tinha lembrado do embrulho vermelho que a asa do Anjo agarrava. Ah! Por que que ela não tinha pegado o embrulho na hora que ele caiu? Agora nunca mais ela ia poder saber se era mesmo o segredo dela que estava lá dentro amarrado. Agora ela ia ficar também perdido pra sempre lá no fundo do mar.

*Como era mesmo aquela música que o Davi cantava?
Lalaralalalalá. (NUNES, 1987, p.76-78)*

Pesquisadora-Estou lendo rápido porque não tem vírgula.

Clarice- Laralalalala.

Jane-Essa parte aqui eu achei bem estranha, eu não entendi nada assim.

Pesquisadora-Essa parte aqui?

Jane-É essa parte aí que você falou que não tem vírgula. Começou a falar de uma coisa, depois veio para outra.

Clarice-É que ela está lembrando de antes, bem de antes, de antes da conversa que eles tiveram, quando se conheceram.

Manoel-Ela faz um resumo de tudo que ela pensou em toda a história.

Pesquisadora- Mas será que isto na cabeça dela...

Clarice-É saudade.

Pesquisadora-É organizando?

Manoel- Vai começando a fazer sentido.

Pesquisadora- É racional? Será que é? Imaginem a noite toda o que a menina viveu, eles almoçaram, ela dormiu, ela acordou com o grito, ela viu a cena, ela viu a Mariana carregando ele para o mar, ela viu a Mariana voltando, ela viu choro, ela viu sangue ela dormiu, ela sonhou com tudo aquilo, viu o Davi no mar, o braço, ela acordou com a Mariana pedindo perdão, o pai chega e a leva embora. Então como esta a cabeça dessa menina?

Clarice- Confusa.

Manoel- Ela teve o tipo de sonho pesadelo, você tenta ajeitar as coisas assim mas parece que não vai, você tenta fazer aquela coisa mas não vai, parece que tem algo ter segurando.

Pesquisadora- Complicado.

Clarice- E aqui oh.

Pesquisadora- Epílogo.

Clarice- Começa tudo de novo, fala assim que um pescador, está lá para contar a mesma história.

Pesquisadora-Será que é a mesma história?

“O pescador velho continua se sentando todo dia na praia. Consertando rede, contando história. Agora ele tem mais outra pra contar” (NUNES, 1987, p.81)

Pesquisadora-Qual outra?

Clarice- A mesma história que nós lemos.

Pesquisadora- Qual história que o pescador vai contar agora?

“É a história de uma mulher, chamada Mariana. Ela morava naquela última casa lá (ele espicha o queixo apontando). Feito mágico que tira pombo, coelho e não sei mais o que da cartola, ele pegava um pedaço de pedra, ia cavando, cavando e tirando gente e nuvem e bicho e tudo que ‘ce imagina de lá. Era assim que ela passava o tempo dela. Mas um dia (ninguém sabe por que) a mão dela desaprendeu de tirar. Só ficava repetindo a mesma coisa: um sol” (NUNES, 1987, p.81)

Risos

Manoel-Que era o castigo dela, no sonho da Rafaela.

Pesquisadora-Conta aí para nós.

Manoel- Ela estava conversando com o caçador anjo, e ele deu a ideia de dar um castigo para a Mariana, para ela não fazer mais aquilo.

Jane-Que ela matou o Davi.

Manoel- É que ela matou o Davi. Aí eles ficaram discutindo em o que ela poderia fazer. A Rafaela sugeriu que ela ficasse esculpindo pra sempre, mas ele disse “é isso que ela quer, então, vamos fazer isto”, vamos fazer última coisa que ela estava esculpindo, que era o cabelo do Davi, só que ela não queria esculpir o cabelo exatamente, do Davi, ela queria fazer raios de sol no lugar, porque ela disse que achava bonito, aí eles dão esse castigo pra ela no sonho, que ela está sempre fazendo o cabelo dele, como raios de sol.

Pesquisadora-Qual a característica física do Davi?

Jane-Loiro?

Pesquisadora- Eu tinha uma outra imagem dele, como alguém que usa rastafári.

Jane-Quando tem aquela parte lá que ele está na praia, desse o começo eu sempre imaginei ele com o cabelo grande, ainda mais aqui, eu imaginei ele como cabeça até aqui, com um cabelo meio enrolado sabe, como o meu.

Clarice-Eu imaginei ele como o homem das cavernas.

Jane-Eu eu o achava com o cabelo da cor do da Luiza.

Clarice-Eu também

Jane-Não imaginava ele loiro.

Manoel- Eu imaginei que era mais moderno, um shortão, tênis.

Clarice-Tênis na praia.

Manoel- Ele passou por tanta coisa,

Pesquisadora-Eu imaginei ele negro, moreno, com cabelo meio rastafári.

Clarice-Que nem o Bob Marley.

Pesquisadora- É mais ou menos isso.

Pesquisadora-

“E quem passou por lá e viu (era fácil de ver: a janela sempre aberta, a porta também) conta que ela chorava, que ela batia na mão assim, ó, querendo ver se a mão acordava, se a mão saía daquela besteira, se a mão aprendia de novo o quê que ela tinha que fazer.

Mas a mão não aprendia, e tudo que é pedra e troço que ela tocava, virava sempre a mesma coisa (e o dedo dele larga a rede pra riscar raio de sol na areia).

Até que um dia, cansada daquilo, a mulher fechou a casa e saiu no barco. Ninguém sabe pra onde é que ela foi. (NUNES, 1987, p.81)

Clarice-Ela se cansou da vida sofrida...

Manoel-Nossa será que ela se matou?

Luiza- E acabou?

Clarice-Eu acho que não.

Manoel- Porque não hora que ela estava no barco levando o Davi, ela pensou em se matar e ir junto com Davi lá pro fundo do mar, e agora ela não voltou.

Pesquisadora- Mas você não tinha pensado isso antes, quando você leu a primeira vez?

Clarice-Nossa no começo assim parecia que eles iam se beijar, que ia rolar aquele clima romântico, mas vai a rapariga matou ele.

Jane-Eu não entendi nada dessa parte aqui.

Clarice-Entendeu sim.

Jane-Eu acho, que ela foi para o barco, ou para o mar.

Clarice-Foi viver a vida dela. Procurar outro rumo.

Jane-Acho que ela morreu.

Pesquisadora-Morreu no mar.

Luiza- Se matou.

Jane- Ela é louca da cabeça ne, ela estava cansada de fazer aquilo só.

Clarice-Só chorar. Bem feito para ela.

Pesquisadora-Qual era a única coisa que ela tinha.

Luiza- Ela ficou com remorso, não é?

Pesquisadora- Profundamente...

Clarice- Se eu matasse ela eu não ia ficar com remorso não.

Pesquisadora- Qual a única coisa que ela tinha, que ela sabia fazer?

Clarice-Matar gente...

Jane-Esculpir.

Manoel- Aí ela desaprendeu e ficou assim, não tem mais motivo para viver.

Jane- Ela estava sozinha lá.

Manoel- A Rafaela com certeza não ia volta.

Clarice- Graças a Deus.

Pesquisadora-E essa parte que fala aqui da janela e a porta sempre aberta.

Clarice- Porque antes quando ela conheceu o Davi, estava sempre aberta ne, e depois, fechou, pronto acabou, ela matou o Davi, e a Rafaela foi embora, ela ficou solitária, fechou as portas e foi-se embora. Acabou a história.

Jane- Foi se embora – risos.

Pesquisadora-E aí Luiza?

Clarice- A mesma coisa ne Luiza.

Luiza- Ela morreu.

Jane-Também acho que ela morreu, ela se matou ne,

Pesquisadora-E esse pescador? Quem é afinal? A figura desse pescador.

Jane-Quando eu li, desde o começo do livro que fala do pescador, eu só imagino um homem pescando, um cara, não imagino a imagem dele, só imagino uma sombra virada de costas,

Clarice-Pescador só conta mentira.

Luiza- Eu imagino que é um velho barbudo com brava branca, que usa um chapeuzinho, que usa aqueles colarzinhos.

Manoel- Eu também penso assim, por exemplo, aqueles chapeuzinhos militares sabe?

Clarice-E eu não usava esses colares de pescador??

risos

Manoel-Uma roupa também assim,

Luiza- Uma blusa meia praia sabe, um short assim...

Pesquisadora- Mas o pescador pescava?

Manoel- Não ele só arrumava rede, sempre consertando a rede.

Jane- Mas aqui não era o pescador que estava contando essa história, era professora?

Manoel- Era ele que estava contando,

Clarice-Acabou professora?

Manoel- No caso a Mariana que está morta não ia contar ne,

Pesquisadora-Ela está morta?

Manoel- É.

Clarice-Eu acho que eu sim.

Jane-Professora só tem esse livro? Dessa mulher?

Pesquisadora-Da Lygia?

Jane-Será que não tem uma segunda parte?

Pesquisadora- A continuação? Não, da história não.

Jane- Ah que chato.

Manoel- Só teorias.

Clarice- Mas tem outros livros. As teorias dela.

Pesquisadora- As teorias?

Clarice-Teoria não...

Pesquisadora- A obra completa dela, ela tem 28 livros hoje.

Clarice- Mas é legal os livros dela. Ela é feia, desnutrida.

Luiza- Imagina agora.

Clarice-Pelo menos agora tem outros estilos de roupa, tem salão de beleza.

Luiza- É uma velha rica. Então ela deve se cuidar.

Clarice- Aí ela era nova, imagina agora está só a bengala... minha mãe gostou dessa frase.

Pesquisadora-Você mostrou pra sua mãe? Mostrou no Facebook ou no livro?

Clarice-Mostrei no livro. Ela estava querendo ver, eu disse: da licença. Quem está lendo sou eu curiosa.

Pesquisadora-Porque ela estava querendo ver se era alguma coisa.

Clarice-Não, é que eu peguei pra ler, aí ela perguntou porque é curiosa, e tudo que eu faço ela quer saber.

Pesquisadora- Está certo, ela é mãe.

Luiza- Ah eu não acho isso certo não, minha mãe me enche muito o saco.

Pesquisadora-Vocês podem responder ou não, mas eles têm que perguntar.

Clarice-Minha mãe sabe de tudo.

Pesquisadora- Será que se a mãe da Rafaela...

Clarice-Não é assim, já foi falar logo, porque ela não tem tempo para a filha dela.

Pesquisadora-Então, mas se a mãe da Rafaela tivesse ligado para ela,

Jane-Verdade. Procurar saber o que está acontecendo.

Clarice-Acho que eu ela ia falar, a filha, pode ficar aí mais um pouco, não faz diferença alguma.

Jane-Nossa.

Pesquisadora-Querem falar mais alguma coisa?

Clarice-Deixa para outro dia.

ANEXOS

Texto cujo fragmento foi citado no capítulo I

Reforma universitária – importância social

(1) Muito tem se discutido e pouco tem sido realizado no tema referente à reforma da universidade para melhor adaptá-la às nossas necessidades sociais e ao quanto a atual estrutura inibe – e até impede – que ela sirva de maneira mais adequada à nossa população. Para quem vive dentro dela, e também para ela, fica uma desagradável impressão de que a universidade está isolada de nossa realidade, isolada da maioria que necessita urgentemente de uma atuação eficaz, saindo de baixo da redoma de vidro sob a qual ela vive.

(2) Um grande problema está na visão de produção de profissionais por meio da rápida especialização, pois o assim chamado mercado o exige, conceito esse que se casa perfeitamente com a necessidade de sobrevivência dos recém-egressos dos cursos de graduação e pós-graduação. É uma corrida contra o tempo, abrindo-se mão da qualidade. Esses jovens profissionais serão apenas peças dessa máquina de produção e consumo, em que irão competir de forma selvagem por melhores resultados o resto de sua vida produtiva. Vão viver dentro de um curral intelectual, não dedicando tempo algum a nada além dos limites de seus campos de interesse, sem terem noção do que ocorre ao seu redor, perdendo a crítica sobre quase tudo o que acontece fora de seus limites, desumanizando-se.

(3) Estamos formando técnicos de grande eficiência, esquecendo que as técnicas são um meio para se produzir grandes profissionais, e não um fim em si mesmo. Na medicina isso é devastador.

(4) Num país como o nosso, extremamente necessitado de generalistas, observamos a grande migração de nossos alunos para áreas técnicas, em boa parte descomprometidos com as necessidades sociais. A sociedade, que mantém a universidade pública, não vê o adequado retorno desse empreendimento. Seus alunos irão servir às grandes empresas de saúde, de equipamentos e fabricantes de remédios, que seguramente têm outros interesses que não o bem-estar da população.

(5) Não há a menor dúvida que é fundamental o desenvolvimento de tecnologias de ponta. Quando, porém, observamos que sabemos transplantar o coração de pacientes com doença de Chagas, mas não temos remédios para tratar a causa da moléstia, algo de profundamente errado está ocorrendo. Ou quando observamos os esforços mais que elogiáveis na pesquisa sobre células-tronco, com todos os recursos técnicos e financeiros disponíveis, ocorrerem

paralelamente a um mortal surto de dengue, somos obrigados a refletir a respeito. E a perguntar se a universidade não estaria isolada do povo. Fica a impressão de que os desenvolvimentos tecnológicos e científicos são realizados sem se levarem em consideração os interesses da maioria da população.

(6) A nossa parcela de responsabilidade por esse processo é grande. Quando se discutem itens fundamentais de uma reforma universitária, as questões ficam muito mais centradas em estruturas e organogramas do que na reforma de mentalidades de seus componentes. Quantos de nós estão realmente comprometidos com a universidade? Quantos de nós enxergam a universidade como um fim, e não como um meio? Quantos de nós têm na universidade um projeto institucional, e não pessoal? E quanto desses projetos privilegia uma minoria, em detrimento da maioria? Quando discutimos, devemos abordar os problemas maiores com grande objetividade, sem medo, para não correremos o risco de realizar reformas apenas cosméticas. Devemos perguntar, por exemplo, quanto tempo cada qual de nós dedicou às aulas de graduação e pós-graduação. Devemos perguntar, sem medo,

por que aulas em outras cidades e outros Estados, devidamente patrocinadas pela indústria, são tão disputadas, enquanto muitas vezes há enorme dificuldade em agrupar alguns professores para ministrar os cursos oficiais.

(7) Será que a universidade realmente se tornou meio, e não fim? Será que estamos perdendo a paixão pela universidade, que tanto nos deu? Se a paixão pela atividade acadêmica desaparece, desaparece a qualidade, com alto prejuízo para a atividade intelectual. Para piorar, o ensino está sendo marginalizado em benefício das atividades de pesquisa. Hoje em dia há inúmeros índices para avaliar os méritos da produção científica, produção essa que determina a evolução na carreira universitária, gerando como consequência uma enormidade de publicações, boa parte delas repetitivas, redundantes, com ampla valorização dos métodos, em detrimento das ideias.

(8) Que índices há para avaliar atividades didáticas? Digo com frequência que valorizo muito aulas em ambientes acadêmicos, a presença do professor em enfermarias e ambulatórios e discussões com internos e residentes. É o chamado "currículo oculto", difícil de ser avaliado por qualquer índice. Mas essa é a nossa função mais nobre. Infelizmente, hoje escrevemos muito mais do que ensinamos. Nós nos preocupamos muito com quem vai entrar na universidade, mais do que como esses alunos vão sair. O compromisso maior deverá ser com uma reforma de mentalidades, portanto, cultural, muito mais do que com uma reforma estrutural. Qualquer reforma deverá compatibilizar a pesquisa e a assistência ao ensino, de forma equilibrada. Caso contrário, não terá sentido e estará fadada ao fracasso. E a universidade perderá a oportunidade de atuar de forma profunda na elaboração de novas condutas sociais.

(9) Esses temas merecem longas e árduas discussões. Devemos ter como uma das missões mais importantes atingir conclusões que possam beneficiar a universidade, para que esta possa participar, da melhor forma possível, da realização de um projeto social maior.

Charles Mady, professor-associado da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, é diretor da Unidade de Miocardiopatias do InCor-HC-FMUSP. MADY, Charles. Reforma universitária: importância social. *O Estado de S. Paulo*, 29 de abril de 2008.

(SÃO PAULO, 2014, p 67-68)

Fotocópias digitalizadas das escolas existentes nos bairros rurais no município de Quintana, entre as décadas de 1940 a 1970.

Figura 1



Foto da Escola de emergência do Sítio Goio-Gutch- Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 2



Foto da 1ª Escola mista do Sítio Córrego Branco-- Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3



Foto da Escola de Emergência do Bairro Serrinha - Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4

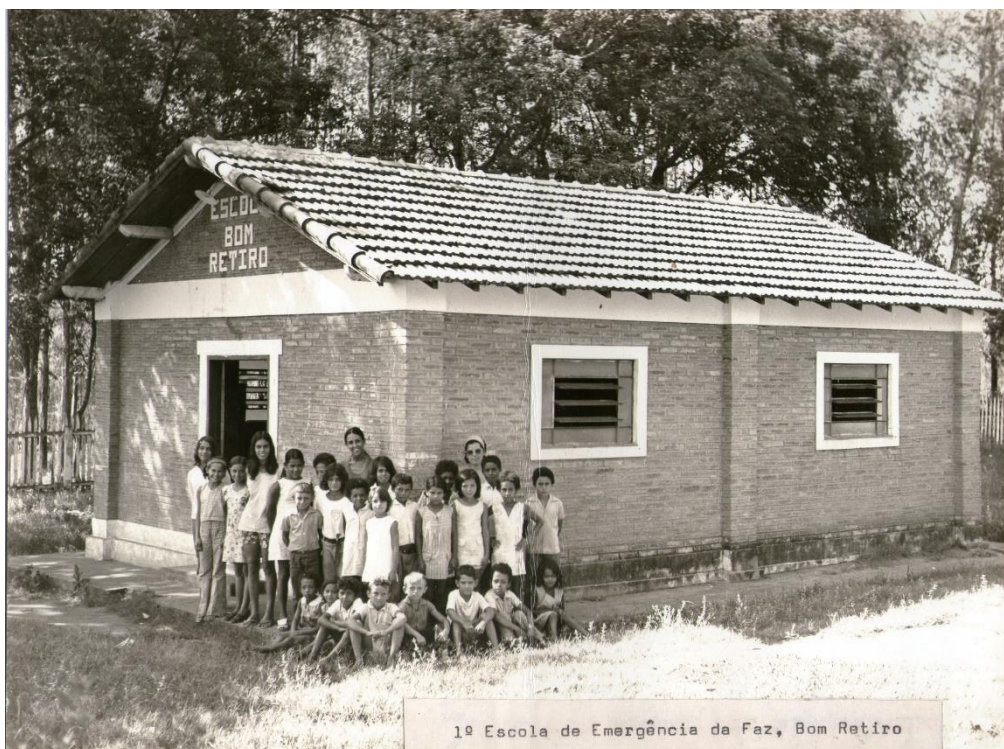


Foto da 1ª Escola de emergência da Fazenda Bom Retiro - Fonte: Arquivo pessoal

Figura 5



Foto da Escola de emergência do Sítio Canta Galo - Fonte: Arquivo pessoal

Figura 6



Foto da Escola de emergência da Fazenda Santa Melânia - Fonte: Arquivo pessoal

Figura 7

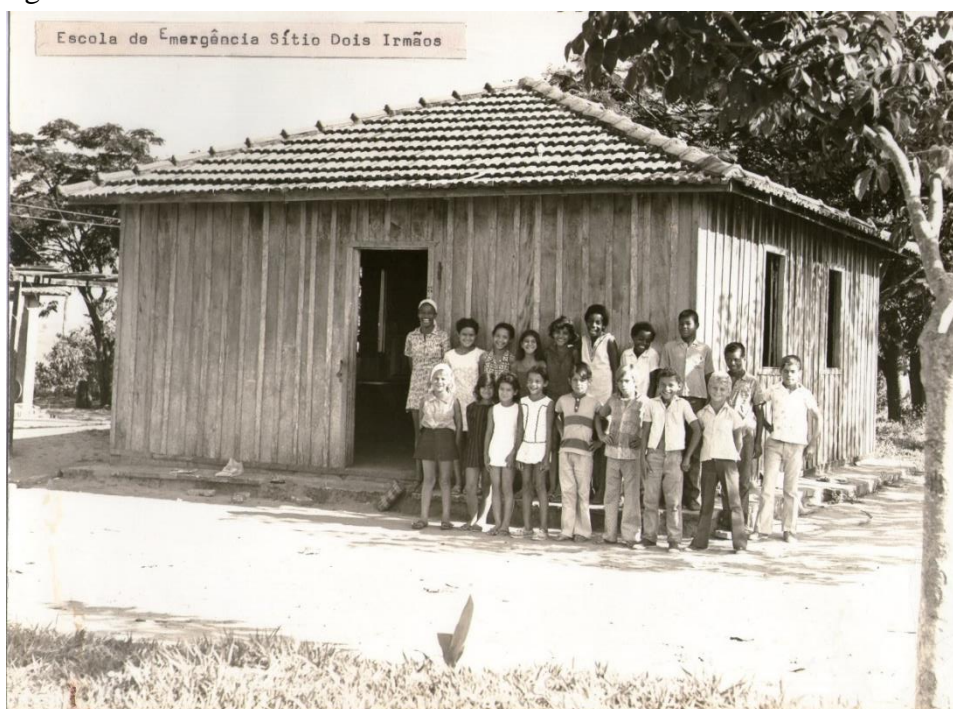


Foto da Escola de emergência do Sítio Dois Irmãos - Fonte: Arquivo pessoal

Figura 8



Foto da Escola de emergência da Fazenda São Pedro - Fonte: Arquivo pessoal

Figura 9



Foto da Escola de emergência do Sítio Santo Antônio- Fonte: Arquivo pessoal

Figura 10

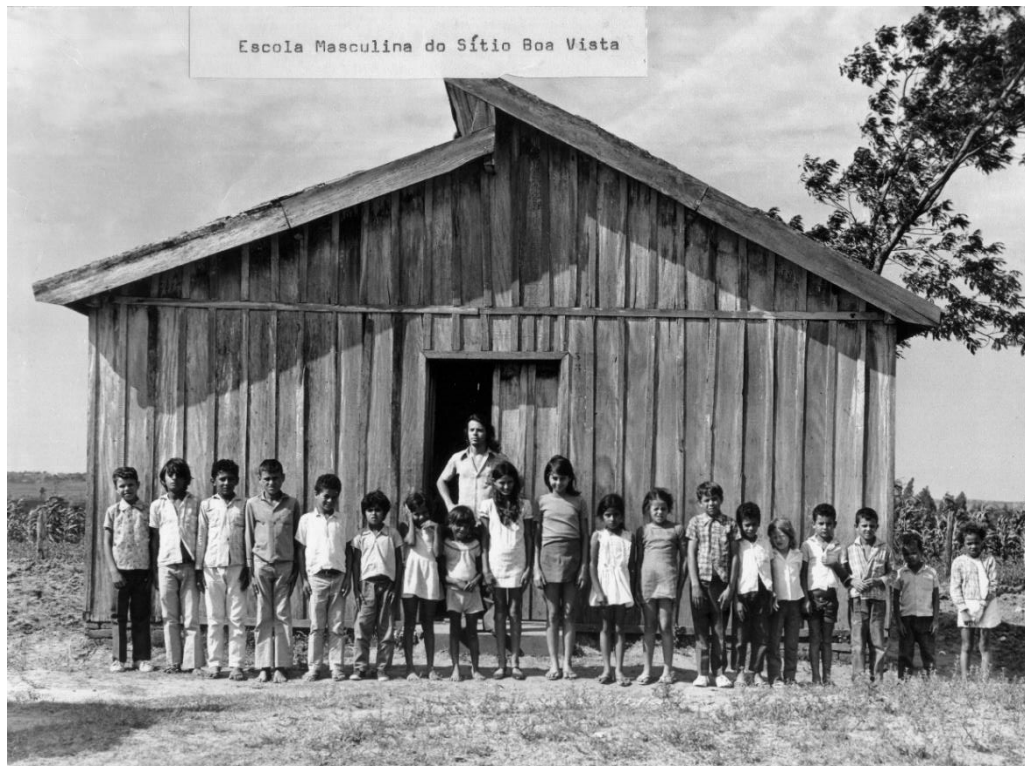


Foto da Escola Masculina do Sítio Boa Vista - Fonte: Arquivo pessoal

Figura 11



Foto da Escola de emergência da Fazenda Santo Ubaldo- Fonte: Arquivo pessoal

Figura 12



Foto da Escola Mista da Fazenda Cabrini- Fonte: Arquivo pessoal

Figura 13



Foto da 1ª Escola de emergência do Sítio Barreirão - Fonte: Arquivo pessoal

Figura 14



Foto da 2ª Escola de emergência do Sítio Barreirão - Fonte: Arquivo pessoal

Figura 15



Foto da Escola de emergência da Fazenda São José - Fonte: Arquivo pessoal

Figura 16



Foto da Escola de emergência da Fazenda Brasília - Fonte: Arquivo pessoal

Figura 17



Foto da Escola de emergência do Bairro Mirante- Fonte: Arquivo pessoal

Figura 18

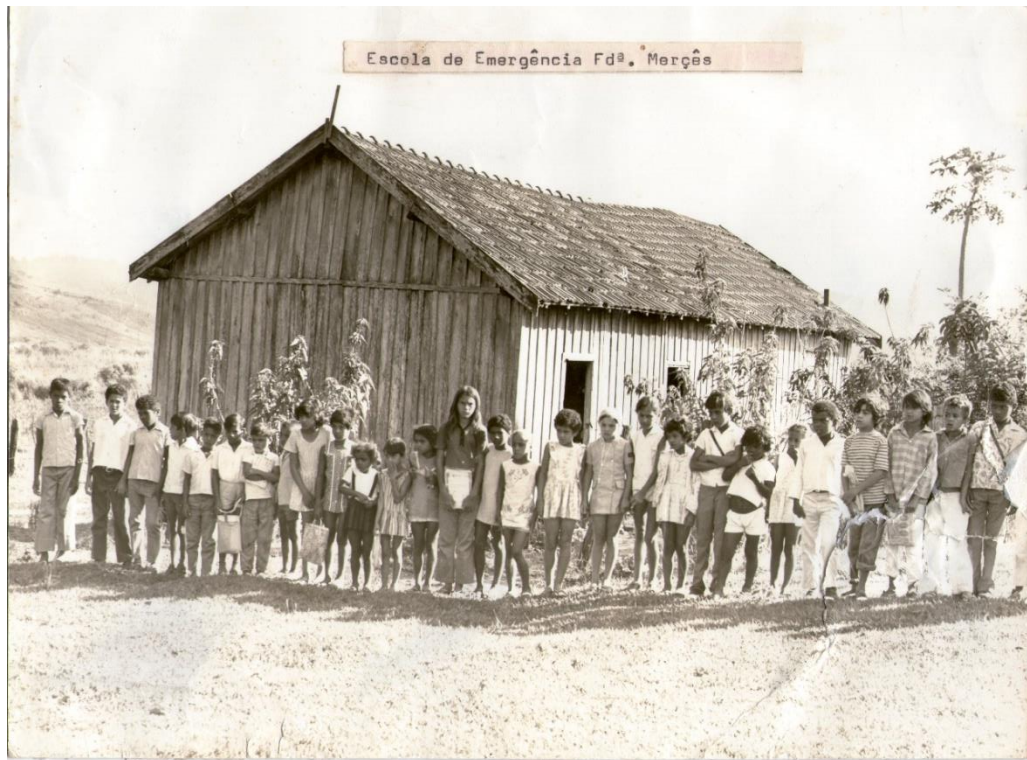


Foto da Escola de emergência da Fazenda Mercês- Fonte: Arquivo pessoal

Figura 19



Foto da Escola mista da Fazenda Mercês- Fonte: Arquivo pessoal

Figura 20



Foto da Escola de emergência da Fazenda Cascata. - Fonte: Arquivo pessoal

Figura 21



Foto da Escola de emergência da Fazenda Resina - Fonte: Arquivo pessoal

